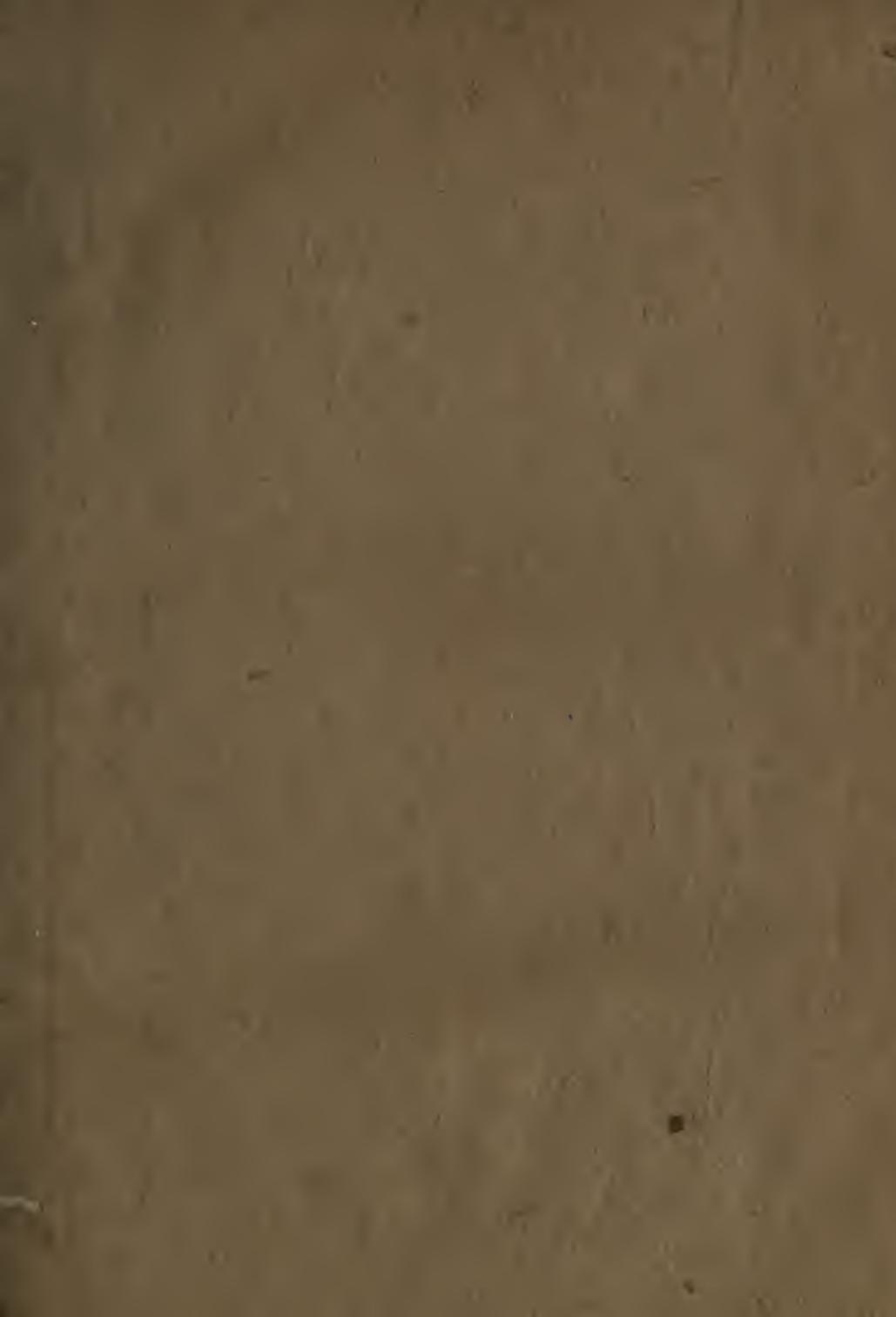




RB180, 824



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton





Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.^{os} 21, 22 e 23

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE



VERSÕES

- Delille* — Os Jardins.
Castel — As Plantas.
Rosset — A Agricultura.
Lacroix — O Consorcio das Flores.



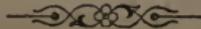
OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME VI

Poemas didacticos traduzidos



PORTO

IMPRESA PORTUGUEZA — EDITORA

1875



OS JARDINS

OU

ARTE DE AFORMOSEAR AS PAIZAGENS

POEMA

DE

MR. DELILLE

TRADUZIDO EM VERSO

*Hic inter flumina nota,
Et fontes sacros frigus captabis opacum.*

VIRG. Eclog. I.

Entre os rios aqui, e as sacras fontes
Gosará em repouso a sombra amena.

(Do Traductor.)

PROLOGO DO TRADUCTOR

A gloriosa reputação do abbade Delille, como litterato, e como poeta; a estima geral, dada ao seu poema dos *Jardins*, onde se encontram todo o atavio, toda a graça, e toda a philosophia, de que é capaz o assumpto, me incitou a versifical-o em vulgar, apurando n'isso o cabedal que possuo em poesia, cabedal muito inferior ao apreço, e acolheita, de que estou em divida com os meus compatriotas. O amor á gloria, e á gratidão talvez ainda criem na minha alma um ardor que a fecunde, tornando-me digno do affecto, com que me honra o publico; e entretanto lhe apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel, que pude ordenal-a, e em que só usei o circumloquio nos logares, cuja traducção litteral se não compadecia, a meu vêr, com a elegancia, que deve reinar em todas as composições poeticas.

PROLOGO DO AUCTOR

Varias pessoas de grande merecimento escreveram em prosa ácerca dos *Jardins*. O auctor d'este poema colheu d'ellas alguns preceitos, e até descripções. Em bastantes passagens teve a dita de encontrar-se com tão bons escriptores, porque este poema foi começado antes que elles publicassem as suas obras. Confessa que dá ao prelo com extrema desconfiança uma composição muito esperada, e engrandecida de mais: a indulgencia excessiva, dos que a ouviram, lhe agoura a severidade, dos que a lêrem.

Este poema, além d'isso, tem um grave inconveniente, o de ser didactico. Tal genero é necessariamente um pouco frio, e mais o deve parecer a uma nação, que lhe custa muito (como se tem observado repetidas vezes) a tolerar versos, em não sendo os compostos para o theatro, os que pintam as

paixões, ou as baldas dos homens. Poucas pessoas, digo mais, até poucos litteratos lêem as *Georgicas* de Virgilio, e quasi todos os que aprenderam latim sabem de cór o quarto canto da *Eneida*.

No primeiro d'estes dous poemas, dá o poeta a entender que sente não lhe permittirem os limites do seu assumpto cantar os Jardins. Depois de haver luctado longamente com as miudas, e um tanto ingratas particularidades da cultura geral dos campos, a modo que deseja repousar sobre mais rissonhos objectos. Mas estreitado no de que tracta, vinga-se d'esta subjeição com um bello, e rapido esboço dos Jardins, e com o pathetico episodio de um velho feliz no seu pequeno campo, que elle mesmo cultiva, e enfeita.

O que o poeta romano sentia não poder executar, executou o P. Rapin. Escreveu na lingua, e ás vezes no estylo de Virgilio, um poema em quatro cantos sobre os Jardins, que foi mui applaudido, n'um tempo em que ainda se liam versos latinos modernos. A sua obra não é despida de elegancia; mas quizera-se que abundasse de precisão, e de melhores episodios.

De mais o plano do seu poema não interessa, não tem variedade. Um canto é consagrado ás aguas, outro ás arvores, outro ás flôres. Adivinha-se o comprido catalogo, e a enumeração tediosa, que mais pertence ao botanico que ao poeta;

e aquelle passo methodico, que assás prestaria n'um tractado em prosa, é grande defeito n'uma composição poetica, onde o espirito pede que o levem por caminhos um pouco desviados, e lhe apresentem objectos que não espera.

Além d'isto, Rapin cantou Jardins do genero regular, e a monotonia inherente á summa regularidade, passou do assumpto ao poema. A imaginação, naturalmente amiga da liberdade, ora vae a custo pelos desenhos enviezados de um canteiro de flores, ora morre no fim de uma longa, e direita alameda. Por toda a parte lhe lembra com saudades a formosura um tanto desordenada, e a chistosa irregularidade da Natureza.

Emfim, aquelle auctor não tractou senão a parte mechanica da jardinagem. Totalmente esqueceu a mais importante, a que procura em nossas sensações, em nossos sentimentos a origem do prazer, que nos causam as scenas campestres, e os attractivos da Natureza aperfeiçoados pela arte. Em summa, os seus Jardins são os do architecto; os outros são os do philosopho, os do pintor, os do poeta.

Este genero tem medrado por extremo ha annos, e se isto é tambem effeito da moda, demos-lhe graças. A arte dos jardins, a que se poderia chamar luxo da architectura, parece um dos entretenimentos mais convenientes, e talvez um dos mais

virtuosos da gente rica. Como cultura, reconduz á innocencia das occupações campesinas; como adorno apadrinha sem risco a paixão dos dispendios, que acompanha as grandes fortunas: finalmente, esta arte tem para similhante classe de homens o duplicado prestimo de participar, ao mesmo tempo, dos gostos que vogam nas cidades, e dos que existem nos campos.

Este prazer dos particulares achou-se ligado á utilidade publica: fez com que os opulentos folgassem de habitar as suas terras. O ouro, que sustentaria artifices do luxo, vae alimentar os cultivadores e a riqueza torna á sua verdadeira fonte. Acresce a isto, que a cultura se enriqueceu com muitas, e muitas plantas, ou arvores estrangeiras, aggregadas ás producções do nosso terreno, e isto vale certamente o marmore todo que perderam nossos jardins.

Feliz este poema se desparzir, ainda mais, affeições tão simplicis, e puras! Porque, como o auctor d'este poema o disse em outra composição,

Quem dos campos o amor inspira aos homens
Tambem, Virtudes, vosso amor lhe inspira.

OS JARDINS

CANTO PRIMEIRO

Renasce a primavera, influe, e anima
As aves, os Favonios, flores, Musas.
Que novo objecto á lyra os sons me pede?
Ah! Quando a terra despe antigos lutos
Nos campos, nas florestas, sobre os montes
Quando tudo se ri, tudo se inflamma
De amor, e de esperança, e de ventura,
Outro co'a phantasia em Phebo acceza,
Abra os fastos da Gloria aos grandes nomes,
N'um carro fulminante alce o triumpho;
Manche, ensanguente as mãos na taça horrivel
Do vingativo Atrêo: sorriu-se Flora,
Vou cantar ós Jardins, dizer qual arte
Em terreno loução, dispõe, regula
As flores, a corrente, a relva, as sombras.
Tu, que o vigor, e a graça entrelaçando,
Dás ao canto didáctico energia,
De Lucrecio na voz, se outr' hora, oh Musa,

As austeras lições amaciaste:
Se pôde o seu rival (sem que nos labios
A linguagem dos numes desluzisse)
Ao laborioso arado unir o metro;
Vem mais fértil ornar, mais rico assumpto,
Assumpto amavel, que tentou Virgilio.
Mãos não lancemos de atavio estranho;
Das minhas mesmas flores vou c'roar-me:
Qual pura luz, que bella nuvem doura,
A expressão tingirei na côr do objecto.
Arte innocente, que em meus versos canto,
Origem teve nos ceruleos dias,
Nas primaveras do recente globo.
Apenas o homem submettêra os campos
Á cultura efficaz, pôz mil desvelos
De viçosa porção no tracto, e mimo;
Alinhou para si com leis, e industria
Plantas selectas, escolhidas flores.
De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude
Punha a curto vergel modico enfeite;
Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.
Os latinos heróes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio,
Em frescos hortos, que a victoria ornára.
Habitava os jardins outr' hora o sabio,
Doctrinando os mortaes mais lêdo que hoje.

Quando a sabedoria elysios teve,
Ereis vós, dons do céo, talvez palacios?
Não: vós ereis um prado, um rio, um bosque,
De imperturbavel paz ditoso abrigo,
Puras delicias, que a virtude anhéla.

Corra-se pois, que é tempo, o novo espaço:
Philippe, e o bello assumpto a voz me alentam.

Para aformosear simples terrenos

Não insulteis co'a pompa a Natureza;

Este emprego requer sisudo artista,

Parco em dispendios, na invenção profuso;

Jardim, menos fastoso que elegante,

Jardim com mais belleza que atavio,

Parece aos olhos meus um amplo quadro.

Sêde pintor: o campo, os seus matizes,

Os reflexos da luz; da sombra as massas,

As estações, e as horas, variando

O giro do anno, o circulo diurno;

Ricos esmaltes de cheirosos prados,

Dos outeiros o alegre, o verde forro,

Aguas, boninas, arvores, penedos:

Eis os vossos pinceis, têas e côres.

Podeis crear: a natureza é vossa,

E doceis para vós os elementos.

Mas antes de plantar, antes que enceto

Instrumento imprudente o seio á terra,

Para dar aos jardins mais linda fórma

Observae, reflecti, sabei de que arte

Se imita, se arremeda a natureza.
Não tendes vezes mil em ermos sitios
De repente encontrado aquellas vistas,
Que as plantas, que os sentidos vos suspendem,
E que em meditações quietas, longas
Enlevam manso, e manso a phantasia?
Tudo o melhor senhoreae co'a mente,
Dos campos aprendei a ornar os campos.

Logares, que subtil decora o gosto,
Olhae tambem: nos escolhidos quadros
Ainda ha que escolher; por vós se admire
De Chantilli magnifica elegancia,
Que de heróes em heróes, de idade a idade
Ganha novo esplendor. Belœil, a um tempo
Campestre, apparatuso, e tu que ainda
Ufano Chanteloup, te desvaneces
De teu grande senhor com o desterro;
Todos vós alternaes o bem dos olhos.
Qual purpureo botão, mimoso, e breve,
Timido precursor da quadra bella,
O amavel Tivoli, de fórma estranha
Á França descobriu tenue modelo.
Montreuil as Graças desenham rindo,
Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Auteuil, Rincy, Limours, quam docemente
Nas vossas lindas, arejadas ruas
Olhos se embebeim, se extraviam passos!
Do grande Henrique a veneravel sombra

Ama ainda Navarra, e parecido
Comtigo Trianon, deusa, que o reges,
Une a graça, o recreio á magestade,
Se adorna para ti, por ti se adorna.
Grato asylo d'um principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa
É indigno de ti; logar vistoso,
Quando lhe devo a teu senhor, off'rece:
Um placido retiro, um ocio ledô.
Bemfeitor de meus versos, de meus dias,
Na eleição de atilados escriptores,
Em jardim, que do Pindo as rosas vestem,
Inclue a Musa minha, e brando a acolhe.
Junto ao lyrio soberbo, e magestoso
Assim cresce a violeta humilde, e escura.
De illustres vates não illustre socio,
Ah! se coubera em mim cantar como elles,
Pintára os teus jardins, pintára o nune,
Que os habita, que os honra; o gosto, as artes,
As virtudes, a gloria, os bens que o seguem,
O ladêam em tí. Logar formoso,
Sê tu sua ventura. Eu se algum dia
Fíndar, por graça d'elle, amena estancia,
Mais beíla a tornarei co'a bella imagem
Do alto meu protector; quero que sejam
Minhas primeiras flôres seu tributo.
Para o busto real cultivô, enlaço
Em virentes festões o louro, o myrto,

Tão caros aos Bourbons; e se o repouso,
A liberdade, as sombras me inspirarem,
Ao bemfazejo heróe te sagro, oh lyra.

Fallei d'esses logares deleitosos,
Que a arte deve imitar: convém que falle
Dos escolhos, que a mesma evitar deve.
O engenho imitador tambem se engana:
Não dê belleza ao chão, que o chão não queira;
A paragem conheça antes de tudo,
Do sitio adore o Genio, o Deus consulte:
Impunemente as leis não se lhe aggravam.
Nos campos, todavia, a cada instante,
Menos audaz que extranho em phantasias,
Tudo altéra e confunde artista inerte,
E desnaturalisa, e perde tudo;
Com absurda eleição mil graças liga:
Encantavam na Itália, em França enjoam.

O que o terreno teu sem custo adopte
Reconhece, e depois te apossa d'elle.
Isto ainda é melhor que a Natureza,
Mas isto mesmo é ella, isto é perfeito
Quadro brilhante, que não tem modélo.
Dos Berghems, dos Poussins tal foi a escolha,
De ambos estuda as producções divinas;
E o muito, que o pincel aos campos deve,
Arte cultivadora, agradecida,
Nos jardins restitua á Natureza.

Os terrenos agora se examinem,

E que logar se apraz das leis, que traças.
Houve tempo fatal em que arte infensa,
Guerra aos mais bellos sitios declarando,
Enchendo os valles, arrazando os montes,
Formou de chão gentil planicie ingrata.
Hoje, rural tyranno, outro artificio
Quer, por contrario abuso, — erguer montanhas,
Valles quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas, e ardís: tudo é baldado
Contra intractaveis, repugnantes serros;
E sobre terra egual montinho humilde
Cuida ser pittoresco, e move a riso.

Queres a teu suor logar propicio?
Foge as mui desiguaes, os muito planos
Campos, e serras. Eu tomára os sitios
Onde sem altivez fôsse eminente
A rico valle matizado outeiro.
Não tendo insipidez, lá tem brandura
O solo complacente, é alto, é secco,
Esteril não, não rispido: caminhaç;
Obedece o horisonte, ergue-se a terra,
Ou a terra se abate, aperta, estende:
Luzem de passo a passo encantos novos.

Dos gabinetes no silencio triste,
De compasso na dextra, embora ordene
Artifice vulgar a symetria
D'enfadoso jardim, confie embora
O geometrico plano ao papel frio.

Tu vae vêr em si propria a Natureza.
O lapis maneando, ali copía
Este aspecto, estes longes, esta altura,
Meios advinha, obstaculos presente:
Só a difficuldade é mãe de assombros,
E o chão de menos graça havel-a póde.
É nu? Florestas a nudez lhe amparem.
É coberto? Os machados vão despil-o.
Humido? Em lagos de crystal pomposo,
Em ribeiros fecundos, transparentes
Se converta, se aclare essa agua impura.
Por trabalho feliz corrige a um tempo
Melhora as aguas, o terreno, os ares:
É árido talvez? Procura, sonda,
Torna ainda a sondar, não te enfasties:
Póde ser que, em traír-se vagarosa,
A agua de rebentar esteja a ponto.
Tal de um tenaz esforço eu mesmo anciado,
Morna individuação maldigo, entejo:
Mas de esteril objecto aborrecido
Idéa graciosa eis surge, eis salta:
O verso resuscita, e facil corre.
Inda mais dôces que estes ha cuidados,
Arte existe inda mais encantadora.
Falle-se ao coração, não basta aos olhos,
As invisiveis relações conheces
D'esses corpos sem alma, e dos que sentem?
Das aguas, prados, selvas tens ouvido

A calada eloquencia, a voz occulta?
Todos estes effeitos debes dar-nos.
Do alegre ao melancolico, e do nobre
Ao engraçado, os transitos sem conto
Sempre me aprazem me captivam sempre.
Une, simples, e grande, forte, e brando,
Todo o matiz, que a todo o gosto agrade.
O pintor enriqueça ali a idéa,
A sancta inspiração turbe o poeta.
Ali remansos d'alma o sabio gose,
Memorias o ditoso ali disfructe,
De lagrimas se farte o miserando.

Mas a audacia é commum, e o siso é raro,
Grata ás vezes se crê a extravagancia.
Evita que os effeitos, mal unidos,
De incoherentes imagens formem cáhos;
Vê que as contradicções não são contrastes.

Estes paineis de natural pintura
Requerem longo espaço; em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. É costume
Zombar d'esses jardins, parodia absurda
Dos rasgos, que a atrevida Natureza
No seu grande espectaculo derrama;
Jardins, em que arte rude, e inverosimil
Um paiz todo n'uma geira encerra.

Em vez d'este montão confuso, inerte,
Varia objectos, ou lhe altera a face.

Perto, longe, patentes, quasi occultos,
Revezem todos mil diversas vistas.
Dos effeitos seguintes a incerteza
Grato desasocego aos olhos deixe,
Ornamentos o gosto enfim colloque,
Imprevistos jamais em demasia,
Jámais em demasia annunciados.

Présta sobre maneira o movimento;
Sem a doce magia, a elle annexa,
Em lethargo recáe a alma ociosa.
Sem elle, por teus campos enfadonhos
Em giro casual vão sempre os olhos.
Citarei outra vez altos pintores?
Lá diffunde o pincel pródigo, e fertil
Moveis objectos sobre o panno immovel:
O rio foge, o vento encurva os ramos,
Globos de fumo das aldêas sobem,
Os gados, os pastores brincám, dançam.
Cuida em te apoderar d'este segredo,
Dispõe sem parcimonia arbustos dôces,
Arvores brandas, cuja affavel coma
Das virações ao halito obedece.
Sejam quaes forem, tu, cultor, venera
A vacillante, undisona verdura,
Tolhe que o ferro a Natureza ultraje;
Ella co'a mestra mão como desenha
D'esta parte os carvalhos, d'esta os olmos!
Olha como do tronco até aos ramos,

Dos ramos té ás folhas desparzido
Da mãe universal benigno influxo;
Vae das undulações dar-lhe a molleza.
Porém golpes crueis. . . vedae tal crime,
Correi, nymp̃has da selva. . . ah! Q' é de balde,
O córte cercou-lhe a gala, o viço.
Já na cópa vivaz não ouço ao longe
Correr os Aquilões, bramir na rama,
Affastar-se, expirar. Tácitos, frios,
Mortos do ferro os vegetaveis entes,
D'elle simelham rispidez immovel.

Ás plantas deixa, pois, tremor suave
Nos quadros teus, do movimento amigos;
Faze fugir, ferver, saltar as aguas.
Vês estes valles, solidões, florestas?
Por varios sitios de diversos gados
A nédia multidão se envie, e alongue.
Além vejo a cabrinha roedora
Pender do cume de remotas penhas:
Aqui mil cordeirinhos melindrosos
Soltam queixumes, que de serro a serro
Vae écco em molles sons amiudando.
N'estes, que as aguas da collina sorvem
Prados lustrosos, sobre as mãos se estende,
E ruminando jaz o boi pezado,
Em quanto generoso, altivo, accezo,
O filho do Tridente, o marcio bruto
Ostenta, vicejando, em pingues pastos,

O indomito vigor, e o brio agreste.
Quanto me atráe, me regosija, quanto,
A audaz agilidade, o gesto activo!
Ou elle, usado ás fluviaes correntes,
Sobre ellas se arremesse, estremecendo,
E luctando depois, c'os pés sacuda
As ondas, que murmuram, que branqueam;
Ou atravez dos prados salte, e fuja;
Ou, longa crina errante aos ventos dada,
Brotando os olhos fogo, as ventas fumo,
Bello de orgulho, e amor, võe ás amadas.
Sumiu-se já, e a vista ainda o segue.

O thesouro exaurindo á Natureza,
Assim terrenos, vistas, e agua, e sombras
Dão ás paizagens movimento, e vida.

Porém se o movimento encanta os olhos,
De liberdade um ar não menos querem.
O limite aos jardins fique indeciso;
Ou com arte se esconda, ou se disfarce.
Não ha mais que esperar? Vôa o feitiço.
Com certo dissabor o fim se tóca
De uma estancia aprazivel: cedo enfada,
E irrita finalmente; além dos muros,
Importuna barreira, inda se ideam
Logares mais gentis, mais attractivos,
E a alma inquieta desencanta os olhos.
Quando nossos avós, á guerra afeitos,
Seus campos em castellos convertiam,

Cada qual em munida, enorme torre
Preso vivia por viver seguro.
Mas hoje de que servem taes muralhas
Que o temor inventou, mantem o orgulho?

A estes, que prendendo outr' hora a vista,
A vista duramente entristeciam,
Prefere o gosto verdejantes muros,
Muros tecidos de espinhoso enredo,
Muros, por onde a mão, tremendo, colhe
A rosa inculta, a amóra ensanguentada.

Mas jardim limitado inda me ancêa.
Surja-se emfim de um circulo tão breve
A genero mais vasto, e mais formoso,
De que hoje Ermenonville é só modelo.
Os jardins para si chamavam campos,
Vão n'elles os jardins entrar agora.

Do cinto d'esses montes, d'onde os olhos
Paizagem dilatada abraçam, medem,
A madre Natureza ao Genio disse:
« Os thesouros, que vês, são teus: envoltos
Na rude pompa, na opulência bruta,
Os quadros meus tua destreza imploram. »
Ella diz, elle vòa: em toda a parte
Esquadrinha esta massa, onde repousam,
Onde dormindo estão bellezas cento.
Do valle á serra, da floresta ao prado
Vae retocando os quadros, que varia.
Dos olhos a sabor, une, e desune,

Ilumina, escurece, occulta, ou mostra:
Não destróe, não compõe, corrige, apura,
O esboço aperfeiçôa á Natureza.
Carrancudo terror já despem rochas,
O bosque alegre adóça, encurta as sombras;
Ia perder-se um rio: eis o encaminham;
De um lago se apodera a mão geitosa,
De cristalina fonte se enriquece.
Quer, e veredas mil subito correm
A demandar, cingir, prender os membros,
Por aqui, por ali soltos, dispersos;
Os membros, que assombrados, que attraídos
Da engenhosa união, do nó, que os junta,
Formam de cem porções um todo insigne.

Talvez, campestre artifice, te espantem
Estes grandes trabalhos. Entra os nossos
Idosos parques; de uma vez contempla
Apuros vão, dispendiosos nadas;
As estacadas vê, regos, e tanques.
Preço menor do que a minucias coube
Para ornar o que um dia apraz sómente,
Póde aformosear um campo immenso.
Fallaz, e semsabor magnificencia,
Cáe ante esta arte, e por milagre d'ella
A cara patria minha se transforme
Toda em vasto jardim, n'um Eden novo!

Se não ousas tentar esta carreira,
Ao menos, franqueando o teu circuito,

De aspectos opulentos o engrandece.
De um valle, um serro, uns agradaveis longes
Ajunta posse alhêa á posse tua:
Rege co'a vista, pelos olhos gosa.

Os varios, favoraveis accidentes,
Com que innumerados campos se distinguem,
Une principalmente a teus plantios.
Aqui jaz um logar, que cingem bosques,
Acolá torreões cidades c'roam,
E a grimpã azul, ferindo ao longe os olhos,
Vae sumir pelos céos o agudo extremo.

Um rio omittirei, e as margens suas?
Apoz fogazes vélas corre a vista.
Ilhas ás vezes sáem do vitreo seio,
Ponte arqueada outr' hora o furta aos olhos.

Se os mares espaçosos descortinas,
Off'rece, mas varía a grave scena.
Mal se divise aqui por entre as folhas,
Uma abóbada além, qual no remate
De tubo extenso, aos olhos o apresente
Em fundo de odoríferas latadas;
Nas voltas de florente bosquesinho
Aqui se encontra o mar, ali se perde:
Eis subito apparece em toda a sua
Fervente, rugidora inmensidade.

Folgue a attenção n'estes semblantes varios;
Mas com mesquiuihas mãos (cumpre que o diga)
Os homens, natureza, o tempo, as artes

Nos cercam de tão ricos accidentes.

Oh planicies da Grecia! Ausonios campos!

Logares divinaes, inspiradores,

Sempre caros ao genio! Ah! quantas vezes

Embebido n'um magico horisonte,

O pintor vê, se inflamma, e toma o lapis,

E debuxa esses longes, essas ilhas,

Esse pégo, esses portos, esses montes,

Torrados de vulcões, e já fecundos;

As lavas d'elles, que ameaçam, fervem,

Palacios, que em ruinas de outros surgem,

Um novo mundo, que do velho assoma

N'estes de terra, e mar longos tormentos.

Ah! Eu ainda não vi essa risonha,

Essa encantada estancia, onde mil vezes

Soû do Mantuano a voz divina:

Mas, pelo vate, pelo vate o juro,

Hei de, Apenino, transcender teus cumes,

E cheio do seu nome, e de seus versos,

Lêl-os n'aquelles amorosos sitios,

Sitios, cópia do céo, que os inspiraram.

De encantadoras margens namorado,

Por fóra ingratos campos tens sómente

Em vez de aspectos, que interessem a alma?

De extranha vista, que atedia o gosto,

Vinguem-te objectos de mais bella escolha.

Aprende a deleitar-te em teu recinto,

Sê o emblema do sabio independente,

Que entra em si mesmo, e que se apraz comsigo;
N'esse asylo fiel nos entranhemos.

Todavia em logares onde a terra
De aspectos variados mais abunde,
Os thesouros da vista é bem que poupes,
E seja leve giro o custo d'elles.
A arte os prometta, os olhos os esperem;
Dá quem promette, quem espera gosa.
Releva que enfeitices, não que assombres.

Entre minhas lições tambem quizera
Duas artes de effeitos encontrados:
Uma os olhos adverte, outra os saltêa.

Mas antes de dictar preceitos novos,
Dous generos, ha tempo émulos ambos,
Disputam nossos votos. Um presenta
De regular desenho a ordem grave,
Aos campos dá bellezas que ignoravam,
De pompa desusada os atavía,
E ás arvores põe leis, põe freio ás ondas;
Brilha entre escravos, déspota orgulhoso:
É mais em magestade, em riso é menos.

Da Natureza respeitoso amante,
O outro lhe ajusta comedido enfeite,
Tracta benignamente os feiticeiros
Caprichos seus, o seu desleixo nobre,
O passo irregular, e extráe com arte
Lindezas da desordem, té do acaso.

Cada qual tem seu jus, nenhum se exclua;

Entre Kent, e le Notre eu não decido.
Ambos tem leis, tem graças: um creou-se
Para grandes, e reis: oh reis! oh grandes,
Sois á magnificencia condemnados.
Em torno a vós o esforço, o extremo, o apuro
De alto poder se espera; ali queremos
Que em prodigios o luxo, o gosto, as artes
Excitem pasmos, embriaguem vistas.
Rebelde a Natureza á Industria cede;
Mas deve gran triumpho honrar a Industria;
Ella em seu esplendor tem seus direitos,
É uma usurpadora, e lhe compete
Á força de grandeza obter desculpa.
Longe, pois, os jardins desengenhosos,
Insulsa estancia, de que o dono insulso
As arvores garridas fôfo exalta,
Os pequenos salões bem decotados,
A extrema symetria escrupulosa,
Passeios, onde nunca solitaria
Alameda não ha, que irmã não tenha;
Caminhos desgostosos, enjoados
Da obediencia ao cordel, os seus canteiros
Bordados, e os seus tenues fios de agua;
Das arvores algumas torneadas
Em vasos, em pyramides, em globos,
E alçados bem na base os pastorinhos.
Gabe o seu luxo pobre: eu anteponho
Um campo bruto a seu jardim tristonho.

Distante d'estes minimos portentos,
Segue meu vôo á patria dos prestigios.
Vê Versailles, Marly, pomposos, ledos,
Onde Luiz, e a Natureza, e a Arte
Em tanta cópia desparziram graças.
Que afouto resplandece ali o engenho!
Ali tudo é grandeza, é tudo encanto,
São de Alcina os jardins, de Armida os paços,
Antes os de um heróe, que inda procura
Vencer, domar obstaculos, sublime
Em seu retiro, em seu repouso e sempre
Caminha, de milagres circumdado.
Aquellas aguas vês, a terra, os bosques?
Submettidos tambem, seu jugo adoram.
Das arvores á verde architectura
Olha com que elegancia estão casados
De fórma singular palacios doze!
Vê bronzes, que respiram, vê correntes
Que, soltas da repreza, esbravejando,
Em grossos borbotões de fôfa espuma
Cáem, e se estendem por canaes soberbos;
Em lustrosa espadana além se espalham,
Em pavêas brilhantes cá se elevam,
E nos benignos ares incendidas
De um sol immaculado, eis chovem gotas
Côr de ouro, de saphira, e de esmeralda.
Selvas, por onde absorto me extravió
Os Sátyros, os Faunos vos povoam,

Em vós Diana influe, e Cytheréa;
É cada bosquesinho em vós um templo,
Cada marmore um deus. Luiz, folgando
Do pezo marcial, do horror da guerra,
Como que n'esta, a Jove idonea estancia,
Convida todo o Olympo a seus festejos.
N'estes grandes effeitos é que importa
Que a arte se esmere, avulte, e brilhe, e encante.

Facilmente porém o assombro péza.

Louvo o orador, que erguidos pensamentos
Na luz, na pompa, na cadencia envolve;
Mas é curto prazer, e o deixo, e corro
A escutar corações na voz de amigos;
Marmores, bronzes, que alardêa o luxo,
Arte ostentosa em breve os olhos cança.
Mas as correntes, o arvoredado, as sombras,
Este luxo innocente, ah! não fatiga,
Não fatiga jámais. Deus mesmo aos homens
Traçou este modelo. Attenta em Milton:
Quando essa eterna mão, que rege tudo,
Aos primeiros mortaes guarida apresta,
Regulares caminhos abre acaso,
Talvez captiva na carreira as ondas?
De improprias, de forçadas vestiduras
Cobre a infancia do mundo, a primavera
Recemnascida? Não, sem arte alguma,
E sem constrangimento, a Natureza
Estreou, exauriu delicias puras,

Delicias puras, que nem ha na idéa.
O mixto amavel de planicie, e monte,
Livres, e mollemente errando ás aguas,
Veredas tortuosas, e indecisas,
Gratas desordens, novidades gratas,
Aspectos, onde os olhos mal sabiam
Escolher, preferir, tudo alongava,
Entretinha o prazer na variedade.
Sobre viçoso esmalte avelludado
Mil arvores, mil plantas, mil arbustos,
D'estes logares ondeante adorno,
Iman da vista, do sabor, e olfato,
Em grupos elegantes, movediços,
Em natural, dispersa negligencia,
Já se fugiam, já se avisinhavam.
Seu brando movimento ao longe ás vezes
Inopinada scena aos olhos dava,
Ou com pendor gentil curvando a rama,
Aos passos vinham pôr suave estorvo;
Ou sobre as fronteas em festões pendiam,
Ou, na passagem, lhe entornavam flores.
Lindos bosques direi de tenras plantas,
Em latadas, e abóbadas travando
Troncos florentes, e florentes braços?

Lá de imaginações, queridas, ternas,
Cheios a mente, o coração, e os olhos,
Deu Eva ao bello amante a mão mimosa,
E córou como a Aurora ás portas de ouro.

A natureza toda os afagava.
O céo co'a luz, com seu murmurio as ondas;
Tremendo a terra lhes sentia os gostos;
Favonio aos éccos os suspiros dava;
O arvoredos rugia, e curva a rosa
Cedia ao toro seus perfumes todos.

Oh ventura ineffavel, par tranquillo!
Feliz quem, como vós, nos seus amados,
Bonançosos jardins, longe dos males
Que a soberba atormentam, vive rico
De flores, fructos, innocencia, e gosto!

CANTO SEGUNDO

A lyra, que os rochedos, que as florestas
Ao Rhodope attraía, oh se eu tivesse!
Ella fallára, e subito arvoredos
Sobre as paizagens lançariam sombras;
A laranjeira, o til, carvalhos, cedros
Viriam nos meus campos collocar-se
Em pasmosa cadencia, em ordem bella:
Mas perdeu a harmonia os seus milagres,
A lyra já não reina, a penha é surda,
A arvore immovel fica aos sons mais gratos;
Dous magicos ha só: trabalho, e arte.

Aprende, pois, que industria, e que desvélo
Prestam mimo, ou riqueza ás varias plantas.

Pela ridente cópa, a flôr, e o fructo
A arvore é dos jardins primeiro ornato.
Para agradar, quantas figuras tóma,

Quantas figuras! Acolá se estendem
Pomposamente seus iuiformes braços;
Brando, e ligeiro além se eleva o tronco,
Aqui lhe admiro, lhe namóro a graça,
A magestade alli. Roçada apenas,
Da menor viração, lhe ondêa a rama,
Ou contra os furacões arrebatados
Firma o corpo nodoso, a rija frente;
Dura, ou molle, se inclina, ou se levanta,
Prothêo dos vegetaes, a cada instante
Muda o feitio, a côr, verdura, e fructos
Para dar novo brilho á Natureza.

Eis os thesouros teus, oh arte, e o gosto
Prohibe que sem ordem se dispendam.

Das varias plantas a extensão, e a fórma
Se off'rece aos olhos em aspectos varios.
Ora selva profunda, inculta, e negra
Derrama sombra inmensa, ora apparece
Bosque risonho de arvores formosas.
Em ventilados campos mais ao longe
Os olhos chamam, a attenção dominam
Distribuidos, primorosos grupos.
Fiando-se na propria louçania,
Só, n'outra parte, uma arvore pompêa,
Só ella exorna o chão. Tal, se é possível
Que a paz dos campos assimelhe a guerra,
Cerrados batalhões, dispersas turmas,
Numero, e forças ante nós ostentam;

E ativo do seu nome, e sustentado
Na sua intrepidez, á frente d'elles
Um só heróe se avança, e todos vale.
Diversas plantações têm leis diversas.

Nos jardins do artificio em outros tempos
Olhava o luxo com desdem, com tédio
As isoladas arvores, e agora
Aprazem nos jardins da natureza.

Por capricho feliz, sisudo acaso,
Estas desproporções tem attractivos,
Difram na distancia, aspecto, e fórma,
Sempre a grandeza, ao menos a elegancia,
Distingua a planta, ou ella, envergonhada,
Por entre a multidão desapareça.

Mas se um carvalho, ou plátano longevo,
Patriarcha dos bosques, ergue a fronte
Sombria, veneravel, toda a tribu
Disposta em torno, com respeito o esquive,
Lhe faça corte. Agradará d'est'arte
A arvore, que isolada o campo adorna.

Com mais escolha ainda, e com mais gosto
Os grupos te darão prestantes quadros.
De arvores mais, ou menos vigorosas,
Em numero qualquer, pequeno, ou grande
Fórma-lhe a massa espessa, ou leves tufos:
Este povo de irmãos apraz ao longe,
Pódes por elles variar desenhos;
Com elles se aproximam, se removem,

Se afastam, se reúnem perspectivas,
E com elles tambem sobre as paizagens
Se dobra, ou se desdobra e véo das sombras.

Formáram-se teus grupos: é já tempo
Que a um tanto de arte os bosques se habituem.

Bosques augustos! Bosques venerandos!
Eu vos acato, eu vos saúdo: as vossas
Poeticas abobadas não ouvem
Já do bardo feroz o horrível canto;
Um delirio mais dôce em vós habita,
Vossas grutas ainda em verso instruem.
Ermos antigos, magestosas sombras,
Vós inspiraes os meus: ah! dae que eu possa
Com respeitosa mão tocar-vos hoje,
E que, sem profanar, aformosêe:
De vós aprender quero a adereçar-vos.

Arvoredos expôr-se aos olhos podem
Em milhares de aspectos. D'este lado
Pressos troncos as sombras lhe carreguem:
Alegre-se acolá de luz escassa
A redolente estancia, travem n'ella
Combate deleitoso a noute, e o dia:
Mais além, signalando o chão co'as folhas,
Sobre os claros dispersas tremam plantas;
Porque, umas para as outras fluctuandô,
E sem ousar tocar-se, ao mesimo tempo
Pareça que se fogem, que se buscam.
O bosque assim por ti perde a aspereza;

Mas seu grave character não desmanches;
Com miudos objectos, mui frequentes
Não se interrompa, não se altere o todo.
Um seja simples, grande, e toda a pompa
Com alguma rudez a arte lhe deixe.
Apresenta esses troncos destroçados;
Quero ver, e seguir negras torrentes,
Pelas quebradas concavas fervendo.
D'agua, do tempo, do ar mantêm vestigios;
Venera do rochedo os ameaços,
Deixa-o pender, e emfim tudo respire
Sivestre, vigorosa formosura
Sobre o terreno magestoso. Agrada
Assim de um bosque a rustica nobreza.

Com menor altivez, com mais brandura
Um bosquesinho off'rece amenos quadros:
Quer bellos sitios, e contornos bellos;
Foge, torna, em rodeios vae perder-se;
Entre flores estende aguas serenas.
E cuida que inda n'elle, embriagado
De um extasis suave, em ocio puro,
As lições do prazer dicta Epicuro.

Mas não basta que em selva, ou bosquesinho
Haja riqueza ou elegante, ou bruta,
Cumpre ornar com primor seus exteriores.
Não vás, symetrisando-lhe os limites,
Com recedentes muros occultar-nos
Dos bosques as innumeradas familias.

Ver quero, penetrando o centro agreste,
Crescer a um tempo as arvores diversas,
De vigor juvenil umas brilhantes,
Outras todas decrépitas, nodósas,
Estas rasteiras, languidas, e aquellas,
Tyrannos das florestas, esgotando
Da substancia o tributo a seus vassallos:
Scena em que a idéa vê com gosto imagens
Das edades, da vida, e dos costumes.

A par d'estes effeitos, que valia
Terão verdes reparos, cuja fórma
Entristece, importuna, afflige os olhos,
Fórma, que é sempre igual, nunca inesperada?
Oh delicias da vista! Oh variedade!
Acode, vem romper nivel insulso,
Triste esquadro, e cordel fastidioso.

De matiz acertado, interessante
As extremas dos bosques se guarneçam;
É a uniformidade ingrata aos olhos;
Da que vêem nos jardins elles se enfadam,
À sua extremidade elles se avançam,
Folgam de discorrer a inopinada
Fórma, que lustra nos limites varios.
Em giros mil brincando a vista errante.
Ou com elles se entranha, ou sáe com elles,
E nos diversos, florecentes quadros
De distancia em distancia alegre pouosa.
O bosque se engrandece, e a cada passo

Seus rodeios varia, e seus encantos.

A fórma, pois, se lhe desenhe, e logo
Ás arvores se escolham, a que o gosto
Prescreve o sacrificio; mas sê tardo,
Condemna devagar, condemna a custo:
Antes de executar-se a lei severa,
Ah! vê que manso, e manso as cria o tempo,
E altêa manso, e manso; que impossivel
É a todo o ouro teu remir-lhe as sombras,
E que já lhe deveste um fresco amparo.

Duro possuidor, com tudo, ás vezes,
E sem necessidade, e sem remorso,
Aos golpes do machado as abandona.
Eis sobre o seio da indignada terra
As miseras baquêam, seccam, morrem:
Para sempre d'ali com magoa vôam
Doces meditações, cautos amores.
Ah! Por estes sagrados arvoredos,
Que aos bailes pastoris prestavam sombra,
Por estas densas comas, que abrigaram
Vossos avós, tende attenção, profanos,
C'os troncos religiosos. Já que os évos
N'elles a robustez inda consentem,
Não lhe affronteis a ancianidade augusta.
Tem de raiar, tem de raiar em breve
O dia em que estes bosques desmaiados,
Para ceder o imperio a tenras plantas,
Da excelsa fronte, succumbindo ao ferro,

Verão no pó murchar-se a honra antiga.

Oh Versailles! Oh dôr! Oh vós florestas,
De celeste apparencia! Maravilhas,
Que fez um grande rei, Lenotre, e os annos!
Eis sôa o côrte; vosso termo é vindo.
Arvores, cuja audacia ás nuvens ia,
Feridas na raiz, no ar balançando
Suas cópas louçans, que abala o ferro,
Já dão ruidosa quéda, e já seus troncos
Vão alastrando ao longe esses passeios,
Que de frescas abobadas cubriam
Com seus pomposos, estendidos braços.
O estrago se atreveu aos arvoredos,
Cuja gloriosa fronte a fronte heroica
De Luis, o magnanimo, assombrava!
Destruíram-se bosques, onde as artes,
Mais suaves conquistas celebrando,
Multiplicavam festivaes prazeres!
Amor, que é feito do encantado abrigo,
Que ouviu de Montespan gemer o orgulho?
Que é do retiro, onde tão meiga, e bella,
Ao de ouvil-a attraído, absorto amante
La Valiere exprimiu segredos ternos.
Rendida suspirou, sem crer-se amada?
Tudo cáe, tudo acaba; ao som terrivel
D'esta destruição, não vês, não sentes
Alígero tropel fugir medroso?
Este volátil povo, alegre, ufano

De habitação tão bella, e que entoava
Dos monarchas no asylo os seus amores,
Com dôr se ausenta dos saudosos lares.
Deuses, de que estes porticos honrara
Estremado cinzel, deuses, vestidos
De verdes, molles véos, ainda ha pouco,
Pela perdida sombra estão carpindo,
Mostram-se da nudez envergonhados;
E, receando os olhos, Venus mesma,
Venus se assombra de se vêr despida.
Appressae-vos, crescei, mimosas plantas,
Tornae a povoar a estancia cara!
Aryores semimortas, consolae-vos!
Vós, testemunhas da fraqueza humana,
De Corneille, e Tureuna os fados vistes,
Vistes morrer o heróe, morrer o vate:
Ao menos, já contaes cem primaveras,
E os nossos dias de mais luz, mais gloria
Ah! voam logo, e para sempre voam.

Feliz d'aquelle, que possue um bosque
Formado pelo tempo! Mas ditoso
Tambem quem para si pôde creal-o!
Estas, que vão medrando, arvores bellas,
Eu fui o que as plantou (diz como Cyro):
Tu, pois, se inda dispôr das tuas pódes,
Teme que antes de tempo ellas rebentem.
Assim como o pintor que, demorando
Indiscreto pincel na mão sabida,

Longamente co'a idéa esboça os quadros:
Tu dos desenhos teus medita a ordem;
O valor, a efficacia dos aspectos,
E dos sitios conhece; e o attractivo
Dos bosques nas colinas pendurados,
E a gala dos que em plano a sombra estendem.

Como as amigas fórmãs, como as côres
Amigas, te é proveito conheceres
As adversas tambem. O freixo altivo,
Arremessando ao ar comprida rama,
O inclinado salgueiro aborrecêra:
Do álamo oppõem-se o verde ao do carvalho;
Mas taes odios temperam-se com arte:
Elege por feliz intercessora
Uma arvore mean, que os concilie.
D'esta sorte Vernet, com maga tinta
De duas côres a discordia extingue.
Conhece, pois, o emprego, a serventia
Das diff'rentes verduras, ou brilhantes,
Ou sem lustre, mais mortas, ou mais vivas.
Com taes alterações, com taes matizes
No seio das paizagens se variam
Formosamente as sombras, se produzem
Effeitos ora dôces, e ora fortes,
Grandes contrastes, ou gentis concordias.

Observa-as maiormente quando o outono
Perto de vêl-a murcha enfeita a c'roa:
Que pompa! Que esplendor! Que variedade!

A côr alaranjada, a côr purpurea,
A opálica viveza, a do encarnado
Ostentação de seus thesouros fazem.

Ai! Todo este esplendor lhe agoura a quéda!
Eis o fado commum! Depressa os Euros
Hão de espalhar pelos profundos valles
Os despojos selváticos: a folha
Caíndo, já distráe de quando em quando
O solitario pensador; mas estas
Mesmas ruínas para mim são gratas;
Ali, se fundas queixas nutro n'alma,
Ou assanhar-me a chaga vem memorias,
Gosto de misturar, de vêr conforme
O luto meu da Natureza ao luto.
Dos seccos bosques, dos raminhos murchos
Me apraz pizar fragmentos, só, e errante.
Dias de embriaguez, e de loucura,
Os mentirosos dias já voaram;
Terna melancolia, a ti me entrego,
Vem, mas não de atras nuvens carregada,
Onde se envolve a tenebrosa angustia:
Por entre véo ligeiro a vista branda
Dirige á terra, aos céos, como no outono
Os vapores traspassa um tibio dia:
Traze, oh dos vates, dos amantes socia,
Serenos o rosto, os olhos pensativos,
E a deleitosas lagrimas propensos.

Mas em quanto minha alma se apascenta

N'estas idéas, mil floridas castas
De fragrantés, de tremulos arbustos
Chamando estão por mim. Vem, lindo povo,
Tu entre a arvore, e a flôr tu és o meio,
És como a transição. Teus delicados
Caractéres agora a scena enfeitem.

Oh! se não me instigasse o largo assumpto,
Se ao termo, que me espera, eu não corresse,
Que jubilo teria em dirigir-vos!

Eu vos reproduzira, eu vos mostrára
Em cem fecundas fórmás, eu faria
A' sombra vossa murmurar correntes,

Vossa rama em abobadas travara;

Envoltos n'estes vividos ulmeiros,

Iriam serpeando os vossos braços

Pelos rigidos troncos, e serieis

O symbolo da graça, unida á força.

Fundira, aproveitára as vossas côres:

A azul ferrete, a encarnada, a branca;

Dos olhos as delicias alternando,

Vossos pennachos, cálices, e flôres,

Formar viriam meus brilhantes quadros,

E o mesmo Vanbuysum m'os invejára.

Tu, que estes ferteis donç dos céos houveste,

Com arte economisa arbórea pompa:

Favores seus co'as estações reparte.

Co'as côres, e os perfumes cada arbusto

Por seu turno appareça, e nunca murche

Na frente do anno a flórida capella!
Assim com elle o teu jardim varia:
Cada mez tem seu bosque, e cada bosque
A sua primavera. . . ah! cedo extincta!
Tua industria, porém, da sua instavel
Curta riqueza consolar-nos póde.
Com prudencia estas arvores plantadas,
Quando flôr não tiverem, graça tenham.
Tal, dilatando o imperio de seus olhos,
Já na declinação dos annos bellos,
A destra Ulna me seduz, me enlêa.

Da inclemencia dos ares a despeito
O céo não desherdou de todo o inverno;
Então dos ventos provocando a raiva,
Não poucos vegetaes conservam folhas.
Olha o teixo, olha a hera, olha o pinheiro,
O pungente azevinho, o sacro louro,
De verdura immortal, que a terra vingam,
Vingam dos Aquilões a Natureza.
De purpura, e coral vê fructos, bagas;
Que esmalte aos ramos dão! Seu atavio
Sobre os despídos campos lisonjêa:
Por menos esperado é mais formoso.
Os teus jardins de inverno assim povôa:
Lá de um benigno dia a luz te afaga,
Lá, quando em outra parte é nua a terra,
O passarinho adeja, a se diverte
Inda debaixo de viçosas folhas:

O sitio o illude, não conhece o tempo,
Vêl-a imagina, e canta a primavera:
Assim, sem ser facticia a estancia agrada.
Mas os jardins dos reis com que artificio,
Com que apparatus esplendido triumpham
Dos sanhudos invernos! Sempre verdes,
(Oh Mouceaux!) teus jardins são d'isto exemplo.
Troncos fingidos de arvores ausentes,
Grutas de encanto, magicas latadas,
Tudo ali rouba os olhos. Afrontando
A rispida estação caliginosa,
A nascer entre o gelo aprende a rosa.
Milagres ali domam tempos, climas,
Das fadas o poder ali se ant'olha.

Mas não são todavia estes encantos
Dos jardins o melhor, mais doce ornato.
Cedo o costume te desorna os bosques.
Quando os extranhos tuas sombras gostam
Jaz muitas vezes descontente o dono.
Meios não ha, cuja virtude occulta
Sempre a teus bosques a affeição te avive?
Oh! Quanto dos lapões me apraz o estylo!
Oh! Como enganam seus invernos duros!
O til soberbo, os olmos reforçados
Temem d'aquelles campos o regelo;
De alguns tristes pinheiros, negros, bravos
Indigente, escassissima verdura
Apenas a geada ali penetra.

Mas o minimo arbusto, que poupassem
Aquelles agros climas, ante os olhos
Dos habitantes seus tem mil feitiços.
É consagrado a filho, a pae, a amigo,
A hospede, que parte, e deixa prantos,
Deixa saudade eterna, e de algum d'elles
O nome, sempre caro, á planta fica.

Tu, de quem puro céo clarêa a patria,
Imitar podes tão feliz industria:
Ella animará tudo, arvores, bosques
Não serão mudos, não serão desertos:
Hão de immensas memorias habital-os,
Gostos distantes adornar-lhe as sombras.

E quem prohibe, se o favor dos numes
Com doce prole teus desejos farta,
Quem véda consagrares esse dia
Com troncos de nascente bosquesinho? . . .
Mas em quanto estes versos, Musa, entôas,
Que popular clamor aos ares sobe!
Nasceu, nasceu o herdeiro aos reis da Gallia!
Nos muros, nas phalanges, sobre as ondas,
Nosso terrivel, triumphante raio
Trôa, corre, e aos dous mundos o annuncia.
Flores são pouco para ornar-lhe o berço,
Os louros lhe trazei, trazei-lhe as palmas;
Raiem dias de gloria ante o primeiro
Volver dos olhos seus; nascido apenas,
Da victoria ouça o hymno; eis o festejo

Que ao puro sangue dos Bourbons se deve.
E tu por quem tal dom dos céos nos veiu,
Tu, nó mimoso, tu prisão querida
Do germano, e francez, que irmão, e esposo
Unes como odorifera grinalda
Que enlaça dous ulmeiros magestosos;
Consorte, mãe, e irmã, teus fados ligam
O penhor de hymeneu da morte ao luto,
Em teus olhos misturam pranto, e riso,
Dando-te o filho quando a mãe te roubam:
Nos transportes, que influe este aureo dia,
Ousem almas ferventes, creadoras,
Animar os pinceis, a pedra, a lyra;
Dos campos eu cantor, e humilde amigo,
Irei onde os Favonios, onde Flora
Sós te compõem a delectavel corte,
Irei a Trianon: ali risonho
Em unico tributo á prole tua
Arvores sagrarei da sua idade,
Um bosquesinho, que lhe deva o nome.
Verão teus olhos avultar o amavel,
O simples monumento, aquelles troncos,
Dos bosques teus o mais suave ornato;
E com ellas crescendo, recrear-se
Ás sombras fraternaes irá teu filho.
Gozas, emfim, e o coração, e os olhos
Feliz possuidor, já se embellezam
Nos arvoredos teus. Tambem desejas

Unir ao gosto a gloria, obter a palma
N'esta arte singular com que os decoras?
De creador merece, alcança o nome.
Olha como em segredo a Natureza
Sempre está fermentando, e como sempre
A precisão de produzir a ancêa!
Não lhe acodes? Quem sabe que thesouros
Inda em seus cofres para a industria guarda?
Como esta a seu arbitrio as ondas guia,
Póde guiar o succo: outros caminhos,
Outros canaes a seu liquor franquêa.
Por novos hymineus fecunda os campos,
Das seibas virgens exp'rimenta o mixto,
De seus dons mutuos favorece a troca.
Quantas arvores, fructos, plantas, flores
Tem mudado o perfume, a côr, e o gosto,
Tudo por arte! O pecegueiro a estas
Metamorphoses sua gloria deve.
Assim com triple c'roa a rosa brilha,
Do seu pennacho assim blasona o cravo.
Ousa! Deus fez o mundo, o homem o adorna.
Se a tão bellas conquistas não te afoutas,
Cubertas de outro céo tens mil riquezas.
Usurpa esses thesouros. Tal, mais brando
Vencedor, e mais justo nos seus roubos,
O romano soberbo á Ausonia trouxe
Syrias ameixas, o damasco Armenio,
Da Gallia a pera, e fructos mil diversos:

Assim devêra subjugar-se o mundo.
Lá quando d'Asia triumphou Lucullo
O bronze, o ouro, o marmore assombravam
De Roma os olhos, e entretanto, o sabio
Prezou ver-lhe nas mãos a cerejeira
Conduzida em triumpho ao Capitolio.
E esses mesmos romanos já não viram
Nossos avós, em batalhões armados,
Debaixo de outros céos mais bemfazejos
As vinhas ir buscar, votando a Bromio
Tintos pendões em nectar dos vencidos?
C'o fructo das belligeras emprezas
Escandecida a turba, os preciosos
Trophéos, cantando, aos lares seus trazia.
As cabeças o pâmpano c'roava,
O pâmpano em festões cingia as lanças.
D'esta arte o numen, vencedor do Ganges,
Tornou triumphante: serranias, valles
Da vindima o fervor solemnisavam,
E por onde corria o mago nectar
Folgavam brincos, e o prazer, e a audacia.
Netos dos Gallos, os avós se imitem;
Roubemos, disputemos taes despojos.
N'esses jardins, altivos de regel-os
A mão, que a Themis empunhara o sceptro,
Malesherbe, o facundo, o digno ramo
Dos Lamoignons, com troncos orgulhosos
Honra, abastece o chão: trazidas plantas

Dos fins da terra, das equoreas margens,
De alcantilados cumes de agras serras,
Das portas do nascente, e das do occaso;
Plantas, que açouta o sul, que açouta o norte,
Plantas, filhas do ardor, filhas do gelo,
Me fazem, n'um logar, correr mil climas.
Vago, entre aquella multidão florente,
Asia, America, Europa, Africa, o mundo.
Regosijadas de se ver no meio
Das velhas plantas nossas, amam todas
Nosso amoravel céo, e extranhas gentes
Reconhecendo as arvores da patria,
Duvidam já da sua ausência, ao vel-as,
Ou de terna saudade os golpes sentem.
Moço Potaveri, tu d'isto és prova.

Dos campos d'O-taiti, d'aquelles campos,
Tão caros n'outro tempo á sua infancia,
Onde é sem pejo amor, amor sem crime,
Este ingenuo, selvatico mancebo,
Trazido a nossos muros, pranteava
Sua antiga, innocente liberdade,
Ilha risonha, e jubilos tão faceis.
Do esplendor das cidades sim pasmado,
Mas farto d'ellas, vezes mil clamava:
«Dae-me as florestas minhas!»—Eis que um dia
N'esses jardins, onde Luiz congrega,
Dispõem n'um sitio só, e a custo immenso,
Os povos vegetaes de tantos climas,

Como espantados de crescerem juntos,
De logar, e estação mudando a um tempo,
E cultos a Jussieu rendendo todos;
N'esses jardins o indiano vagueava,
Olhando as varias, ordenadas tribus,
Quando entre estas colonias vicejantes
Lhe fere os olhos arvore, que o triste
Desde os primeiros annos seus conhece.
Subito, desatando agudos gritos,
A ella corre, abraça-se com ella,
Beijos a cobrem, lagrimas a innundam.
Objectos mil de inexplicavel gosto,
Os céos, os campos, que ditoso o viram,
(Céos tão formosos, tão formosos campos!)
Os rios, que fendeu co'as mãos nervosas,
Mattas por onde os brutos habitantes
Tão destro asseteava, as bananeiras
De sombras, e de fructos abastadas,
O patrio asylo, os bosques circumstantes,
Que aos canticos de amor lhe respondiam,
Julgou vêr, e a sua alma enternecida
Um momento sequer gosou da patria.

CANTO TERCEIRO

Eu cantava os jardins, vergeis, e bosques;
Eis sóta vezes tres Bellona o grito,
Eis dos paternos lares arrancado
Vôa o francez guerreiro a extranhos mares,
E de Venus Mavorte as selvas deixa.
Vós, á paz innocente affeioados,
Deuses dos campos, não temeis a guerra;
Quer o grande Luiz não destruir-vos,
Mas ao longe estender o imperio vosso;
Quer que logre tranquillo o que semêa
Um povo amigo longamente oppresso.
E vós, mancebos, que outro mundo admira,
Se por cima de tumidas voragens
A York o vosso ardor seguir não posso,
Para quando volteis aperfeiçoa
Jardins a musa minha. Ordeno as flores

Que para as fronte vossas vão crescendo.
Aprompto para vós de myrto as c'roas,
O murmurio das aguas vos preparo,
E gramineo tapiz, e asylo umbroso.
Sentados mollemente, ao Lethes dando
Fadigas marciaes, direis a gloria
Das nossas forças bellicas, e emtanto
Entre esperanças, e temor suspensos,
Confundirão, tremendo, os filhos vossos
Co'a presença do p'rigo a imagem d'elle.

Amador dos jardins, eia, acabemos
De pulir estes placidos abrigos.
Infecundo areal, e secco, e triste,
N'elles o dia reflectindo outr' hora
Importunava os pés, cansava os olhos.
Tudo era ardente, e nu; mas Inglaterra
Nos ensinou com que arte o chão se veste:
Na relva cuida, pois, que os campos brotam.
O regador na dextra, ou n'ella a fouce,
Lhes mate as sedes, lhes tosquie as tranças,
As leivas o cylindro pize, aplane;
Sempre, escolbidas bem, bem apertadas,
Bem libertas da herva usurpadora,
Qual macia lanugem finas sejam;
Repare-se-lhe ás vezes a velhice;
Mas, comtudo, aos logares não remotos
Se reserve este luxo de verdura:
Do resto se componham ricos pastos,

E sómente os cultivem teus rebanhos.
Terás d'est'arte numerosas crias,
Os campos adubío, os olhos quadros.
Não te envergonhe pois (e grite embora
O orgulho) não defendas que em teus parques
Entre a vacca fecunda, o boi tardío:
Nem deshonram teus parques, nem meus versos.

Muito pouco é, porém, crear sómente
Esses tapizes vastos, e viçosos:
Cumpre que saibas escolher-lhe as formas.
Longe a monotonia, ah! longe d'elles:
Em quadrada feição, feição`redonda
Tristemente opprimidos os não quero.
Um ar de liberdade é seu primeiro,
Gracioso attractivo: ora nos bosques,
Cuja sombra os abraça, elles se escondam
Com visos de mysterio, ora esses mesmos
Bosques venham buscal-os. Esta a fórma
Da campestre alcatifa, pura, e simples.

Amas o bello? A Natureza imita,
Que esmalta os prados de opulentas côres:
Dá-te pressa; os jardins te pedem flores;
Flores mimosas, candidas boninas,
Por vós é mais gentil a Natureza.
Nos quadros por modelo a arte vos toma;
De terno coração sois dons singelos,
Que arrisca amor, e que a amisade off'rece.
Em dourada madeixa, em niveo seio

Requinta-se comvosco a formosura;
Que a victoria adorneis permite o louro,
Do virgineo pudor tambem sois premio.
O mesmo, o mesmo altar, onde repousa
A grandeza de um Deus, na primavera
Com vossas oblações se aromatisa,
E a religião, sorrindo-se, as acolhe;
Mas tendes nos jardins o domicilio.
Do sol, da aurora vinde, pois, oh filhas,
Decorar o theatro a nossos campos.

Comtudo, não cuideis que, insano amante,
Em vez de vos travar, em vez de unir-vos
Em brandos, amorosos ramilhetes,
De canteiro em canteiro, attento espere
De cada nova flor o nascimento,
E lhe espie o matiz, lhe observe as côres.
Sei que em Harlem ha curiosos tristes,
Que em seus jardins co'as flores vão fechar-se;
Que, por vêr um rainunculo, despertam
Antes d'alva, e que adoram, qual prodigio,
Anêmona exquisita, ou que, invejando
De um rival o segredo, a pezo de ouro
Compram de um cravo as manchas. Deixa aos loucos
Seu maniaco amor: possuam, gosem
Embora quaes ciosos, quaes avaros.

Sem de arte caprichosa as leis seguides,
Vós, dos olhos prazer, do campo adorno,
Flores, pintae a superficie á terra;

Mas a vossa belleza, o mimo vosso
Entre curtos limites não se estreitem.
Em toda a parte esses thesouros brilhem:
Ora aos tapizes a verdura esmaltem,
Ora de um lado, e d'outro enfeitem ruas;
Em mesclados festões cercae ramadas,
Aguas orlae em lucidos meandros;
Ou comvosco estes muros se alcatifem,
Ou, querendo escolher vossos perfumes,
Gire, indecisa, no açafate a abelha.
Seguindo-vos Rapin nas quadras todas,
Nenhum matiz, ou nome vosso esqueça;
A tão frias, cançadas miudezas
Oppõem-se o deus do gosto. Mas quem póde
Negar o obsequio, a preferencia á rosa,
Á rosa de que Venus bosques tece,
C'roas a primavera, amor seus mimos?
Á flor de Anacreonte, á flor, que Horacio
Nos dias festivaes engrinaldava?

Mas tão risouho objecto em demasia
Apraz aos meus pinceis, cujo destino
É quadros desenhar mais vigorosos.
Oh vós, de que eu trilhava o chão florido,
Bosquesinhos, adeus, adeus, oh prados!
Attrae minha attenção o informe aspecto
Dos rochedos sem regra desparzidos.

Foi sua alta rudeza em outros tempos
Banida dos jardins, onde reinava

A inerte, semsabor monotonia.
Mas depois que o pintor, leis dando n'elles,
Contra acanhado artifice restaura
Totalmente o seu jus, emfim se atrevem
A apossar-se os jardins d'estes effeitos.
Por mais graças, porém, que venha d'ellas,
Se estas rígidas massas magestosas
Não off'rece o terreno, então debalde,
Presumpçosa rival da Natureza,
A arte em falsas imagens se apurara.
Do cume dos rochedos verdadeiros,
Da mãe universal morada inculta,
Ella escarnece de affectadas penhas,
Misero aborto de fadiga inutil.

Aos campos de Midléton, ás montanhas
De Dovedale, te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, contigo subo.
Que aprazivel terror me assenhorêa!
Todos esses rochedos, variando
Os cimos colossaes, arremessados
Aqui aos céos, ali para os abysmos,
Um por outro amparados, um sobre outro,
E no ar ousadamente alguns suspensos;
Este em arcada, em torre afeiçoado,
Aquelle pelo pórtico sombrio
Deixando perceber ao longe o polo;
Além mananciaes, aqui regatos
De limpida corrente, alegre, e mansa,

Tudo, ah! tudo no espirito revolve
Os magicos retiros, que os poetas
Cantáram, fabulando. Oh quam ditoso
Serás se teus jardins afformosêas
Com estas grandes, alterosas vistas!

Mas para que a teu quadro bem se ajustem,
Contra a tôsca energia dos rochedos
Cumpre de encantador ter a efficacia.
O encantador é a arte, o encanto os bosques;
Ella falla, os rochedos eis se assombram,
E como que os enfuna a pompa extranha.
Porém, sua aridez austera ornando,
Sagaz diversifica os teus plantios.
Ao cubiçoso espectador off'rece
Das fórmãs, e das côres os contrastes;
Sáiam por entre as arvores a espaços
Os mais bellos rochedos: interrompe
Summa egualdade, esconde, ou patentêa!
Variem-se co'as arvores as rochas,
As arvores co'as rochas se variem.

Não tens tambem, para formar-lhe a gala
Não tens do baixo arbusto a folha errante?
Gósto de vêr os dóceis novedios
Pelos áridos flancos dos penedos
Em tenrinhos festões ir serpeando;
Gósto de ver-lhes a escalvada fronte
Toucar-se de verdura, e ganhar sombras.
Isto inda é pouco. Um valle entre estas penhas,

Um valle precioso, um chão mais grato
Ri-se a teus olhos? Aproveita-o, mostra,
Expõe esta riqueza inesperada.
É feliz, singular este contraste,
É a esterilidade, ella, que um breve
Espaço appetecivel de terreno
Cede á fertilidade: assim subjugas
O aspérrimo character dos rochedos.

Para agradar-te é força ornal-os sempre?
Não; se a arte deve o horror sempre adoçar-lhes,
Consente ás vezes que o pavor inspirem,
Favorece-os até. Na extremidade
De um precipicio uma cabana eleva,
E com ella augmentado elle parece:
Ponte audaz de um rochedo a outro lança;
Eu tremo ao vel-os, e a medonho abysmo
Imminente me põe a phantasia;
Lembram-me esses boatos populares,
Os casos de perdidos passageiros,
D'amantes despenhados: contos velhos
Que prendendo attenção maravilhada,
Á credula aldeã serões encurtam;
E o terror do logar ajuda a creença.

Porém com sobriedade usar se deve
D'estes grandes effeitos. A tão duras,
Tão agras commoções, abalos doces,
Molle socego o coração prefere:
Eu exp'rimento em mim que das montanhas

Me é preciso baixar aos ledos valles.
Tenho-os de flores, de arvores coberto:
Tempo é que á sombra d'ellas manem aguas.
Bem: já que os cimos vossos, nus outr' hora,
Pelas minhas lições estão vestidos
Tão ricamente, oh rochas, franqueae-me
As subterraneas, intimas origens:
Rios, arroios, vós — vós, lagos, fontes,
Vinde, espraiae frescura, e vida em tudo.
Ah! Que prazer substituir-vos póde?
Vosso contente, luzidio aspecto
Se de perto entretem, convida ao longe.
Sois o primeiro objecto que se busca,
O ultimo que se deixa. As aguas vossas
Fertilizando a terra, o céo duplicam.
Os ouvidos encanta, encanta os olhos
Vosso crystal, vosso murmurio. Ah! vinde,
Dado seja a meus versos, que vos seguem,
Correr do coração mais tentadores,
Mais abundantes que o principio vosso;
Mais leves do que os Zephyros, que dobram
Vossos canaviaes; e brandos, puros
Como esse rumorsinho, essa corrente.
Tu, senhor d'estas aguas bemfeitoras,
Venera-lhe o pendor, té o capricho;
Nos livres giros seus vê como abraçam
Facilmente das margens os contornos.
E ousas, encarcerando-lhe a brandura,

Os tortuosos passos constranger-lhe!
De que lhe serve o marmore em que é presa?
Não vês co'a longa trança entregue aos ventos,
Sem arte alguma, sem postição adorno,
Campestre, prazenteira, ingenua moça
Andar, correr, saltar? A graça d'ella
Está no soito, natural meneio.

Contempla n'um serralho a formosura:
Ella deslumbra em vão, debalde ostenta
A pompa oriental, brilho estudado:
Um triste não sei que, na face impresso,
Lhe argúe a subjeição, desbota as graças.

A agua mantenha a liberdade que ama,
Ou muda-lhe em belleza o captiveiro.
Assim, contra Morel, cuja eloquente,
E ponderosa voz pleitear soube
Os direitos da simples Natureza,
Gósto das aguas, que em canaes oppressas,
Com rapida violencia partem, saltam.
Ao vêr esses crystaes, que arte atrevida
Da terra faz brotar, e aos ares lança,
O homem diz: « Eu criei estes portentos! »
E em taes prestigios a arte sua admira.
Nos custosos jardins dos reis, dos grandes
Reluzam, pois; mas, outra vez o digo,
Longe os luxos plebeus, o vergonhoso,
Mesquinho jacto de agua, que da terra
Mal ousando arredar-se, apenas sóbe,

E em minima distancia morre logo.
Tudo a tanta riqueza corresponda;
Tudo grangêe á roda um ar de encanto.
Os olhos persuade, e o pensamento
De que vara efficaz em mão de Fada
Formára para a dona este retiro.
Tal eu vi de Saint-Cloud o amavel bosque.
Póde a vista medir do jacto a altura?
Como que applaudem tanques, grutas, plantas
As aguas, que sobre aguas cáem, fervem;
O ar é mais fresco ali, mais verde a relva,
Das aves o gorgείο ali se aviva
Ao som das vitreas ondas, que baquêam;
E, as rociadas testas inclinando,
Como que ao doce orvalho os bosques se abrem.
Não menos bella, mais campestre, e simples
A cascata ornará logar mais tosco.
De longe se ouve, admira-se de perto
Lympha sempre a cair, sempre suspensa;
E vária, e magestosa, anima a um tempo
Os rochedos, a terra, aguas, e bosques.
Emprega, pois, esta arte; porém longe
Esses tristes degráos, onde, caíndo
Com movimento egual, medida certa,
As ondas, bem que vão precepitadas,
Até no seu furor seus passos contam.
Só tem jus de aprazer a variedade.
Gosa mais de um caracter a cascata.

Ora em tumulto as aguas despenhadas
No tortuoso leito, correm, cáem,
Saltam, recáem, e escumam, e esbraveam,
Ora de espaço desdobrando as ondas,
Puro, calado, remansinho ameno
Em azul véo se esparge. Os olhos folgam
De ver estes gentis amphitheatros,
De ver sobre as ceruleas espadanas
Reflectir, scintillar o ouro diurno;
Tambem lhe apraz a escuridão das penhas,
E a verdura das canas, e a espumosa
Argentea côr das aguas fugidias.

Consulta, pois, artifice, os effeitos
Que intentas produzir. As lymphas, promptas
Sempre a deixar guiar-se, hão de off' recer-te,
Quer mais impetuosas, quer mais lentas,
Quadros benignos, ou soberbos quadros,
Graves, ou deleitosos: quadros, n'alma
Sempre efficazes. Que mortal não próva
A profunda impressão, que vem das ondas?
Sempre, ou viva corrente arrebatada
Sobre seixos murmure, e ferva, e salte,
Ou ribeira indolente sobre o lodo
Em paz alargue as aguas preguiçosas,
Ou torrente feroz entre penedos
Quebre com rijo estrondo, alegre, triste,
A sua correnteza excita, applaca,
Ameaça, ou amima. Escuto á fama

Que de Venus o cinto milagroso
Amores, e desejos incluia,
E o prazer, e a esperança, percursôra
De ineffaveis delicias. O teu cinto
É, divina Cybele, é agua: n'ella,
Não menos poderosa, estão complexos
Terror, perturbação, tristeza, e riso.
Quem melhor o sentiu do que a minha alma?
Quem o soube melhor? Mil, e mil vezes
Quando azedos, escuros pezadumes,
Inda mais pela noute enegrecidos,
Vinham martyrisar-me o pensamento,
Se ouvia os passos de visinho arroio,
Demandava estes sons consoladores.
Das aguas a frescura, a voz das aguas
Cuidados, afflições me adormeciam,
E a paz do coração resuscitava:
Tanto d'agua o murmurio n'alma influe!

Em paga de tão gratos beneficios,
Soffre, oh ribeiro, que a arte, sem comtudo
Muito se assoberbar, te aformosêe,
Se é que aformosear-te acaso pôde.

Não quadra a vasto plano um rio escasso:
Seu leito incerta linha ali traçára.
A timida corrente á luz se furta,
E quer banhar um bosquesinho escuro.
Sua doce carreira adorna as selvas,
Só ellas o namoram. Seus caprichos

Lá com todo o vagar seguir-se pôdem,
Seus giros, seu pendor, seu lindo estorvo,
A cholera, o fervor das bellas ondas,
Tornadas pelo obstaculo mais bellas.
Ora n'um álveo concavo, e sombrio
Co'a ramada que o cobre, ella recata
O cabedal agreste, ora presenta
Em patente canal o espelho á vista:
Sem vel-o o escuto, ou sem ouvil-o o vejo.
Ali meigos crystaes abraçam ilhas,
Álém se torna em dous o leve arroio,
Em dous, que nas carreiras competindo,
Apóstam rapidez, e claridade;
E ambos depois no leito, que os ajunta
De andarem par a par murmuram ledos.
Errando sempre assim, de volta em volta,
Mudo, loquaz, pacifico, agitado,
Em mil varios aspectos se renova.

Mas copiosa ribeira ás frescas margens
Me está chamando. Em campo mais aberto,
Nobre, e pomposo quadro, as ondas suas
Ondas menos modestas, vão rolando,
E c'o fulgor diurno ao longe brilham.
Deixa ao regato seu prazer lascivo,
A sua agitação, e os seus rodeios;
E segue caudalosa a curvidade,
O circuito dos valles sinuosos.
Se dos bosques o arroio adorno colhe,

Ama o rio tambem diversas plantas.
Quer que lhe ornem, lhe assobrem a corrente
Os descorados chôpos, e os salgueiros
Meios-verdes. Que origem tão fecunda
De scenas, de accidentes! Ali gôsto
De olhar-lhe derrubadas sobre o rio
As ramãs, e tremer ao movimento
Das aguas, e dos ares; aqui foge
Por baixo das abobadas virentes
A onda escurecida; além penetra
Por entre folha, e folha um tenue lume;
Ora as grenhas se embebem na corrente,
Ora a impede a raiz; e desmandando
De uma para outra margem a vertura,
Como que avançam, que outro sitio querem.
Assim as ondas, e arvores se ajudam,
A agua remoça a planta, a planta a enfeita;
E ambas fazem, ligando-se em mil fórmas,
Amavel cambio de frescura, e sombra.

Unil-as sabe, pois, ou se em logares
Forinosos, proprios d'ella, a Natureza
Já celebrou sem ti este consorcio,
Respeita-a. Desgraçado o que presume
Excedel-a no engenho! É tal (e á mente
O coração m'ó traz) tal é o asylo,
Querido Watelet, onde, amansando,
Em sombrios canaes se parte o Sena,
O Sena encantador, tão puro, e livre

Como a tua moral, como os teus dias,
E visita em segredo o lar de um sabio.
Com arte lhe acudiste, não com arte
Temeraria, fallaz, profanadora
D'esses logares, que suppõe que adorna.
Viste, amaste, sentiste a Natureza,
Digno de a ver, de amal-a, e de sentil-a;
Tu a trataste como intacta virgem,
Que da nudez se corre, e teme o ornato.
Parece-me que vejo o falso gosto
Estragar esses campos feiticeiros:
«Este moinho, cujo som ruidoso
Nutre a meditação, é importuno:»
D'ali o arrancam subito. Estas margens
Torneadas assim tão brandamente,
E pelo proprio Sena afeiçoadas,
Duramente se alinham. A verdura,
Que no seu molle cinto o rio encerra,
Ali já não florece. Aguas queixosas,
Seus lageados carceres accusam.
O marmore fastoso a relva ultraja,
E tosqueadas arvores captivas
Os idosos salgueiros desapossam
Dá margem linda, e cara. Ah! Suspendei-vos,
Barbaros! acatae esses logares;
E vós, oh rio, oh bosques deleitosos,
Se a vossa formosura hei retratado;
Se, adolescente ainda, alegres versos

Às aguas, prados, sombras já tecia,
Ministrae longamente, oh rio, oh bosques,
Ao vosso possessor a dôce imagem
Da paz sagrada, que em sua alina reina.

Quanto na molle agilidade o rio
De margem angular teme a aspereza,
Tanto as margens agudas ornamento
São de estendidos lagos, e o mais bello.
Ora se avance a terra ao seio undoso,
Ora abra ás ondas domicilio fundo.
Com revezado amor assim se chamem,
Se busquem mutuamente aguas, e terra:
N'estes varios aspectos folga a vista.

A comprida extensão n'um lago se ama;
Dá-lhe sitios, comtudo, em que repouse.
Não se lhe interrompendo a immensidade,
Meus olhos sem prazer, sem interesse
Vão pela superficie escorregando.
Para lhe abbreviar o espaço insulso,
Edificio, das calmas venerado,
Nas ondas repetido, assome ao longe,
Ou ilha, que verdeje, entre ellas surja:
As ilhas são das aguas summo adorno.
Ou levanta-lhe as margens, ou viçosas
Arvores, em festões dispersos, ganhem
Tua contemplação, teus olhos prendam.
Se queres produzir opposto effeito,
Se o lago estender queres, manda ás margens

Mui subidas, que desçam, e ou distancia
Mais arredada os arvoredos tenham,
Ou faze com que as aguas vão sumir-se
N'um denso bosquesinho, e que tornêm
Ao pé de uma collina. O pensamento
Por entre estas cortinas de verdura,
Onde desapparecem, vae seguindo
As aguas, e as prolonga. Assim teus olhos
Gosam do que não vêm: d'est'arte o gosto
Lindezas, perfeições confere a tudo;
E de objectos, que inventa, e dos que imita
Descobre, alonga, aperta, esconde o termo.

Agora que a arte o meu trabalho insulta
Em soberbos jardins, nos meus, ditosos,
Liberdade, e prazer tudo respira:
Rindo-se á relva, a seu sabor viceja,
Independente o bosque, altêa a rama;
Não temem a thesoura as arvores,
Nem flores a esquadria; amam as ondas
As margens suas, seu adorno a terra;
Tudo é formoso ali, simples, e grande,
Tudo: esta arte é a tua, oh Natureza.

Porém o lago, o rio estão desertos,
De cidadãos se lhe povôe o seio.
Dêm-se-lhe as aves, que com agil remo
Alados navegantes, a agua fendem.
N'ella se pavonêa, e náda o cysne,
De vanglorioso collo, argentea pluma,

O cysne, a que a ficção deu voz tão doce,
E que escusa das fabulas o auxilio.

Tambem não tens para animar as aguas,
Oh arte, esse apparatus vacillante
Dos mastros, e das velas? Impellida
De remo compassado, a leve barca
Deixa apenas, fugindo, um tenue rasto,
Que logo se esvaece. Entunecido
Dos Favonios azues, sussurra o panno,
E em cada bandeirinha os ares brincam.

Pois se a novella, a fabula, ou a historia
Uma fonte, um ribeiro consagraram,
Da sua gloria antiga elles ufanos,
Assás se aformoseam, se ataviam
Com suaves memorias. Ah! Quem póde,
Descobrir, encontrar, sem commover-se,
Arethusa, o Lignon, Alphêo? Quem póde
Sem cordeal saudade olhar Vaclusa?
Vaclusa, encantamento irresistivel
Dos vates, e inda mais dos amadores,
No circulo de montes, que, encurvando
Sua cadeia, com liquor sadio
Te alenta a subterranea, dôce origem,
Lá debaixo da abobada nativa,
Do antro mysterioso, onde, esquivada
A nympha tua aos olhos cubiçosos,
Some em fundo insondavel teu principio;
Oh quanto me foi grato o vêr-te as aguas,

Que, sempre crystalinas, sempre bellas,
Ora n'um lago seus thesouros fecham,
Ora sobem, fervendo e lançam fóra
Ondas, a branquejar por entre as penhas;
De cascata em cascata ao longe pulam,
Cáem, e rolam com impeto estrondoso;
A cholera depois amaciando,
Por leito mais egual vão docemente;
E debaixo de céos sempre azulados
Por cem canaes fecundam valle ameno,
Ameno qual nenhum que os sóes aclaram!

Mas estes puros céos, estas correntes,
Este delicioso, e pingue valle,
Menos o coração me penhoravam
Do que Petrarca, e Laura. Eis (eu dizia,
Eu dizia a mim mesmo) ah! Eis as margens,
Que a lyra de Petrarca suspirosa
Outr' hora enfeitiçou! Aqui o amante
Via, exprimindo a Laura os seus amores,
Vir devagar o dia, ir-se depressa.
Inda sobre estas rochas solitarias,
Inda, acaso, acharei das cifras de ambos
Unidos, maviosos caracteres?
Tocam meus olhos desviada gruta:
Ah! dize-me se os vistes venturosos,
Guarida opaca? (eu pronuncio) Um tronco
Toldava encanecido á fonte a margem?
Laura dormido havia á sombra d'elle.

Ali por Laura perguntava aos eccos,
E os eccos o seu nome inda sabiam.
Buscaveis, olhos meus, Petrarca, e Laura
Em toda a parte, e em toda á parte os vieis.
Eram já morte, e cinza os dous amantes,
Mas inda com seus manes amorosos
Mais bello se tornava o sitio bello.

CANTO QUARTO

Dos campos o espectáculo não posso,
Não posso abandonar; e quem se affouta
A ter em pouco o objecto de meus cantos?
Elle inspirava de Virgilio a Musa,
Seduzia a de Homero. Homero, aquelle
Que de Achilles cantou a horrivel sanha,
Que nos pinta o terror jungindo os brutos,
No dardo voador silvando a morte,
O embate dos escudos, o tridente
Do equoreo numen abalando as torres;
Esse vate immortal, de Smyrna o cysne
Se apraz de matizar o horror da guerra
Com bosques, prados, montes: na frescura,
No riso d'estes quadros tão suaves
Desafoga os pinceis; e quando apresta
De Thetis para o filho arnez terrivel,

Se os combates, e os sitios n'elle grava,
Se mostra o vencedor de pó coberto,
Se apresenta o vencido envolto em sangue,
Butil afagador depois movendo,
Traça a vinha, os rebanhos, selvas, pastos.
Vestido o heróe d'estas imagens dôces,
Parte, e leva por entre horrendas turmas
A innocente vindima, e ricas messes.

A teu estro sempar, cantor divino,
Cabe reger as marciaes phalanges:
É reger os jardins meu brando emprego.
Já minhas leis conhece a docil terra:
Eil-a relvosa; no tapete alegre
A mãe das flores lhe entornou seus mimos,
E arvoredos c'roaram rochas, aguas.
Para gosar d'estes brilhantes quadros,
Agora em campos, que discorre a vista,
E por baixo de abobadas escuras,
Gratos caminhos abrirei. Mil scenas
Criará minha voz por toda a parte;
As artes guiarei para adornal-as:
E o divino cinzel, e a architectura
Nobre, insigne, hão de enfim d'estes logares
Encantadores completar o ornato.

De nossos passos engenhosas guias,
Aos olhos os jardins patenteando,
As ruas devem, pois, agracial-os.
Nos recentes, porém não se abram ruas;

Nas findas plantações melhor se escolhem.
Aos mais lindos aspectos as dirige.
Repara como, se aos extranhos móstras
Do teu trabalho os fructos, como destro
Buscas o bello, o que não presta evitas;
Sitios formosos, ao passar, lhe apontas,
Lhe guardas para a volta outras bellezas,
O prendes, o entretens de pasmo em pasmo,
Em scena, que nascer faz outra scena;
E assim satisfazendo, ou provocando
Sempre os desejos seus, não poucas vezes
Retardas seu prazer para espertal-o.
Os teus passeios a ti proprio imitem.
Foge, foge, tambem, nas fórmas d'elles
Os filhos do mau gosto, os vãos systemas,
Pela moda abraçadós. Lá no campo,
Como cá na cidade, a moda reina.
Quando a ordem symetrica, e pomposa
De italicos jardins luziu na França,
Tudo se deslumbrou, cegou-se tudo
Com esta arte fulgente. Uma só planta
Não negou ao cordel obediencia:
Em toda a parte se alinharam todas;
De um lado, e de outro lado enfileiradas,
Alamedas eternas se estenderam:
Veio outro tempo em fim, veio outro gosto.
De bellezas mais livres avisaram
Aos francezes jardins jardins britannos.

Só linhas ondeantes, e passeios
Só tortuosos desde então se viram.
Farto de vaguear, debalde o termo
Está fronteiro a mim: cumpre que ainda,
Cumpre que, a meu despeito, erre, serpêe;
Que, importuno artificio praguejando
Mil, e mil vezes, sem cessar procure
Um fim, que sem cessar de mim se aparta.
Isto evita: os excessos duram pouco.
D'estes varios caminhos cada especie
Tem seu logar. Um me conduz a vistas
Pasmosas, que de longe os olhos fixam,
Nutrem a expectação; outro me sóme
N'essas mudas estancias, que parece
A algum fim, de proposito, velára
Arte mysteriosa; mas tornemos
Natural o facticio labyrintho,
E não capricho, precisão se ant'olhe.
Diversos accidentes, encontrados
Pelo caminho seu; aguas, e bosques,
Como egualmente o chão, devem regel-o.
Se quero uma feliz docilidade
Na fórma sua, se a tristeza odeio,
E insipidez de alinhamentos longos,
Mais detesto um passeio embaraçado,
Que de ferida serpe á similhaça,
Em convulsivas roscas se entrelaça,
Com giros duplicados cansa, enjoa,

E ríspido, uniforme, caprichoso,
O terreno atormenta, e passos, e olhos.
Ha curvas naturaes, ha torcicólos,
De que ás vezes os campos dão modelo.
Do carro a roda, a pista dos rebanhos,
Que em passo negligente a aldêa buscam;
A pastorinha, que, no prado abstracta,
Vae talvez entretendo a phantasia
Em visões amorosas: isto ensina
Rodeios mollemente volteados.
Longe, pois, os contornos angulares,
Longe de teus passeios, mais ainda
Quando ao fim te encaminha um longo giro.
C'o prazer galardôe-se a fadiga.

A arte se imite dos poetas grandes;
Releva, que ouses tanto. Se alta Musa,
Andando, algum desvio a si permite,
Mais que o caminho a digressão me agrada.
Niso o seu doce Euríalo defende,
No sepulchro de Heitor a esposa geme.
Assim teu artificio me extravie
Por gratas illusões, assim me alegre
Com risinhos objectos a passagem:
Tocando o termo, indemnizado eu fique
Da extensão que soffri, meus olhos gosem
Aspectos singulares, episodios
De vivente poema. Alem me chamam
Verdes, propicias grutas, onde sempre

A frescura, o silencio, as sombras moram.
O pensamento ali precede aos olhos.
Mais longe vitreo lago o céo reflecte,
E confusa acolá, como fugindo,
Assoma perspectiva immensa, e nobre.
Âs vezes bosquesinho alegre, ameno,
Mas em si recolhido, e ricamente
Por ti, e a Natureza adereçado,
De flores, e de sombras abundante,
Parece que te diz: — «detem-te: ah! onde
Podes estar melhor?» Subito a scena
Se altera: eis em logar de gosto, e riso
Paz, e melancholia, eis o repouso,
Eis a grave mudez, onde se embebe,
Onde a meditação se alonga, e pasce.
Lá com seu coração conversa o homem,
Attenta no presente, entra o futuro,
Da carreira vital nos males pensa,
Pensa nos bens, e recuando a vista
Ao tempo que voû, se apraz ás vezes
De perceber no circulo dos dias
Esses poucos instantes (ai!) tão caros,
Tão curtos! Essas flores n'um deserto,
Essas quadras da vida, a que lhe apontam
Saudades do prazer, e até da magoa.

Teme, pois, imitar os que ataviam
Friamente os jardins, os que só querem
Objectos festivaes, e lisonjeiros.

Nada em suas paizagens é sublime,
Nada atrevido: tudo são latadas,
Tudo elegantes bosques: sempre flores,
Sempre o templo de Flora, ou dos Amores:
A alegria monótona aborrece.

Sáe tu d'esta commum, cansada trilha;
Contrastes imagina interessantes,
E affouto os aventura. Entre si podem
Encontrados effeitos soccorrer-se.

Eia, segue o Poussin. Elle apresenta
Em campestre festejo alvas serranas,
Robustos aldeãos, bailando á sombra
Dos olmeiros frondosos, e ali perto
Impressas vozes taes sobre um sepulchro:
« Já fui, já fui tambem pastor da Arcadia,
Este painel dos gostos voadores,
Do nada da existencia, está dizendo,
Ou parece que diz: « Mortaes, cuidemos
Em lograr, tudo vae desvanecer-se;
Jogos, danças, pastores. » Dentro n'alma
Ao jubilo vivaz, alvoroçado
Mansa tristeza por degráos succede.

Imita estes effeitos. Não receies
Em quadros ledos pôr sepulchros, e urnas,
Monumento fiel das magoas tuas.
Ah! Quem não tem chorado alguma perda
Rigorosa, cruel! Eia, associa,
Longe do mundo leviano, e cego,

Os bosques, aguas, flores com teu pranto.
 Vêm um amigo em tudo almas sensiveis;
 Já co'as sombras pacificas se curvam
 Para abraçar a campa, onde suspiras,
 O teixo, o agudo pinho, e tu, cypreste,
 Das cinzas protector, leal aos mortos.
 Teus ramos, que affeiçoam genios tristes,
 Deixam a gloria, o gosto ao louro, ao myrto;
 Do guerreiro, do amante a venturosa
 Arvore tu não és, porém teu luto
 Compadece-se, e diz co'as nossas penas.

Em todos estes monumentos nada,
 Nada de apuros vão. Aliar pódes
 Acaso, ante estes lugubres objectos
 A arte co'a dôr, e co'a riqueza os campos?
 Longe principalmente o fingimento,
 Longe tumulto falso, urnas sem magoa,
 Que o capricho formou; longe as estatuas
 De animal ladrador, de ave nocturna:
 Isso profana o luto, insulta as cinzas.

Ah! Se as de algum amigo ali não honras,
 De envelhecidos teixos lá debaixo
 Não vês a sepultura onde esconder-se
 Não de ir aquelles, que, por ti curvados,
 E r' ti suando sobre ingratos sulcos,
 No rio da indigencia a morte esperam?
 Pejo ornar-lhes o sepulchro humilde
 Terás acaso? É certo, que não pódes

Gravar illustres aventuras n'elle:
Desde o incerto crepusculo, em que os chama
Ave madrugadora a seus trabalhos,
Té ao serão em que a familia tenra
Com elles vae sentar-se ao lar, que estala,
Em paz, e em lida egual seus dias correm.
Nem guerras, nem tractados os distinguem:
Nascer, soffrer, morrer, eis sua historia.
Mas o seu coração (ah!) não é surdo
Da memoria ao rumor. E qual dos homens
No momento fatal da ausencia eterna,
Qual se não volve, e tristemente alonga
A vista pelos campos da existencia,
Não tem na idéa de deixar saudades
Algum gosto, e dos olhos de um amigo
Não espera uma lagrima? Epitaphios
Para adoçar-lhe a vida, a morte lhe honrem.
Aquelle, que, maior do que a Fortuna,
Serviu seu Deus, seu rei, familia, patria,
E o pudor imprimiu no rosto á filha,
Merece que de pedra menos bruta
A campa se lhe dê: suas virtudes
Contem-se ali, e as lagrimas da aldêa;
Gravem-lhe sobre a lousa: — « Aqui descansa
O bom filho, o bom pae, e o bom consorte. »
Encanto involuntario ha de mil vezes
Teus olhos attraír ao sacro sitio.
E tu, que estás cantando, antes carpindo,

Debaixo d'estas arvores piedosas,
Tu, primeiro que as deixes, Musa minha,
Suspende em oblação tua grinalda
Na rama veneravel. Muito embora
Outrem célebre em verso a formosura:
Nos gostos engolphada a Musa de outrem
Da cabeça jámais deponha o myrto;
Télas trajando, fulgurantes de ouro,
Só da meiga alegria éntôe os hymnos:
Verso consolador tu dás ás cinzas,
E primeiro que as outras a mão tua
Algumas flores sobre as campas sólta.
Para baixo de sombras prazenteiras
Voltemos, que é já tempo. A architectura
Em selvoso logar inda me espera,
Para adornal-o de edificios bellos,
Já não do luto os monumentos tristes.
Mais eis gostosos sitios, que em mil faces
Entre a verdura seu primor offertam.
O uso, porém, lhe approvo, e tolho o abuso.

Desterra dos jardins montão sem ordem
De edificios diversos, essa pompa
De perdulária moda: os obeliscos,
Rotundas, e kioskos, e pagodes;
Esses cáhos de ingrata architectura,
Romanos, gregos, arabes, chinezes;
Esterilmente profusão fecunda,
Que o mundo inteiro n'um jardim concentra.

Não procures tambem ocioso ornato,
Antes disfarça em util o aprazivel.
De seu senhor thesouro, e seu recreio,
A herdade exige campesino adorno.
Lares, que sobre o campo ergueu o orgulho,
Magnífico solar não a desdenhe;
As riquezas lhe deve, e d'elle ao fausto
Sobresáe tanto a singeleza d'ella,
Quanto de Arnida aos artificios todos
Sorriso ingenuo de acanhada virgem.
A herdade! A este nome hortos, colheitas,
O pastoril reinado, o emprego doce,
Os innocentes bens dos aureos tempos,
Cujas meigas imagens enfeitiçam
A infancia, que é na vida a idade de ouro,
E tanto a infancia minha enfeitiçaram;
Isto, ah! Isto, que idéas, que saudades
Dentro do coração me não desperta!
Vem, já das aves tuas ouço o canto:
Já chiam carros, da abundancia ao pezo,
Que as tulhas te demandam, e a compasso
Cáe o instrumento, que debulha os milhos.
Orna, pois, o teu predio, mas comtanto
Que, pródigo, em palacio o não convertas.
Por seu character simples, e elegante
Entre os jardins, ou quintas é a herdade
O mesmo que entre os versos é o idyllio.
Pelos numes dos campos, ah! desvia

O luxo audaz d'este logar modesto,
Desvia-o sempre; de occultares não tractes
Nem os lagares teus, nem teus celeiros;
Ver quero o trem das ceifas, das vindimas
Ver o crivo, a joeira, onde co'a palha
O grão dourado salta, e recáe puro;
A grade, o trilho, tudo o mais da granja,
Sem pejo aos olhos meus se manifestem;
Mórmente de animaes o mobil quadro
Lhe dê por dentro, e fóra um ar vivente.
Não vemos do solar o adorno esteril,
A graça inanimada, a immovel pompa:
Debaixo d'estes tectos, n'estes muros
Tudo está povoado, e tudo é vivo.
Que aves, diversas pela voz, e instincto,
Que no abrigo da telha, ou colmo habitam,
Republica, nação, familia, reino,
Me entretêm com seus brincos, seus costumes!
Eis á frente de todas gira o gallo,
O gallo, feliz chefe, páe, e amante,
Que, sultão sem molleza, distribue
Pelo serralho aligero a ternura;
Une ao jus do valor o da belleza,
Impéra carinhoso, altivo afaga;
Para mandar, para gosar nascido,
Nascido para a gloria, ama, combate,
Triumphá, e logo seus triumphos canta.
Ha de aprazer-te o ver como elles brincam,

Como contendem; seu amor, seus odios,
E até sua comida. Assim que assoma
Com a teiga nas mãos a dispenseira,
De repente a nação voraz, e leve
Vôa d'aqui, d'ali, de toda a parte
Em turbilhão ruidoso, e quasi a um tempo.
O sôfrego tropel junto á que o ceva
Subito fórma um circulo apinhado;
Ha taes que, sempre expulsos, tornam sempre,
Perseguem o comer, e até na palma,
Affoutos parasitos, vêm furtal-o.
- Este povo domestico protege;
Não soberbos, mas são seus pousos sejam.
Decoradas estancias que lhe prestam?
Marmóreos bebedouros, e aureas grades?
Mais lhe apraz, muito mais, um grão de milho.
Já Lafontaine o disse. Oh Lafontaine!
Oh sabio verdadeiro, eras lucroso
N'este logar! Cantor feliz do instincto,
Melhor te inspiraria aqui o olhal-o!
Fofa o pavão de assoalhar seu iris,
A inchação do perú, mais louco ainda,
Teus pinceis alegrára á nossa custa.
Viras aqui dos pombos teus a imagem;
De dous gallos amantes a discordia
A dizer outra vez te obrigaria:
«Tu derrubaste, Amor, de Troia os muros!»
D'est'arte nos apraz, e attráe a herdade.

Mas em outra prisão que vulgo fere
Por incognitos sons os meus ouvidos?
Extranhos animaes ali se guardam,
Maravilhas dos olhos, ali vivem
N'um suave desterro encarcerados
Brutos da terra, do ar, e um d'outro pasmam.
Extravagantes castas não procures,
Prefere o que é mais bello ao que é mais raro.
Mostra-nos aves n'outros céos creadas,
Que, validas do sol, seus lumes vibram;
Da indiana gallinha o vivo esmalte,
E o ouro do faisão purpureado.
Aves de ostentação melhor se alojem;
Ellas mesmas são luxo, e co'a belleza
Já que a inutilidade ellas compensam,
Brilhe a prisão como os captivos brilham.
Rebeldes animaes, porém, não tenhas,
Cujo orgulho se irrita, e cansa em ferros.
Quem póde ver sem magoa o rei dos ares,
O passaro feroz, que andou folgando
Lá por entre o trovão, por entre o raio,
Quem póde vel-o na gaiola indigna
Esquecer o relampago dos olhos,
Dos vôos a altivez ! Livre de novo,
Na abobada dos céos ao sol se atreva:
Nunca póde agradar ente aviltado.

Mas com seu lustre peregrino em quanto
Parece que estes hospedes diff'rentes

Á minha escolha, á preferencia aspiram,
O olfato me convida a aquelles tectos,
Onde, do patrio chão tambem roubados,
Extranhos vegetaes o vidro anipara.
Tu cérca de ar macio as debeis plantas,
Mas venera estações, vencendo climas:
Não forces a brotar na quadra feia
Bens, que a bons tempos Natureza guarda.
Deixa aos paizes de aturado inverno,
Deixa embora essas flores, esses fructos,
De falsa primavera, e falso estio;
Certo de que ha de o sol madurecel-os,
Sem violentar seus dons, seus dons espera.
Mas folgo em ver no transparente abrigo
Prendas diversas de diversas plagas.
Os ibéros jasmims ali se animam,
Friorenta congorça esquece a patria,
Tenro ananaz pelo calor se engana,
E usurpado thesouro em si te entrega.
Talhe a rasão teus edificios varios,
De flores, e animaes formoso hospicio,
Oh quantos, quantos mais, que o sitio abraçe,
Que approve o gosto, recrear-nos podem!
A sombra d'esses humidos salgueiros,
Humidos com sadia agua corrente,
Seja do banho o solitario asylo.
Além cabana, em que a frescura assiste,
Offerte ao pescador linhas, e redes.

Não vês a mánsidão d'este retiro?
Doce acolheita ali consagro ás Musas.
No seio florecido, e magestoso
Ali sómente um obelisco ordeno:
Aos ares sóbe o monumento augusto,
E lavro sobre a pedra enternecida:
« A nossos destemidos mareantes,
Que pela patria voluntarios morrem.»

Assim teus variados edificios
Nem desertos serão, nem ociosos.
Com seu logar se ageitem massa, e forma,
Cada qual se colloque onde releva.
E não se perca, não destrua a scena
Por sobeja extensão, por muito aperto.

O que empece ao character, e utiliza
Sabe, pois: um recanto quasi occulto
Lá bem n'um descampado, é que nos pinta
Melhor o desamparo, a soledade.

Sempre a cada expressão fiel te mostra;
Um ermo a grande luz não patentêes,
Nem selva carrancuda esconda um templo:
Do monte sobre a espádoa quer ser visto.
Movimento, esplendor, grandeza, e vida
O aereo sitio pelo quadro espalha.
Julgo um aspecto olhar da bella Ausonia,
Esta dos edificios, esta a graça.

Mas de taes monumentos a alegria,
Luço moderno, e fresca mocidade

Valem de antigos restos a velhice?
D'esses aqui, e ali dispersos corpos
O já desordenado, e gran volume,
A fórma pictoresca enlaça a vista.
Por elles sobre a terra está marcada
Dos evos a carreira, e, destruidos
Pelos vulcões, ou tempestade, ou guerra,
Instruem sempre, alguma vez consolam.
Sim, estas massas, que tambem da idade
Cedem ao pezo, como nós cedêmos,
Á derrota geral nos habituam,
E a perdoar á Sorte. Assim Carthago
Sobre os desfeitos muros n'outros tempos
Mário viu infeliz, e estes dous restos
Tão grandes entre si se consolavam.

Aproveita ruinas venerandas.

E tu, que os passos meus tens variado
Pelos selvosos campos, tu, que, longe
Das vulgares estradas, vás dictando
Leis aos jardins, oh Poesia amavel!
Oh irmã da Pintura! A monumentos
De longa idade restitue a vida;
Presenta ao gosto os ricos accidentes,
Que o tempo desenhou co'a mão remissa.

Uma antiga capella ora apparece,
Modesto, e sancto asylo, onde algum dia
Iam em tosco altar, na quadra nova,
As donzellas, e as mães, e os seus filhinhos

A bem das messes implorar o Eterno.
Consagra inda o respeito estas ruinas.

Ora avulta acolá castello annoso,
Em fragosos cabeços, que tyranno
Do territorio e dos vassallos medo,
Co'as ameias aos céos arremettia;
Que em tempos de terror, discordias, sangue,
Viu lançadas mortaes, viu gentilezas
De nossos invenciveis cavalleiros,
Os Bayards, os Henriques; hoje o trigo
Sobre os fragmentos seus lourêa, e treme,
Esta triste, forçosa architectura.
Cingida de verdor fresco, e risonho,
As esplanadas, e angulos, e torres
Rotas, quasi abatidas, onde as aves
Dos amores em paz o fructo aquecem;
Os gados povoando estes guerreiros
Recintos façanhosos, e o menino,
Q'onde os avós já guerreáram, brinca,
Fórma tudo isto singular contraste.
D'elle te apóssa, dando aos olhos quadro
Duro, e brando, campestre, e bellicoso.

Mais ao longe um mosteiro abandonado
Entre arvoredos subito se encontra.
Que silencio ! Amadora dos desertos,
Com gosto ali meditação, te entranhas
Por baixo das abóbadas sagradas,
Por onde austeras virgens, algum dia

Como as turvas alampadas, que velam
Ante a religião, tambem velavam;
E descarnadas, pallidas, ardiam
Por Deus, e emfim, por Deus se consumiam,
Sancta contemplação, paz, innocencia,
Como que ainda este silencio occupam !
Musgosos muros, o zimbório, as torres,
Os arcos d'este claustro escuro, e longo,
D'estes altares o degráo roçado
Do supplice joelho, os vidros negros.—
O sombrio, e profundo sanctuário,
Onde, escondidamentē desgraçadas,
Almas houve, talvez, que de seus laços
Ás inflexiveis aras se carpissem,
E por dôces memorias inda frescas
Algun medroso pranto ao céo furtassem:
Tudo commove ali, tudo ali falla.
Ali cevando a mente em soledade,
Ás vezes cuidarás, ao pôr do dia,
Que de alguma Heloisa a sombra geme;
Que as lagrimas, que a dôr, que os ais lho sentes.
Logra, pois, estes restos de alto preço,
Ternos, augustos, pios, ou profanos.

Mas longe os monumentos, cujo estrago
Do fingimento é filho, e mal imita
Do tempo as impressões inimitaveis:
Esses antigos templos, fabricados
Inda ha pouco, as reliquias de um castello

Que jámais existiu, pontes idosas,
Que hontem nascêram, torreão dos godos,
Que roto, e gasto, não parece antigo:
São artificio inutil, e grosseiro;
Fitando-lhe a attenção, se me figura
Que vejo um moço arremedando um velho,
Despindo as graças da amorosa idade,
Sem que retrate da velhice as rugas;
Mas estrago real dá pasto aos olhos.
Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons, e simplices maiores,
Gósta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a historia
Estudo em vós dos tempos, e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,
Tanto mais n'esses restos fico absorto.

Campos de Italia! Oh campos d'alta Roma!
Onde jáz, por fatal, e horrivel quéda,
Com todo o seu orgulho o nada do homem!
Ahi é que ruinas, afamadas
Por grandes nomes, por memorias grandes,
Dão sublimes lições, aspectos graves,
Thésouros, que as paizagens enriquecem.
Vê como cá, e lá por toda a parte
A rapidez dos seculos tremendos,
Das artes os prodigios destroçando,
Sepulchros arrojou sobre sepulchros,

Um templo derribou sobre outro templo.
Olha as edades blasonando ao longe
Co'a ruina immortal da excelsa Roma.
Os pórticos, e os arcos (onde a pedra
Em caracter fiel conserva ainda
Do povo rei magnanimas proezas),
Pórticos, e arcos tem cansado os tempos.
Ondas nspensas por aqui bramiam,
Por baixo d'estas portas dilatadas
Os despojos do mundo íam passando.
Espartzidos estão, no pó confusos
Por toda a parte, os thermes, os palacios,
Os sepulchros dos Cesares, em quanto
De Virgilio, de Ovidio, Horacio, e de outros
Inda grata illusão nos finge o rasto.
Oh tres, e quatro vezes venturoso
O artista dos jardins! Feliz quem póde
D'estes restos divinos apossar-se!
Já lhe vae surdamente a mão do tempo
Ajudando as tenções; já sobre pompas
Dos senhores do mundo, a Natureza
De recobrar os seus direitos fólga:
Lá onde o domador dos reis, lá onde
Campeava Pompêo com fasto immenso,
Agora dos pastores se ouve a flauta,
Como nos dias do tranquillo Evandro.
Vê rir os campos, que ao cultor volvêram,
E relvar os cabritos sobre os tectos,

E obelisco arrogante além caído!
Olha abraçado co'a columna altiva
O humilde espinho; as arvores, as plantas,
Subir, baixar em mil festões, mil cachos;
Aquella, que Minerva aos homens trouxe,
E a figueira, pelo halito dos ventos
Por entre estes estragos semeadas,
Acabam de abalar co'a raiz branda
As veneraveis obras dos romanos;
A torta vidé, a hera de cem braços,
Em torno das ruinas serpeando,
A modo que desejam, que procuram
Recatar-lhe a velhice, ou guarnece-l-a.

Se não tens estes restos estupendos,
Terás, sequer, os animados bronzes,
Terás os numes das edades mortas,
Em que arte divinal forçava os cultos?

Quiz dos jardins, bem sei, gosto severo
Lançar todos os deuses dos romanos,
Dos gregos; mas porque? Nossas infancias,
Em Athenas, em Roma cultivadas,
Sua doce magia exp'rimentáram.
Estes numes agricolas não eram?
Não pastores? Porque has de, pois, tolher-lhes
Os bosques, os vergeis? Podem teus fructos
Rebentar sem auxilio de Pomona?
Ou te é dado expellir do imperio Flora?
E sempre essas deidades nos encantem:

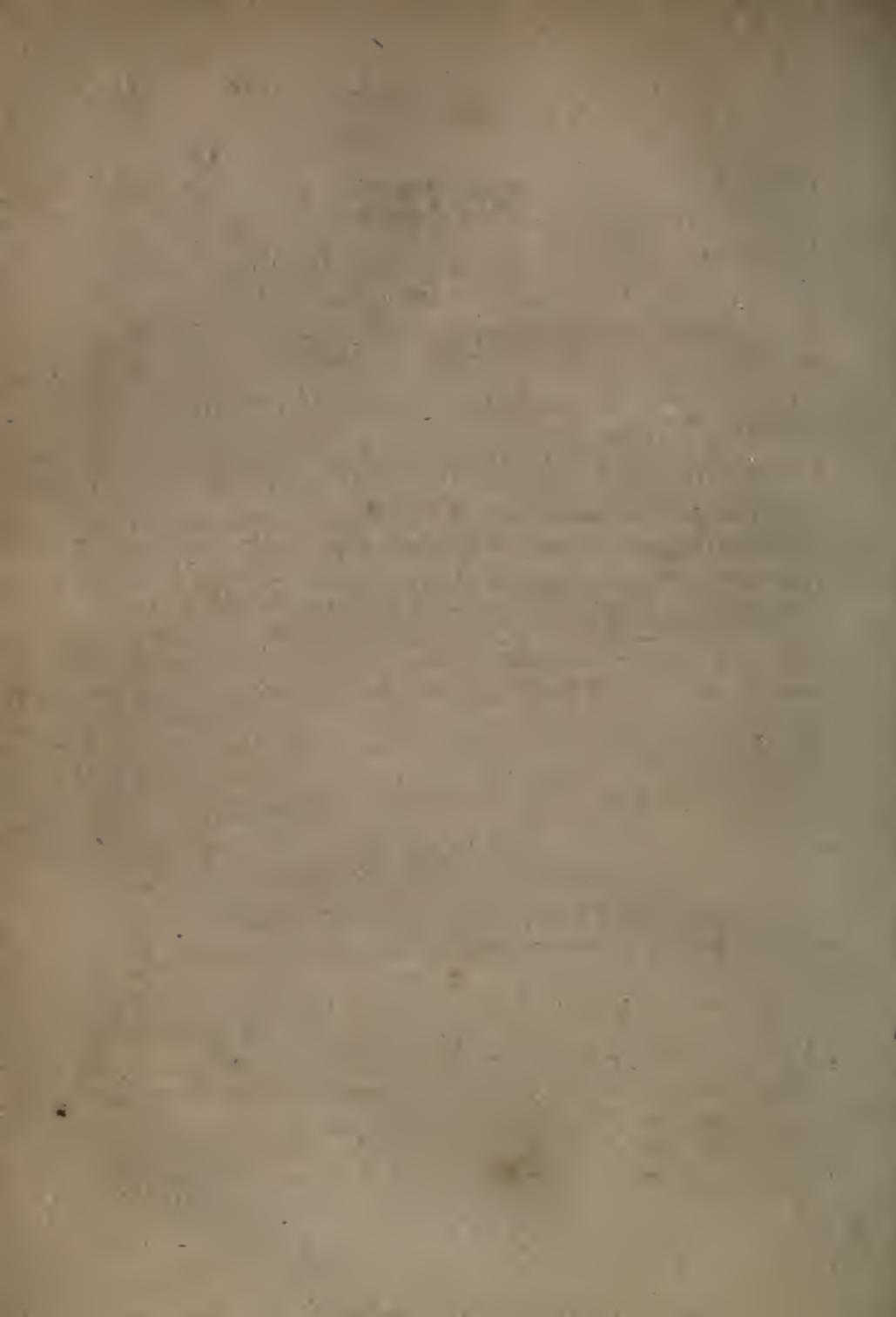
Das artes inda é culto a idolatria;
Mas haja perfeição, primor na escolha.
Não queiras nos jardins improprios deuses,
Elles sem magestade, ellas sem graça.
Elege a cada qual assento idóneo,
Seus direitos nenhum ao outro usurpe.
Deixe nas selvas Pan. Porque motivo
Co'as Dryades estão Tritões, Nereidas?
De que serve este Nilo, em vão c'roado
De canas, e a mostrar do pó manchada
A urna, que é de passaros abrigo?
Fóra os leões, e os tigres: esses monstros
Té nas imagens suas me arripiam;
E os Cesares tambem, mais monstros que elles,
Sentinellas horriferas das portas
De bordadas florestas, que, nojosos
Da suspeita, e do crime, inda parece
Com os olhos as victimas apontam.
Ao risonho logar que jus têm elles?
Mostra-me objectos, que eu venere, eu ame;
Á sua apotheósis sagra um sitio,
Elysios cria em que seus manes folguem.
Longe de olhos profanos, sobre valles
De verdes murtas, de cheirosos louros
Honrem seus vultos marmore de Paros;
Goste um remanso de banhar taes selvas,
E, mesclando co'a sombra os dubios lumes,
Seja Diana affavel o astro d'ellas.

Dos virentes doceis a formosura
Sobre as queridas, candidas estatuas,
D'estes homens egregios o repouso,
A simples, a benigna magestade,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Que para aquellas almas tão serenas
Parece vão rolando o esquecimento
Da crua ingratição, e de outros males;
Bosques, e o dia, entre elles expirando,
Tudo respira a paz dos manes ledos.
Tu não consagres, pois, se não tranquillias
Estremadas virtudes n'esses campos.
Longe, longe os fataes conquistadores,
Verdugos, não heróes: esses logares
Turbariam talvez, como turbaram
Este mundo infeliz: ali colloca
Os amigos dos homens, e dos deuses:
Os de que ainda beneficios vivem
Na fama e tradição; tambem monarchas,
De que o seu povo não chorasse a gloria:
Mostra ahi Fenelon, mostra á saudade,
E com Sully se abraçe Henrique o grande.
Dá, dá-me flores, cubrirei com ellas
Os sabios, que em longinquas, novas praias
Artes consoladoras demandaram,
Artes consoladoras desparsiram.
E tu, primariamente, heróe britanno,
Tu Cook infatigavel, denodado,

Que acceito, e caro aos corações de todos,
Unes co'a magoa teu paiz, e a França;
Que a essas regiões, que aonde o raio
Outr' hora os europeus annunciava,
Util, novo Triptólemo, guiaste
O serviçal cavallo, a ovelha, o touro,
O arado agricultor, e as patrias artes,
Nossas furias, e roubos expiando :
Com doce paz fraterna lá surgias,
Prantos, e beneficios lá deixavas.
Recebe de um francez este tributo. . . .
E á minha gratidão que importa o clima ?
Virtudes immortaes do illustre Nauta
Nosso concidadão já o fizeram;
No grande exemplo o nosso rei se imite,
Digno de ser seu rei. Ah! que aproveita
Ao pasmoso varão ter vezes duas
Visto os mares de gêlo, os céos de fogo,
Ter estes afrontado e rôto aquelles ?
Que as ondas, ventos, povos o acatassem:
Que em toda a vastidão do pego immenso
Fosse immune, e sagrada a quilha sua;
Que só com elle reprimisse a guerra
Seu horrido furor? Do mundo o amigo
(Ai!) Morre ás mãos de barbaros selvagens.
Oh vós, que lamentaes seu fim cruento,
Da potente Albion soberbos filhes,
Imitae-lhe, que é tempo, a ambição nobre.

Porque em vossos eguaes quereis escravos ?
Dae-lhe fraternidade, e não cadêas.
Dos louros triumphaes cingida a fronte,
Dos louros, que o francez colheu de novo,
Té a mesma victoria a paz cubiça.

Desce, prole do céo, Paz suspirada,
Doura este globo, emfim, com teus sorrisos,
Dos sitios, que eu cantei, requinta as graças;
Fórma um povo feliz de tantos póvos;
Aos campos abundancia restitue,
E restitue ás ondas o commercio;
Hajam da tua mão, propicio nume,
Os dous mundos socego, as artes vida.



NOTAS

PRIMEIRO CANTO

(Pag. 14, vers. 6)

Assumpto amavel, que tentou Virgilio, etc.

Vê-se nas *Georgicas*, liv. iv, que a composição dos jardins, de que fallam, é mui singela, e naturalissima, e que se acha n'elles o util com o aprazivel: pomos, flores, hortaliças. Mas estes jardins são os de um ordinario habitante dos campos; jardins, taes como, com um gosto simples, quizera o sabio ornal-os, e cultival-os pela sua mão; taes como folgaria de os aformosear o amavel poeta, que os descreve. Não tractou d'aquelles jardins famosos, que o luxo dos vencedores do mundo — os Crassos, os Lucullos, os Pompêos, os Cesares, carregaram das riquezas da Asia, e dos despojos do universo.

(*Ibid.*, vers. 19)

De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude,
Punha a curto vergel modico enfeito, etc.

É um monumento precioso da antiguidade, e da historia dos jardins, a descripção, que faz Homero do de Alcino. Vê-se, que elle distava pouco do nascimento da arte: que todo o seu luxo estava na symetria e ordem, na riqueza do chão, na fertilidade das arvores, nas duas fontes, de que era ornado; e todos os que quizessem jardim para gosar, e não para mostral-o, escusariam outro.

(Ibid., vers. 21)

Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.

Parte d'estes jardins suspensos ainda durava mil e seiscentos annos depois da sua criação; elles foram o assombro de Alexandre, quando entrou em Babylonia.

(Ibid., vers. 23)

Os latinos heróes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio
Em frescos hortos, que a victoria ornára.

Existe monumento inestimavel do gosto e fórma dos jardins romanos em uma carta de Plinio Junior, e n'ella se lê que já então conheciam a arte de affeição as arvores, de dar-lhes diversas figuras de vasos ou animaes; que a architectura e o luxo dos edificios eram dos primarios ornamentos dos parques; mas que todos tinham um objecto de utilidade, objecto em demasia esquecido nos jardins modernos.

(Pag. 16, vers. 14)

Belœil, a um tempo
Campestre, apparatuso, etc.

Belœil foi uma casa de recreio, ou quinta, do príncipe de Ligne.

(Ibid., vers. 21)

O amavel Tivoli, de fórma extranha
À França descobriu tenue modelo.

O local de Tivoli negava-se aos grandes effeitos pictorescos; mas Boutin teve o merecimento do colher d'elle a utilidade possível, e principalmente de ser o que primeiro experimentou com bom exito o genero irregular.

(Ibid., vers. 23)

Montreuil as Graças desenharam rindo, etc.

Montreuil era um bellissimo jardim da princeza de Guimené, na estrada de Pariz a Versailles.

(Ibid., vers. 24)

Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Rincy, Limours, etc.

Maupertuis. Este jardim, conhecido pelo nome de Elysio, pertenceu ao marquez de Montesquieu. Se bellas aguas, soberbas plantações, aprazivel mixto de colinas e valles fazem um sitio formoso, o Elysio é digno do seu amavel nome.

Le Desert. Este jardim foi desenhado com muita graça por Monville.

Rincy. Este lindo jardim foi do duque de Orleans.

Limours. Este logar, naturalmente inculto, foi mui aformoseado pela condessa de Brionne, e perdeu parte da aspereza, sem perder o character.

(Pag. 17, vers. 2)

..... e parecido
Comtigo Trianon, deusa, que o reges, etc.

O pequeno Trianon, jardim da rainha, é modelo n'este genero. Parece que a riqueza foi n'elle empregada sempre pelo gosto.

(Ibid., vers. 5)

Grato asylo d'um principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa, etc.

É o gracioso jardim — Bagatela — composto com muita arte para o conde de Artois, e que tem a vantagem de se achar no meio de bosque aprasivel, que parece parte d'elle. O pavilhão é de uma elegancia rara. Não se puderam nomear n'este poema outros agradaveis jardins, feitos alguns annos depois.

(Pag. 29, vers. 7)

A arte os prometta, os olhos os esperem :
Dá quem promette, quem espera gosa.

Este ultimo hemistichio vem n'uma epistola de Saint-Lambert; a reminiscencia o introduziu n'este poema.

(Pag., 30 vers. 1)

Entre Kent, e Lenotre eu não decido, etc.

Kent, architecto, e famoso desenhador em Inglaterra, foi o primeiro que tentou felizmente o genero livre, que

principia a lavrar por toda Europa. Os chinezes são sem duvida seus inventores.

(Pag. 32, vers. 19)

Attenta em Milton, etc.

Muitos inglezes querem que esta bella descripção do paraiso terreal, e alguns logares de Spencer, déssem a idéa do jardim irregular; e postoque é provavel, como já se disse, que este genero venha dos chins, o auctor antepoz a auctoridade de Milton como a mais poetica. Além d'isso, julgou que se olharia com gosto a magnificencia toda do maior rei do mundo, todos os milagres das artes em opposição com os feitiços da natureza recente, com a innocencia das primeiras creaturas que a aformoseáram, e com o attractivo dos primeiros amores. Não traduziu, nem tão pouco imitou Milton, que devia, e podia descrever mais longamente o Eden.

SEGUNDO CANTO

(Pag. 48, vers. 7)

..... Sempre verdes,
(Oh Mouceaux) teus jardins são d'isto exemplo.

O jardim de inverno do duque de Chartres é, com effeito, um encantamento. A estufa especialmente é uma das melhores que se conhecem.

(Pag. 53, vers. 15)

Moço Potaveri, tu d'isto és prova, etc.

Este o nome de um habitante de O-taiti, conduzido a França por Bougainville, celebre pelo seu valor, e constancia em varias acções, e gloriosamente conhecido quer por navegante, quer por militar. O passo, que se refere, do mancebo otaitiano, é mui notorio e interessante. Só o que fez o auctor foi alterar o logar da scena, que fingiu no jardim real das plantas. Quizera pôr em seus versos toda a sensibilidade, que respira nas poucas palavras, que o moço proferiu, abraçando a arvore, que havia conhecido, e que lhe recordou a patria — « E O-taiti » — dizia elle, e olhando para as outras arvores, — « Não é O-taiti. » — Assim estas arvores, e a sua patria se identificavam no seu espirito. Julgou o auctor que este lance tão terno, e tão novo, poderia ministrar um bello episodio.

(*Ibid.*, vers. 18)

Onde é sem pejo amor, amor sem crime.

Observou-se em todos os povos, onde a sociedade tem feito curtos progressos, uma certa innocencia nos costumes, muito diversa do resguardo, e do pejo, que sempre acompanham a virtude nas mulheres das nações polidas. Na ilha de O-taiti, na maior parte das outras do mar do sul, em Madagascar, etc. as casadas julgam dever-se exclusivamente a seus maridos, e quebram raras vezes a lealdade conjugal; mas as solteiras não escrupulisam em se entregar até á paixão momentanea, que os homens lhes inspiram. Não se sujeitam nem nas palavras, nem nos modos, nem no vestido ao que olhamos como deveres do sexo feminino. Mas isto é n'ellas simplicidade, não é

corrupção: não desprezam as normas da decencia, ellas as ignoram. N'estes paizes a natureza é grosseira, mas não depravada. Eis o que se intentou exprimir n'aquelle verso.

TERCEIRO CANTO

(Pag. 58, vers. 17)

Sei que em Harlem ha curiosos tristes
Que em seus jardins co'as flores vão fechar-se.

Harlem é cidade de Hollanda, onde se commercia muito em flores, e sabe-se a que extravagancia tem chegado os floristas no amor á raridade, e ás posses exclusivas.

(Pag. 60, vers. 11)

Do cume dos rochedos verdadeiros, etc.

Em geral, não se podem imitar bem os rochedos, nem todos os grandes effeitos da natureza. Ella não consente á arte emprehender estes atrevimentos, salvo quando combate com todos os esforços e cabedaes do engenho, e da opulencia. Assim se formou, segundo os desenhos de Robert, o soberbo rochedo de Versailles, cujo effeito só o póde adivinhar a phantasia, que o vê d'ante mão toucado de vistosas arvores, e ornadô de toda quanta ve-llença e belleza póde só dar-lhe o tempo.

(*Ibid.*, vers. 15)

Aos campos de Mideléton, ás montanhas
De Dovedále te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, contigo subo.

São dous sitios de Inglaterra, famosos pelas fórmas pictorescas da sua cadêa de rochedos, descriptos por Whateli, de que o auctor, assim como Morel, no seu formoso tractado dos jardins, colheram algumas passagens, taes como a cabana e a ponte suspensas sobre despenhadeiros. Mas Delille cuidou em exprimir de um modo seu as sensações que nascem d'estes aspectos medonhos.

QUARTO CANTO

(*Pag. 82, vers. 10*)

Eia, segue o Poussin, etc.

Este famoso quadro é certamente o melhor de todos os de paizagens. Se não soubessemos quanto a imaginação do Poussin se alimentou com as producções dos grandes poetas da antiguidade, este painel bastaria para o provar. Quasi todas as obras voluptuosas de Horacio tem o mesmo character. Por toda a parte no seio dos prazeres e das festas, aponta ao longe a morte. « Dae-vos pressa (diz elle), quem sabe se amanhã viveremos? Nosso fado é morrer; será forçoso deixar esta bella casa, esta mulher encantadora, e de todas as arvores que cultivaes, só o cypreste, ai de mim! seguirá seu senhor, mui pouco duravel. »

Esta mesma philosophia, colhida dos antigos poetas, é a que dictou a Chaulieu aquelles versos cheios de melancholia tão doce:

Musas, que n'este retiro
Começastes meu prazer,
Plantas, que nascer me vistes,
Cedo me vereis morrer.

Estes contrastes de sensações, compostas de alegria, e tristeza, agitando a alma em sentido contrario, fazem sempre uma impressão profunda; e é o que obrigou o auctor a collocar no meio das scenas risonhas dos jardins a vista melancholica dos sepulchros, e urnas consagradas á amisade ou á virtude.

(Pag. 83, vers. 22)

De envelhecidos teixos lá debaixo
Não vês aquelles, etc.

N'estes versos, dedicados ás sepulturas humildes dos camponeses, o auctor imitou alguns versos do «Cemite-rio de Gray.»

(Pag. 94, vers. 24)

Mas longe os monumentos, cujo estrago, etc.

Chabanon, em uma linda epistola, escripta a favor dos jardins regulares, notou antes do auctor dos *Jardins* que os monumentos velhos despertavam memorias, vantagem que não tem ruinas fingidas. Esta idéa se acha em outras obras, e particularmente na de Whateli: demais, ella é tão natural, que era facil achal-a. Talvez o não fosse exprimil-a bem, mórmente depois de Chabanon; mas se o auctor se encontrou com elle, o que todavia cuidou em evitar, confessa e repete, que os seus versos são posteriores aos d'aquelle poeta.

(Pag. 99, vers. 27)

E tu primariamente heróe britanno, etc.

Todos têm noticia das viagens-instructivas e animosas do afamado e desditoso Cook; todos sabem a ordem que Luiz XVI deu para se lhe respeitar o navio em todos os mares, ordem que honra igualmente as sciencias, este illustre viajante, e o rei, de que elle, por assim dizer, se tornou vassallo, com este novo genero de beneficencia, e protecção.

NOTA DO TRADUCTOR

(Canto 1., pag. 27)

Une principalmente a teus *plantios*.

Vem no dictionario de Souza, e a harmonia e necessidade do termo animou-me a adoptal-o, parecendo-me todavia que os camponezes o usam. A palavra *paizagens*, de cuja pureza duvidei, acha-se em bons escriptores nossos, sendo um d'elles Rodrigues Lobo, para mim de tanta decisão como os melhores.

FIM DAS NOTAS.

AS PLANTAS

POEMA

DE

RICARDO DE CASTEL

TRADUZIDO EM VERSO PORTUGUEZ

*Laudo ruris ameni
Rivos, et musco circumlita saxa, nemusque.*

HORAT. Epist. X.

Canto os bosques, os rios, as montanhas,
E as pedras, que humedece, e forra o musgo.

(Do Traductor.)

PROLOGO DO TRADUCTOR

Pascitur in vivis livor: post fata quiescit.

OVID.

Amavel, novo dom te off'reço, oh Lysia,
Attraído por mim do Sena ao Tejo,
Aos campos onde Amor, onde a Virtude
Dando leis desiguaes se conciliam.
As «Plantas» de Castel vaidosas surgem
Em mais propicio chão, mais doce clima,
De mais puros Favonios amimadas.
Patria de heróes, de vates, patria minha,
No caro, brando seio acolhe, ameiga
Risos, perfumes, o verdor, o esmalte
Com que em versos gentis, das Graças mimo,
Florece a Natureza, a mãe de tudo.
Cordeal gratidão te deve as lidas,
O desvelo, o suor, que mim forcejam
Para teu nome honrar, e honrar meu nome.
Existencia moral, dos sabios vida,
Duplicada por ti me esforça o genio,

A mente me refaz, o ardor me atija,
Me fortalece o pé na estrada immensa
Que vae da natureza á eternidade.

Soltas de umbrosas, subterraneas grutas
O meu dia invadindo, aves sinistras
Em vão de agouros, e de peste o mancham:
Em vão corvos da inveja á gloria grasnam.
Elles malignos são, tu, Patria, és justa;
Véda que defraudado o genio seja
De seus haveres — o louvor, a estima —
Haveres, porque enjeita os da Ventura.
Aos versos meus posteridade abonas;
Ouço a voz do Futuro, ouvindo a tua,
Ouço-a; lá me prantêa, e lá me applaude.
Em sendo morte e cinza o que hoje é fogo,
As Musas, meu thesouro, Amor, meu fado,
Do amante, do cantor, de mim saudosos
Hão de com myrto e louro ornar-me a campa,
No humilde monumento hão de carpir-me;
E até da ferrea Ulna algum suspiro
Talvez me afague, me console os manes.

D'arvores, que dispoz co'a maga lyra
De Virgilio o rival, Delille ameno,
Transplantadas por mim, vireis, Amores,
Vireis, filhas do céo, co'as mãos, co'as azas
Expulsar agoureiro, estygio bando,
Maldicto, grasnador, nocturno enxame,
Que, voar não podendo, odêa os vôos.

Limpos serão por vós do vil negrume
Os ares, que o sepulchro me bafejem.

Musas, suaves Musas! Não me assombro,
Vates de ingente gráo não se assombraram
De que a inveja os mordesse, os profanasse:
Ancêa resplendor, grandeza opprime
O espirito arrastado, a mente escura:
Inveja nunca sóbe, e quer que baixem;
Seus nojosos baldões desdanha o sabio;
Emtanto que ella ruje, o sabio canta,
E juiz não peitado o escuta, o c'rôa.

Se em podre lodaçal negrejam Zoilos,
Às margens do Permesso Ismenos brillam,
D'alma phebêa, creadora, accêza,
A verdade em relampagos vibrando:
Ferve no audaz Francelio, e rompe os astros
Sacro delirio, destemida insania:
Jacinto aperfeiçôa os sons do plectro;
Clario co'a propria mão Salicio enloura
Revive em ti, Josino, a lacia Musa:
Menalca, da puericia apenas solto
Já conversa c'os deuses; niveas plumas
Nas costas lhe rebentam, cysne adeja.
Melindrosos pinceis menêa Alcino,
E off'rece em doce quadro Amor, e as Graças.
De tão vario matiz compõe-se o mundo,
Mil vezes o veneno acode á vida.

Eia! Os odios cevae, cevae a infamia,

Furias, que evaporaes tartareas sombras
Contra olympio fulgor, que envolve o genio!
Entre essa escuridão relúz meu nome.

Á Patria os versos meus são apraziveis;
Versos balbuciei co'a voz da infancia;
Vate nasci, fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril macio, e tenro,
Simelha o mimo de virginea face.

Se ás Musas não pertenço, eu, que a Virtude,
Philosophia, Amor, cultivo, adoro;
Eu, servo da moral, das leis amigo,
Nos outros, como em mim, prezando a gloria;
Eu, que cem vezes concebendo o Olympo,
Absorto com Platão n'um mundo extranho,
Ou de olhos divinaes divinizado,
Sinto no coração, na voz, na mente
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E — «Eis o Deus! eis o Deus!...» — exclamo, e vôo
De repente onde mil nem vão de espaço;
Pertencereis ás Musas, vós, sem fama,
Sem alma, sem ternura?... Ah! Longe, longe
De meus candidos sons, que se enxovalham
Peçonhentos dragões, na peste vossa.

Graças, oh Phebo, oh nume! Oh Lysia, oh patria!
Vossos dons, vosso applauso altêam, firmam
Sobre a cerviz da Inveja o meu triumpho.

PREFACÃO DO AUCTOR

Não exaltarei aqui as utilidades do conhecimento e cultura das plantas. Este é o objecto do poema, que público. Se meus versos não forem parte para que mais se ame a Natureza, não devo esperar melhor exito em uma prefacão.

Esta obra foi composta no intervallo do anno primeiro até ao quinto, e muitas vezes me consolou, occupando-me. Quem é que não tem sentido a necessidade de se acolher ao seio da Natureza? Busquei n'elle distracções, que me eram indispensaveis, e como sempre amei as plantas, foram ellas o primeiro objecto, que se me offereceu ao pensamento. Paguei-me logo d'isto, considerando que ainda não tinham sido materia de poema algum; porque o que temos em verso ácerca das estações, e até dos jardins, bem que falla de muitos vegetaes, não póde chamar-se poema ás plantas.

Depois do momento de alegria, que se segue a uma invenção aprazível, as difficuldades me acanharam. Quanto mais attractivo era o assumpto, mais temia entranhar-me n'um labyrintho de arvores, de arbustos, de plantas terrestres e aquaticas. O enjôo, inseparavel do genero puramente descriptivo, furtou em breve aos olhos o feitiço dos episodios, e vi que o leitor pediria a quem o guiasse, o fim de um passeio afanoso. Devia pois, antes de tudo, estabelecer as relações com que releva olhar-se o mais amavel dos tres reinos da Natureza. O homem (disse comigo) é destinado a lavrar a terra, isto é, a cultivar as plantas; mas perdas reiteradas o fazem conhecer que o suor não basta, e que a mesma experiencia pede instrucção. Mórmente na jardinagem, onde mais varia a cultura, é que se próva similhante verdade. Cumpre pois, em um poema como este, unir a theoria á practica, ou por outras palavras, ligar o estudo das plantas com o trabalho, que as tem por objecto. Reflecti egualmente que havia no anno quatro grandes epochas — primavera, estio, outomno e inverno — pelas quaes a Natureza distribue diversas producções; e conclui que devia, imitando-a, dividir em quatro partes os estudos e lidas relativas a taes producções. D'est'arte se me presentaram o plano e divisão da obra.

Depois de haver dado no principio do primeiro

canto idéa do prestimo da botanica, e proposto modelos para a distribuição de um pomar, importava cuidar-se nos trabalhos da primavera. Deduziam-se d'aqui necessariamente o que exigem as plantas ainda tenras; a extirpação das hervas, que as incommodam; a perseguição dos insectos e dos animaes, que as estragam; como tambem os passeios estudiosos e campestres, chamados herborisações, e algumas vistas encantadoras, que nos offerece a Natureza.

Regarem-se, é um soccorro necessario aos hortos, e o principal trabalho entre os ardores do verão. Em nenhuma parte esta quadra assoalha suas riquezas com mais pompa que nas visinhanças do equador. Entre nós muitas plantas forasteiras, e quasi todas as aquaticas, esperam esta epocha para brilhar com todo o seu lustre, vestidas dos caracteres que distinguem generos e especies. Todos os vegetaes, grandemente aquecidos, sobem ao maior gráo nas suas virtudes, e a industria corre a apanhal-os para as precisões e delicias da sociedade.

O que especialmente qualifica o outomno é a madureza dos grãos e dos fructos. Tem tambem suas plantações e seus vegetaes. A hortaliça patentêa então toda a fecundidade; então a terra se cobre de cogumelos, e as plantas mariuhas, arrancadas dos abysmos pelas tormentas do equinocio, enriquecem as praias do oceano. Em breve a alteração

da verdura annuncia o declinar do anno, varias especies de aves desertam de um clima onde o alimento começa a fallecer-lhes; os pomares despem seus derradeiros fructos, e pagam a divida da Natureza ao homem laborioso.

Em campo aberto quasi nos não occupa o inverno; a estufa é que requer a nossa presença, e nos indemnisa da esterilidade das hortas. Não digo que os nossos climas temperados deixem de incluir muitos attractivos, principalmente em comparação com as terras polares, onde apenas vegetam raros e miseraveis espinhaes. A folha dos azevinhos, a verdura das giestas, os pinheiros orgulhosos e outros mil vegetaes, ou verdes, ou ainda em flor, servem para alegrar então a Natureza tristonha; mas uma familia deve primariamente convidar nossos olhos e estudos: fallo dos musgos e lichenes. Debalde outra estação quereria revindical-os: elles são a alegria e quinhão do inverno.

Com estas idéas fiz o plano e quasi a analyse da minha obra. Travei n'ella os episodios, e outros atavios, a que suppuz apta a materia, persuadido de que o poeta deve pretender menos ensinar e profundar uma sciencia, que attraír a ella os olhos e fazel-a amar.

AS PLANTAS

CANTO PRIMEIRO

Campestres divindades, Pan, Sylvanos,
Náyades, Faunos, Dryades, Favonios,
Ou habiteis as rusticas florestas,
Ou de nossos jardins guardeis os bosques,
Seguir-vos quero: tutelares numes,
Iniciae-me nos mysterios vossos.

E tu, que um ocio grato aproveitando,
Dos sabios, dos heróes prazer tens sido,
Tu, que, lustrando a trémula verdura,
Dás formoso atavio a planta, e planta,
Sê minha deusa, oh Flora, e por meus versos
Dispõe boninas das que o mundo encantam.
Do Occaso á Auróra teu imperio corre,
Bordam teus dons as mauritanas margens,
Do pastor de Lapland attráes a vista,
Ornas as penhas de engraçado esmalte,
Té lá no pégo as Dórides te devem
O mimoso tapiz dos vitreos lares;

Da flor no seio o nectar insinuas
De louro insecto, que organisa os favos;
Por ti, quando selecta essencia apromptas,
Luz a ambrosia nos festins de Jove;
Pejas õs cachos de aprazivel succo,
É nutridora espiga um de teus mimos;
Dos prestimos do fructo a planta ignara,
Sem ti déra não mais que esteril sombra:
As aguas formosêas, o ar, e a terra,
Teu sopro divinal perfuma o globo.

Riso da Natureza, iman dos olhos,
Desdobra ante elles a verdura amavel,
E como nos cristaes de um manso arroio
As flores tuas em meus versos pinta.

Quando, na infancia da estação mais bella,
As mornas virações derretem gelos,
Que olhos não folgam no verdor da relva,
Que se remóça, e do botão, que nasce?
Mas se attentarem que as tenrinhas plantas
Alçando-se, trarão comsigo em breve
O alimento, a saude, os gostos nossos,
Quem lhe ha de os fados ignorar sem pena?
Quem não verá que seu estudo facil
É proveito aos mortaes, e adorno á vida?
Mil vezes herva espessa affoga os trigos;
Logo porém no estio, arando a terra,
Sem jamais omittir dispendios, lida,
Na joeira o cultor limpou sementes.

Mas não conhece as plantas, cujo enxame
O terreno invadiu das novas messes,
E, exposto de anno em anno a seus insultos,
Perde tempo, e suor sem destruil-as.

Aos gados outras são veneno, e morte.

A novilha, ao volver da primavera,
Não póde entre os rocios, e entre as hervas
No olfato distinguir fallaz cicuta.

Morre, e a ignorancia em vão crimina a sorte:
Pastor menos inculto ao damno obstára.

És dado a frequentar piscosas margens,
Amas a nassa, o junco, anzoos, e as linhas?
Flora aos prazeres teus o effeito abona.

De quantos vegetaes a força, o cheiro
Possante engodo ao pescador ministram!

Talinbos de herva-doce a rede inclua,
E do nardo fragrante inclua espigas;
Colhe a hortelã, que te recende ao longe,
E hão de c'o pezo arrebenatar-te as malhas:

Flora te diz tambem do peixe a vinda;

Apenas o agrião no prado assoma,

Á porfia, transpondo a equorea estancia,
Aos pulos os salmões entram nos rios.

Ditese quem trilhando a serra, o prado,

Aprendeu, vegetaes, a conhecer-vos!

Sabe que pasto agrada ao boi submisso,

E onde os rojantes peitos enche a cabra;

Os cordeiros brincões qual herva anime,

Qual ao ginete restitua o brio.
Quer que lustre vistoso as lãs enfeite?
Visinhos bosques lhe deparam côres:
Quer a peste abafar de um mal terrível?
Antidotos em flor lá tem nos valles.
Se da raivosa fome horrores lavram,
D'elles a duração não teme aos filhos:
Cuida em remil-os a sciencia logo,
E expulsa precisões, velando á porta:
Dá-lhe luz, patentea-lhe o regresso
Dos naturaes thesouros, não pensado:
Nos bosques tanto fructo, aos ramos preso,
Tanto occulto na terra. Espalha, ensina
Com que arte agrestes plantas substituem
A carencia fatal dos dons de Céres;
E como soube em pães mudar a industria
Dós trevos o botão, do pinho a casca.
Vê pela folha, pela flor conhece
O designio dos sues, o das procellas,
E a monção das sementes, e a das ceifas.
Da sciencia mórmente as leis escuta
Tu, que tornas co'a enxada a terra docil,
E ordenas os jardins; mas não te enganes;
Entre os bosques sómente é que releva
Estudarem-se as leis da Natureza.
Ella atravez dos campos quer que a sigam,
Quer que trepem com ella aos altos cumes,
Que busquem sitios onde crescem, brilham

Vegetaes, que plantou co'a mão prestante. -
Sem interprete ali fallando aos olhos,
Gosta de expôr incognitos portentos.

Plantas, que Tauro cria, e cria Atlante,
Desejas cultivar? Colhe no estudo
Qual o character é do chão, do clima
Em que usam de medrar; que ventos amam,
Debaixo de que estrella emfim descobrem
Do seio os mimos: só então, sustendo
De uma flor peregrina o molle tronco,
Fazes que a patria no teu campo encontre.

Mas antepenho a tudo amigas plantas,
Que a intempérie afrontando ao longo inverno,
Me habitam, por querer, no chão da patria.
Se as voltas explorar vou d'um rochedo,
Acho, ao subir, favôr na verde rama;
Se vastos campos corro, as flores suas
Seguem meus passos, e detém meus olhos.
Seus ramos complacentes, á porfia,
Se curvam para mim do fructo ao pezo:
Vivo dos fructos, e meus males fogem
D'ante as virtudes que possui o tronco.
Vamos nossos jardins ornar co'as plantas,
E ao lavor nos presida o deus do gosto.

Dou's ufanos rivaes a terra partem;
Um, das regras fiscal, nascido em França,
Entre as artes caminha, envolto em pompas.
Ornam-lhe a fronte mil festões, e as quadras,

Filhas da Natureza, o cinto lhe ornam
De ramalhetes mil. Angulos fórma
O til, e assombra além tapiz viçoso,
Leito das nymphas. Indios castanheiros,
Aqui, tecendo abobadas, nos vedam
A presença dos céos. Cada passeio,
Abrindo-se, presenta á nossa vista,
De Marte os filhos, ou da Grecia os numes.
No chão crava Neptuno o azul tridente,
E ginete feroz do chão rebenta;
Enéas, dos leões trajando a pelle,
Os deuses de Ilion, e Anchises leva,
Pela sinistra mão tendo o filhinho,
Que de medo se volve, e o segue a custo.
Por não vistos canaes guiada, oppressa,
A nivel dos palacios a agua sóbe ;
Rios de bronze, derramando as urnas,
Como que nutrem as saltantes ondas.

O outro, cedendo a pompa, e luxo ás artes,
Do genio as digressões mais livre segue.
Em ti se apraz ha muito, ilha famosa,
Que separam de nós soberbos mares,
Mas que duros caprichos obstinados
Inda separam mais, por mal do mundo.

Pastorinha gentil, vagando á toa,
Dos passeios traçou-lhe a curvidade.
Arvores, em festões, em martinetes,
A modo que por si lá se ordenaram,

E, sem medo á tesoura, estendem, lançam,
A seu prazer, as voluntarias sombras.
Lindas cordeiras, de alvejantes vellos,
Retouçam pelo monte, as hervas tózam.
Nos ingentes pinhaes, do norte filhos,
Pan, dos cumes do cerro, as guarda, as véla.
A herdade ostenta aqui campestres graças;
O aceio n'ella mora, e n'ellã ha sempre
A nata, o requeijão, presentes de Io;
O junco ali se entrança, o queijo espreme.
Confusos parreirae além verdejam;
Brómio risonho, em marmore de Paros,
Se apraz em seus doceis, co'a mão no thyrsos.
Ora corre, e murmura occulta a limpha,
Um lustroso canal ora apresenta;
E, alongando cristaes por margens de ouro,
Como que off'rece á nympha solitaria
De puro banho a saluctar frescura.
O misero Acteon das aguas perto,
Por vingadoras pontas assombrado,
Diz a todo o imprudente: « Acata o pejo!»
Taes são d'estes jardins as leis diversas;
Mas tu, como Catão, prefere a isto,
Prefere a geira, cujas simples graças
Dão mais proveito do que exigem custo.
Ao nascer da manhã comece a lida:
Semêa: sem semente nada é bello.

Prepara, pois, a terra, e mão robusta
Ajude-se do pé, lhe encrave o ferro.
Quando ouvires monótono gorgoeio
De ave odiada do hymeneu, que offende,
Se a chuva por tres noutes for perenne,
Diz-se que em dias tres surgem sementes.

Vedado a Bóreas um çanteiro elege,
Que sempre do zenith os sóes aclarem.
Debaixo de torrões, das flores berço,
Fecha vapores de fumantes palhas.
Cedo, a semente ali desenvolvida,
Julga, pelo calor, o invêrno estio,
E sem susto confia aos ineigos lumes
Seu debil tronco, seus botões nascentes ;
Mas n'ella tu vigia. Apenas vires
Que a noute pelo céo vem negrejando,
Abrigo de cristal, e colmo espesso
Dar-lhe convem nos duvidosos mezes.
Raro não é que subitas geadas
Vibrem golpe mortal de noute ás plantas.
Áquilo furioso zune, atroa,
Nos tectos, saltinhando, a pedra soa.
Dos antros boreaes como que escapa,
E a nós de gelos vólve armado o inverno.
Prógne estremece então, voltêa os lares,
Abre vãmente o bico, insectos caça ;
Mas o frio os detém na estancia immoveis.

Desfallecida cáe; Zéphyro accusa,
Que, chamando-a com hálito enganoso,
A vinda lhe apressou, e urdiu seus males.
Sem ti, cultor sagaz, de Flora alumnos
Recemnacidos, caíriam todos,
E dos campos da vida exterminados,
Iriam povoar da morte os campos.

Entretanto do sol fervor disperso,
E o, que a nuvem goteja, humor fecundo,
Nutrindo as flores, de caminho alteam
A herva, que as offusca, e vive d'ellas,
Eis o fado commum. Da inveja os ramos
Co'a negrejante sombra o genio abafam,
E a miudo o prazer, flôr dôce ao homem,
Se murcha no trabalho, á dôr succumbe.
Assim chusma odiosa em teus canteiros,
Mordaz ortiga, ethusa peçonhenta,
Herva, que de Mercurio inda se chama,
O marroio, e mórmente as que, indomaveis,
Ama o sabujo, porém Flora odêa,
Brotam, co'a triste sombra vexam tudo,
E quantas se destroem nos longos dias,
Renovam-se de noute em hora fresca.
Mas d'estes vegetaes o augmento facil
Tambem aproveitar-se ás vezes póde.
Dêem-se a Vulcano. A flamma ainda occulta
O já secco montão corre estalando.
Vê-se aos ares subir um denso fumo;

O lume ondêa emfim, caíndo as hervas,
E entre ás cinzas deixando um sal, que esforça
A languidez da preguiçosa terra.

Nada falta aos jardins, de aceio, ou pompa,
Cada planta cumpriu sua promessa.
Vôa-lhe ao seio a murmurante abelha,
Borboleta louçã faz doces fructos,
Vae, torna á flor, ao ar: vaguêa incerta,
E com seu leve adejo adorna a scena.

Por aqui, por ali flóreos theatros
As béglicas cidades alegravam.
Lá de um, lá d'outro objecto á vista presa,
Da escolha exp'rimentava o grato enleio;
Ia indecisa do carmim ao ouro,
Do azul ao branco, do violeto ao róseo.
Tal, ante as deusas, duvidoso, oh Paris,
Tinhas nas graças enleado o voto:
Quasi entregando o pomo a Juno, a Pallas,
Venus olhavas, e co'a mão fugias:
Mutuamente as rivaes se deslumbavam.
Porém já de inimigos turba infesta
Invadindo os jardins, devóra a um tempo
As hasteas, a raiz, a casca, o cerne.
Seu mal o arbusto saneando, apenas
Cuberto o golpe tem de fibra nova,
Quando, na cicatriz encarniçados,
A têa renascente elles desfazem.

Tal de abutre cruel no curvo bico

Renascem para a dôr de Ticio os membros:
No sangue, qué se exhaure, e se renova,
Ceva-se dia, e noute algoz eterno;
Gira-lhe o peito, o coração lhe rasga,
Que vive sem cessar, sem cessar morre.

Não imagines que meus versos digam
Redes, ciladas, e os engodos varios
Com que destróe o ardil a infensa praga;
As aves melhor que elle hão de escudar-te.
Vê nas florestas voltear, cantando,
O pisco avermelhado, a tutinegra,
Milheiras, verdelhões, e melharucos:
Os damninhos espreitam, e os perseguem;
D'elles afferram, e á contigua planta
Vão seus filhinhos alentar com elles.
Triste á toupeira subterranea, tristes
Outros vis animaes, se torre antiga
Ergue as amêas sobre as terras tuas!
Alados caçadores, negros corvos,
Grasnando, se arremessam do alto asylo,
E d'essa vexação teus campos livram.

Amem-se as aves, pois: os frescos valles,
O móbil, verde trigo, a rir nos sulcos,
Remansos, grutas, prestariam menos
Sem os brincos, e a musica das aves.
São guarda dos jardins. Formoso arbusto
Fica mais bello, se lhe abriga os ninhos.
A mercenaria mão quanto aborreço,

Que ás miserandas mães a próle arranca!
Ah! Deixem-se emplumar nas selvas nossas,
Consinta-se que animem valles, montes.
Porque as prendemos? Na prisão não póde
Dar-se-lhe o bosque onde trinar lhe é dôce;
Nem a planície aérea, ou mouta amiga,
Que seus prazeres, seus amores sabem.

Aves acórdam no modesto abrigo
Das plantas o amator; sáe da cidade,
E vae por entre as matutinas flores
Admirar o jardim da natureza.
Que encanto! Que esplendor! Por toda a parte
Lhe off'rece a terra graciosos quadros.
Ouro da primavera esmalta os cerros;
Narciso inda se inclina, e vê nàs aguas;
Como a virtude no retiro humilde
Tráe as violetas seu gentil perfume.
Nas sombrias florestas entra o sabio;
Das rochas escarpadas sóbe ao pico
Para indagar os vegetaes sadios,
Que á pesquisa vulgar Vertumno esconde;
E acolhe-se, já noute, aos lares doctos,
Co'a rica preza carregado, alegre.

Ás vezes de meninos docil turba
Por meio o segue dos lavrados campos;
Aos montes circumstantes chegam, trepam;
Esquadrinham-se as mattas uma, e uma.
Se algum canto recata ignota planta,

Levam-n'a logo ao sabio: elle a nomêa
Á multidão pasmada, e faz que observe
Figura, e graças, e character d'ella,
Que mez encanta, que logar matiza.
Segui, meninos, tão suave estudo;
Flora seus dons vos cede ás mãos mimosas,
Mas poupae sempre os botõezinhos tenros.
O seu quinhão deixae da selva aos deuses,
Amantes, como vós, de agrestes plantas.
É fama que ao luar se tem já visto
Danças n'um vâlle urdir Faunos, e Nymphas,
E a trança engrinaldar. São estes numes,
Cuja occulta, benigna providencia
Conserva os montes, e repara os bosques;
São elles, que em campestres, ledos jogos
Animam com seus sons penedos, faias,
E os eccos formam, resoar fazendo
De colina em colina as vozes nossas.
Tambem da Natureza eu namorado
Buscava, imberbe ainda, ermos, e sombras.
Raramente Versailles me attraía,
Nos bosques de Senars dias levava,
De Avron as leivas discorria, e foram
Fontainebleau, Compiagne os meus Elysios.
Céos! com que regosijo em teus passeios
Vi, Meudon, a abelhinha portentosa,
Insecto vegetal, de flor alada,
Que parece voar, fugir do tronco!

Venha uma planta igual, cruzando os mares,
Venha de Amboino, ou de Ceilão remotos;
Ha de em todo o logar maravilhar-nos.

A riqueza porém de nossos bosques
Se ignora, e chama em vão quem a avalie,
Invade o caçador a estancia augusta,
E ecco ali só repete os sons da morte,
Ou golpe, e golpe do ávido matteiro.

Vem, feitiço dos valles, branda Elisa,
Que de Amor, e Minerva os dons possues,
Com teu esposo vem. Já no oriente
Alegra, tinge os céos manhã de rosas,
E o sol em breve, de rubis c'roado,
Verás á porta dos palacios de ouro.
Segue o trilho orvalhoso, aqui por onde
Zéphyro eptende co'a folhinha incerta,
E fragrancias lhe rouba, eguaes ás preces
Que essa bocca innocente aos céos envia.
Junto á vereda, que rodea o combro,
Ante a pereira em flôr, vês pobre choça?
O dono, esse bom velho, hontem seguindo
Seu cabritinho, que fugia aos saltos,
Caíu, feriu-se n'um penedo. Ah! Vamos
·Buscar algum remedio a seu tormento.
Vê como nos ajuda o teu filhinho;
Nas melindrosas mãos lá vem trazer-te
Simplices, gratos de Epidauro ao nume;
Solda real, centaurea. Ao velho afflicto

Demos de amiga face o refrigerio.
Ai! Se a dôr, que padece, eu padecêra,
Que dôce, que efficaz me fôra olhar-te!
Delicias como as nossas não conhece
Homem, que da molleza está nos braços.
Em vez de a seus irmãos sarar os males,
Misérrimo entre os miseros é sempre.
Filho da saciedade, o triste enjôo
Seus mais dôces prazeres tolda, empesta.
Flores n'um prado, e n'outro em vão revivem,
Ceres debalde os sulcos enriquece,
Entre seus cortezãos Lyêo campea,
O inverno aos olhos dá severos quadros:
Nunca taes scenas admirou o inutil,
Scenas da Natureza: é como aquelle
A quem barbara mão cegou no berço,
E cuja umbrosa vida é somno eterno.
Crescendo, dobra o lustre a Natureza;
Vigor celeste a mocidade anima.
Tudo fermenta, existe. Olha o carvalho:
Lá formosêa o chão co'as tardas sombras.
Vem á terra sedenta humidos ares,
E a frescura do céo na terra induzem.
Em torrentes o succo inunda os gomos,
Perfuma o valle, aromatisa o bosque,
Recrêa-me os sentidos, e parece
Que as origens da vida em mim renova.

As aves nos seus ninhos cuidam todas;
 Colhem crinas, que despe o marcio bruto,
 Leves guedelhas, que o picante espinho
 Á mansa ovelha na passagem rouba.
 Seus mil requebros exprimir quem póde,
 Transportes, brincos, e negaças brandas?
 Vê o ardente pardal, se o punge Venus,
 Como treme, e esvoaça em torno á femea;
 Parece redobrar o ardor na posse:
 Mil vezes morre em gostos, mil renasce.

De novo myrto Amor já cinge a fronte,
 Do mundo vegetal fez a conquista:
 Exceptua os ciumes, e outros males,
 Verás que as flores, como nós, se inflammam.

Oh tu, que em Paphos, em Cythéra incensam,
 (Que digo! O templo d'elle é toda a terra)
 Gran deus! Co'um volver de olhos tu me alenta;
 Ergue meus versos; vou cantar-te a gloria.

Em azues pavilhões, purpureos, verdes
 A pompa nupcial dispoz Cyprina.
 As plantas, que só Zephyro abalava,
 N'outros meneios seus desejos pintam.
 Abrem, riem-se, inclinam-se, e confundem
 Os fogos, as paixões, que amor lhe inspira.
 Se o dia se marêa, e céo de nuvens
 Damnos lhe agoura, de repente o calix
 O ramo, a folha, unanimes se agitam,

Para esquivar-se da procella instante.
Cerrados pavilhões os golpes frustram,
E a mais suave tempo amor trasladam.

Cada especie tem leis; guarda uma estancia
Às vezes par a par o amante, e a amada:
Em diff'rentes estancias habitando,
Longe um do leito do outro às vezes vive.
Tal sobre os prados o salgueiro off'rece
Sexo diverso nos floridos troncos.
Quando para o Carneiro o Sol tornando,
No coche Amor conduz, e a Primavera,
O macho faz voar por entre os campos
Substancia fecundante á verde socia;
Um lado de permeio embora esteja:
Elles (mercê de Zephyro) se gosam.

O Rhódano entre as ondas escumantes
Por dez luas nos furta aos olhos planta
Que na estação de amor desmanda o tronco,
A flor das aguas sóbe, e luz nos ares.
Os machos, atéli no fundo immoveis,
Rompem seus debeis nós, seus laços curtos;
Com livre, afouto ardor ás femeas nadam,
Gran séquito lhes formam sobre o rio:
Festa se ant'olha, que Hymenêo risonho
Pelas ondas azues guia, assoalha.
Mas tanto que de Venus finda o prazo,
O tronco se retira, encolhe e torna
Semente a amadurar no centro d'agua.

Juncto aos pólos glaciaes, nos fins do mundo,
Onde rapido inverno o estio absorve,
E em vão deseja sasonar-se o fructo,
Derroga Natureza as leis constantes,
Faz do calix saír vivente planta,
Que se une á terra, e, de vigor provída,
Brevemente da mãe a altura eguala.

A noute, amiga do prazer mais dôce,
Presta aos suspiros tutelares sombras:
Lá entre os vegetaes o rei das luzes
Aos mysterios de amor é quem preside.
Mal que ás portas do céo velando as Horas
No carro as guias de ouro ao Sol commettem,
E o primeiro fulgor, que d'elle escapa,
Guarnece no horisonte os agros cumes,
Dos subditos de Flora a maior parte,
Cortejando louções a etherea deusa,
Celebram hymeneus por entre os vivas
Das aves encantadas. Outras flores
As horas querem antes em que a terra
Das humidas manhãs o orvalho exhala;
Mas cada qual de noute o rosto véla,
E em ponto certo se retira, e dorme.

Se algumas flores de estrangeira origem
Evitam entre nós diurnos lumes,
Quaes as bellezas, que na côrte imperam,
Velando as noutes, e dormindo os dias,
É que lá, d'onde ao seio as trouxe Europa,

Nasce a luz quando cá se espalham trevas;
É que, segundo as leis da patria sua,
Se abrem, sem ter diff'rença em mez, e em hora.

Taes, não longe de um lenho aberto de ondas,
Miseros nautas, evadindo a morte,
Reliquias ajuntando em ilha ignota,
Os costumes da patria ali transplantam,
E, mantendo-lhe as leis n'outro hemispherio;
Seu infortunio, seu desterro adoçam.

Porém que nova scena! Um leve insecto
Agil nuncio das flores eis se torna.
Desviados no campo esposo, esposa,
Terreno, que os desune, andar não podem?
A abelha, volteando a elle, a ella,
Do reciproco amor conduz penhores.

O homem tambem lhe presta industria fertil.
Onde arde o clima, e florecente a palma
Mostra inclinada que ao amante acena,
O africano ao palmeiro um thyrsos arranca,
Sacode-o sobre a femea, e vae no outomno
Colher d'esta união não raros fructos.

Mas ao seu quadro amor me prende ha muito,
E inda tres estações pinceis me pedem.

CANTO SEGUNDO

O astro pomposo, cuja luz fecunda
Présta aos dous mundos o calor, e a vida,
Transpoz dos Gêmeos o brilhante signo,
E no cume do céo reluz, triumphá.
Trajando as estações diversas galas,
Sentadas sobre nuvens o rodeam.
Por mão d'ellas verdura entorna, e flores,
De Céres a riqueza, os dons de Baccho,
Rouca tormenta, que liquide os ares,
E que, apurando-os, fertilize a terra.
Eis, volvendo ao Verão benigna face,
«Vem, sóbe ao carro meu (diz) sóbe, oh filho;
Na gloria minha, em meu poder tem parte;
Quero illustrar contigo a Natureza.
Eia, destapa os montes, enriçados
De altas geadas, que meu raio afrontam;

Faze rolar nos hyperbóreos mares
Montão medonho de azulados gelos;
Ondas, do norte ao equador pulsadas,
Das correntes, e fluxo auctor te acclamem.
Aguas povôa, e ar; manda de insectos
Sobre as lagôas adejar negrumes,
Manda enxames zunir d'entre as hervinhas,
Seus tenues habitantes dando ás flores.
Por ti fulvo metal na terra brilhe,
Accenda-se o rubi nos teus luzeiros;
Inda mais uteis dons confere ao homem,
Verdejantes espigas enlourece,
Os trigos doura, que apiedada Ceres
Lhê deu para ajudar-lhe o pezo á vida.
Diz, e dos fados seus o Estio ufano,
Executa de Phebo as leis supremas.
Espraia seu fervor no céo, na terra,
Rio é de fogo, e se insinua, e corre.
Não lhes empece, aos campos aproveita,
Que a Natureza em paz vestiu de plantas,
Onde a relva confusa, o musgo, o feto
Tapam de espessos véos a terrea face,
E o que á fecundidade é prestadió
Só deixam n'ella entrar de estivos lumes.
Nos logares, porém, onde a arte impéra,
De Flora nos jardins, nos teus, Favonio,
Pela calma esgotado, o sulco em breve
Das flores suas vê murchar-se a gloria,

Se vida o regador não restitue
Á prostrada verdura, em claras ondas.

Nymphas, que ás fontes presidis, e aos rios,
Vossos puros cristaes prestar-nos vinde.
Feliz quem nos seus campos vê surdindo
Vitrea nascente de humido penedo !

Ribeiras luzem mais, porém mil vezes
Risco attesta o pomar de o visinharem.

A terra não se apraz de ser banhada
Se, pisando-a, simelha os sons do bronze,
Se o meio-dia accezo a tez lhe torra.

Corre agua, que lhe dás, em vão por ella;
Desespéra inda mais sedes, que a mirram,
Nos arés se evapora, e vae-se em fumo.

Assim de Yemen o incenso, em dias faustos,
Mal toca o lume, que na pyra estala,
Subito ardendo, subito exhalado,
Aos deuses vôa na cheirosa nuvem.

Quando a Titonia moça enfeitam, cobrem
Docel de rosas, de jasmins grinalda.

Inda mais quando, oh Venus, o teu astro
Converte em mansa noute o dia inquieto,
É que a terra, da calma respirando,

O regador chuvoso anhela, e chama.

Depois de estivas, ensuadas horas

N'haste pendente desfallece a planta;

Mas se a frescura lhe penetra o seio,

Logo se animam seus vencidos órgãos,

E reverdece logo, e bella, e branda,
Por entre virações altêa a fronte.

As aguas alegraram planta, e planta;
Todas em largo sorvo as têm gostado.
Em quanto do seu giro o sol no termo
A's sombras inda oppõe de luz um resto,
Tu visita de novo as tribus verdes,
Recolhe cá, e lá seus mil perfumes,
Vê n'um, n'outro logar luzir-lhe a folha,
E a imagem da ventura em toda a parte.
Os botões ámanhã do cravo e rosa
Te deixarão prevêr seus attractivos;
A cereja, o damasco hão de pagar-te
Desvelos, que exercestes em cultivar-los,
E serão teus jardins no estio ardente,
Quaes os logares, do equador visinhos,
Onde sempre escaldada a terra, e fertil,
Delicias nutre ao mundo, e não se estanca.

Lá nos pulidos campos, lá nos bosques
Seus dons ostenta mais soberba Flora.
Monstruoso arvoredado assombra a terra,
E os tempos, os tufões como que insulta.
O Seiba, erguido ali qual torre immensa,
Abarca geiras com co'a vasta rama.
Seus braços, ás florestas sobranceiros.
Outras florestas são, pelo ar suspensas.
Oh quantas gerações se têm sumido,
Que imperios d'ante os olhos têm voado,

Desde que este gigante aos céos levanta
A fronte, que de seculos blasona!

Mil vegetaes, ao sol não menos caros,
São de rara virtude ali munidos.

Deleitoso café, o engenho espertas,
Valem teus succos a Perméssia limpha.

Antidoto celeste ali roxêa

Quando a febre assanhada o pulso inflamma;

Trepadora baunilha ali me alegra,

E a siliqua fragrante une aos arbustos.

Ufano olha Ceilão seus bellos bosques,

Das Molucas a noz festins perfuma.

Certa planta (oh prodigio!) a seus encantos
Liga os melindres do virgineo pejo.

Se com dedo indiscreto ousas tocal-a,

Quer esconder-se a pudibunda folha,

E ás mesmas leis fiel, o mobil ramo

Se inclina para o tronco, e cinge a elle.

Admiro as redes, que, ao mosquito infensas,

Arachne dependura em torno aos tectos;

Mas do insecto ardiloso o tenue fio

Excedem muito da Diónea as artes.

A folha entre lagôas embuscada,

Recata n'um mel puro aguda ponta,

E de mola infiel se arma, se ajuda.

Mal que a menêa famulenta mosca,

A folha encolhe, e o temerario insecto

Eis traspassado, e susurrando, expira.

De uma flor tão cruel se arredê a vista.
Lustra amaryllis; o jasmim branqueja,
Festões se alongam em redor da agathis,
Purpurêa os botões gentil congorça.
De verde tamarindo á fresca sombra
Quanto fólgo de olhar paizagem rica,
Onde em seus ramos o nopal sustenta
Da purpura de Tyro o triste herdeiro;
Onde instaveis cipós das rochas pendem;
Onde a romã brilhante arêas cobre,
Onde... não posso numeral-os todos.
Risonhas flores, delicados fructos,
Porque me recordaes a historia amarga
De extinctos povos cento a ferro, e fogo!
Patrono de crueis conquistadores,
Devêra o Fado abrir-lhe os campos vossos?
Ilha remota se demande, oh Musas,
Vedada pelos céos á crua Europa.
Exponde aos olhos meus ditoso valle,
Tégora dos mortaes não profanado.
Vós me ouvis. Eis magnifico arvoredo
Desparze em torno a mim fragrantas sombras.
De uma fonte commum, quaes vem dous gêmeos,
A prado ameno dous arriões descem.
Suspira sobre o myrto a bengalinha;
Por entre as palmas, que Favonio róça,
Rubros loris, e os verdes papagaios,
Abrigados do sol, nas folhas saltam.

Nuvem de araras magestosa brilha,
Pousa nos ramos, e a floresta occupa.
Já nas palmeiras seu revolto bico
Abre os fructos, que forra hirsuta casca;
Já mimoso ananaz, que sáe das hervas,
Os aéreos convivas junta em roda.
Innumeraveis ninhos entre as flores
Um ar vivificante ali respiram;
A rija tartaruga a passos lentos
Ali junto do mar seu pezo arrasta,
Quando as aves, que anima o deus das ondas,
Os ermos deixãm do Oceano immenso,
E as ruivas praias costeando, aos gritos,
Em tropel, quasi noute, as selvas buscam.

Ao ridente logar não póde a Noute
Do dia o resplendor furtar co'as sombras.
Tanto que desce, numerosas plantas
Se accendem todas, e nas trévas luzem.
De insectos mil, e mil radiante chusma
Nos aureos laranjaes lustrando brinca.
Relampagos lhe espirram d'entre as azas,
E lá scintilla cada folha ao longe.
Cessa o recreio, a escuridade reina:
Eis prazenteiro enxame a luz innóva,
E adeja, e vôa, e folga no ar, que doura.

Mas sombras taes, que a Natureza inflamma,
Montanhas do Perú, planicies d'Asia,
Mal podem, França, equivaler-te ao clima.

Vences o Egypto, onde tres vezes no anno
Se c'roa a terra de opulentas messes;
De Mavorte a cidade, aos reis terrivel,
Nos tempos de ouro te invejára o lustre.
Pastora, junto ao Sena reclinada,
Jámais temeu do crocodilo assaltos;
Incauto caçador nunca em teus bosques
Pallido recuou, da serpe á vista,
Que, d'entre o matto, qual palmeira enorme,
Abre, surgindo, as matadoras fauces.
Gados soberbos em teus valles bramam,
Orna-te os cerros pâmpano afamado;
Corre teu puro azeite em rios de ouro;
Ceres te abasta os próvidos celeiros.
Junge Marte a seu carro os teus ginetes,
E Nerêo de teu raio ao longe treme.
Que monumentos de grandeza extranha!
Olha: é Bossuet, que assoma, e que troveja,
É Descartes, que ao mundo illustra o cáhos;
É Corneille, Pascal, Boileau, Racine;
Este das leis oraculos decifra,
Outro da Natureza expõe milagres;
E tu, tambem, que os titulos sagrados
Restituiste ao mundo em letras de ouro.
Eis, eis Martel, que na remota edade
A furia rebateu do mouro infesto!
Carlos, que, de reis cento amparo, ou jugo,
Viu a terra, a tremer, calar-se ante elle;

Os Bayards, os Guesclins, da guerra numes,
E cá mais perto Catinat, Turenna.

Oh páe da Natureza! Oh grande! Oh justo!

Este imperio protege, onde ordem nova

Com teu favor divino, á sombra tua,

O templo social refórça, estêa.

Manda que a paz celeste, e que as virtudes

Em luminoso grupo aqui descendam,

E a amizade, esse bem, por ti creado,

Para se consolar, e ornar-se o mundo.

Dos magistrados esclarece a mente,

A' ventura geral seus passos guia;

De novos Linos as vigalias honra,

Maravilhas de um Deus confia ao sabio;

Amavel pejo na donzella influe,

No rosto a graça, e candidez lhe apura;

Fórme, unida ao consorte a casta esposa,

De seus filhinhos seu primeiro enfeite;

Eterniza das leis o amor sagrado,

D'ellas escudo, consistencia d'ellas,

E o sol, reflexo teu, jámais aviste

Grandeza, que deslumbre a patria minha.

Entremos outra vez nos altos bosques;

Debaixo de ar accezo o chão se grêta.

Sós as florestas nos off'recem risos,

Sós nos off'recem a frescura, e graças.

Ao pé da estancadeira, ao pé da esteva

O abrótnano levanta azues espigas,

Eis junto ao pinho a teuceria resinosa;
O trovisco a familia aqui desparze,
Ali brilha o botão do cravo agreste;
Rubro medronho as hervas embalsama.
É de fausta cidade a selva emblema,
Cada especie concorre ao bem de todas.
O forte ajuda o fraco; este atavia
Em anno, e anno o bemfeitor co'as flores;
Como guarda fiel, o agudo espinho
Pósta-se aqui, e ali, rechaca os gados
Com seus mordazes bicos; e apadrinha
As arvores nascentes. Mil renovos,
Moço, e fertil enxame, além presentam
Dos tenros fructos a colheita facil.
Girem mais alguns sóes; verás aos bosques
Ir de uma, e d'outra aldêa a destro povo,
O pastor despegar do leve ramo
A noz, que esmaga, e que á pastora off'rece.
Alçam em tanto ao céo carvalhos, olmos,
O bordo, o freixo, as arrogantes cópas;
Dos raios o furor provaram muitos,
Os outros, alargando annosas sombras,
Glorioso reinado illesos findam,
E attestam protecção de amigos deuses.
Longe dos seus rivaes, lá sobre os troncos
O corvo, em solidão, vae aninhar-se.
Mas numerar quem póde os varios entes,
Que erram nas folhas, e que o lenho inclue?

Desde o hypo, que lhe jaz aos pés lançado,
Té ao ramo entre as nuvens escondido,
Vivem átomos mil em cada fenda;
Um povo em cada nó se cria, e ferve.
Nasceram co'a manhã, terão á noute
Da ephemérica vida extincto o prazo.
As mesmas sélvas para nós derramam
O fluido vital, alma do mundo;
Prestantes, vigorosas fibras suas
O mais profundo chão tambem penetram;
Sórvem a agua invisivel, e em vapores
Sãos, fecundantes, do escondrijo a elevam;
Dão vitreo cabedal do monte ás nymphas,
Que refrigere, que humedeça os campos.

Mostrae-me, oh rios, descubri-me, oh lagos,
Vossos bellos thesouros verdejantes.
Quem vos tocára as humidas madeixas,
Do timido germano usado abrigo!
Quem vira as plantas, que alentaes no seio!
Quem o jardim das escamosas turbas!
Paremos juncto á florida collina,
Donde o Marna se vê regando os prados.
Lá salgueiros sem conto ao rio inclinam,
Ou endereçam para o pólo a rama.
Insecto singular nas folhas mora,
E exhalá sobre a margem róseo cheiro.
Os golphões sobre as ondas aplanadas
Formam d'aquem, d'além, tapiz soberbo;

O purpureo litronio, o morto cardo,
Dão lindo enfeite á solitária margem;
No proximo espinheiro as campainhas
Entrelaçando a flor, que a neve abate,
Cubrindo de festões seus intervallos,
Das graças vegetaes o nó parecem.

Ás vezes me extravio, e desde a aurora,
Distante do lugar, vagueio incerto.
Eis entre serras me apparece um lago,
De que este, e aquelle extremo as névoas toldam.
Mas tanto que as penetra o sol fervente,
Dos cumes atravez as vejo alçar-se;
A agua logo reluz, e a sombra ao longo
Das vastas selvas, qual espectro, foge.
Em todo o seu primor ólho o thesouro,
Que ao sitio deram circumstantes numes.
Rochas amontoadas juncto ás ondas
Mostram-me arbustos entre as longas fendas;
Por baixo está brilhando o verde musgo,
E a seda eguala, tão suave ao tacto.
No lago o crespo abrolho, entre aguas duas,
Estende a fluctuante, a hirta casca.
Se de Eolo algum filho, ali cruzando,
De erguer as ondas fólga, rolam fructos,
Pelas vagas, e o vento arrebatados,
E vem perto de mim cair na margem.

Atys assim das arvores á sombra
Ia estudar-te as leis, oh Natureza.

Tempo viçoso, que se perde, e chora,
Lucrava, ornando no retiro a mente.
Só vinte primaveras tinha o moço,
E do contorno as plantas já sabia.
Nem cerro esconso, nem trementes lagos
À sofrega pesquisa lh'as vedaram;
Attento as indagava; em seus costumes,
Seguindo-lhe os progressos, se instrua,
E quando a viração lhes abre o seio,
Ia colhel-as no virente asylo;
Em dobrado papel a flor lançava,
Mantendo-lhe d'est'arte a côr, e a forma.
Eis seu prazer. Lucila, os seus amores,
D'este mesmo prazer participava.
Das filhas do alto Olympto as graças tinha,
Tinha a bondade, mais celeste ainda.
Lá nos valles de Emilio os dous moravam;
Sabia-se este amor: sua alma ingenua
Occultar não podia ardor tão puro,
E a tão puras delicias não bastava.
Danças, e jogos annuaes na aldêa
De Lucila o natal annunciavam:
Realçando o festejo, emfim se ajusta
Ir celebral-o no interior de um bosque.
É, para dispôr tudo, eleito o amante:
Parte, e com que fervor! Quem ama o julgue.
Oh! Que projectos a paixão lhe inspira!
Oh quanto diminue, augmenta, e muda!

Deviam-se ajuntar n'um fresco sitio,
Onde entre sombra, e luz fallece o dia.
Onde Zephyro assiste, as plantas folgam,
Brilha o sol no zenith, ou no horisonte.
As arvores emtorno se arredondam,
Une-as prisão de amor, prisão de flores.
Fórma thronos de relva a mão do amante;
Aqui da linda moça imprime o nome;
Versos do coração, mimosos versos,
No tronco de uma faia, além commovem.
A obra se ultimou conforme ao gosto:
Atys gosa o porvir, já vê na mente
Pela estancia de Flora entrar Lucila;
Vê pudico rubor tingir-lhe a face
Ante o campestre, não previsto adorno,
Onde as artes de amor Amor conhece.
Emtanto do hemispherio o sol fugira;
Enluta-se a floresta, o som do raio,
Que urraya ha muito nas remotas serras,
Em pezadas carrancas se aproxima.
«Adeus, ditoso bosque, asylo amado;
Em teu seio amanhã terás Lucila.
Amor, por lhe aprazer, de ti desvie
Os bravos furacões devastadores;
E nada triste aqui lhe afflija os olhos.»
Assim fallava o misero, eis que o raio,
Da nuvem rebentando, o colhe, o mata.
Renasce o dia destinado a prantos,

Sem que assalte os ouvidos nova infausta.
Risonhas aldeãs cem teigas enchem
De brandos lacticínios saborosos,
E da purpurea ginja, e dons de Céres.
Solta madeixa lhe engrinaldam rosas,
E em triumpho Lucila ao templo guiam
De verdura, e de amor. . . Mal sabe a triste
A que horrendo espectaculo a conduzem!
Chegam, cantando, ao bosque. Entra Lucila;
Entra, e vê no pavor de áridas sombras
Inanimado, em pé, sem côr o amante,
Sustendó-se n'um tronco, extincto quasi.
«É elle! É elle! Oh céos!» exclama, e vâa
Com face côr da morte ao malfadado;
Acodem-lhe, e, carpindo, as companheiras
Desejam mitigar-lhe as ancias mudas;
Seu rosto sem vigor ao seio encostam,
E a levam fria, e semimorta aos lares.

Oito luas entregue a viram sempre
Á desesperação, sempre á saudade.
Cerrado ao mais, té surdo á natureza,
Seu coração mantinha o golpe occulto.
Plantas, que tanto amou, não resistiram
Ao duro inverno: pereceram todas.
Como as flores tambem murchando a triste,
No sepulchro immatura ía abysnar-se.
Eis menino gentil, que nos suspiros
Explica o mal da mãe prostrada, enferma,

Hervas implora, cujo amargo a livre

Da pertinaz doença raladora.

Lucila recordou que aos infelices

Atys o coração jámais fechára,

E, o pezo das angustias arrastando,

Aos campos, mesmo assim, dirige o passo.

Era o tempo em que o sol das ondas surge;

E com puniceo raio as serras córa.

Acordando co'a luz, se erguia a planta,

De orvalhos, de boninas esmaltada;

Aroma salutar vagava os ares;

Saíam d'entre o bosque as avesinhas;

Quaes pedem pelo campo á Natureza

Dos implumes penhores o alimento,

Quaes vão de ramo em ramo, e lá gorgeiam

Os versos naturaes, que Amor lhe ensina.

Lucila os olha, os ouve, e chora, e geme.

Volve em si, colhe a sallya, e colhe a arruda,

Vae preparal-as, e em tres dias nota

Que o mal, sem força já, desaparece.

Folgou, como Atys, de girar nos campos,

E, adorando-lhe as cinzas, foi, como elle,

Esperança, e guarida aos desditosos.

Vinde aos campos, oh vós, que as magoas finam,

E os filhos de Chiron aos campos venham.

Piedosa a mão de um Deus a nossos males,

Contém nos vegetaes o seu remedio.

Tres elementos os compõem mórmente:

O p e do acido   um, p e d'agua   outro,
E emfim negro carvão. Com taes principios
Roupas de flores o universo envolvem.
Segundo os climas variando especies,
Nos m edem precisões pelos haveres.

Quando a tosse importuna em crebro esforço
Ao velh o anciado a machina fatiga,
Molle violeta, em placido xarope,
Humedece, allivia o peito ardente;
A raiz de açucena extingue o fogo
De acceza chaga. Machaon em Phrygia
Nos feridos heróes dictamo espreme:
Já para o sangue, e obediente aos dedos
O ferro larga a preza, e c e do golpe.

Por extremo a papoula aos grandes presta.
Do sabio frequentando a estancia humilde,
O somno foge aos nitidos palacios,
Onde a  ngustia se volve em seda, em ouro.
Que não p de a riqueza! Eis planta nova
Usurpa os sulcos, para o rico estilla
Um leite soporifero, que os mimos
D  sereno Morpheu mil vezes suppre.
Onde Athenas luziu, e onde era Esparta,
Nos terrenos pheb os Argos, Mycenas,
Rosa fragrante a candidez ostenta,
E entre as grandes ruinas l  se eleva.
Seu oleo, que as rainhas pr zam tanto,
Seu oleo, resguardado em frascos de ouro,

Vence o nectar, que outr' hora aquelles campos
Dos numes aos festins subministraram.

Mil vezes doce antidoto nos bosques
Aos venenos de amor se tem buscado.
De hervas amigas se julgou que o sumo
A ternos corações a paz trazia,
Os odios, os desdens amaciava,
E do errante amator continha os vôos.
Esperança fallaz! Chiméra insana!
Circe, a filha do Sol, que transtornava
As leis da Natureza a seu capricho,
De attonitos mortaes trocando a fórma;
E aquella, que a Jason, depois ingrato,
O drago adormentou, feroz, e horrendo,
Co'a a magica potencia (ah!) não poderam
Deter n'um coração fugaz ternura.

Bens não busquemos, que não ha nas plantas.
Aquelles bastem, que ante os pés nos brotam.
Numeral-os quem póde? O musgo humildé
Dá calor aos Lapões, e aos Rennas pasto;
Abriga os ovos, que a avesinha aquece,
D'elle o esquilo veloz compõe seu berço,
Ao musgo côres mil se devem novas,
E até faiscas de innocente fogo.
Na mádida espessura, annunciando
Subterraneos crystaes, não mente o musgo.
Lá no monte, no outeiro as debeis hervas
Reparam-lhe as ruinas, lá suspendem

Pulverulentas nuvens, e as arêas,
E os mil fragmentos, que assanhado Bóreas
Alça, varrendo os resequidos campos,
E em remoinho arroja em torno ás serras.
No concavo das rochas, e em seus flancos,
Dos ventos a pezar, sustêm-se restos,
Que innumeraveis germes apascentam.
Corre gentil verdor por toda a parte,
E a floresta, os vapores attraíndo,
Faz dos cabeços borbulhar correntes.

Dos vegetaes a graça, o gosto d'elles
Servido sempre tem de molde ás artes;
Viu-se, imitando-os, o pincel mimoso
As côres variar n'um mesmo quadro.
Do vosso, oh campos, atilado esmalte
As roupas divinaes bordou Minerva.
Dextra sabida no macio adorno
Ergue o jasmim, desabotoa a rosa.
Entalha-os o cinzel té sobre as c'roas,
E columnas o acantho aformosêa.

Nas flores, ah! que amavel monumento
Tem achado altos dons, altas virtudes!
Que erguidos nomes sorveria o Lethes,
Se as plantas seu louvor não consagrassem?
Absorvem-se os thesouros, vão-se as forças;
O que o homem construe abate a Sorte,
Té na frente dos reis imprime ultrajes,
Os palacios derruba, e postra os bronzes;

Mais estavel que o marmore, e que o ferro,
Nutre seu nome a planta, e doma os Fados;
É vivente inscripção, que se renova
Em cada primavera, em cada inverno.

Mas de sempre viver qual foi tégora
Mais digno do que o teu, Linné, qual nome?
Vieste, e veiu a ordem. Luz brilhante
Dourou rapidamente a Natureza;
Dos varios mineraes o leito escuro,
Dos ares o agil filho, o filho d'agua,
A linhagem de Abril: tudo notaste,
E, tudo conhecendo, ensinas tudo.

CANTO TERCEIRO

Quando medindo pela noute o dia,
Nos céos a Libra assoma, o fresco Outomno
Tóma, de uvas, e pampanos c'roado,
O sceptro dos vergeis da mão do Estio:
Brincões prazeres, abundancia, risos
Pregoam a estação formosa, e leda.
Povo, a que alegre o Marna os campos banha,
E vós da Costa-de-ouro habitadores,
Os toneis apertae ao som do malho;
Em seu convexo bojo os arcos se unam.
Vossos thesouros nas adegas surgem,
E a rubente vindima escuma, ferve.
Eu, que á sombra dos bosques vou no rasto
Do bom Vertumno, e campesinos deuses,
Em não remota paz esperançado,
Para cantal-os encordôo a lyra.

Junto ás que o prado enfeitam, flores novas,
Sementes madurar-se eu vi risonho.
Umás vôm sem risco, e lá debaixo
Ficam das hervas, e a seu tempo brotam:
Arbustos sem cultura assim renascem,
E Cybele amplifica o verde ornato:
Outras, se em dirigil-as não cuidamos,
Cáem, morrem. Taes os grãos, que esquece o rico,
Se o pobre os não colhesse, em poucos dias
Corruptos jazeriam sobre a terra.
Maternamente Natureza rege
As varias plantas, que espontanea cria.
É do homem ao suor propicia menos.
Se descançar o arado, em breve os trigos
Deixarão de reinar nos uteis sulcos.
O ponteagudo cardo ali revive,
Recupera a bardana o senhorio,
E os engos das planicies tomam posse.
Caminhe-se inda mais á Natureza:
Erga-se o véo, que seus mysterios cóbre.
Vejamos, pois, com que saber, com que arte
A semente nas flores afeiçôa.
Alta mão, que extraiu de somno antigo
Germes, na antiga noute semimortos,
E que a fórmula lhes deu, e a leis constantes
Tudo emfim sotopoz, o Deus, quiz logo
A terra povoar, nascida apenas.
Disse, e o fulvo leão rugiu nos ermos,

E ao sol, ao raio as aguias se afoutaram;
O homem alçou depois a face augusta;
Mas inda os valles nus, e nus os montes,
Não presentavam mais que um lodo esteril.
Á voz omnipotente, adorno immenso
Envolve a superficie á Natureza;
Deus manda á terra que ministre sempre
A seus habitadores fructos varios,
E que, em reproduzir-se a planta exacta,
Feche em seus mimos as sementes suas.
Assim lyrio fastoso, e relva humilde
Orgãos pasmosos co'a existencia houveram.
Lá no centro da flor subtis columnas
Vibram da summidade um pó fecundo;
Taes átomos no ovario se desparzem,
Por occultos canaes ao fundo chegam,
Levam de cavidade em cavidade
Á semente o calor, o alento, a vida.
Murcha-se desde então, morre a corolla,
E é dado aos olhos vêr semente, ou fructo.

Estas c'roadas plantas todavia
Nos mesmos sitios existir não podem:
Uma deve habitar sedentos cumes,
Outra de um lago as ensopadas margens.
Nos varios sitios a semente é vária;
Aquella, que no monte os sóes maduram,
Rival das aves, como as aves gósta
Não pouco de adejar n'um cerro, e n'outro:

Moveis pennachos têm para elevar-se,
Plumoso martinete, ou azas leves.

Tal, prehe de ar subtil, globo engenhoso
Com graça balancêa, e sóbe ao pólo.
Exercitos domína em vôo altivo,
Gira por cima de assustadas torres,
Desmancha os planos de inimigo arteiro,
Segue os seus movimentos, vê seus passos;
Guia o valor francez, e a dubia palma
Nos campos de Fleurus por elle arreiga.

Flores, que em margens prende a Natureza,
Tem bateis que a semente lhe transportem.
Véo longo ás virações uma presenta,
E dos lagos discorre o mudo espaço;
Do remo outra se ajuda, e voga, e segue
Do rio os torcicólos, no Oceano
Estas fluctuam vegetaes esquadras,
Vingam, sem guia, immensos intervallos,
Enriquecem, passando, estercis praias,
Vão ter ao fim do mundo, e tomam terra.
O mar não temas que as penetre, e vibre
Golpe mortal aos clausurados germes;
Cozeu arte divina as taboas todas
Dos virentes baixeis, e a Natureza
Cem vezes, por tolher o ingresso ás aguas,
De cera pegajosa ungil-os soube.
Assim da cerieira os fructos nadam,
Dos dons d'abelha supplemento amavel;

E assim mil vegetaes, que vê nas ondas
Correr o bemfadado americano.

Sabios filhos de Penn, em paz dourada
Favores alongae de pingue terra,
Nas verdes margens das correntes vossas;
Nos montes, que os limites vos abraçam,
Fructos colhei, que sem ser vistos cáem,
E que roga, talvez, nossa exigencia.
Já vossos esteliferos asteres
Orlam nossos jardins; dos cedros vossos
Á sombra vossas leis cá meditamos,
E de lá tantas arvores trazemos,
Que, abrigado o francez da copa extranha,
Quasi não sabe que hemispherio habita.

Mas por entre estes hospedes viçosos
Anno vindouro meus trabalhos toquem.
Os bulbos, que na estufa repousavam,
Tornar ás hortas, expertando, anhelam.
D'esta vontade interprete aos teus olhos,
As folhas alongando, eis enverdecem.
Não se espere a invernoada. Assim que os tordos
Attentas nymphas na floresta encantem,
Toma luzente ferro, e desde a aurora
Prepara ás flores subterraneo berço;
Lá docéis ao cordel, dispõe por classes
Curvo narciso, e tulipa orgulhosa,
E o junquillo fragrante, e flor suave,
Que do moço Hyacintho a morte affirma.

D'ellas outr' hora o bátavo attraído,
De theatro em theatro ía admiral-as;
Dando por simples flor punhados de ouro,
D'aquella fragil posse alardeava.

Taes, não longe do Euxino, e contra o Phases,
O Cáucaso, em tropel, eunnucos cercam;
Regatêam com ouro a formosura,
Bem, que perde o valor quando é comprado.
Mimosa escrava, destinada aos gostos
Do sultão, que não viu (ai!) suspirando,
Suspirando vãmente, a patria deixa,
Que a ver não tornará, por mais que chore.

Do mérito modesto emblema grato,
A hortaliça tambem carêa os olhos.
Dos bens, que ella redobra, e que varia,
O contente caseiro ao pezo verga.
Cuidando a terra em premiar-lhe as lidas,
Lhe entrega fructos mil por mil sementes;
E a arvore ás vezes em seus dons gostosos
Da sua primavera eguala as flores.
De um vão melindre ha pouco o vate escravo,
Nas hortas, nos pomares tropeçava;
Só vinha no estudado circumloquio:
O trepador feijão, pegado ao ramo,
A dourada cenoura, a ruiva selga,
Gostos peitando, ouvidos offendiam.
Tal delirio voôu, e a crespa couve,
Alarde de Milão, redonda e bella,

Já ousa apparecer, sem desluzil-os,
Nos sons cadentes da campestre Musa.

Succo havendo melhor por arte minha,
Talvez mais bello te alvejára o aipo,
Mais bello fôra o cerefolho, a azeda,
A salsa, verdejante ao pé das aguas;
E, lá nos sóes de inverno, a tenra alface,
De um muro ao longo os ares insultando,
Iria na florente primavera
Seu tributo pagar, e ornar-te a meza;
Mas não tento em meus versos dizer tudo;
É de sobejo que entre dons tão vários
D'aprazivel pintura encontre objecto.
Discorro aqui, e ali, sou como a abelha.
Ora entre cravos, e jasmims, e rosas
A pompa dos jardins cantar me agrada;
Ora nativas graças preferindo,
Fólgo em veredas de copados bosques.

Retiros demandemos, que a arte ignora,
Guiados por Bulliard, ali se busquem
Aquelles vegetaes sem flor, sem rama,
Estirpe do rocio, ou da procella,
Fugazes rebentões, que n'um só dia
Não raras vezes nascem, crescem, morrem.
Com que insignes feições os assignal-a
A mão da Natureza entre a verdura!
Que mingoa é n'elles carecer de flores,
Se das flores tem côr, perfume, e graça?

Dos cerros no pendor sente-se a rosa.
Désces ás margens de sereno arroio?
Tens na cortiça de humido salgueiro
O lustre do marfim, do anís o cheiro.
Cubertos de herva os cogumelos brotam,
E ergue o agarico pavilhões ufanos.
Querido de Lyêo, e odioso a Ceres,
Nos alqueives tambem florece o feto.
D'elle, abaixo da folha, eu te apontára
Presas semente em amorosas préguas;
Porém tremendo estrondo atrôa os ares,
E as ondas tumultúa o Sul revolto.
Ronca o pélago ao longe, as crespas vagas
Nas escumosas praias esbravejam.
Vamos: agora o turgido Occano
Cóspe os haveres seus ás margens vastas.
Quem pelo equoreo bojo entrar podéra,
Seus profundos milagres quem tocára,
Se das vedadas, invisiveis grutas
A mão do remoinho os não roubasse?
Vê compridos listões sobre as arêas,
Vê relva, que as Nereidas já trilharam,
Vê porção d'esses bosques, onde o peixe
De monstro devorante illude a fome.
És mãe de cada especie, oh Natureza,
Nenhuma se anniquilla: o fraco evita,
Escudado de ardís, com mil rodeios,
Encontro desigual, exito infausto.

D'estas plantas maritimas gran parte
Subsiste sem raiz, sem luz vegeta;
Outras, do fundo erguendo-se, fluctuam
Dos ventos a sabor na tona d'agua:
Tres pinhos, cuja fronte as nuvens fende,
A incognita grandeza não lhe egualam.

O mar deixêmos. No oriente se abre
Espectaculo novo. Oh Phantasia,
Fada ligeira, audaz! Desmanda os vôos,
Este hemispherio corre. Encara, observa
Cidades da Germania, e seus costumes;
Do Sárмата, ao passar, prantêa os fados;
Transpõe o Tánais, formidavel muro,
Mas que os Hunos horrificos venceram,
Quando tyranno atroz, d'um Deus flagello,
Veiu esmagar de Europa os tristes filhos.
Vê sobre as margens, que fecunda o Volga,
Recententes melões sorver-lhe as aguas.
Reconhece em Tangú potentés hervas,
Que de sôfrega morte a fouce embótam;
Prosegue, e, costeando a longa China,
No proximo terreno abate as azas.

A senha deu-se. Com pendões diversos
Mortaes dez vezes mil eis trepam montes.
Não é para exparzir com mão cruenta
De logar em logar o horror da guerra.
Tambem não palpiteis, orphãos dos bosques:
Não ha de Ecco aprender gemidos vossos.

Co'a linda próle, co'as esposas lindas
Podeis livres errar nos vossos montes.
Este exercito novo a paz cultiva,
Uma-planta, não mais, nas selvas busca.
Em borda de profunda ribanceira,
Ao pé de rochas, que ameaçam queda,
Junto a cavernas, em fragosas brenhas,
É lá que aos olhos o ginsão se offerta;
Odêa a luz: a flor só abre, e pouco,
Se a patrocina, e cobre arvore espessa.
Do principio do outomno ao fim do inverno,
Nos agros climas a incansavel turba
Desencanta os thesouros, filhos do ermo,
E entre os Favonios vem, pezada, ovante.
Seu atavio as arvores mudaram.
Parando na carreira o vago succo,
Da purpura mais viva as folhas córa;
E de um ouro brilhante esmalta os bosques,
Crê-se, no alto das serras vendo o bórdo,
Que de raios o doura um sol fulgente.
Este esplendor, comtudo, e rico adorno,
Oh Primavera, teu verdor não valem:
Genio, dado á tristeza, observa n'elles
Não tarda ausencia de amorosos dias.
Vae tu onde vapôres, serpeando,
O passo das correntes arremedam.
Lá o anno, declinante, inda tem flores,
Mas os golpes do frio a côr lhe empanam.

Sóbe á collina, onde tardias plantas
Curvam, tremendo, as pávidas umbellas;
A enlutada saudade ali se off"rece:
Eis a misero amante a flor mais grata.
Rochedos, solidões, como elle, estima,
Ás tormentas, como elle, exposta vive.
Ah! se um ferrenho arbitrio, amada Elisa,
Se teu rigido páe nos dividisse,
Se onde agora a gemente ave das trevas
Solitaria, sem luz, diffunde agouros,
As tranças te encobrisse o véo sagrado;
Se voz terrivel te arrancasse um voto. . .
Tremo, e dos olhos me escorra o pranto.
Não: meus males, meus ais levando ás fragas,
Não me ouvira ninguem co'a historia d'elles
Os penedos cansar, cansar os eccos:
Forá meu sangue n'esse negro dia
Tingir dos muros teus a férrea porta.
Tu vives, bella, e para mim tu vives!
Dá mais sancta união delicias gostas.
Tu amas, como eu amo, a paz dos campos,
Anda sempre comigo a imagem tua.
Se entre os objectos em que ponho a vista
Crédores de aprazer-te alguns contemplo,
Já corro a dar-t'os, e as bellezas d'elles
Com ligeiro pincel n'alma te imprimo.
Não vês a chusma dos aereos povos,
Já promptos a fugir de nossas plagas?

São Pomona, e Vertumno os que lhe regram
Ausencia, que te espanta. Assim que Phebo
Por mão das estações, sobre os caminhos
Lhe apercebeu festins, se afastam logo
Das ribas africanas, e endereçam
Rapidamente para o norte o vôo.
Mas depois de exhaurir, de clima em clima,
Dispostos armazens da Natureza,
Chaunam-se mutuamente, unem-se as tribus,
Vão-se em amiga tarde, e volvem juntas
Ao equador, onde mais ferteis campos
Novas messes luzir, vingar já viram.
Inda com aza tímida, os filhinhos
Não sabem a que parte as mães os guiam;
Mas nos frios do Outomno, e tez extranha
Com que elle matizou verdura, e flores,
Desconhecendo já propicio bosque,
Onde por entre os Zephyros brincavam,
Suspirando em segredo um ar mais doce,
Seu berço desamparam sem queixume.

Tanto que os vê partir, cuida Pomona
Em saciar do agricola esperanças.

Já do ramo abanado os fructos chovem,
Já surge no lagar montão vermelho,
As cubas, os toneis e a mó pezada,
Que cheirosa colheita em giro opprime.

Porque, o patrio character esquecendo,
O do nectar de Aí fautor brilhante,

Co'a satyra manchou liquor celeste,
Que tão mal conhecia! Exalte, embora,
Seus cachos bellos, e os mimosos travos,
Que ao olfato annuncia um brando fumo;
Mas, filho da maçã, tu foste outr' hora
Quem o esforço avivou do audaz normando,
Cujos braços indomavel a seu jugo
Fez curvar Albion cerviz indocil.
Accezo no teu fogo o páe da Scena,
Melpómene da Grecia á Gallia trouxe,
Roma resuscitou, e ergueu da morte
Tão grandes seus heróes como elles foram.
Nas encantadas mezas scintillando,
Únes ao aureo lustre argentea espuma;
A Febre, que nos vinhos mais se inflamma,
Vê-te a face divina, e cede a preza.
A mãe, que te produz, nem sempre occupa
Em roda ao fragil tronco as mãos cultoras:
Ella é bastante a si, seus ramos sabem
Dar mil fructos, e mil, sem desvelar-nos.
É a amiga de Céres: d'ella á sombra
As chuvas, os tufões despreza o trigo,
E sobre um campo só dobradas messes
O alimento nos dão junto á bebida.
Salve, planta louçã, que a Neustria enramas!
Liquores teus, da minha patria nectar,
Se de emulo desdouro os hei vingado,
Minha empresa com gloria ao fim dirijam.

De reliquias das folhas arrancadas
Já diviso alastrado o chão dos bosques.
Do seio dos paues sáe a humidade;
E rebanhando as nevoas, os vapores,
Pelos campos estende immensa nuvem
Do sol consolador a imagem véla.
Chorando a terra em vão, lhe implora os lumes
Para a tarda semente, e fructo ignavo.
Não madurecem: podridão maligna
Com seu bafo lethal tudo inficiona.
Até nos ramos, de que pende o fructo,
O enxovalha, o destroe Celeno immunda,
Ou, soprando a semente estanciada,
A corrompe inda em leite, e molle, e em meio.

Natureza este mal sacode ás vezes:
Abrilantados céos, calor macio,
Ar puro, que os Favonios embalancem,
Valem á flor, o imperio lhe dilatam,
E nos vermelhos campos nos figuram
Da leve primavera o riso, o esmalte.

Tambem não temos visto acceza a terra,
Se no Outomno fallece orvalho, e chuva?
Vapores côr da noute, o céu toldavam,
Quasi apagado o sol, pintava aos olhos
Orbe sanguineo, carrancuda imagem.
Escumava na arêa o pégo envolto,
Crebro trovão bramia, e por mais susto,
Por mais horror, em negrejando as sombras,

O terrível cometa, o meteoço,
Agitavam no pólo as igneas caudas.
N'isto Iberia temeu, temeu Germania
De inevitável mal o escuro agouro:
Eis que do estrago teu na voz da Fama,
Oh Calabria infeliz, o annuncio veiu!

Nas tórridas cavernas o Vesúvio
Entra a ferver, com horridos bramidos.
Ergue torres de fumo, as lavas sólta,
Que no troante bojo incendiára.
Rompem, zunindo, e dos trementes cumes
Em columnas de fogo eis se arremessam.
Rochas fundidas, subterraneos raios
Cruzam-se no ar, e as nuvens avermelham;
Em feia alluvião betume, enxofre
Se enovelam no monte, o sulcam todo,
Correm aos valles concavos, e ant'olham
Dos rios infernaes a horrenda imagem.

Pelo idoso arvoredado o incendio lavra.
Fugindo os brutos por ignotas sendas,
Recuam de uma, de outra; em toda a parte
Os acossa, ou rebate a morte em chammas.

Longe das lavas, e abrazados tectos
Os habitantes pallidos vagueam:
Sustendo o esposo a languida consorte,
Do velho curvo o tropego meneio,
A mãe, que ao triste fim roubar presume
Seu tenro, e só penhor, que tem nos braços:

Tudo é lugubre, é vão. Sanhudas vagas
Desolados confins transpõem, bramando;
Tremeu nos alicerces o Apenino;
Fumegantes abysmos abre a terra,
Muralhas, torreões alue, abate,
E nas rotas entranhas os sepulta.

Talvez enternecido ache o vindouro
Debaixo de ruínas espantosas
Templos, cidades, porticos, palacios,
Das artes nossas monumento honroso.
Assim aos muros, que Hercules erguera,
Por desventura igual outr' hora absortos,
Vamos hoje admirar soberbo estrago,
Cavar da antiguidade as doctas minas.

Que será d'esses tristes, que escaparam
Por descuido da sorte, ao caso infando?
De cinzas, e de pedras ignea chuva
Cobre todo o paiz de fogo, e fumo.
O afflicto lavrador n'aldêa acceza
Viu devorar-lhe os pães a labareda.
Inda no esteril campo em vão procura
Os bois, socios fieis de seus trabalhos;
Nunca mais os verá com docil collo
Por calcinado chão levar o arado:
Regresso já não tem, nem a esperança.
Ai! com que ha de alentar a esposa, os filhos?
Sacudir a azinheira irá nas selvas?
Como, se tudo as furias golpearam?

Té nas raizes os carvalhos seccos,
A ruina horrendissima propagam.

Em meio dos sepulchros, fogos, lavas,
Surge a Fome, e, arrastando as rotas vestes,
Gira cidades, atravessa aldêas.

Primeiro exerce a raiva em tecto humilde,
Por marmoreos degráos depois subindo,
Mette em lares dourados a indigencia.

Vós, cenhosas Eumenides, emtanto
Sopraes d'aqui, d'ali mortal peçonha.
O mal se multiplica, e são do ataque
Longas suffocações signal medonho.
Halito ardente, na segunda aurora,
Dos queimados pulmões a custo escapa.
Range co'a tosse a machina abatida,
O humor não quer saír, inpugna esforços;
Tumultuosa flamma o rostq accende;
Mal o giro do sangue os pulsos mostram,
O véo mais transparente é ferreo pezo;
Aguda ponta o cerebro traspassa.
Some-se a voz, gravame insupportavel
Esmaga o coração. Depois da noute,
Da triste noute, que nas ancias cresce,
Enferruja-se a lingua, a tez desbota.
Attenta mudo Hypocrates na face
O presagio fatal do ponto extremo.
A esperança voû. O enfermo ancioso
Já nem conhece a voz da esposa em prantos.

Abrazado co'a febre, e delirante,
Se crê na solidão de ardente serra,
Suspenso em negro abysmo, e se arripia,
C'os olhos a medir a altura immensa:
O cimo do vulcão vê despenhar-se,
E subito á voragem vae com elle.
Tambem se lhe levanta o chão, que piza:
Treme, abre-se, e ao abrir vomita o raio.
Succede á commoção mortal espasmo,
Gelado pára o sangue, e os debeis olhos
Para sempre abotôa a mão da Morte,
Antes de rematar-se o quarto dia.

Céos! Quem conhecerá tão fertes campos!
Faustas cidades, prósperas aldêas,
Casaes, cingidos de florentes bosques,
O absorto passageiro embellezavam.
Duas vezes no outeiro as ovelhinhas
Eram mães, na planicie vezes duas
Vingava a messe: ali manná corria,
E o cultor com seus fructos não podia.
Os filhos da Abundancia — Amor, e Gosto —
Regiam cantos, animavam danças.
Só versos pastorís Ecco sabia;
Vinham d'entre o penedo a vide, o cacho,
Os jasmims em abobadas, e os louros
Co'as sombras os caminhos perfumavam:
Era um amplo jardim, onde mil fontes
Vertiam fresquidão por toda a parte.

Que inopinado horror ! Que scenas tristes !
Onde sulphureas, férvidas arêas,
Os flagellos do céo, do inferno as chammas,
Tornam vasto sepulchro estes elysios.

CANTO QUARTO

Vestindo nuvens o rugoso Inverno,
A devastar começa os turvos ares;
Desfaz das tres irmãs lavor prestante,
E, rugindo, amontôa o gelo, a neve.
Páram cantos: Amor lhe esquiva os sôpros.
Aos sons do rouxinol, aos sons da flauta
Succede a furia de escumosas cheias,
E o rebombo dos Áquilos potentes.

Sustém meu vôo, oh Musa, entre as procellas;
Não mais nos hão de ornar jasmíns, e rosas.
Jaz deserto o jardim, jaz murcho o bosque;
Pelos campos Eólo esparze as folhas.
Ah! Tu me ensina, que razão pasmosa
Esvaece o matiz da Natureza,
A déspe, e n'alta machina agrilhôa
Espiritos, que as mólas lhe regiam.

De dádivas do céo nascendo rica,
Da vida inclue a terra os germes todos.
N'ella os succos estão, que ao pólo a coma
De teus cedros, oh Libano, agigantam,
E n'ella as seibas, a que as varzeas devem
Lourejante seara, e verde relva.
Mas estes germes, sem vigor dispersos,
Pedem vivo calor para brotarem.
O deus das estações, da terra esposo,
A necessaria flamma lhe insinua;
O universo applaudiu dos dous o laço,
De amor, e de alegria estremecendo,
Quando, espriado o sol, vestiu de luzes,
E de gloria celeste a leda noiva.
Cada vez que, a seu carro avisinhada,
Beber-lhe os raios amorosos póde,
De opulento verdor se aformosêa,
E a fecundante força espalha em tudo.
Mas quando lei fatal de férrea Sorte
D'este centro divino a põe distante,
Robustez, formosura a desamparam,
Murcha-lhe a c'rôa, amarellece a fronte:
Do norte os filhos, a que o sol triumphante
Co'a presença radiosa impoz silencio,
Desmandam-se em tufões, de nuvens cingem,
Carregam de regêlo a terra anciosa,
E, como em sepultura, escondem n'ella
Plantas, que em tempo mais feliz a ornavam.

Longe dos falsos bens, que enjeita o sabio,
Tu, ditoso cultor de parca herança,
C'os vimes dobradiços vem depressa
O arbusto, que vacilla, atar aos muros.
Proveitoso rigor de curvo ferro
Tálhe ramo importuno, ou ramo estéril.
Césse aqui teu desvelo. Em quanto á roda
Bravios furacões tempestearém,
Tranquillo, junto ao lar, campestre, escuso,
Do Pórtico ás lições darás ouvidos;
Canto repetirás dos genios grandes,
Associando ao seu talvez teu estro.
Oh vós, de Phebo alumnos! Inspirae-me
Nas ermas noutes, e guiae meus vôos;
Azas, azas de fogo a vós me elevem,
Longe da morte avara, e tu Silencio,
Amigo das sublimes phantasias,
Rumor insano, e vão de mim remove,
E enfadosos semblantes, e oucas phrases,
Que a sancta embriaguez nos interrompem,
Vigia os lares meus; só entre n'elles
O puro amigo, o coração lavado,
Que sonda as altas leis da Natureza,
E ás vezes, arrancando-me ao retiro,
Me ensina á deslindar bellezas tantas
Sumidas em ruinas apparentes.

Se risonho te é Pluto, a rica planta,
Que do hespério jardim roubou Alcides,

Longe do norte, em pórtico fastoso,
Ser-te-ha corte magnifica, de inverno.
Entre os outros metaes qual brilha o ouro,
Tal brilha a laranjeira entre os arbustos.
Só, em cada estação, só ella off'rece
Fructo verde, e maduro, a flor, e a folha.
Nem o ambar, que nas ondas se acrysóla,
Nem o myrto, que Amor de Paphos trouxe,
Nem da rósea manhã suave alento,
Chegam da planta de Héspero aos aromas.
Vê (sem nunca alterar-se) os paes e os filhos
Branquejar, succumbir da idade ao peso;
E tal (que inda hoje admira em si Versailles)
Viu de reis doze os funeraes soberbos.

Não longe do logar, que lhes destinam,
Nos transparentes muros vitreo templo
Aos olhos congregados apresente
Do Indio, e do Níger as colonias verdes.
Nascendo bafejada de ar mais grato,
Precisam entre nós de ti, Vulcano,
Morreriam sem ti. Seu domicilio
Aqueçam dia e noute accezos vasos;
Em roda se lhe estendam longos tubos,
E sempre igual calor na estancia dure.
Assim, té quando as terras ermas, frias
De alcatifas de gelo estão cobertas,
Brindam-te arbustos mil n'um curto espaço
O aroma, o brilho da estação fagueira.

Da Natureza, e Arte eis o palacio;
A esculptura t'o adorne, ousa invocal-a.
Asia em roupas talaes nos alegre,
Co'a perola, e rubi, que a fronte lhe orlam,
Ao pé da bananeira umbrosa, e sua.
Africa azevichada, um tanto agreste,
Risonha, quasi nua, orne a paragem,
Onde lhe há posto innumeradas vergonteadas.
Mas verdura, mórmente, o sitio abaste,
Flores seu atavio, e fructos sejam:
Venham cumprir-te as leis dos fins da terra
Hervas de Paraguai, chinezas folhas,
O c'roado ananaz, beijoim de Lybia,
O cravo, a quina, o balsamo de Arabia,
E arvore, cujo succo inestimavel
Mitiga os numes, perfumando as aras.
A este povo extranho a vide unida,
Pelos muros serpeja, envolta em cachos.
O encarnado morango a mãe recama;
No rigor invernal se tinge a rosa:
Emtanto, sem cessar, gotêa, e néva.
Contraria multidão, que instigam fomes,
Entrar procura na cheirosa estancia.
Pelos muros lhe sóbe, ou lhe alda em torno,
Põe-se ao pé d'onde os fructos purpurêam,
E c'os olhos devora o tronco ausente.
Mas nas margens do Obi, lá onde acaba,
São baldado soccorro estufa, e lumes.

Arvore ali não cresce, ou quando cresça
(Máo grado a Bóreas) bétula, salgueiro,
Apenas seus humildes, molles tronços
De nossos juncos a grandeza egualam.
Seis mezes soffre o Sol que reinem sombras,
Seis mezes turvo dia ali vislumbra.
Ha sempre agudo vento, e gelo agudo,
Que debaixo dos pés firme resôa;
E o mudo povo, na prisão coalhada,
Não tem para revolver-se espaço livre.
A neve em turbilhões, que rola o vento,
Se eleva sem medida, atulha os valles.
O alce, de lignea fonte, indo á carreira,
Cáe de repente, e encrava-se no abysmo:
Lucte o misero em vão, que o duro Inverno
No alvejante sepulchro o enterra vivo.
Crespa de escarchas, sacudindo a testa,
O urso brama, e, cedendo ás tempestades,
Busca por entre neves, passo a passo,
Gruta cavada pelas mãos do tempo;
N'ella se entranha, e solitario, occulto,
Em quanto o inverno dura, está sem pasto.
Subâmos essas penhas, de ermos cumes,
Que, arremettendo ao pólo, o mundo cingem,
Teus olhos sólta pelo mar terrivel,
Que, espumoso a teus pés, trovões simelha;
Lá onde a confusão, do cáhos filha,
O império exerce, atormentando as ondas.

Escolhos de alta neve aqui deslumbram;
Além montes de gelo escalam nuvens.
Ruge a borrasca, a topetar com elles,
E em pedaços no abysmo ao longe os lança.
Má sorte a do baixel, que então se afoute
Áquella matadora, horrivel plaga!
Ora a corrente em rochas o arremessa,
E co'as vagas a morte o bojo lhe entra;
Ora, qual ferro, a superficie immovel,
Forja ao lenho infeliz grilhões de gelo.
Da praia ao longo, os monstros dos desertos,
Os ares com brainidos amedrontam:
Das sombras atravez o vento, os eccos
Levam tão negros sons ao triste nauta,
E acabam de abatel-o, anticipando
No murcho coração o horror da morte;
A tudo o que lhe é caro a alma lhe vôa.

Taes p'rigos vezes tres domou teu genio,
Cook! Longe de Albion, da Paz co'a planta
Demandando outros climas, outras gentes,
Do sul ao norte dividindo as ondas,
Correste o mundo, o mundo accrescentaste!
Primeiro que ninguem no audaz teu vôo
Do meiodia rodeaste o pólo,
Montões seguiste de espantosos gelos,
Por entre as fendas formidaveis foste,
Com firme coração, no ferreo throno
O Inverno mais sanhudo interrogaste.

Lá vivente nenhum teus olhos toca,
Maciça immensidade, horror é tudo.
Ave romper não ousa aquelles ares :
Só nos confins dos hórridos desertos,
Só lugubres petreis, entre as procellas
O clamor desabrido ás vezes soltam.

Mas que plagas a paz não formosêa !
Em ilha, onde os invernos se encruecem,
Um povo de animaes off'rece ainda
A bonançosa imagem da ventura.
Verdes leivas subtis, que ás margens crescem,
Os leões de Amphitrite ali convidam ;
Moram na costa ; e no interior da ilha
De ursos marinhos multidão repousa,
Em quanto os pingoins, de aza pendente,
Na arêa movediça os ninhos cavam.
Buscam-se mutuamente, ou se desviam
Todos sem medo, sem malicia todos.
Dir-se-ia que, oõs temores desterrando,
Um tractado a colonia fraterniza.
Té dos ares o rei, depondo a sanha,
Á lei commum seu animo conforma :
Pousa em rochas, e em torno as aves brincam,
Sem temer-lhe o relampago dos olhos.
Ah ! N'um prospero clima, entre abundancias
O homem guerra immortal declara ao homem !
Rouba insania de Marte o campo a Céres,
Sanguento, ferreo globo os sulcos traça.

Tormentas a tormentas aggregando,
O homem leva consigo ao mar mil mortes;
Do raio em suas mãos a furia passa,
Fogo conservador, mimo dos deuses,
Icaro novo, emfim, lá d'entre as nuvens
Aos combates preside, estragos dicta.
Cidades a Ambição além devora,
Cá o Interesse, afeito a vis cruezas;
Cem formas, gestos, vozes tóma o crime;
A Discordia triumphá, e sobre montes
De irmãos, a que os irmãos despedaçáram,
Ri dos que vivem, ri dos que morrêram.
Da desventura assim a espècie humana
(Cheias por ella mesma) exhaure as taças.

Do globo mais de um terço em tanto é cinza,
E de aureas messes a belleza ignora:
Nenhum campo vê bois levando á granja
Quantas espigas ministrar lhe é dado.
Povo nenhum conhece os dons de preço,
Que Jove semeou por entre as selvas.
Fôra melhor, mais sabios, mais humanos,
O habitante imitar de incultas costas,
D'onde os olhos ao mar vêm superiores
Novo hemispherio dilatar sem ermos!
Lê pela Natureza, estuda alegre
Os caros vegetaes da patria sua,
E manda aos netos seus, de edade a edade,
Seu nome, seu character, e attributos.

Cruentos europeus, das impias guerras
O tragico delirio emfim se abjure.
Se a paz ao coração vos é pezada,
Altercae sobre os bens, prazer, ventura:
Politicos debates estes sejam.
Antigos elementos decompondo,
A chimica p'ra vós soprou forninhos,
E revelar-vos quer prodigios novos;
Para vós a poesia, a doce maga,
O Permesseo abrangeu de myrto, e louro;
As Musas, com fervor de saciar-vos,
Sempre a nobres prazeres vos convidam.
Da phantasia aos olhos quanto offertam
Harmonia dos céos, e magestade!
Quem, quem figura os extasis sublimes
De alma, que, longe dos terrestres corpos,
Segue na immensa esphera as igneas massas,
Distancias lhe calcúla, e mede os vultos,
Mutua attracção no móto lhes contempla,
Acha, com Herschel, não sabidos astros,
E farta, e cega emfim de gloria tanta,
Vaæ repousar n'um Deus o pensamento!
Se, frio em mim sobejamente o sangue,
Me não deixa empreender o ethero vôo,
Correntes seguirei, junto aos penédos
Do occulto rouxinol ouvindo os versos.
Murmurantes florestas, magas sombras,
Meus amores sereis, e objecto á Musa.

Apoz noutes de ferro, enregeladas
Mádidos Sues os campos embrandecem.
Esse uniforme alvor, que tapa os cerros,
Desata-se por grãos, em rios corre,
E as aguas da ribeira embaraçadas
A desfeita prisão, mugindo, rólam.
Mas o Inverno inda é rei, e escravo o bosque;
Choras tua nudez, carvalho altivo;
Por entre a confusão se vê, comtudo,
A espaços a verdura estar luzindo.

Salve, côr linda, inestimavel sombra!
No luto immenso recreaes meus olhos;
Quaes os prazeres, que a velhice afagam,
Douraes o horror do tenebroso Inverno.
Meu animo espertae, inda medroso
Das estradas por onde o passo arrisco,
Dos gelos boreaes, motim das ondas,
E do pezado, horrendo, austral negrume.

Que lei, que agente ás arvores conserva,
A despeito do Inverno, o vital succo?
Ao falto, humano siso a Natureza .
Em véo sombrio estes mysterios furta.
Gosêmos, basta. Mil arbustos novos,
Rivaes tão gratos nos jardins de inverno,
Co'a bella fôrma, co'a imprevista graça
Disputam entre si qual mais encanta.
Todavia (dil-o-hei?) prefiro a elles
A hera de cem braços, quer circumde

Co'a verdura tenaz carvalho edoso,
Quer sobre muro, que sustente apenas,
Nos ares alongando a curva rama,
Fórme, n'um globo espesso, abrigo ás aves.
Ali, ao pôr do dia, o tordo, o melro
Vão convocando a pávida familia,
Correm, gorgeiam, depinicam fructos,
E assimelham do Outomno os pretos bagos.

Quão doce é ao sair de chão lodoso
Vagar collinas, onde quebra o vento,
Do pinho em torno, que resôa ao longe!
A' sombra lá de abobadas possantes,
Entre o tojo florído, um doce canto
Os sons da Primavera off'rece ás vezes.
A lóxia ali verás prender aos ramos,
E c'o bico encruzado armar seu berço.
Recem-forrados os filhinhos brandos,
Ás sombras maternaes darão já graça,
E das aves o resto, apenas junto,
Inda seus ninhos não terá findado.

O Inverno assim se adorna, e desenruga;
Mas se a terra escacêa estes favores,
Quantos em teus jardins arbustos verdes
Retêm das aves o inquieto enxame!
Cuida, pois, em juntar aos tristes carpes
O picante azevinho, o zimbro agudo;
Té a humilde giesta, adorno aos montes,
Campestres quadros a compôr te ajuda,

Ella mesma, estreitando o frio a terra,
Colheita é da perdiz, lhe acóde, e a nutre.

O álamo, d'agua amigo, as aveleiras,
E as bétulas, de Amor têm outras graças.
Tanto que Bóreas entornando as neves,
O verdor lhes destróe da instavel coma,
Abre a flor, e pendendo em ramalhetes,
Móve os botões á discrição do vento.

Mas tu, filho do Inverno, espesso musgo,
Presenta-te aos pinceis da Musa minha.
De Aquario á urna exposto, entre as geadas,
Quando as mais flores morrem, tu renasces,
E então com tua fresca, igual verdura
Parece remoçar-se a Natureza.

Era em sondar os teus gentis mysterios
Que de Emilio o pintor, encanecendo,
Devia n'um sereno, e doce estudo
Levar a solidão do inverno extremo.

Agora a fontinal o embellezara,
E algum dia talvez nos ensinasse
Com que arcano feliz tão debil folha
Da flamma grassadora estragos véda:
Ora do lycopodio os ramos vira,
Redes no bosque innumeradas tecendo,
Da frente, em ar de clava, um pó soltando,
Que brilha, que troveja, igual ao raio.
Minimas tribus, povo imperceptivel,
Disperso em toda a parte, lhe mostrára

Espectaculo aos genios tão pasmoso
Como, oh Virginia, teus aéreos pinhos,
Ou cedro, que depois de mil invernos
C'roa o Libano, o páe, co'as verdes sombras.
Soube que a Natureza inclue ás vezes
Toda a sua grandeza em curto espaço;
Mas a innocentes fins obstou-lhe a Sorte.
No benigno logar, onde em remanso
Do universo, e da gloria ia esquecer-se
Piedoso monumento as cinzas lhe honre.
Seja a simplicidade a que o construa:
Elle, deusa modesta, elle te amava,
Tu só tens jus de visinhar-lhe os manes.
Das arvores da morte longe a sombra:
Selva queremos graciosa, e fresca,
Que do amigo dos deuses cubra o somno.
A madre-silva, grata ás almas ternas,
Já brandamente o mausoléo lhe abraça,
Em quanto o lauro, dos engenhos c'roa,
Ergue a luzida, magestosa rama.
De chôpos lá se alongue um bosque ameno.
Filhos dos ares, habitae-lhe a sombra;
Delicias do philosopho, avesinhas,
Esta selva tambem voç deva encantos;
Longe de olhos profanos, lãõ de os vossos
Brincos, prazeres alegrar seus manes.
Se o Fado, transcendendo-me a vontade,
Me houvera permittido amplas searas,

Espaçoso arvoredos, e pingues pastos,
Em meus ledos jardins erguêra estatuas
D'aquelles, que privando co'as deidades,
Cantaram docemente a Natureza.
Hesiodo, e Rosset, ambos teriam
Pela mão de Cybéle eterna palma.
Qual olmo, que a nivel de si vê quasi
Outro brilhar, subir, seu digno fructo,
Assim o gran pastor da antiga Mantua
A seu lado haveria o seu Delille.
Theocrito, e Gessner co'a molle avena
Inda ao campestre baile os sons dariam;
Fôra o bom Lafontaine olhar mil vezes;
E á Musa tua, alto cantor dos mezes,
Credora de outros tempos, de outros fados,
Lamêda de cyprestes consagrâra.
Crer-se-ia que Masson, e que Marnesia
Minha fresca paisagem desenhavam.
Vaniere a meus vergeis sorrisos déra,
C'roâr-se-ia Rapin das flores minhas;
Entre bosque prophético, e torrentes,
Tompson creara os canticos sublimes;
Bernis em laço amante unira as quadras,
E Saint-Lambert, sobre tapiz viçoso,
Com a philosophia inspiradora
Nobre aos grandes o arado apresentára.
Feliz quem logra tão brilhante quadro,
Mais feliz quem sem fasto habita os campos,

E, pago das vigílias d'estes sabios,
Nas vivas obras suas os medita!
Não lhe vôa o desejo além do valle,
Onde, nascente o sol, seus lares doura,
Do jardim, que do monte aguas amimam,
Nem do sombrio, e proximo arvoredó.
Que pediria da cidade ao luxo?
Das primaveras viu belleza, e pompa;
Viu aos celeiros favoravel Cérés,
E com ditoso pé calcou vindimas.

Tem no inverno outros gostos. Furta aos gelos
Os frageis attractivos das boninas,
Orna seu lar, de sombras se rodêa;
Attenta na campestre economia,
Doces cuidados, miudezas doces,
Se amor, e apreço dous esposos ligam.
Com que olhos vê grandezas momentaneas,
E vãos prazeres e reaes desgraças!
Nas ondas do universo tormentoso
Dos mortaes as reliquias observando,
Fólga de haver n'este commum naufragio
Fiado o seu destino ás mansas praias.

Para dourar seu ocio, vindo a noute,
Por Tournefort guiado, no aposento
Corre as ilhas da Grecia: apórta em Samos,
D'alta sabedoria antigo berço;
Olha de Minos o afamado imperio,
Do Cynthio os cumes, as florestas de Ida;

Recrea-se co'as plantas de que Homero
Celébra nos seus cantos a virtude,
E á terra os mesmos numes arrancaram,
Para os heróes com ellas guarnecerem.

Aprazível philosopho, e conviva,
Une os vizinhos seus á sóbria mesa;
Voluntario tambem lhes cede ao gosto,
E d'elles no casal com elles fólga.
De ferteis plantas, que seus hortos guarda,
Gosta de lhes levar o espolio tenro.
Agrada-lhes alguma? O novo dia
Vê-a entrar nos jardins de seus amigos.
Satyra, inveja, pestes das cidades,
Entre elles o ar saudavel não corrompem;
Um falla de patheticas delicias,
Mimo das estações aos camponezes,
Outro das glorias, dos triumphos nossos,
E brinda-se de Italia aos vencedores.
Córando a vozes taes Lilia, se lembra
Do imberbe amante, que os heróes seguira,
Mas que em ditosa paz ser-lhe-ha tornado.
Quer esconder as sensações, que a turbam;
A mãe a estende, e removendo o assumpto
D'est'arte lhe soccorre o doce enleio.
A affouteza renasce, a virgem bella
Em segredo palpita, e dissimula.

A estes dias de ouro, e riso, e graça
Opponde vossos dias carrancudos,

Vós, a quem a ambição com turva chamma
Ancêa desde a aurora, e mirra em sombras;
Que, sempre instados de rivaes zelosos
As frechas lhes cravaes, que vos cravaram,
E, mesmo supplantando a turba adversa,
Vedes voar Fortuna, indo empolgal-a.
A Ventura buscaes? Nos valles mora,
Com a fouce na mão seus trigos céga.
A Ventura buscaes? No prado hervoso
Livres meditações alegre volve;
Ou do salgueiro á sombra, e junto ao rio
Dórme, cercada de fagueiros sonhos.
Longe assim das facções, das armas longe,
Os campos, os jardins eu celebrava;
Da patria minha aos males mudo ás vezes
Das mãos sentia deslizar-se a lyra,
Mas qual ave, cantôra apoz tormentos,
Contentes, novos sons ás margens dava.

Oh tu, meiga Debieu, tu que em meus versos
Nomeio Elisa! O carinhoso amante
Deixa co'a sua unir tua memoria,
E dividir contigo escassa gloria.

NOMENCLATURA LINNEANA

DAS

PLANTAS MENCIONADAS N'ESTE POEMA

Canto primeiro

Cicuta, *Cicuta virosa*, *phellandrium aquaticum*. — Acham-se estas plantas nas lagôas, e covas aquaticas: crescem varias nas ribeiras.

Nardo, *Nardus indica*. — Na India.

Hortelã d'agua, vulgo Mentrasto, *Mentha aquatica*. — Junto de aguas.

Agrião, *Cardamine pratensis*. — Pastos humidos.

Trevo, *Trifolium pratense*. — Prados, logares hervosos.

Pinheiro, *Pinus sylvestris*, cembra. — Bosques do norte d'Europa, os Alpes, etc.

Til, *Tilia europæa*. — Bosques.

Castanheiro da India, *Æsculus hippocastanum*. — India e Asia septentrional, d'onde veiu á Europa quasi em 1576.

Junco, *Juncos effusus*. — Lagôas, junto a estradas um tanto humidas.

Vide, *Vitis vinifera*. — Climas temperados de todo o mundo.

Ortiga, *Urtica dioica*. — Hortas, ao pé de balsas.

Æthusa ou Cicuta pequena, *Æthusa cynapium*. — Jardins e logares cultivados.

Mercurial, *Mercurialis annua*. — O mesmo.

- Marroio, *Stachys annua*. — Jardins e campos.
 Grama, *Triticum repens*. — Campos, espinhaes, hortas.
 Primavera, flor, *Primula veris*. — Junto á borda dos prados.
 Narciso, *Narcissus poeticus, pseudonarcissus*. — Prados e bosques. Duas especies de lyrios.
 Violeta, *Viola odorata*. — Junto aos mattos, logares sombrios.
 Ofris, ou Abelhinha, *Ofris insectifera myoides*. — Pastos montuosos.
 Pereira, *Pyrus communis*. — Nas quintas. Conhecem-se 72 castas, havidas pela cultura.
 Solda real, *Sanicula europæa*. — Bosques, e ao longo dos espinhaes.
 Centaurea, *Gentiana centaurea*. — Pastos seccos e verdas de bosques.
 Carvalho, *Quercus, robur, ægilops*. — Nos bosques.
 Çarça, *Rubus fruticosus*. — Logares abrigados, campos incultos.
 Salgueiro, *Salix alba, purpurea, viminalis, etc.* — Sítios humidos.
 Vallisneria, *Vallisneria spiralis*. — No Rhódano e em alguns lagos de l'Orne.
 Poa vivipara, *Poa alpina vivipara*. — Montes de Laponia.
 Boas noutes, *Mirabilis jalapa*. — No Mexico.
 Palmeira de tamaras, *Phœnix dactylifera*. — Africa, India.

Canto segundo

- Trigo, *Triticum hybernum, æstivum*. — Oriundo da Asia.
 Incenso, *An juniperus lycia?* — Na Arabia.
 Rosa, *Rosa maxima, etc.* — Hollanda, jardins.
 Cravo, *Dianthus caryophyllus*. — Baldios das provincias meridionaes, jardins.

- Damasqueiro, *Prunus armeniaca* — Vindo da Armenia.
- Cerejeira, *Prunus cerasus*. — Oriunda do Ponto.
- Ceiba ou Mangue, *Bombax ceiba*. — Africa, India.
- Moka ou Café, *Coffea arabica*. — Arabia, Antilhas, etc.
- Quina, *Cinchona officinalis*. — Peru.
- Baunilha, *Epidendrum vanilla*. — Mexico, etc.
- Cravo, (*arvore*), *caryophyllus aromaticus*. — Amboino, Molucas.
- Noz de Bandá, ou muscada, *Myristica officinalis*. — Bandá, Molucas.
- Sensitiva, *Mimosa pudica*. — Brazil.
- Dionéa, ou Apanha-moscas, *Dionæa muscipula*. — Mexico.
- Jasmim, *Nyctantes sambac*. — India.
- Amaryllis (*especie de açucena*), *Amaryllis formosissima*. — America meridional e conhecida na Europa em 1593.
- Agathis, *Æschinomene grandiflora*. — India.
- Congorça rosea, *Vinca rosea*. — Madagascar, Java.
- Tamarindo, *Tamarindus indica*. — Na India, etc.
- Nopal, *Cactus tuna*. — Mexico e climas quentes da America.
- Roman, *Puníca granatum*. — Mauritania, Hespanha, etc.
- Myrto, ou Murta, *Myrtus communis*. — Europa austral, Asia, Africa.
- Palmeira, *Chamærops excelsa*. — India, Africa.
- Coco, *Cocus nucifera*. — Margens Indianas.
- Ananaz, *Bromelia ananás*. — Nova Hespanha, Surinam.
- Laranjeira, *Citrus aurantium*. — Oriunda da India.
- Estancadeira, *Statice armeria*. — Bosques, cerros, e terras seccas.
- Esteva, *Cistus helianthemum*. — Idem.
- Abrótano macho, *Veronica spicata*. — Idem.
- Pinheiro, *Pinus sylvestris*. — Bosques montuosos.
- Teueria, *Teucrium chamæpithis*. — Bosques, logares secos e areosos.
- Trovisco, *Euphorbia sylvatica*. — Florestas.

- Cravo (*flor*), *Dianthus prolifer, tarthusianorum*. — Selvas, logares incultos.
- Medronheiro, *Fragraria vesca*. — Idem.
- Çarça, *Rubus fruticosus, cæsius*. — Idem.
- Áveleira, *Corylus avellana*. — Bosques.
- Carvalho, *Quercus, robur*. — Idem.
- Olmo, *Ulmus campestris*. — Idem.
- Freixo, *Fraxinus excelsior*. — Idem.
- Bordo, *Acer pseudoplatanus*, etc. — Idem.
- Hypno (*especie de musgo*), *Hypnum serpens*, etc. — Bosques, pés de arvores.
- Salgueiro, *Salix capræa*, etc. — Logares humidos.
- Golphão, *Nymphaea alba*. — Ribeiras, lagos.
- Cardo-morto, *Senecio paludosus*. — Margens.
- Litronio, *Lytrum salicaria*. — Idem.
- Campainha, *Convolvulus sepium*. — Ao longo das sebes ou balsas.
- Tribulo aquatico, *Trapa natans*. — Lagos lodosos.
- Trevo, *Trifolium repens, filiforme*, etc. — Leivas.
- Tomilho, *Thimus serpillum*. — Mattos, logares seccos.
- Faia, *Fagus sylvatica*. — Bosques.
- Salva, *Salvia selarea*. — Borda dos prados.
- Arruda, *Ruta graveolens*. — Logares esteréis.
- Violeta, *Viola odora*. — Estremas de bosques, etc.
- Lyrio, *açucena, lilium candidum*. — Originario da Syria.
- Dictamo, *Origanum dictamnus*. — Creta, o monte Ida.
- Dormideira, *Papaver somniferum*. — Asia, Africa, jardins.
- Rosa muscada, *Rosa moschata*. — Moréa, Archipelago, costas de Barbaria.
- Jasmim, *Jasminum officinale*. — Oriundo da India.
- Acantho ou herva gigante, *Acanthus mollis*. — Grecia, Italia, Sicilia.

Canto terceiro

- Cardo, *Carduus crispus*, etc. — Em campos incultos, ao pé das estradas.
- Bardana, *Arctium lappa*. — Idem.
- Engos, *Sabugo, sambucus ebulus*. — Idem.
- Cerieira, *Myrica cerifera*. — Provinda da America septentrional.
- Aster, *Aster grandiflorus*, etc. — Idem.
- Tulipeiro, *Liriodendron, tulipifera*. — Idem.
- Narciso, *Narcissus tazetta*. — Oriundo dos districtos meridionaes.
- Junquillo, *Narcissus junquilla*. — Oriundo do Oriente e partes da Hespanha.
- Tulipa, *Tulipa gesneri*. — Vinda da Capadocia á Europa em 1559.
- Jacinto, *Hyacinthus orientalis*. — Oriundo da Asia e Africa.
- Feijão, *Phaseolus vulgaris*. — Oriundo da India.
- Cenoura, *Daucus carotta*. — Nos prados, á borda dos campos.
- Acelga, *Beta vulgaris, v. rubra*. — Talvez provinda da acelga maritima estrangeira.
- Couve, *Brassica oleracea, v. capitata*. — A especie primordial nos logares maritimos da Inglaterra.
- Aipo, *Apium graveolens, v. dulce*. — Nas terras encharcadas, junto a rios.
- Azeda, *Rumex acetosa*. — Prados e pastagens.
- Cerefolho, *Scandix cerefolium*. — Campos da Europa meridional.
- Salsa, *Apium petroselinum*. — Oriunda da Sardenha.
- Alface, *Lactuca sativa*. — Europa meridional.
- Agarico comestivel, *Agaricus edulis*. — Cerros, leivas.
- Cogumelo branco, *Agaricus albellus autumnalis*. — Campos e pastos seccos.

- Feto, *Pteris aquilina*. — Bosques, sitios estereis.
 Melão, *Cucumis melo*. — Vindo do Oriente.
 Rhuibarbo, *Rheum undulatum*, etc. — Tartaria.
 Ginsão, *Panax quinquefolium*. — China, Canadá.
 Bordo, *Acer pseudoplatanus*. — Bosques, montes.
 Saudade, *Scabiosa succisa*. — Collinas seccas, etc.
 Maceira, *Pyrus malus*. — Originaria de Neustria, onde a cultura tem adquirido mais de duzentas castas.
 Azinheira, *Quercus ilex*. — Europa meridional.
 Arvore de manná, *Fraxinus Ornus*. — Calabria, Sicilia.
 Loureiro, *Laurus nobilis*. — Grecia, Italia.
 Jasmim, *Jasminum fruticans*. — Italia, Europa meridional, etc.

Canto quarto

- Cedro, *Pinus cedrus*. — Libano, Monte-Tauro, Siberia.
 Vine, *Salix vilellina*. — Terrenos humidos.
 Laranjeira, *Citrus aurantium*. — Oriunda da India.
 Myrto, ou murta, *Myrtus angustifolia*. — Europa meridional, Asia, Africa.
 Bananeira, *Musa paradisiaca*. — India, etc.
 Chá, *Thea bohea viridis*. — China e Japão.
 Balsamo, *Amyris opobalsamum, giliadensis*. — Arabia.
 Salgueiro, *Salix herbacea, lapponum*. — Laponia, zona glacial arctica.
 Betula (casta de alamo), *Betula nana*. — Idem.
 Hera, *Hedera helix*. — Nas arvores da Europa.
 Pinheiro, *Pinus abies, picea, etc.* — Montes, selvas do Norte.
 Tojo, *Ulex europæus*. — Charnecas, sitios incultos.
 Carpe, *Carpinus betulus*. — Florestas.
 Zimbro, *Juniperus communis*. — Bosques areosos, collinas sêccas.
 Gilbarbeira, *Rurcus aculeatus*. — Bosques espinhaes.

- Giesta, *Spartium scoparium*. — Campos, outeiros areentos.
Aveleira, *Corylus avellana*. — Bosques.
Alamo, *Betula alnus*. — Logares humidos.
Fontinal, *Fontinalis antipyretica*. — Lagos, covas aquáticas.
Lycopodio, *Lycopodium clavatum*. — Bosques, logares montuosos, abrigados.
Pinho de Virginia, *Pinus canadensis*. — America Septentrional.
Cypreste, *Cupressus sempervirens*. — Oriundo de Creta.
Madre-silva, *Lonicera sempervirens*. — Oriunda do Mexico e Virginia.
Chopo, *Populus nigra, alba*. — Bosques e logares humidos.
Olmo, *Ulmus campestris*. — Selvas.
-

NOMENCLATURA

DOS

ANIMAES, AVES, AMPHIBIOS, PEIXES, INSECTOS

Canto primeiro

- Abelha, *Apis mellifera*.
Ovelha, *Ovis, aries*.
Salmão, *Salmo salar*.
Boi, *Bos, taurus*.
Cabra, *Capra, hircus*.
Cavallo, *Equus, caballus*.
Cuco, *Cuculus canorus*.
Andorinha, *Hirundo rustica, urbana*.
Pisco, *Loxia pyrrula*.
Milheira, *Fringilla cœlebs*.
Verdilhão, *Loxia chloris*.
Melharuco, *Parus major, etc.*
Tutinegra, *Motacilla philomela, etc.*
Rato do campo, *Mus terrestris*.
Toupeira, *Talpa europœa*.
Corvo, *Corvus corax, etc.*
Pardal, *Fringilla domestica*.

Canto segundo

Cochenilha, *Coccus cacti*.
 Bengalinha, *Fringilla amadava*
 Papagaio, *Psittacus versicolor*, etc.
 Arara, *Psittacus macao*, etc.
 Tartaruga, *Testudo caretta*, etc.
 Crocodilo, *Lacerta crocodilus*.
 Germano (ave), *Anas querquedula*, etc.
 Capricornio, *Cerambix moschatus*.
 Rhenna, *Cervus tarandus*.
 Esquilo, *Sciurus vulgaris*.

Canto terceiro

Leão, *Felis Leo*, etc.
 Aguia, *Falco chrysaetos*, etc.
 Tordo, *Turdus musicus*, etc.
 Ave das trevas, *Strix bubo*, etc.
 Touro, *Bos, taurus*, etc.

Canto quarto

Rouxinol, *Motacilla luscini*a.
 Alce, *Cervus alce*.
 Urso, *Urso arctos*.
 Petrel, *Procellaria antarctica*.
 Leão marinho, *Phoca jubata*.
 Urso marinho, *Phoca ursina*.
 Pingoim, *Alca torda*.
 Melro, *Turdus merula*.
 Loxia, *Loxia curvirostra*.
 Perdiz, *Tertrao perdrix*.

A AGRICULTURA

POEMA

DE

MR. DE ROSSET

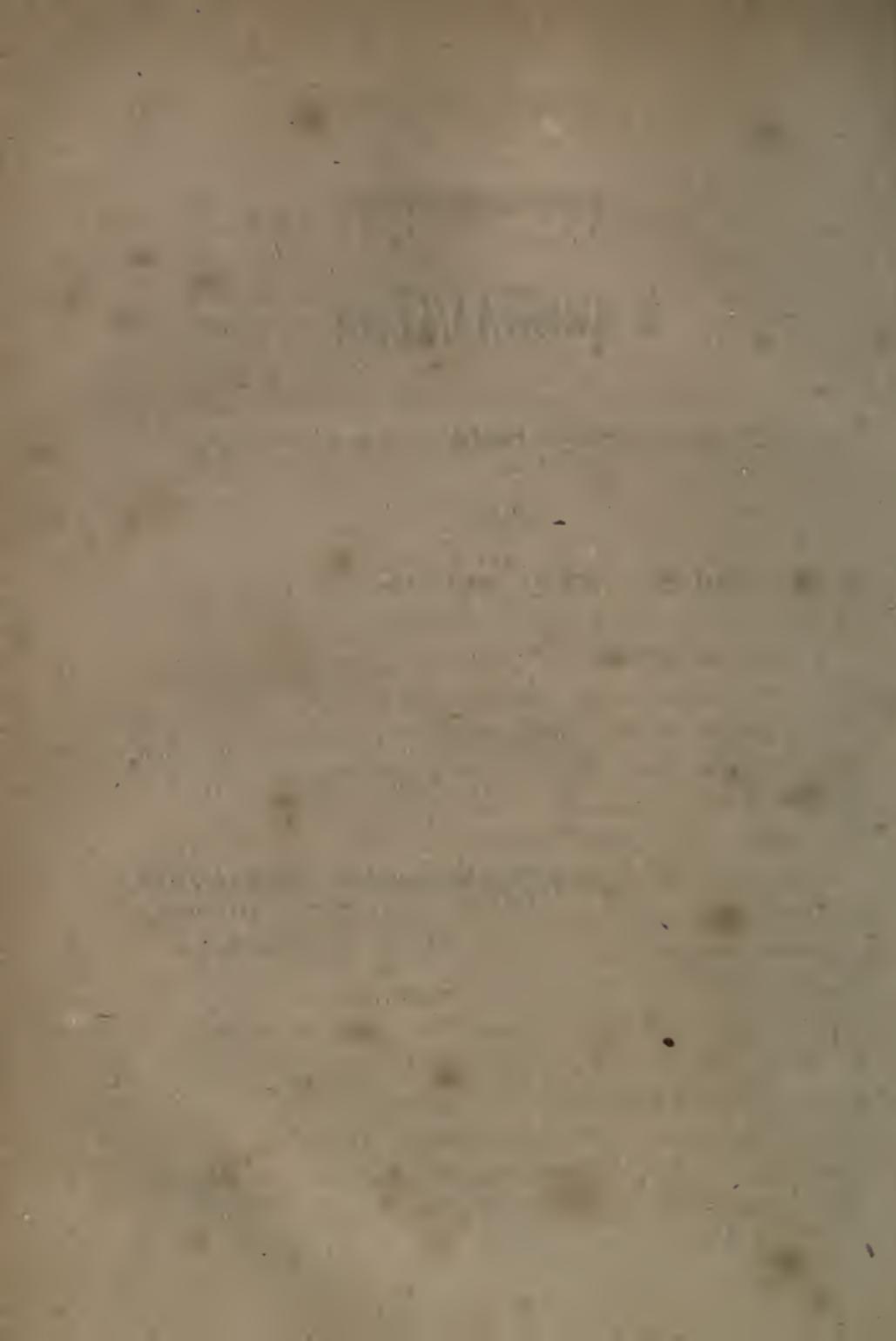
TRADUZIDO EM VERSO PORTUGUEZ

Hic labor, hinc laudem fortes sperate coloni.

VIRGIL. Georg. Lib. III.

Este é todo o trabalho, amplos louvores
D'elle aguardae, robustos lavradores.

(Trad. de Pato-Moniz.)



A AGRICULTURA

CANTO PRIMEIRO

DAS SEARAS

Canto os trabalhos, que regula o tempo.
Co'as varias estações modificado;
Arte, que a terra obriga a dar colheitas,
A que ás vinhas, ás arvores, aos prados
Dobra a fecundidade, e nos submette
Tão uteis animaes: para que exalte
(Bem real) a cultura, e seus preceitos,
Criam forças em mim Luiz, e a patria.

Deidades surdas, insensiveis numes,
Nada colhe de vós meu sério canto:
Astros, que os annos signalaes, e as quadras,
O deus, que vos conduz, nos dá seus mimos;
Sem Céres a seara amarellece,
Negrejam sem Lyêo na vide as uvas;
De Pan, e Apollo os fabulosos gados
Harmonia immortal jámais ouviram;

A oliveira não deve ás leis de Pallas
Artes que a nutrem, artes que a cultivam;
Neptuno é sonho, e do tridente ao golpe
Da terra não surgiu o audaz ginete.

Oh Deus, principio, e fim da natureza!
Aponta aos passos meus segura estrada,
Firma, reforça minha voz trememente:
A fallar de teus dons tu é que ensinas.

Lá quando a terra, pela voz do Immenso
Chamada ao ser, se povoôu de plantas,
De animaes; o homem livre, o homem submisso
Ás leis do Creador, foi rei do mundo,
Que só para seu bem se ergueu do nada:
Quadra das virações, e dos suspiros,
Tu com sorriso eterno, eterno esmalte
Por toda a natureza então reinavas;
Saíam sem cultura a flor, e o fructo;
Gostava o racional no céo terrestre
Bens tão puros como elle: era o trabalho
Incapaz de fadiga, era o repouso
Vedado ao tedio: por ingrato orgulho
Súbito enxovalhada a natureza
Despe as mimosas, primitivas graças,
E, surda aos votos do senhor, que a rege,
Aos votos do homem réo, se muda a terra
N'um ermo pavoroso... (ai!) Já não lança
Senão cardo importuno, herva ociosa!
Porém quando, ao trabalho atado o homem

Pela herança fatal devida ao crime,
Do crime a confissão na terra grava
Com suas proprias mãos, fertil de novo
Ella em dobro, em tresdobro, ao homem paga
Lidas, cuidados, que a cultura exige:
De criminosos paes infausta prole,
De celeste eminencia derribado,
Inda grandezas tem, que ufano admiro!
A terra, seu degredo, é seu imperio;
Declaram-se por elle os elementos;
Presta-lhe o ar co'a frescura, o sol co'a chamma;
Orvalho, e neve os campos lhe fecundam;
Descem dos montes a buscal-o os rios;
Aos usos seus, ás suas leis sujeitos,
N'elle acatam seu rei, tremendo, os brutos;
É centro, é harmonia do universo;
Sem elle não tem ordem, tem por elle
Ordem tudo entre si: alma, instrumento,
E mediador de inanimados corpos,
O seu tributo ao céo, e o d'ellés manda.

Mortaes, o vosso ardor o ardor me avive;
Conhecei vosso imperio, e governae-o:
Oxalá que, regrando-vos as lidas,
Possam communicar meus uteis versos
Sempre a fertilidade aos campos vossos,
Aos vossos corações sempre a virtude.

Cultor, searas abundantes queres?
Entende o genio dos terrenos varios:

Cada qual tem o seu: nasce, loureja,
Prospera o trigo aqui, e ali perece;
Onde elle se definha as vides folgam;
Pedregoso areal, sulphureo campo,
E de facil collina a pobre encosta
Bastam para formar humidos cachos,
E bosques de oliveiras. Vês do cume
Dos empinados montes, vês nos valles
Essas mádidas terras, que um regato
Na fugida veloz anima, ensopa?
Ali relva infallivel céva os gados:
Ao barro, ao tufo, aos matagaes, e etrêas
Pede a arte em vão colheitas; lá sem força,
Lá carecente o chão tolera apenas
Os fetos, os codeços, as giestas:
Forte, opimo logar; nas quadras todas
De flores, e verdura ataviado,
Por mãos da Natureza infatigavel;
E em que uma, em que outra leiva, annunciando
Succos, que a alentam, na indagante dextra
Se amassam facilmente; esse responde
Ao constante fervor de sabia industria:
Em Normandia, em Flandres estes campos,
De fecunda lavoura exercitados,
Semêam-se cad'anno, em todos luzem.
Tal porém não será delgada terra:
Depois que as messes uma vez te ha dado,
Ocio cançada quer, tem jus ao ocio,

E as forças lhe renascem do repouso;
A terra se exauriu para abastar-te,
Para mais te abastar descance a terra.

Os delicados grãos, que vás soltando
Entre leves torrões na primavera
Sem custo brotam, crescerão sem custo;
Porém do trigo, e do centeio a planta
Pede forçosa um chão lodoso, e pingue;
O tenue, grato arrôz, avantajado
Pelo othomano a seus manjares todos;
Que Arabia, e Persia com razão cultivam,
Que embranquece ao chinês os ferteis campos,
Quer humidos terrenos, gosta de aguas:

* Em qualquer terra o trigo sarraceno

* Eleva os negros grãos na densa espiga:

Para ornar de seu ouro o páe, que o géra,
O cacho, que o sustem, quer terras fortes
O indiano maíz: porém, primeiro
Que o ferro agricultor lhe aprompte os sulcos,
Conheçam-se estações, o clima, os ventos;
No semblante dos céos colhe a sciencia,
Que regula do agricola os trabalhos,
E aponta idoneo tempo á sementeira.

Quaes nõo moto celeste olhos attentos,
Para do lenho audaz guiar o impulso,
A elevação das Pleiades observam,
E os dous Carros, e as Hyadas chorosas,
E o funesto Orion; —taes, para darem

Principio a seu trabalho, os lavradores
Andem co'a vista nos ethereos fachos:
Foi seguindo-lhe as leis que, firme em breve,
A cultura encetou a astronomia:
Os rudes, os primeiros habitantes
Dos campos de Babel, esses outr' hora
Agrícolas, pastores, porque a terra
Lhes fosse mais propicia, mais fecunda,
Do mundo aos pólos a attenção volveram:
Deu leis ás estações o Auctor das luzes,
O imperio renovou nos doze lares;
De seu giro annual eis traçam linhas,
O chefe das ovelhas o é dos signos;
O Touro logo, e depois d'elle os Gemeos
O nascimento aprazam dos rebanhos;
Nos tropicos o Cancro, e Capricornio
Fixam solsticios do verão, e inverno;
Dias, e noutes a Balança eguala;
Das ceifas o signal compete á Virgem;
O céo torna-se um livro, a terra absorta
Olha em letras de fogo a historia do anno.

Experiencia observou de dia em dia
O nascimento, e giro aos varios astros:
Cada qual tem poder, presagios, nome;
Uns tempestade, e vento, e chuva indicam,
Outros são para nós os precursores
De molles virações, e amenos dias.

Quanto aos humanos a apparencia illude!

Signaes das estações se lhe ant'olharam
Origem d'ellas. . . oh! Poder do engano!
Homem, não mais do que uma escolha inutil
O teu arbitrio tem; e em teu arbitrio
Os astros exercitam summo imperio;
A que a inerme razão se oppõe debalde,
Em vão quer destruir: de teus destinos
A despotica estrella o bem regula,
E o mal, e a morte, e a vida: Oh! venturoso,
Oh! vezes cento affortunado aquelle
De que a Balança o nascimento acclare!
Ai! Menino infeliz! teus fados choro
Se o negro Escorpião viu tua aurora!
Desapparece a Lua, o Sol no eclipse. . .
Este horror, que desastre ao mundo agoura!
Estremecei, nações, em pranto, em luto;
Aos vencidos fugi, oh vencedores;
E tu, povo, socéga: ante os cometas
Devem, devem tremer só reis, só grandes:
Assim nossa razão foi de erro em erro
Por artes da impostora astrologia.

O agricultor grosseiro a bem dos fructos
Implorou das estrellas a influencia;
Uma lh'os fez medrar com dôce lume,
Gemeu arripiado á face de outra:
Tu, que reges de noute o eburneo carro,
Da campestre ignorancia aos olhos deusa,
Por ella a gráo supremo erguida foste;

Animaes alteravas, plantas, fructos;
 Eras té dos metaes consumidora,
 Edificios, oh Lua, até roías;
 Teu passo desigual encaminhava
 Ora para a cultura amigos dias,
 Ora dias fataes para a cultura:
 Qual dos homens então, qual se afoutára
 A revolver infructuosos campos?
 O cantor Mantuanô aos lavradores
 De chimericas leis fez lei sagrada,
 E aos pavidos mortaes ainda ha pouco
 Este longevo engano as mãos prendia:
 O erro emfim se desfaz pela verdade,
 A preocupação pela experiencia;
 Unicamente o Sol co'a luz fecunda
 Reforça a Natureza, extráe seus mimos.

Quando do Escorpião na estancia entrando
 Raios despede com menor violencia,
 Dêm teus bois, oh cultor, começo á lavra:
 Instados do aguilhão, do jugo oppressos
 Em tardo movimento eguaes caminhem;
 Cardos, hervas arranque o liso arado;
 Abre, volve teu campo, e rege a terra:
 N'ella agitados de repente os succos
 Do sol maduros, humidos co'a chuva,
 O germe da abundancia desenvolvem:
 Finde no outomno o teu suor primeiro.

Quando o inverno entristece a natureza

Não se armem tuas mãos de um ferro inutil;
Fatigáras a terra em vãos esforços,
Que impenetravel é na quadra fria:
O obliquo resplendor do sol, que foge,
Caíra sem virtude em regos novos,
E Bóreas duro, os inimigos gêlos
No seio maternal destruiriam
Dos succos a substancia adormecida:
Mas logo que mais puro o dia assome,
Rompendo este lethargo, annunciando
Que a ociosa Natureza emfim desperta,
Reconduze teus bois; a que obedeça
Ao gume, que a revolve, a terra obriguem;
E, certo o lavrador de seus proveitos,
C'os olhos, e co'a mão dirija os sulcos.

Já no ethereo Carneiro o Sol tocando
Lhe desvanece a luz: ao grato annuncio
O risonho aldeão nos patrios campos
Lança os grãos de que é mãe a primavera:
Se os desdenha, se os cede a obscuros entes
O molle cidadão soberbo, e louco,
Tu não lhe adoptes um desprezo insano,
Que n'elles vezes mil provêm do orgulho.

Terás varrido da memoria acaso
Anno funesto em que, alterado o clima,
Geadas sôltas do intractavel norte,
Até no sul da França branquejaram?
Murcham-se as plantas, a raiz definha

Na enregelada terra; espera o povo
Que floream de Zephyro ao regresso
Os germes outra vez; Zephyro inerte
Seus males, seus estragos patentea:
Joio em lugar de trigo os campos veste,
Que off'recem aos mortaes appavorados
Perdidas terras, carestia, e morte:
No horror da fome se alentou a industria;
Novos dispersos grãos promettem vida;
A esperança renasce, e pouco a pouco
Se esvaece o terror: mas a esperança
Qué presta contra ti, necessidade?
Eis Luiz de seu povo afasta os damnos;
Só para ser seu páe, seu rei se chama:
Do trigo oriental baixeis se pejam,
Em qué a sabor do vento ondêa o lyrio,
E como que das aguas surgem messes!
C'os dons do farto Egypto assim Augusto
Italia aviventou, nutriu Sicilia.

Emquanto aos campos teus a quadra nova
Colheitas preparar dos grãos primeiros,
A terra folgue destinada aos trigos,
Ardores do verão respire em ocio,
E a frescura tambem da primavera;
Se abres a terra então, calor funesto
Dos semimortos saes devora o resto:
Mas, quando o astro diurno em eguaes tempos
Do somno, e do trabalho as horas parte,

Outro sulco anteceda a sementeira,
Das substancias da terra anime a força;
Se cumpre, sem tardar teus touros junte,
E cruza os sulcos teus por novos sulcos.

Dos campos a cultura é sem proveito
Se de possante adubo os não reforças,
Reproduzindo evaporados succos,
E os que ávidas espigas devoraram;
D'estes auxilios genero, e medida
Das terras tuas a exigencia regre,
Regre-os a condição: se é penetrado
De alimento robusto em demazia,
O chão co'a força extrema os pães suffoca;
E, sustento infeliz de vã folhagem,
Dá palha mentirosa em vez de trigo.

De restos os mais vis, e estrume é feito
Que em teu campo introduz, esparge vida:
A palha em que animaes diversos pousam
É dos estrumes a melhor materia;
Para os multiplicar une aos primeiros
Cinza dos lares, e o sylvestre espolio;
Estes pingues montões se ligam todos,
E aos ardores phebéos amadurecem:
De pródigo cuidado assim mantidos
Alternam pelo campo os seus tributos.

Se exaurida no seio a Natureza
Entra a degenerar, e quer que estrumes
Mais fortes, mais fecundos a restaurem;

O margo, de que usaram n'outras eras
Nossos priscos avós, á tua escolha
Assim como a castina, e cal se off'recem:
Se a prudencia os prestar, com taes soccorros
Póde altamente remoçar-se a terra;
Com taes lições o agricultor vê cedo
Atulhado o celeiro aos pães negar-se.

Alchimista incansavel, que presumes
De arêas, de metaes colher teu ouro,
Attenta o lavrador: quanto é mais certa,
Quanto mais a arte sua é milagrosa!
Puro effeito elle extráe de um mixto impuro;
Por elle transformado, ennobrecido
O desprezivel lodo a vida estêa.

Creu-se por isto que um romano outr' hora
Os magicos mysterios exercia:
Módica herança, aos seus trabalhos docil,
Com rica novidade os premiava,
Em quanto desleixados lavradores,
Visinhos seus, e da indigencia oppressos,
Sem colher, semeavam: dizem, clamam,
Que a seus campos chamou dos campos d'elles
Por arte horrivel encantadas messes:
Citam-no; elle apparece, e mostra a um tempo
Os duros enxadões, os bois, o arado;
Presenta a filha, que enrijou lidando:
« Romanos, eis o mago, eis a magia
(Elle diz), e inda auxilio me prestáram

Outros encantos, que mostrar não posso:

Minhas vigílias são, são meus suóres.»

Falla; é com voz unanime absolvido:

Onde buscavam crime encontram gloria.

Tentou multiplicar industria os fructos

Por novas experiencias de anno em anno:

Divide o curvo arado a terra em folhas;

Uma de aureas espigas se enriquece,

Outra fica vazia; o sementeiro

Ha de espalhar, cubrir-lhe o grão nos sulcos:

A que se deixa ociosa, em pó tornada,

A herva parasita acólhe menos;

Lá corre o trigo proximo, e se estende

Com maior liberdade, e busca ao longe,

E encontra um facil nutrimento; os muros

Espaça aos apertados teus celeiros;

Filhos do mesmo grão dous mil maduram!

Quem é que entre os mortaes se atreveria

A encher seu coração de uma esperança,

Que a Natureza em nós concebe a custo?

Adopta, lavrador, próvida industria

Que um quarto de terreno em prados tróca,

Revezando-os por todo, e dá d'est'arte

(Uuindo novos dons a dons de Ceres)

Campos aos gados, á lavoura estrumes.

Se n'um cômprido espaço a herança tua

Propicios herva e grão dividem sempre;

E se profundos fossos, grandes muros
Em recintos diversos a repartem;
Se precisa mixtão de adubo, e terra,
Unida ás tuas, as corrige, as muda;
Nos annos todos, ferteis, vigorosas
Te dão searas, te alimentam gados.

Arte annosa, e divina, alr! Tu, tu foste
Nos tempos de ouro, nos primeiros dias
Sublime emprego dos heróes, dos sabios!
Ao latino cultor Catão deu normas;
Ao cultor oriental seus reis as deram!
Quando a virtude residia em Roma,
E pobre, e magestosa a sobriedade
Inda sentia horror ás pompas d'Asia,
Os feixes alliavam-se aos arados,
E cem vezes o povo achou lavrando
Aquelles, que subira a dictadores!
Da plaga boreal guerreiros torvos
As necessarias artes desdenharam;
Quizeram para si boçães, e altivos
A frecha, o dardo, o alfange, arroteando
Seus campos cada qual por mão dos servos;
Appareceram taes os nossos Francos;
Rompe a verdade em fim por entre as sombras
Dos arredados seculos; seu facho
Acclara e reconduz sciencias, artes;
Mas o lavor dos campos na ignorancia,

Na funesta ignorancia veiu envolto
Por instincto servil aos tempos nossos:
Arte a mais util se avalia em menos.

O idioma francez (cuja harmonia
Captiva em brandos sons Europa inteira,
Filho do sentimento, e nobre, e simples,
De que um timido gostó em demazia
Os direitos coarctou) nasceu, formou-se
Da moral nossa, e seus vestigios segue:
As graças, as paixões, as guerras canta;
Mas não se imaginou que os sons prestantes
Á fadiga rural cingir podésse.

Em quanto por vingal-o eu vélo, eu súo,
Da agricultura protectores nascem;
Proficuos cidadãos com docta pluma
Da cega prevenção triumphos logram,
O preço intimam da pericia agreste,
Apontam suas leis, e dão leis novas,
Que mais formosas safras nos promettem.
Em meus versos, cultor, podia expor-te
Altos conselhos seus, altos arcanos;
Mas da exp'riencia approvações espera;
Arbitra do successo, é lei do sabio;
E o que attráe tanto o mundo, a novidade,
Só recebe valor das mãos do tempo.

Quando no fogo estivo as terras ardem,
E os Zephyros, e as aguas as temperam,
E o campo destinado ás sementeiras

Revolto está por teus finaes trabalhos,
A escolha da semente é que te resta;
Escolha, que avultar-te as ceifas póde:
Toma dos teus o melhor trigo, ou busca
Nos visinhos terrenos trigos novos,
Traz a teus sulcos esta raça estranha:
O grão, se o mesmo é sempre, bastardêa;
Succos, que amava, exaustos, e perdidos
As languidas espigas mais não tocam.

Ha lavradores pródidos, que ajuntam
A agua com cinza, e nitro, e com cal-viva,
E o grão preparam n'elles, e exp'riamentam;
Com isto os campos teus não poucas vezes
Se c'rôam de melhor, mais basta messe:
Tu depõe a semente em brandos tempos;
Ou seja quando o Sol preside á Libra,
Ou quando elle, deixando-a, encurta o giro:
Mormente os dias dos agudos gelos
Cumpre não esperar; produz o trigo
Semeado mui cedo herva ociosa,
Mas tardia semente os frios matam.

Tanto que a recebeu no seio a terra,
O germe impaciente ao grão se escapa,
E de longa cultura em breve o premio
Será verdor gentil ornar-te alqueives;
Mas quando em Capricornio o Sol detido
Só pallido clarão nos céos diffunde,
A terra é sem vigor, e a raiz tenra

Não pôde penetrar, subir, nutrir-se:
N'este asylo feliz dormindo os germes
O sôpro evitam do inimigo inverno.

Mal que volve a andorinha aos climas nossos
Nuncia leal da rosea primavera,
Se a herva das searas te apresenta
Vãos atavios, luxo ambicioso,
Teme nas messes abundancia esteril,
E ao cordeirinho entrega inutil pompa.

De Favonio seus dons a terra fia,
Brotar com elles vejo a relva, o cardo;
Ah! Se infesta raiz não lhes arrancas,
Tenro inda o fructo, inda leitoso abafam:
Dá-lhe seguro abrigo em seus casulos
A espiga vacillante: eis annuncia
Madura edade nas madeixas louras;
Muro, que forma, lhe resguarda a fronte
Contra a feroz procella, e contra as aves.

Inda vemos sorrir-se a primavera
Quando o voluvel Zephyro amoroso
Vôa ás espigas, e com ellas brinca;
Afiagadas da pluma, ao sôpro doces
No mobil troncosinho ondeam presas:
Vejo apertar-se, abrir-se a densa turba,
Lá se curvou, se ergueu, correr parece:
Dos ventos a sabor, ludibrio d'elles,
Assim rôlam no pego as leves ondas.

Mas, precedente a luz, que nevoa triste

Cubriendo a espiga vae de um nitro infenso?
Se o vento lhes não dá bafejo amigo
Sobre ellas agro influxo, olhos funestos
Lança Phebo ao romper; eis que repassa
Os deploraveis grãos peçonha horrenda,
Peste, que os ennegrece, e que os devora:
Desdobrem dous de vós, oh lavradores,
Corda, que em vossas mãos discorra os campos
Com rapidez extrema; o trigo agite,
Supra seu movimento as auras mudas,
Antes que o fira o sol co'as igneas settas.

Flagello inda peor me opprime a vista,
Seu veneno é mortal, e a causa ignota;
Alterada folhage, espiga infecta
Grãos me presentam, que nascendo abortam;
Ali, torrida, e sêcca é pó a espiga;
O fogo matador lambeu-a acaso?
Sem de flores vestir-se, além já feita,
Com fallaz apparencia ornando os males,
A fórma inda mantem, lenta carcôma
Pouco a pouco as substancias lhe anniquila;
Esta poeira torpe, aos grãos voando,
Embeber n'elles seu veneno fôra,
E os campos de átra côr te cubriria;
Desterrar-lhes tal peste a que arte é dado?

Tendo por mestra a Natureza, um sabio
Que em nossos dias, que entre nós florece,
Viu a origem do mal, e a cura indica;

Em agua, em cal, em cinza, em saes dispostos
Para alterado grão remedio ha prompto:
Luiz sobre este invento emprega os olhos;
Co'a mão real, que imita a mão suprema,
Alta experiencia em Trianon confirma,
E os paternos, magnanimos cuidados
Do monarcha immortal com ella instruem
Quantos cultores seu imperio lavram:
Das artes, e da França esteio, e gloria
Luiz é cidadão, e heróe a um tempo;
Dos sabios é modelo, é páe da patria;
Ás eras todas voará seu nome,
Sua beneficencia ás eras todas.

Mas se do Rei dos reis furor terrivel
Sobre teus louros pães seus golpes vibra,
É toda a industria vã, e a teus pavores
Não resta mais que as preces, mais que o pranto:
Sóbe um vapor, se alonga, e se condensa;
Foge o sol, o ar sibila, os céos negrejam;
De nuvem pavorosa em bojo espesso
Procellas amontoa a mão do Eterno,
E sobre nossas fronteas as suspende:
Elle assoma: o relampago o precede;
Seu formidavel throno occupa o centro
Do pólo, que fraquêa ao pezo enorme;
Phalange de Aquilões lhe rugem em roda;
Furias, mortes aos pés, a flamma o c'rôa;
O raio abrazador na mão lhe ferve,

Salta, bate, derruba, instrue os homens!
Olha rotas por elle as arduas torres,
Bosques em cinzas, rochas derrocadas!
Jaz a terra em silencio! O medo ancioso
Murcha, enregela o coração dos póvos:
Despiedado granizo alveja, pula,
As espigas saltêa, abate-as, quebra-as;
Todos os furacões desenfreados
Os trigos d'entre os sulcos desarraigam
No remoínho envoltos; as torrentes
Arrojam-se das serras bravejando;
Rios, já sem barreira, innundam valles:
Está submerso o campo, a messe é morta! . . .
Suor de um anno, destruiu-te um dia!

Se as leis da natureza e céo não tolhe.
Contra estes damnos a arte ás vezes presta:
D'entre os diversos corpos o homem soube
Extraír, vêr, tocar ha pouco a flamma
Motora do universo: ella, sümida
Lá na materia, e rápida saltando,
Rápida mais que o som, se offrece á vista
Só quando sáe de um corpo, e, similhante
Do relampago á luz, sobre outro vóa
Atravessando os ares: este fogo,
Se industria o conduzir, metaes penetra,
Derrete-os, vitrifica-os; ferrea agulha
O attráe, e accende electrico elemento,
Posphoro girador, frouxel brilhante;

Tal outr' hora se viu lume assombroso
Dos romanos cubrir, dourar as armas;
Tal, e o mesmo, dos nautas ante os olhos
Rutila o fogo, que lhes é tão caro;
Fogo, que no pavor das tempestades
Ao mastro electrizado as nuvens mandam,
E brinca, e se revolve, e obteve o nome
De Helena, Cástor, Pollux: a faisca
Electrica, e fuzil das nuvens solto
Como um mesmo elemento appareceram,
E emfim aos olhos a experiencia o prova:
Se pezada tormenta os céos carrega,
Vara de ferro levantada, e presa
Por arte sobre o monte, ou torre, ou tecto,
Do raio, occulto em proximo negrume,
Rouba a materia, e subito a transmite
Ao fiel conductor, que sem violencia
A apontado logar a infesta chamma
Em silencio conduz: assim removes
De fructos, campos, ou cidade os raios,
E o mal, que ameaçava as fronteas nossas
Leva o p' rigo, o terror para outros ares.

Tambem com arte audaz, imperiosa
Esse ardente phenómeno terrível
Pelo fluido electrico se fórma,
E os olhos na evidencia absortos ficam:
Do globo na cadêa um vidro exposto
A luz attráe, e electrizado brilha;

Já não é mais que um céu, faiscas todo;
Rompe, salta o relampago; os ouvidos,
Exhalando-se o fogo assusta, fére
Com repentino, amiudado estrondo,
E de sulphureo cheiro empasta os ares;
Penetrado o crystal dos igneos tiros,
Sem que elles o traspassem, todo se enche
De vestigios errantes: com est'arte
Um feliz Salmonêo reluz, triumpho,
Faz que a terra assombrada escute o raio;
E, Prometheo sem crime, aos céos o rouba,
E em nossas mãos depõe o ethereo fogo.

Mais felizes comtudo os habitantes
Das margens, que fecunda alegre o Nilo!
Não se ouve lá tropel, motim dos Euros
Turbar aos ares seu murmurio doce;
Em aguas o vapor não se resolve,
Nem do seio os coriscos lhe rebentam:
Lá sempre um puro sol derrama os dias;
O céu calmo, e risonho, e transparente
Lá de saphira, e de ouro as côres véste:
De seis luas no espaço ao grato clima
Dos montes de Ethiopia descem chuvas;
Reforçado com ellas sóbe o Nilo,
Aguas desmanda pelo egypcio campo,
Que seus thesouros só do rio espera:
Quando ás portas do tropico é detido
Phebo por Cancro, longo mar se ant'olham

As campinas do Egypto; é ar, é ondas
Tudo quanto apparece ao longe, ao perto:
Cidades se abandonam, formam-se outras
De unidas barcas, onde o riso, as danças,
Festins, e jogos, e harmonia offertam
Espectaculos mil por toda a parte:
O Nilo a seus canaes emfim recua;
Fecundadas por elle, e sem que exijam
Os desvelos, que aponto em meus preceitos,
Sem custo, ou adubio as messes brotam;
De relva, e flores no verdor, no esmalte
O Egypto representa um prado immenso:
Quando reina entre nós o brusco Inverno,
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam,
Vós, Zephyros, brincaes na egyptica plaga;
E, quando a relva aqui revive apenas,
Ao ferro ali succumbe a flava espiga.

Oh vós com quem não tanto é de seus mimos
Pródigo o céo, vivissimos ardores
Esperae do Leão: quando elle impera
As messes brilham como o sol, que as doura;
A espiga encurva a testa, e d'entre silvas
Rouquejando a cigarra invoca a ceifa:
Já pacifico exercito se avança,
Toma a fouce na mão, e os trigos séga;
Derramados sem ordem ficam, jazem
Por aqui, por ali; depois em feixes
Em ligados montões amarellejam.

De miseros que chusma (oh céos!) é esta?
Colhe laboriosa a passo lento
A espiga, que escapára aos segadores:
Ah! não lhe arrebateis, deixae-lhe, avaros,
Tão ténue parte de tão vasta herança;
Dos dias seus esse alimento escasso
Perdido foi por vós, e que vos presta?
Deve-se ao pobre o que sobeja ao rico...
Resto (ai!) unico resto do aureo tempo
Que os homens via irmãos, sem dono a terra;
Aureo tempo em que tudo era de todos!
Deixae que um monumento ao menos dure
Do sagrado poder, que a seu monarcha
A Natureza deu, as leis tiraram.

Entretanto na herdade amontoadas
Róçam-te os tectos as pavêas tuas,
Emtorno aos muros; tens no meio a eira,
E instrumento, que açouta os louros fructos,
Fórça a depôr seus grãos avara espiga;
Volteando com arte outro mil vezes
Cáe, e recáe nas ordenadas messes,
Ao repetido embate o chão resôa,
Co'a palha misturado o trigo vôa.

Nos climas onde o sol não se annuncia,
Onde mui raro tempestêa o vento,
Dispõe firme terreno á eira tua,
Que herva, ou formiga penetrar não possam,
E que, as planicies dominando em roda,

Ganhe o bafo subtil de aragem mansa:
Lá teus almos depositos se levam,
Lá da celeste abobada se fiam,
E arte do segador com taes auspicios
Ergue as brilhantes, as barbadas torres,
Que tem debaixo dos dourados tectos
Em aperto, em resguardo os teus thesouros.

Depois na eira, em circulo ordenadas,
Vós, pavêas, soffreis a planta equina:
Ao pezo de seus crebros, duros passos
As amarellas hastes arrebentam,
E escapa inteiro grão da rota espiga;
O crivo, meneado em mão ligeira
Do estranho, leve pó separa o trigo;
A palha vôa, foge, e o grão já puro
Altamente os celleiros te abastece.

O tempo da abundancia é da alegria,
O homem possui a principal riqueza:
Como, extincta a procella, os nautas gosam
Doce repouso na enseada amiga,
Taes quietos na eira os lavradores
Vêm dos trabalhos seus o fim, e o premio;
Tudo pinta o prazer, são risos tudo;
Parece que Hymenêo de dia em dia
N'esta aldêa, e n'aquella accende os fachos:
Eis aqui, eis ali campestres jogos,
Festins, canções d'alto arvoredó á sombra;
O gado, o fuso á pastorinha esquecem,

Aparta-se o pastor de seus rebanhos,
 De seus campos o agricola se aparta;
 Meninos em tropel com ancia os seguem,
 E atravessam, pulando, agrestes danças;
 Sobre a palha novinha os ouço, os vejo,
 Matizando os prazeres da innocencia,
 Na lucta, na carreira exercitar-se,
 Vejo-os cair, erguer-se, e rir da queda:
 Mais longe amantes, que a ternura inflamma,
 Sentados sobre o colmo apprestam laços
 * Encanto da existencia, origem d'ella,
 * Taes que se a eterno ardor m'os não vedára
 * Muro erguido entre nós por mão do Fado,
 * Se prisão tua, e de um mortal não fossem,
 * Comtigo, Analia, me fariam nume.
 Felizes aldeãos! Sua alma ingenua
 Da profana cidade ignora os vicios;
 De voluvel paixão caprichos firmam,
 E em corações, que nem desprende a morte,
 Se une Hymenêo a Amor, pureza ao gosto.

Tu celleiros propicios cautó escolhe,
 Ao frio, á calma impenetraveis sejam;
 Francos aos Nortes, satisfeitos d'elles,
 Teu louro cabedal dos Sues preservem;
 Desvelados teus olhos o examinem,
 E com robustas mãos se espalhe, e mova:
 Teme a quente estação; n'ella apparece
 O gorgulho cruel; esse inimigo,

Contagioso insecto os grãos traspassa,
Os come, ou inficiona: inda o não sabes,
E o numero fatal de seus enxames
Já dos trigos ao numero equivale;
Não destruindo a raça matadora
Fica o roído grão poeira todo:
Do vinho o cheiro activo, e plantas, flores,
O álbo importuno, que ao colono é grato,
O óleo tambem que de um rochedo emana;
São dons da Natureza uteis venenos.

Caterva de formigas sáe das covas,
Investe as eiras, o celeiro investe;
Longo exercito marcha em campo estreito
No transporte do espolio ferve a turba:
Esta o pezado grão conduz na boca,
E aquella maior furto a rastos leva;
Regem outras o passo, á obra incitam:
Suas próvidas leis convem que imites,
O exemplo d'ellas teu desleixo emende;
Mas cerra ós armazens á negra chusma,
E atulha os subterraneos onde habitam:
Ha para as destruir mais facil meio;
Entorna-lhe no asylo agua fervente,
Colhe as formigas na inundada estancia,
E em igneas ondas o inimigo affoga.

Porque os thesouros de teus campos durem,
Arte simples, e nova dá leis certas:
Na joeira se alimpe, e da humidade

Isempto para sempre o trigo seja;
Uma estufa prepara, onde ar, que a enche,
Se abraze em fogo occulto, e creste, e mate
O insecto devorante, o germe ignoto;
Esta, que Duhamel ha dado á França,
Arte proficua te defende os trigos;
Este asylo não soffre o bicho, as aves,
Mas quer ventilador, que o ar lhe innóve,
Ou um moinho o agite, e ao grão já quente
Allivio salutar nas azas mande,
Ou dous flexiveis folles á porfia
Aspirem sempre o ar, que o grão refresque:
Ar segue o ar que o foge, aperta, e entra,
E se insinúa, e sáe rapidamente;
D'est'arte o trigo teu refrigerado
De todo o mixto impuro está liberto.

Meio mais facil, da experiencia filho,
Grãos, e semente ao lavrador conserva:
Quando da ardente abóbada, que os cóze,
Já prestes a nutrir-te os pães se tiram,
Se ali, d'onde elles saem, se ali o amédas
Necessario calor o trigo encontra,
E forte apoz dous dias secco, e puro
O verás salvo do inimigo insecto.

Sáe a colheita emfim de teus celleiros,
Léva a mil partes abundancia, vida,
E, por diversas plagas circulando,
Ella anima, repara, escora o mundo:

De pródigos verões ceifa ditosa
Soccorros affiance a estereis annos;
Debaixo da cal-viva agasalhado,
E em funda cavidade incluso o trigo
De Invernos cento, ou mais não teme afrontas.

Mas vós, que d'estes bens, ó camponezes,
Não podeis nos casaes erguer montanhas,
Ah! que fareis, se a carestia horrenda
Semear amargura em vossos lares
N'esses tempos fataes? Que é do regresso?
A opulencia obterá de ferteis climas
O que infecundas terras vos negarem,
E não descobrireis n'um campo ingrato
Mais que a fome voraz, e logo a morte:
Oh vós, a que a abundancia o luxo apura,
Indigencia adoçae de mil, que gemem;
É titulo a penuria, um jus sagrado
Tem á vossa piedade, e é uma, é uma
Das nossas precisões fazer ditosos:
Cidades imitae, que oppõem á fome
Deposito commum, zelados trigos;
N'esses ricos montões se alenta o pobre:
Eis os campos que tem quem não tem campos.

Lá das margens do Escaut que gritos sôam!
Povos cultores das flamengas terras,
Vingava o trigo vosso; a nova quadra
Ampla colheita promettia aos votos:
De repente a discordia o medo esperta;

A paz ao som das armas treme, e vôa;
Respira tudo raiva, e guerra, e morte,
Dos ávidos soldados tudo é prêza:
Nas tristes margens atterrado o rio
Vê consternadas mães fugir ante elles;
Os convulsos, attonitos pastores
Incitam para as proximas aldêas
Do timido rebanho os lentos passos;
Aos olhos do colonó o ferro brilha,
Desampara gemendo os bois, o arado,
E a vista com saudade aos campos volve;
Campos, que não lavrou para inimigos!
O bronze atrôa os céos, baquêam. muros,
Defensores não ha; morreram, morrem:
As torres crê Tournai remir do estrago:
Onde, oh germanos, bátavos, inglezes,
Onde ides? Que produz o auxilio vosso?
Vingar-vos Cumberland debalde empreende:
Luiz vôa ao perigo, a gloria o chama:
Vêde de Fontenoi, vêde nos campos
Destemidos, magnanimos guerreiros
Que, olhando-os, elle inflamma, e guia aos louros:
Reluz prudencia do meu rei ao lado,
Reluz grandeza heroica, e brio ufano;
Nas phalanges adversas bramam, lavram
Esperança fallaz, e presumpçosa,
Temeridade insana, insano orgulho:
Entre elles, e entre nós audaz braveza

De fileira em fileira esparge a morte;
Mas o Thrécio numen carrancudo
D'esta scena de horror córta o progresso,
E só furores vãos deixa aos vencidos.
Os passos de Luiz segue a victoria;
O heróe triumphante a humanidade escuta,
Lamenta o sangue, que os trophéos lhe importam,
E, porque outorgue a paz, só quiz a palma.

Delicias do teu povo, oh rei sublime!
A tão recto desejo os céos annuem:
Já, já vão renovando os lavradores
Seus puros passatempos; e, a teu nome
Co'a voz do coração mil vivas dando,
Dirão a nossos netos: « Messes, festas
Devemos a Luiz; não préza menos
Venturas nossas que proezas suas. »

CANTO SEGUNDO

DAS VINHAS

Já celebrei cultura, e dons de Céres :
Acode, vinhateiro, ás vozes minhas;
Teus óuteiros dispõe, sazône o cacho,
Nas adegas depois se envase o nectar.

Eu vou cantar beneficencias tuas :
Meu estro altêa, 'oh Deus, que preservaste
Do naufragio do mundo um ente pio,
Gran patriarcha das edades duas,
Que, da vinha cultor, seus usos soube.

O homem, subido da maldade ao cume,
O raio vagaroso assoberbava;
E disposto á vingança emfim o Eterno
Já ía exterminar perjura estirpe:
Um justo o suspendeu; — Noé sómente,
Só em todo o universo, obteve a gloria
De que os céos d'entre os impios o estremassem !

Assim que a lignea estancia elle findára,
A terra com seus povos foi proscripta;
Ferrenho o pólo, o pólo inexoravel
Ante os olhos attonitos derrama
Torrentes até'li nos ares presas;
Sôlto o Oceano da barreira immovel,
Onde a mão do seu Deus lhe estreita as furias,
Sáe, corre, ferve, brama, innunda a terra;
Tudo morre entre as ondas, tudo morre:
A arca só do universo é a esperança.

N'isto o senhor, e o páe da Natureza,
Por sua rectidão desaggravado,
A cholera mitiga, acena aos ventos,
Que, os céos acrysolando, a terra enxugam:
Pouco a pouco resurgem penhas, serras;
O remidor baixel no Armenio monte
Encalha finalmente; as ondas fogem
Por aqui, por ali a estrada abrindo,
E como que as montanhas nascem d'ellas;
Entra mugindo o mar no leito enorme,
E volve etherea lympha ao seio etherco.

Mas do salvo mortal qual é o espanto!
Que lugubres mudanças pavorosas
Vê no seu domicilio! Eis alterada,
Eis d'agua a terra aberta em fundas bôcas
Os matizes perdeu, perdeu o esmalte,
É confuso montão de lodo, e rochas;
Já nas rotas, miserrimas entranhas

Os succos lhe não correm: fero ainda
De nuvens todo o ar se entenebrece:
O homem treme, e recêa outros naufragios.

Mortal, não descorções; Deus promette
Que nunca a terra ingrata os mares sorvam:
Attenta no arco, de alliança abono,
Que d'hora ávante a divinal clemencia
Entre si, e entre nós de todo firma.
Eterna mão por beneficios novos
A terra formosêa, onde gravára
Do seu vasto furor signaes tremendos;
Um Deus se digna de ensinar aos homens
Arte ditosa, que em liquor celeste
Muda espremidos, saborosos cachos:
Este nectar possante innova as forças
Do mortal quebrantado; os risos gera,
E co'a fecunda, cordeal virtude
O mundo consolou do equóreo estrago.

Juntas cêpas Noé dispôz em ordem,
Armado do podão talhou sarmentes;
Ao pezo de seus pés purpureados
O cacho rebentou, e ante seus olhos
Correu, pondo-lhe espanto, o vinho em ondas.

Armenia te gostou, nectareo succo;
A Grecia com fervor te quiz no seio;
De colonia, e colonia em mãos a vinha
Passou dos orientaes ao campo Ausonio;
O Ebro vestiu com ella as praias suas,

E para haver seus dons o gallo antigo
Rochedos commetteu, transpoz montanhas:
Cedo o Erídano o viu co'as mãos ovantes
Roubar-lhe o sumo dos vinózos bagos:
Antes de submetter-se ás leis de Roma
O Arcómico volco em nossos climas,
Já do Rhodano a vinha ornava as margens:
D'entre seus lagos Maguelone admira
Ladeiras, que de pâmpanos se adornam:
Submisso ao jugo do adoravel Probo
Desdenha os fructos da azinheira o celta,
Os bosques arrancando, acolhe as vides;
E com seus vinhos egualmente o belga
As frias aguas tinge ao Vessa, ao Rheno.

Tocando a rica planta o chão germano
Seus verdes braços á Panonia estende;
Mas, porque aos tenros, melindrosos filhos
Recêa os golpes da geada infesta,
Climas foge onde a Ursa, o Carro assomam,
E da ferosa ecliptica os ardores
Sobre arêa africana escádeas torram.

Entre estas flammas, e os gelados pólos
Á sombra de um céo brando existem plagas
Onde os Favonios amaciam Bóreas,
Onde chuveiros o calor temperam,
E na carreira obliqua o sol constante
Abre para os mortaes, lhes assegura
Fructos formosos, e formosos dias;

Eis o terreno ás cepas deleitoso:
Lá surge a parra, madurece o cacho;
Mas ha paragens ali mèsmo ingratas,
A que repugna sem virtude a cepa,
E a que nunca se afaz. Parca, ou esteril
É sobre chão barrento; é forte em pingue;
Mas tristemente fertil: esconder-lhe
Cumpre no abrigo de amovavel clima
Septentrional carranca, e ventos bravos.

Ama o escasso pendor de um bello outeiro,
Onde a terra sulphurea, leve, unida
Em chão fragoso co'a volante arêa,
Recebe toda a luz do sol mais vivo.
Ali (mercê dos reflectidos lumes)
De optimos fructos se enriquece a vinha;
Seixos, por lavra e lavra ali já gastos,
Cospem chamma efficaz, que aos troncos salta:
Assim vemos a pedra onde elle, occulto,
Do frio, duro seio é arrancado;
O aço prompto a golpêa, sáe do embate
Ignea scentelha, e pula, e brilha, e morrê.

De altissimos outeiros no recosto,
Onde a cepa firmar-se apenas pôde,
Fervente alluvião, que vem dos montes,
Valles com teus plantios alastrára,
Se duplicados, vigorosos muros
Da procella ao furor não fossem diques;
Est'arte o atavio é dos fecundos

Serros, que o Tarn, e o Rhodano humedecem :

Lá diligentes mãos vi dia, e dia
Trazer dos valles os torrões lodosos,
Cubrir das rochas a nudez agreste,
Communicar-lhes vida, e fecundal-as:
Emendando a madraça Natureza,
Assim, oh arte, amphitheatro fórmás
De flores, fructos, e arvores, que erguido
Em ledas gradações aos montes sobe,
Onde as messes, e as cepas nascem, pendem.

Caváste os regos; á experiencia toca
Escolha dos plantios, e distancia:
De arraigados pimpolhos, que verdejem
Com primaveras tres, servir-te pódes;
D'esses alumnos teus, que no viveiro
Primicias de raizes te offertaram:
Mas isto, assás custoso, assás inutil,
De experto vinhateiro é rejeitado;
Imita-o, corta essas estaças faceis
Que houveras escolhido em troncos ferteis;
Arrancados á mãe renovos tenros,
Enfeixados, captivos n'agua, ou terra,
Grãos esperando a que os destine a sorte,
Logrem frescura, e sem raizes vivam.

Lá quando o turvo Aquario em nossos climas
Faz que reinem com elle a neve, os gelos,
Conduze tenues hastes; a esquadria
Em angular feição divida a terra:

Quer vigoroso chão que mais se apertem,
 Que se desunam mais quer uma encosta;
 Dê-se extensão maior aos seus carreiros,
 Se provar devem da charrua o ferro.

Que mão destra, os plantios concordando,
 Misturar saberá generos varios?
 Bebida singular compôr desejas?
 Faze liga gentil de uvas diversas:
 Esta, que abunda de calor, de força,
 Dá corpo aos vinhos, lhes carrega as cores;
 Aquella, de sabor mais aprazivel,
 De condição mais branda, off"rece aos labios
 Liquor delicioso, e vivo, e leve;
 Cacho de superficie alambreada
 Vinho annuncia espirituoso, ardente,
 Mas que em breve se altera: alguém que saiba
 As misturas, e os numeros contar-lhes,
 As ondas contará, que sobre as praias,
 Ou contra as arduas penhas vem romper-se.

Segue-lhe usos, e leis em todo o sitio;
 Regra austera, excepções porém soffrendo;
 Segura nos seus votos, a experiencia
 Do consummado vinhateiro é guia:
 Morrendo algum renovo, abaixa, enterra
 De cepa um mergulhão com que visinhe;
 Successora do irmão, do sitio herdeira,
 Mãe seja ali de descendencia nova.

Facil, prompto em subir, não pouca's vezes

Dobra a prazer dos ares o sarmento,
E a custo se mantem; d'elle apiedada,
Soccorre a natureza o debil ramo,
Com turtuosas mãos o corpo lhe arima:
Eis o pâmpano alonga os verdes braços,
Ajudador visinho em torno busca,
E se ampara com elle; é necessario
Prever-lhe as preci-ões. Alta na Hetruria
Casa-se a vinha ao olmo inda creança:
Desde o seu nascimento ambos unidos,
Um por outro abraçados, vivem, crescem
Os ramos amôrosos, e não tarde
A arvore off"rece aos olhos admirados
De uvas, e parras orgulhosa a frente.

É proficuo tanchão bastante apoio
Ao sarmento, entre nós menos altivo:
Da ufana Iberia nos ardentes combros,
Nos que a margem do Rhodano acompanham,
Jámais soccorro alheio elles imploram;
Força propria os sustem, sem risco sobem,
Não temem furias de contrarios ventos,
E os ramos seus com desafogo estendem.

Honra de teus vergeis, a vinha ás vezes
Ouro alardêa, e purpura dos cachos;
Por formosa latada eleva os fructos,
Trepá, e roça no cume encaniçado;
Ou, curvando inda tenra a docil rama,
Os parreirões de pavilhões te c'rôa.

Quando o murcho sarmento as galas despe,
 Vae podar, bem que ainda não voltasse
 Do cultivo a sazão; se acaso imitas
 Ordinario vagar dos vinhateiros.
 Se do geral costume és cego escravo,
 Té que os primeiros Zephyros suspirem
 Mando não ousas ter nas vinhas tuas:
 Em vindo a primavera acorda o succo,
 Anda de vêa em vêa, anima os ramos;
 E, encontrando a ferida aberta, e fresca,
 Em lagrimas demais elle se escôa,
 Evapora-se emfim; porém o inverno
 No podado sarmento aperta, e cura
 Quantos canaes lhe lacerára o ferro;
 Modera os prantos seus, e assim captivo
 O succo se mantém, que augmenta os fructos.

Ás lavras finalmente a primavera
 Solto exercicio dá: nas mãos nervosas
 Tomam ferreo instrumento os vinhateiros;
 Aos golpes os torrões lá se amollecem,
 Róçam-se as pedras, se atavia o campo;
 E, de saibro visinho as cepas livres,
 Do sol aos raios a raiz devassam.

Tens as collinas destinado á lavra?
 O mestiço animal, e os bois conduzê;
 Entre fileiras de arredados troncos
 A indomita cerviz lhe afaze ao jugo:
 Assim que a primavera adoça o clima

Abre os olhos a vinha, e choros véрте;
Recolhe attento as valiosas gotas;
Na vista, que a despiu, renovam graça,
Com ellas volve á face a têt de rosas,
E a pedra, intensa dôr, bebendo-as, vae-se.

Teme porém que Zephyro a seduza,
E fervorosa, e de chorar cançada,
Desdobre a vinha não prudentes flores;
Muda Favonio, primavera engana:
Da plaga nossa rechaçado ás Ursas,
Oh! quantas vezes o medonho inverno
Tórce a negra carranca, e retrócede!
Por entre virações entorna gelos,
Rouba á terra os thesouros, e devora
Gratas promessas dos raminhos tenros.

Se da saraiva impetuoso embate
Rompe do germe os rebentões primeiros,
Sê tambem, sê cruel para salvar-os;
Decepa logo, logo, as novas folhas,
O sarmento verás tornar-se á vida;
Mas os renovos seus menos valentes
Provam-lhe o esforço, e juntamente o damno.

Se até na cepa volteando o succo,
Impropios frics os sarmentos crestam,
Cumpre que a esteril fronte lhe cercêes,
Cumpre que lhe abras os gelados corpos,
E que outro fertil ramo ali situes:

O tronco o adopta, e mais feliz, mais farto
Dá novos fructos, numerosa próle.

C'roam-se em tanto os pâmpanos de flores,
E recolhem do sol cãlor propicio;
Mas, se o planeta por mais ampla estrada
Sobe ao cume da abobada celeste,
Porque aos raios phebêos a vinha esquive
O cauto vinhateiro ampara as cêpas;
Com a enxada nas mãos abre o terreno,
A perfida raiz destróe das hervas,
Em visinhança ao tronco estacas planta,
Que os braços lhe mantem quando se alonga;
Rege os pimpolhos, que no extremo abundam,
Um ramo se condemna, outro se escolhe.
Prende a altivez de ambiciosa folha,
E, se lhe empece, um botãosinho arranca:
Mais fecundo perdendo ávidos filhos,
Só ramos uteis fortalece o tronco.

Formam-se os cachos, e o calor bem cedo
Ha de pintar-lhes duvidosas côres:
Quando, cubrindo-os a folhagem densa,
Oppõe á luz diurna um véo sombrio,
Tornem-lhe a luz, e mais vermelho o fructo
Vê-se que ao sol de purpura se tingem:
Em vicejando sem arrimo as cepas,
Basta entrançar-lhes a madeixa longa.

Jámais das vinhas te enfastie o amanhã,

Ellas soccorros teus assiduos querem:
Já forte, e nova terra estão rogando,
Já nutrimento de abundoso estrume;
Herva destróes em vão, e em vão repulsas,
Ella se reproduz; teima em tiral-a:
A nojosa lagarta, occulta aos olhos,
Prole depõe no pâmpano recente,
Se esconde, enyolve, e da folhage infecta
No curvo seio em segurança vive.

Pernicioso insecto eis sáe da terra,
E, roendo a raiz, faz guerra ao fructo:
Dos caracões o rojador enxame
Com a escuma tenaz corrompe as uvas;
Contra tanto inimigo armar-te deves,
E os damnos com desvelo acautelal-lhe:
Ergue uma balsa, os herriçados muros
D'ali rebanhos com o espinho arredem;
Da cabra mais que tudo o infenso dente
Para a cepa, que fére, é peçonhento:
De trabalhos um circulo te abrange;
O anno aponta, volteia, e retrocede.

A quadra mais feliz, mais opulenta,
O outomno a teus desejos apparece:
Cala-se, e dorme o vento, o sol no giro
Distribue egualmente a noute, e o dia;
De importunos ardores livre a terra
Espira os molles Zephyros; a planta,
Toda pomposa dos seus dons mais bullos,

Já para nos brindar inclina os ramos;
De fructos mil c'roada a Natureza
Nos convida ao festim, que lhe orna a meza;
O cacho aos olhos sasonado offerta,
E envolto em superficie azul, ou roxa.

Dado o signal, enceta-se a vindima;
Enxame camponez caminha á pressa,
Dirige-os o prazer; co'as mãos activas,
Da cantilena ao som, cercêam cachos;
Porém fructos com eiva, ou abortivos
Do thesouro commum são refugados;
Deixa esses bagos, alimento de aves,
Não te manche os toneis seu podre sumo:
Aos cachos apanhados n'um só dia
Não dás um só destino; estes se elegend
Entre mil para a meza, e se mergulham
N'agua fervente de que surgem brandos;
O sol murchou-lhe a flor da mocidade,
E rugas a velhice antecederam;
Aquelles, cujo preço é venerado
Da quadra fria, engelham-se nos tectos,
Pendentes envelhecem mauso e manso.

Acolheu-se a teus muros a viúndima,
Folhas enjeitas, e a despida esgalha;
Sobre taboas depois, com arte unidas,
Nús, vigorosos pés espremem cachos:
O sumo em grossas ondas vae manando;
Preso nas pipas, nos toneis captivo

Fuma, ruge o liquor, e sobe, e ferve;
E co'a pelle, que tinge, misturado
Toma o lustre, o calor de um vivo fogo.

Cinco vezes a noite os véos desdobra,
Cinco vezes o sol desfaz as trevas,
E gota a gota nos crystaes filtrado,
Qual brilhante rubí, cáe puro o vinho;
Convem que sáia então da cuba, e seja
Das fezes desviado: os ligneos muros
Dos vasos, que encha, o carcere lhe apertem.

Era em Grecia, em Ausonia um tosco barro
Estancia fragil dos ferventes mostos:
Ou no seio de um odre amotinados
Não poucas vezes a prisão rompiam:
Teu povo, oh mãe, oh Gallia industriosa,
Soube em curva madeira obstar-lhe ás furias,
Taboas juntando, circumdadas de arcos,
De invencivel cadêa os opprimiam.

Quando fallece o vinho á cuba exhausta
Toma dos bagos o fumante espolio:
Eil-os já, no lagar accumulados,
Ao pezo gemem de abatidos fusos;
Sáem da uva esmagada os sumos logo,
E regatos de vinho a terra innundam;
Tropel vindimador ao vel-os folga,
Tomam cópos nas mãos, dão grandes sorvos;
E, se outra vez na cuba introduzirem
Estas já fézes languidas, cançadas,

E as afogarem n'agua, em breve a córam;
Apparencia de vinho engana os olhos,
Succo de expressos bagos a presumem,
Mas do falso liquor o travo insulso
Mostra a franqueza da mistura impropria.

Eia, engenhoso amante de aureo vinho,
Queres que, rindo aos olhos, saiba ao nectar?
Nunca dos cachos te allicie o alambre,
Dão liquor fraco, amarelleja em breve;
Nasce vivo liquor das uvas negras,
E experto, e scintillante as quadras vence:
Arte se deve de Champanha aos povos
Que um corpo aos vinhos dá firme, e duravel;
Est'arte presta só. Depois da aurora
Aos lumes de um sol puro escolhe, apanha
Uvas tintas de azul, e inda orvalhosas;
Estende-as mollemente, e vae d'espaco
Lançal-as n'esse dia em teus lagares,
Sintam do fuso os golpes; ser costumam
Primeiros prantos seus seus dons mais doces;
Humor, que se lhe extráe do seio á força,
De um pallido rubí tem côr incerta,

Lá nas adegas que ruido sôa!
Que ondas são estas, que em toneis escumam!
Deixa livre abertura ao mosto accezo,
E sem custo entre o ar, saia, e murmure:
D'est'arte, quando tubos aprisionam
Ondas, que vão caír n'um tanque vasto,

Recêas que do vento o bafo incluso,
E, agua, espartada na prisão por elle,
Unindo-se, os canaes arrombem todos,
E abres então respiradouros livres:
No carcere egualmente o vinho ruge,
Levanta borbulhões, e crê que o rompe;
Escumando se apura; ajuda-lhe o erro,
Nutre-lhe a furia, porque amanse o fogo;
Ardores juvenis tempéra a idade;
Repousam finalmente, e se amaciam.

Então dos lares teus os subterraneos
Emtorno aos muros os toneis acolham:
Resguardar-te as adegas deve a terra;
Se os éccos do trovão teu vinho assustam,
Move-se, ferve, turba-se, descóra:
O aceio impere na tranquillã estancia,
E a todo o cheiro inaccessible seja:
Longe ess'arte impostora, essa que os nossos
Puros bens viciando, ao vinho ajunta
Agradaveis peçonhas; sobre a escoria
Quando mui longo esquecimento o deixe
Que elle se allie co'a inimiga temam;
Do lodo corruptor largue a morada,
Remoto d'elle, e preservado exista.

Queres que os vinhos á clareza, ao pico
Aggremuem seus rubis, ou viva espuma?
Do seio dos toneis convém que os tires
No tempo em que renasce a Natureza.

Seiba, que a mocidade á vide acorda,
Opéra no liquor, e anima-o sempre:
Depois da primavera amadurece
Aos vinhos o vigor, elles alcançam
Do socego, e da edade um preço novo.

Se a despeito porém de teus desvelos
Se evapóra o liquor empobrecido,
Ou finalmente azéda, o vicio d'elle
Certas virtudes tem; seu gosto, e cheiro
Insípido manjar corrige, aduba;
Contra cem males, cujo ardor curtimos,
Triste mortal nas afflicções o implora;
Dos venenos da peste a furia extingue,
E o fogo precursor da raiva horrenda:
Áquelles, cujo braço a patria escuda,
Abona vezes cento a força, e vida;
Saxe aos francezes, aos romanos Cesar
Seu uso impondo, seus effeitos viram.

Oh! Quanto, e quanto é devedora ao vinho
Arte assombrosa, que o divide, e apura
Por meio de um forninho! Em igneas azas
O espirito se eleva, e resfriado
Tardia, frouxamente se distilla:
Taes os lumes phebêos, ou terrea chamma
Vapores erguem dos trovões ao clima;
Os corpos no calor se lhe dilatam,
O frio lh'os aperta, lh'os condensa,
E descem, precipitam-se dos ares:

A aguardente no lar se faz d'est'arte;
Se por novo trabalho a rectificam,
O espirito do vinho eis despe a fleugma;
E livre sóbe, e cáe purificado.

Povo de Montpellier, a industria vossa
Do vinho usa formar util ferrugem,
Util, mas arriscada. Ali no fundo
De escura adega mergulhaes os cachos
Em urnas, onde o vinho se lhe embebe:
Batido cobre de estendidas folhas
No cacho longo tempo está confuso;
O vinho ali se azéda, ali fermenta,
E o exhalado espirito derrama
Verde vapor na ferruginea massa.

Bátavo, subsistir com taes venenos
Vês os teus diques, e as cidades tuas;
Seguros dentro d'agua os alicerces
D'insecto estranho tal peçonha os livra:
Tu, cuja mão copia a Natureza,
Tu, cujo audaz pincel dá vida aos quadros,
Enche-o d'este util pó; com elle exprime
Louçã verdura, que ameniza os serros.

Quando o vinho nas fézes, novo ainda,
Vae fermentando, seu fervor se apura
Dos mais grosseiros sáes; endurecido
O sarro nos toneis, d'ali tirado
Se aprompta para mil necessidades.

Não sei de clima, que dispute á França

Dos seus famosos serros a excellencia:
L'Hermitage, e Cahors aos gostos nossos
Dão generosos, dão maduros vinhos,
Vinhos fartos de espirito, e constantes.
Madureza co'a força emparelhando,
Os de Occitania, e Rhodano assignalam;
Lóte-os expèrta mão com outros vinhos,
E affoutos vão luzir dos reis nas mezas.
Liquores que, oh Vienna, aromatizas
Quão gratos me seriam, se a mal-firme
Razão minha o vapor lhes não temesse!
Nas aguas seus thesouros estendendo,
Vê Garôna o solícito britanno
Que os perturbados vinhos lhe carrega
Nos seus lenhos innumerados; os vinhos,
Que sobre as aguas em passagem longa
Austera condição despir costumam.

Deleitosa Borgonha, a ti se inclinem
Tão claros nomes, e o seu rei venérem:
Une-se alegre bando á face tua,
Bebe prazer, saúde a largos sôrvos:
Rival digno de ti, tambem Champanha
Risos, jogos conduz, e Amor, e as Graças;
Do vivo seu liquor a espuma bella,
Fendendo o ar, que a aperta, sobe, e pula;
Na luz vence o crystal, no gosto é nectar:
Emulos immortaes, ambos contentes
Da vossa fama, sem victoria obterdes,

Contendei-a entre vós, armae sequazes;
As guerras suas são risonhos brincos,
Mimos, e amores a peleja expertam.

Ha dourado liquor, brilhante vinho
Que parece os prazeres o aprestaram;
Seu calor salutar, deþois de ledó
Opíparo festim, fomenta, aquece
De já cançado estomago a tibieza:

* Nos campos, que de Tubal honra o nome,

* Nectáreo moscatel, assim prospéras.

Reconheço os teus dous, e teus perfumes
Amo, oh suave humor, que a custo entornam
Bagos de Frontignan! O precioso
Tokay, teu digno contendor, te eguala,
Se acaso não te excede. Ouro, escondido
Entre o terreno onde seus cachos surgem,
D'elles no seio co'a substancia cása:
Inferiores a ti, no gráo segundó
Repartem nossa escolha os outros vinhos;
Canarias, Alicante, e Syracusa,
Chiras, e Pacaret, Málaga, Iberia
O gosto acariciam: Grecia exalta
Inda de Lesbos os vinosos cumes,
E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.
Sobre ardente brazeiro a Creta em Gnoссия
Condensa pouco a pouco as malvasias:
D'internas brazas o Vesuvio accezo

Vê junto a seus vulcões, ás lavas suas
 Dos cachos emanar liquor fragrante.

Ao promontorio, cujo pé carrega
 No Oceano feroz, * onde alta Musa

* (Das Camenas do Tejo honra, e saudade)

* Gigante, em olhos negro, e negro em boca,

* De tormentas c'rou, cingiu de agouros;

* Lá quando, sobranceiro á Natureza, *

* Talhando a pégo immenso as virgens ondas,

* Esperanças colheu por entre horrores

* O occidental Jason, ao promontorio,

Cujo nome os baixeis acoroçôa,

De nossos campos trasladadas cepas

Dão vinhos, cujo succo avelludado

Toma, africanos céos, á sombra vossa

Aroma encantador, qual não gosára

Proximo ás fontes d'onde corre o Sena.

Bem que vinhos de nome a Hetruria affamem,

Degenerado tem na Hesperia toda:

Esses, que sobre as ázas d'aureos versos

* (Versos que iam privar co'a eternidade)

O cysne de Venusa aos céos erguia;

Alba, e Cales, e Massico, e Falerno,

Fracos, doces de mais, desenxabidos,

Ha longos tempos seu louvor perderam:

* No espirito, e sabor diversos d'estes

* Em altos vinhos se abalisa o Douro.

Herdeiros dos romanos, os francezes,
As artes amimando, a guerra exercem;
De quem subjuga o mundo o vinho é premio.

Tu, que deste canções ao terno Horacio,
Corre, mago liquor, teus dons se acclamem;
Com elles nossos males tu guareces,
Escóras a fraqueza, e restitues
O juvenil fervor ao velho inerte;
És alma dos festins; quando os não honras
Se tórna sem-sabor manjar mimoso:
Substancias, que provém do trigo, e fructos;
As perfumadas, as chinezas fôlhas;
Dos grãos de Yemen a singular bebida;
O cacáo negrejante, alimentoso,
Taciturnos liquores, — nada usurpam
Á tranquilla razão na mente immovel:
Tu só, nectar divino, é que insinúas
Nas almas todas esperança, e gosto.
Da sociedade medianeiro amavel,
Os que odio desuniu, reconcilias;
Dás-lhes sereno olhar, benigna face,
E união cordeal de ti renasce.

Cego nos cultos seus, o tempo antigo
Fez das vindimas tutelar deidade
O filho de Seméle; á sacra fronte
De eterna primavera uniu-lhe as graças:
Em carro, a que ligou panthéras, lynces,
Aos credulos thebanos Baccho ensina

Seus ritos, seus mysterios vãos, fallazes;
De uvas, e de hera engrinaldado assoma,
Pâmpano sempre verde o thyrsos lhe orna:
As soçias, pelo mosto avermelhadas,
No monte Cytheron orgias celebram;
Faunos lhe estão d'aquí, d'ali Sylvanos;
Silêno ou cambalêa, ou vae-lhe em braços.

Da turba os phrenesis irrita Brómio;
Eis Lycurgo, Pentheo despedaçados,
* A mãe (ah! já não mãe!) lacera o filho:
Aos vicios consagrado o culto infando,
E ás virtudes fatal, do sabio é odio:
No ardente fanatismo o povo accezo
De ramos allegoricos se cõbre,
Pelles de tigre veste, e sobe aos montes
Ismaro, ou Pélio; rapido os vaguêa;
Religião, piedade o torna insano:
Ménades em torrente o campo innundam,
Ferem o éneo instrumento, uivam nas serras;
E a douda embriaguez, gerando excessos,
Muda-lhe o culto em crime, o zelo em furia.

Das festas de Lyêo bando atrevido
Cedo em Athenas a tragedia fórma.
Éschylo a cria, Sóphocles a eleva,
E em seus versos de fogo a adora o mundo:
Est'arte, que, pathetica, terrivel,
Grande, sublime, audaz, maior que todas,
Galardôa a virtude, atterra o crime,

De brutaes espectaculos nascida,
Filha da Insania, em Grecia ennobreceu-se,
Em Roma descaíu, puliu-se em França.

Rival dos gregos, e das orgias suas,
D'elles as saturnaes colheste, oh Roma:
A par de seu senhor sentado o servo
Egualdade exprimiu dos tempos de ouro;
Licença, embriaguez por toda a parte
Seculos de innocencia ousaram crer-se:
O carnaval emfim d'este proscripto
Tumultuario culto exclue o pejo,
Mas o espirito seu tem conservado.

Politica firmando até nos gostos
Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo:
Dos tribunaes ás venerandas portas,
Sorrindo-se, apparece a Liberdade,
E rigor, subjeição d'ali remove;
O instante, que seus jogos annuncia,
Da cidade atinada o siso varre;
Bellezas mil e mil, que lá no centro
Dos tristes lares seus, entre altos muros,
Dias arrastam como a noute escuros,
Curvas ás ferreas leis de seus tyrannos,
Victimas do ciume, e sempre em inedos,
Subito passam da amargura ao riso,
Do extremo jugo á liberdade extrema:
Então não tem poder, nem jus o esposo;

Então lei respeitavel crê Veneza
Vestir-se o rosto de emprestada face;
Ella ao mysterio dá seguro asylo,
Um mortal mascarado é quasi um nume.

Que impostores de espheras se rodêam,
De caracteres vãos, compassos, vidros!
Que insensatos suppõem que arte dolosa
Allumie o porvir, n'alma lhes lêa!
Levando melhor guia os amadores
Nos olhos do seu bem vão lêr seus fados:
Est'outros á Fortuna altar levantam,
Ali depõe o avaro infames votos;
Medo, esperança, e boa ou má ventura
Cem palpitantes corações esforçam.
Tremendo aos golpes do erradio Acaso,
Da Sorte, que ora dá, que outr'ora usurpa
Thesouros, por cegueira á Sorte entregues,
Todos, té quando seu favor lhe acode,
Todos (caterva iniqua!) sentem menos
Do lucro a posse que o terror da perda.

A scena prazenteira os jogos abre;
Surgindo lume, e lume os ares crestam;
Aos lucidos festejos sobre as aguas
Succede a melodia, apoz seus passos
A dança faz voar gentil enredo;
As margens do canal, palacios, praças
Tudo ri, tudo brilha, assombra, encanta;

E os Gostos, as Delicias, vencedores
Da Razão grave, e da Moral severa,
Por entre seus trophéos ali recordam
Artes, feitiços, illusões das Fadas,
Té ao dia em que as leis de novo imponham
Jugo aos transportes, aos delirios termo.

CANTO TERCEIRO

DAS ARVORES

Bosques, jardins, vergeis, mostrae-me o seio;
Eu canto os vossos dons, e abrigos vossos:
Dado ao transporte, que influíra outr' hora
O vate Mantuano, o velho de Ascra,
Sou dos francezes o primeiro, que abre
Incognitos caminhos no Parnasso.

Tu, que para exaltar plantas, e bosques
O mais sabio dos reis, Deus, inspiraste,
Lhe ergueste o genio, os sons lhe dirigiste,
Anima-me a cantar-te as maravilhas.

Cavernas, arvoredos, gratas sombras
Com doce embriaguez minh'alma innundam;
Brando a meu verso applaude-me o carvalho,
A fronte inclina, os ramos lhe susurram,
E os éccos d'entre as penhas, d'entre as selvas
Duplicam seu murmurio, e me respondem.

A Grecia presumiu, sonhou que os deuses
Povoavam jardins, montanhas, bosques ;
Que Pan, Delia, Priápo ali se viam
E morava uma Nympha em cada tronco:
De Dódona os milagres admirando,
Consultavam prophético arvoredos:
Sobre carvalho, aos povos adoravel,
Iam colher o agárico sagrado
Féros ministros, druydas cruentos;
Ante o culto plebeu se expunha em áras
Penhor ficticio do celeste amparo.

Cumpre á Verdade, oh bosques venerandos,
Vosso prestimo, e mimos pôr patentes:
Os primeiros avós nos abrigastes,
As vossas grutas os seus lares foram,
Cidades suas os recintos vossos:
Quando errantes mortaes por leis se uniram,
E ergueram muros, e elevaram tectos,
Em tectos converteram-se arvoredos,
E cubriram com regra os edificios;
O cedro se accendeu, na umbrosa estancia
O dia resurgiu por entre a noute;
O penetrante ardor de accezos troncos
Amaciá do inverno os agros gelos:
O pinho sáe dos montes, desce ás aguas,
E curvam-se em baixéis as moveis selvas;
O Oceano, que divide ao mundo as plagas,
O laço é mesmo que reúne as terras;

O homem vae promptamente aos climas todos,
Fica todo o universo uma cidade.

Amplas florestas, alterosos troncos,
Mortal, ao teu suor não se reservam:
Dos arbustos cuidado o céo te incumbe,
Plantas, bem como tu, frageis, caducas;
Pódès co'a mão chegar-lhe ás doceis testas,
E colher nos jardins em seus raminhos
O tributo das flôres, e o dos fructos;
Os bosques são jardins do Deus do mundo,
Elle só, que os plantou, é que os cultiva:
Sobre as azas do vento o grão fugindo,
Vôa, em mil partes cáe por ordem sua;
Deus lhe tira do seio altivos corpos,
Firma-lhe os pés, e sempre lhe remoça
As fronte immortaes de novas folhas:
A floresta de Hercynia inda aos germanos
Troncos presenta, que os romanos viram;
O francez em seu clima reconhece
As antigas Ardennas, onde o bardo
Tingia o chão com victimas humanas.

O homem, cópia de um Deus, póde imital-o
Semear, transplantar como lhe apraza
Os dóceis troncos, as pevides leves,
Ornar, fazer fecundo esteril campo,
E, entre o util favor de sombras frescas,
Do sol desafiar todos os raios.

Tu, que olhas para lá da tua idade,

E ornar queres de um bosque a herança tua,
Quando a neve dos annos te encaneça
Colhes sempre algum fructo aos teus desejos;
Educas facilmente a mocidade
Das plantas, cubiçosas de agradar-te;
Prazer da creação vale o da posse:
Vê seu verde nascente rir, e abrir-se:
Á linda rama passarinhos voam,
E o gorgueio de amor encanta os bosques:
Deves a teus avós tuas florestas,
Teus avós para ti lá semearam,
Tu semêa tambem para teus netos.

A selva tua aos Áquilos voltada
Tenha-lhe os sôpros entre a rama presos:
Quando, crestada dos primeiros frios,
O vento a folha ás arvores arranca,
Dos campos mais visinhos uns trasladam
Renôvos tenros, de raiz mimosa,
Que rápidos crescendo, mas sem força,
Seccam de languidez em campo extranho;
Outros cingem-se ás leis da Natureza,
E a semente mais tarda, e mais segura
De sombras immortaes seus predios c'roa:
Os segundos imito, approvo aquelles;
Quizera logo que em trilhadas sendas
Os olhos discorressem fundos bosques.

O ferro em tuas mãos na sua infancia
Dos arbuostos os ramos affeição;

Não esperes demais; na meninice
Grangea-se o costume, e vae seu jugo
Té á velhice reforçando o pezo:
Se de humilde arvoredo te contentas
Dirige-lhe o machado apoz dous lustros;
Se por invernos trinta os troncos póupas
Assombram altas arvores teus olhos;
E, se illesa medrasse em annos cento
A rama pelos céos se roçaria.

Em pedregoso chão folga o carvalho;
Colloca junto d'elle o róbre, a faia;
A sorveira se cria em terra fertil,
E os freixos, a nogueira, o til, o bordo,
O plátano (que já co'as doctas sombras
Do sublime Platão cubriu a eschola,
E o banquete cubriu dos sete sabios)
Do terreno indiano os castanheiros,
E o olmo, que em teu seio achaste, oh Gallia:
O álamo, o chôpo, que de margens gostam,
Co'a pallida folhagem toldam rios;
E, alçando a rama, seus amphibios corpos
Tem sobre a terra o tronco, o pé nas aguas.

Em fragosas, em áridas collinas,
Das humidades longe o castanheiro
Co'a folha herriça os espinhosos fructos:
Que eram sem elle teus saibrosos sérros,
Limousin, terra ingrata, infructuosa,
Cevennes, que elle afaga, e só prospéra!

Seus fructos são teus pães; o amago d'elles
Se enruga, e se endurece em fogo brando;
Da pelle escura, e sêcca o murcho corpo
Sem custo se desveste a crébros golpes,
E em durador sustento assim se muda:
Seu lenho órna, mantém, cóbre edificios;
Talhado ainda em moço á mão, que o dobra
Os arcos dá, com que depois o ligam.

Tu nos montes expõe o alvar pinheiro,
Mostra o cedro, o cypreste, o pinho manso:
De Boreas irritado affrontam raivas,
E o vento sôpros vãos nas folhas perde;
Dos vastos corpos seus liquor viscôso
Faz que os invernos sua sombra dóme:
Porém do proprio succo a força temem,
Promptos sempre a entregal-o, a casca rompem;
Se os ganhares por mão, d'entre seus vasos
Verás vir dimanando o sumo em rios:
Mansos pinheiros, e pinheiros bravos
Uns o pêz, a resina outros derramam:
Sua terebentina ostenta Chio,
E Judá com seus balsamos é rico,
E Tolu, Canadá, Perú, e a Meca:
Dos freixos de Calabria o pranto admira:
Myrrha off'rece aos sabéos humor, que encanta,
E colhe a religião n'aquelles campos
O incenso, cujo arôma os céos estimam.

Dão-nos as plantas para os usos nossos

Raizes, fructos, a semente, e a folha:
Nectar cheiroso, de calor suave,
Que accende o genio, o coração reanima,
Perfuma com seus grãos Medina, e Meca;
Ricas folhas na China o chá desdobra;
Nos campos do Indostan cacáo vegeta,
Do algodoeiro o fructo, e noz do côco:
Taes plantas, cujo succo apraz, e experta,
Aos thesouros da abelha o preço abatem.

Gabou seus bosques longamente a Grecia,
Que os altos vates seus cantaram tanto:
Não me deslumbro, não, co'a gloria sua:
Erymantho jámais, jámais Cyllene,
Nem Dódona tambem, nem tu, Neméa,
Á prole humana bemfazejos fostes;
França, oh patria, a teus bosques cedem elles;
E nunca vossos troncos orgulhosos
Egualáram, e as sendas, e as latadas
Das abobadas vossas, oh Compiegnê;
Creci, Dreux, Orleans, Couci, e Ardennas,
Chantilli, Cerilli, vistosas selvas,
E tu Fontainebleau, do Elysio imagem.

A Gallia, quasi inculta, entre seus bosques
Da sua adoração contra os objectos
O ferro a manear não se attrevia:
Se os campos em nutril-os eram parques,
Demandavam seus povos outros climas,
Ao gran numero idoneos; antepunham

Troncos a homens uteis: — as cidades
Ermas deixavam por manterem bosques;
D'est'arte a novas leis o Pó submisso,
Os gallos succeder viu a seus povos;
D'elles gemeu ao pezo Italia curva,
E foi Roma em seus muros sepultada;
Aos campos de Gallacia deram nome;
Por Apollo tremeu, ao vel-os, Delphos.

Veu a Verdade emfim, varreu chimeras;
A arvore foi só arvore, e não teve
Mais victimas: os bosques, deshonorados
Pelos bardos impuros, se fizeram
Asylo d'esses homens veneraveis,
Que, voluntariamente desterrados
Do orbe profano, povoaram bosques
Dados por nossos paes: no manto envoltos
Dos Bentos, dos Bernardos, dos Norbertos
Um povo industrioso arou desertos.

Os carvalhos attonitos caíram
A golpe, e golpe; os campos, que assombravam,
Douraram-se de espigas; (ai!) e os fructos
De seus uteis suores nos moveram
Mais inveja, que amor suas virtudes!
Por toda a parte baquearam selvas,
Os campos, as cidades estenderam:
Incautos, que fazeis! Deixae aos netos
Thesouros das edades venerados
A bem d'elles: a França já não mostra

Senão precisos bosques; e os veremos
De temerarias mãos cair debaixo?
Não, por leis assisadas, leis prudentes
As arvores seguras já não temem
Do lizo ferro os immaturos golpes;
Elevam-se em tranquilla adolescencia,
E em velhas só lhe roubam vida inutil;
Ellas crescem, alongam-se, e as estradas
Offertam dos jardins frescura, e sombra.

Arbustos ha, e humildes boquesinhos
Que das selvas não tem fastosas sombras;
Respeitoso o lapão d'est'arte admira
A franceza estatura magestosa;
Taes nos diversos climas se formaram
A estirpe dos pygmeus, e dos gigantes:
Tem menos altivez, mas tem mais graça
Estes bosques, se menos admiraveis,
Comtudo para mim mais agradaveis.

Lá, vindos aos jardins por mão das artes,
Nascem familias de gentis arbustos:
O alfeneiro, a roseira, a madre-silva,
E aveleira, e loureiro, e teixo, e myrtho,
E outros mil, cõjas frontes subjugadas
Gratos Protheos pelo artificio tornas:
Seu lenho aos parreiraes um sujeitando,
Para os muros vestir, aos tectos sobe:
Outro a rama pomposa ao longe estende,
E os passeios divide em vivo muro;

Ou labyrintho incognito fábrica,
E ao desgarrado pé faz doce engano:
Outros, docéis á mão, que os encaminha,
Já são vasos, pyramides, estrellas;
O azevinho, o alaterno prateado
(E não só estes) a belleza ajudam
Dos arbustos floridos: sabiamente
Arte as fórmãs, e adornos lhe varia
Em portas, berços, tectos de verdura.

Arvores destinadas a nutrir-nos
Pezam com fructos mil, que ás mãos nos cedem,
Para offertar seus dons a testa inclinam;
Prestes os troncos sempre a contentar-nos
Sobem rapidamente, e desde a infancia
De preciosos dons seus ramos c'roam;
Em tanto que do matto inferteis plantas
Mal dão depois de um seculo uteis bosques:
Do céo, que te ama, reconhece os mimos,
E aprende o que estes bens aperfeiçoa.

Oh dos jardins oraculo infallivel
Docto La Quintiniè! Á Musa ensina
Que arte potente, que propicio genio
Tem submissa a teu mando a Natureza;
Aos campos mais ingratos leva ramos,
Que elles não conheciam; e, innovando-os
Té nas entranhas suas, lá com fructos
Do mundo inteiro enriqueceu Versailles!
Como que a terra se mudou ao ver-te!

Tu seus diversos vícios emendaste:
A que mui rija foi, leve, ou fragosa
Viu em si confundir-se extranha terra;
Dos defeitos oppostos, e vencidos
Mutuamente, união bem combinada
Virtude se tornou; cavar mandáste
Os rebeldes torrões até ao seio,
E por novos torrões eil-os fecundos.
Quizeste que os jardins, do vento illesos,
Provassem do zenith o vivo lume;
A essencia de mil arvores soubeste,
Que aspecto lhes convém, que leis as pulem:
Assim varios terrenos, climas varios
Do mundo transportaste aos jardins nossos;
Extranhas plantações no chão da França,
Renascendo a seu grado, e vegetando,
Pareciam surgir no chão da patria.

De transparente céo favorecidos,
Os campos da Chaldéa o berço foram
Dos mais buscados, saborosos fructos;
A primeira semente a Grecia trouxe,
E do trophéo suave ornou viveiros;
— Roma a venceu, e dos vencidos povos
— Ignotas plantas admirou a Italia:
O pêcego, da Persia á Europa vindo,
De seus varios destinos inda pasma;
Salutar para nós, seu mago succo
Nos é delicia, aos persas é veneno:

O damasco odorifero de Armenia,
E a molle syria ameixa são colonias:
Foi Lucullo o primeiro entre os romanos
Que, d'elles ignorados, co'a mão propria
Os fructos cultivou de Cerasonte:
A pereira, nascida em ti, oh Gallia,
E as maceiras, em Neustria tão fecundas,
Apostam no sabor, no succo apostam
Com estes bellos, peregrinos fructos;
Não são, como elles, transitorios, brandos,
O asylo, que os contém, domando invernos,
Dos fructos, que perdeu, compensa a terra.

Cova profunda em seu espaço admitta
Tenro plantio que escolheste, e arraigas:
Une aos auxilios da cultura, o forte
Crasso alimento de poupado estrume.

Taes lidas serão vãs, se teus desvelos
Não saciam das arvores a sede:
Feliz se em teus jardins ha vivas fontes,
Se de algum rio tens quinhão nas ondas;
Sendo esquivo a teus predios, tu procura,
Abrindo fundos póços, agua n'elles;
De tanques, onde o marmore a contenha,
Roda girante sobre o chão a eleve.

Co'a esquadria na mão outros te ensinem
A formar de um jardim com arte os quadros:
Talvez cantem que pródidos trabalhos
Florescer por seu turno as hervas fazem,

E as raizes, e os fructos delicados,
Remedio aos males, dos festins apuro:
Eu, inda temeroso, eu me contento
Nas proximas lamêdas em mostrar-te
As congregadas plantas; o que valem
Folhas, e fructos seus, sempre colhidos,
Regenerados sempre: a fim de achares
Por teu suor as arvores mais ferteis,
Lições proficuas te darão meus versos.

Em torno aos quadros teus algumas plantas
Nos jardins ficarão rasteiras sempre:
Taes como a sarça, espessam-se-lhe os ramos,
E, talhando-os em vaso os arredonda;
Outras, mais duro tracto inda soffrendo,
Feitas latadas entapizem muros,
Os ramos seus dobrados, e subjeitos
Em lignea grade, co'a prisão formosos,
Amam seu captiveiro: assim, aos dotes
Da simples gentileza, amavel nympha
Une emprestado lustre, e as bellas tranças
* Nos elegantes nós de branda seda
* Prende co'as alvas mãos, inda mais brandas;
Soltas madeixas apraziam menos,
O laço lhes apura o dôce chiste.
Ama o sol estas arvores válidas,
Nutrir lhe agrada teus alumnos caros,
Ao artificio teu seu lume é docil,
E os muros o reflectem duplicado;

Sasonados assim por elle os fructos,
As côres accendendo, o succo adoçam.

Feição tomando ás vezes da latada,
É rico adorno a laranjeira aos muros;
De um vaso habita o seio inda mais vezes,
Dos quadros de um jardim orna o desenho:
De graças que mistura off'rece aos olhos!
De aromas os passeios te embalsama,
Com flores sempre alveja; e lhe alça o preço
Viva esmeralda de nascentes fructos,
Ouro vivaz de fructos sasonados;
Voam seculos tres, e a flor é nova,
O tempo lhe venéra a formosura;
Mas as geadas teme á dôce planta;
Arma-lhe um tecto, que do inverno a escude,
E se lhe ant'olhe a primavera ausente:
Em mais amigos, fervorosos climas,
Sem cuidado exigir, floresce livre,
E livre a laranjeira aos ares sobe,
Quasi egualando em magestade as selvas;
Taes foram teus jardins, ditosa Hesperia,
Taes d'Hyéra os bosques são, taes os d'Hetruiria.

Tu, que regulas da latada os ramos,
Forma-os n'um anno, e n'outro, e desvelado
Sê das leis ao rigor sempre aferrado;
Damno a grato defeito é a indulgencia:
Co'a fouchinha na mão proscreeve a um tempo
Ramo sem olhos, e goloso, ou secco;

Ás tuas leis o succo obediente
D'arvore por egual caminha ás veas;
Se de folhagens vãs fastosa, ornada,
E ricamente pobre estéril fica,
Tira-lhe o vicio ao tronco, util fraqueza
Lhe muda em fructos a opulencia inutil.

Homem, lerás nas arvores teu fado:
Ao vel-as desmedrar, ao vel-as murchas
Has de carpir-lhe a morte; amplos viveiros
Perto de teus jardins lhes assegurem
N'um futuro benigno herdeiras plantas;
As arvores, dos fructos renascendo,
Parecem reviver, vivas ainda;
Em breve, de seus paes doce esperança,
Haste mimosa lhe succede, occupa
O sitio d'elles, e prospéra, e cresce:
Assim junto ás muralhas, onde os nossos
Altivos, generosos veteranos
Ultrajados do ferro, ou curvos de annos,
Depois de mil façanhas, em repouso
Tem do heroismo as cicatrizes nobres,
Novo asylo erigiu Luiz ha pouco,
Fausto viveiro, honroso, alto principio
Onde de antigo tronco ingente, e murcho
Crescem renóvos, em que a patria espera.

De um tronco virtuoso indigna prole
Bastardêa, e dá sempre amargos fructos;
O garfo, sua essencia renovando,

Muda em succo aprazivel succo ingrato:
Um de arvore tronçada o tronco fende,
Raminho mais feliz lhe induz no seio;
As cortiças casando, os golpes cerra,
E da chuva, e do vento injurias tolhe;
Á maneira d'escudo outros costumam
De um'arvore tirar pingue de fructos,
A casca com seus nós; a agreste planta
Util ferida sente, onde se embebe
O enxerto, que lhe muda a natureza:
Pela casca de um ramo outro é coberto,
Em figura de rôlo ás vezes solta:
No meio de raiz mui vigorosa
A enxertar ensinastes, oh germanos,
Pimpolhos, que a cultura lhe desuna.

Legislador, e rei de teus pomares
A teus subditos maus dás bons costumes;
Famílias entre si com regra enlaças,
Arvores outras arvores perfilham;
Seu nascimento illustram, e exaltadas
Por novos, gratos vinculos, admiram
Em si fructos não seus, folhas não suas:
Por est'arte se allia o pecegueiro
Co'a planta mãe da amendoa, e por est'arte
Gambôa junto á pera amarellece;
O salgueiro flexivel tem no tronco
Os ramos da maceira, e se transforma

Em doce ameixieira o freixo absorto;
Não de outra sorte vemos que adoptado
Pelo espinheiro alvar é a azeróla.

Mas futil não a torne o abuso d'arte:
Rei, não tyranno, as arvores submissas
Nunca violentes; seu amor consulta,
Mas seu odio respeita; a custo algumas
As substancias misturam, e, obrigadas
Á penosa união, só folha esteril
Só maus fructos produzem: nunca pode
A vide co'a oliveira associar-se;
Teme do olmo, e carvalho antipathias;
C'o loureiro a cereja mal se casa,
E a planta do limão com a amoreira:
N'um mesmo tronco estes contrarios vivos
São monstros, não prodigios; todavia
Approvo que, engenhoso, e lêdo encanto
N'um só tronco apresente arvores quatro,
E que na amendoeira a um tempo côlhas
Lisa ameixa, damasco appetitoso,
E o pomo, que o simelha em côr, e em fórma.

Annue a meu fervor, e a meus transportes,
Oh rei do mundo, oh pae da Natureza!
Os seus thesouros me franquêa, e dá-me
Para os patentear verdades tuas.

Vive a arvore, e respira imagem nossa;
Circulando em seu seio, o succo a nutre;

Avulta, fructos dá, declina e morre,
E nos seus descendentes se renova:
É a especie immortal, mortaes os corpos.

Quando os tempos creou, creou o Eterno
Todos os corpos, que apparecem n'elles:
Guardou no homem primeiro os homens todos,
De alma não, mas formados taes quaes somos:
Cada planta, cada arvore no seio
Fechou todas as arvores futuras,
Todos os fructos seus: vivo, invisivel
O gérme vê nas faxas ir findando
Seu captiveiro; então nascer figura,
Porém só crescimento é que recebe,
Nada n'elle mudou: nota o carvalho
De profunda raiz, de coma ufana,
É hoje o que na lande era algum dia;
Taes foram dentro d'elle os que ha gerado:
Porém no asylo seu dormindo o germe
Jámais d'aquelle somno expertaria,
Se os sáes, o enxofre, mácidos co'a chuva,
Pelas flammias do sol, pelo ar movido
Á vida provocando-o, o não chamassem;
Rompe com elles a prisão, que o liga,
Abre-se em fim aos beneficios d'elles;
Já nos seus vasos alimentos correm,
Correm novos espiritos, que o nutrem,
Continuamente, e cada dia avulta;
A rojante raiz, já não captiva,

Rasgando a terra, de seus succos vive;
O tronco para o céo vergontea lança;
O ar, que todos os corpos vivifica,
N'arvore eleva os succos que digére;
Entra-lhe o seio, e lhe enche os vasos todos,
Circúla, e sempre com eguaes esforços,
Successor de si mesmo, elle se foge,
Se attráe, fazendo que respire a planta.

Bem como o sangue espesso que, disposto
Dentro do coração, depois filtrado
Apura seu liquor de vêa em vêa;
E tornando-se logo as ondas d'elle
Espiritos subtís, imperceptiveis,
Os raminhos do cérebro aviventam;
Tal, recebido logo em amplos vasos,
Mais estreitos os ramos encontrando
Alternativamente, e levantado
Das raizes das arvores ás frentes,
Lá, sem nunca parar, se esparge o succo;
Depois volvendo aos pés por giros novos,
Continuo circulando, innova o passo;
Por toda a parte em que a arvore o contenha
Do germe ao berço vae, e acorda o germe;
Flores bafeja com celeste arôma,
De que a abelha compõe na primavera
Dourado espolio, roubo appetecivel;
E inda mais delicado alenta os fructos,
Maga doçura aos âmagos prestando.

Como dos mesmos succos os principios
Dão fructos, que entre si tanto desdizem?
E humor fecundo, entrado em cada planta,
Porque sempre parêce o mesmo, e outro?
Depois que em seus avós se formam germes,
Tomam da estirpe sua as feições todas:
Fiel o succo ao prazo, os germes brota,
Sem lhe alterar a essencia, desenvolve
Seus corpos: quando os varios alimentos
Pelo ar levados de tropel se off'recem
Aos francos vasos seus, escolha certa
Os germes fazem de saudaveis mimos,
E os que adversos lhe são rejeitam sempre:
Assim quando infructifera no tronco
Adopta, e junta os nós de rico enxerto
Um'arvore qualquer, em nenhum d'elles
Se altera a primitiva natureza;
N'um sempre manam desabridos succos,
O segundo os enjeita, e quer, e acólhe
Só puros, só filtrados, só perfeitos.

Arte ajude, e acompanhe a Natureza
Vasta, fecunda, invariavel, certa:
Se queres pois que as fructuosas plantas
Subam sem risco, e teus vergeis povôem,
Da patria não mui longe se trasladem;
Temem plantas do sul furias do norte,
E o fogo austral ás boreaes empêce;
Mas, quando o sitio lhe convém ao gosto,

Dos mimos, e desvelos satisfeitas
Que á terra sua infancia foram dados,
Surgem mesmo por si, regem seus fados,
E na fecundidade em breve egualam
Dos patrios fructos o primor e a graça.

Tal na Occitania, e campos de Provença
Sempre verde a oliveira ama seu berço:
D'aquelles campos Hercules á Grecia
Foi o primeiro, que levou seus ramos;
Pela mão da Victoria affeiçoados
O nome, a fama eternizar soíam
Do vencedor de Olympia: ante a oliveira
Deixa o ferro cair, foge a Discórdia,
E reconhece a Paz: suppôz Athenas
Que est'arvore devia á deusa sua,
D'ella o symbolo fez da Sapiencia.

Em nebulosos, em gelados climas
Baldrá teus desejos, teus suores;
Recêa os Aquilões, paiz demanda
Que os olhos do aureo Phebo acclarem sempre;
Dos serros se namora ao mar visinhos
D'onde a terra se abaixa, e desce ás ondas:
Gran tempo esperarás que a tarda rama
Se c'rôe a teu prazer de pingues fructos;
Gran tempo é fertil, e entre a folha humilde
A verde producção não soffre aggravo;
Seu util amargor lhe serve de arma,
E vingador poder no seio esconde:

Assôma um dia enfim, que lhe converte,
A bem do possessor, o amargo em doce;
A azeitona se móe, se torna em massa,
Seu liquor, espremido em graves fusos,
D'agua ao calor sé' escôa em abundancia,
E facilmente enfim se aparta d'ella;
Sobre-nadando sempre, e recolhido
Por mercenaria mão, por mão ligeira
Dá-te oleo puro, balsamo saudavel.

Do meio-dia as nuvens enganosas,
Dos lagos o vapor guardando, ás vezes
Em logar de espargir propicias aguas
Voraz peçonha na azeitona embebem;
Áquilo fende as arvores absortas,
Géla o succo, e de mortos cobre os campos:
De um mēorando inverno, oh patria minha,
Inda não te esqueceu a horrivel furia;
Os tenros olivæes, que em ti verdejam,
Bem que affamados já, com tudo obrigam
Inda de seus avós a ter saudades.

Feliz mil vezes, célebre Occitania,
Quem póde em ti viver! O incenso, a myrrha,
E as cannas, que n'America rebentam,
Não te enriquecem os vistosos montes;
A terra de rubis não tinge as vêas
Em teu chão, nem converte arêas tuas
Em finas porcelanas o artificio;
Mas de Céres os dons em ti lourejam,

Leva teu vinho ao longe encanto, e força;
O canhamo, o pastel teu seio amimam,
E opimos gados nos teus serros pascem;
Das leis á sombra as artes engenhosas
Télas de preço em fabricar se esmeram:
A teu povo és bastante, e nunca imploras
Com tributarias mãos a estranhas terras
Seus productos, os teus antes lhe off'reces;
Francos lhe tens os portos, e a bem d'ellas
Uniram teus trabalhos os dous mares;
Tua industria acabou obra sublime,
Que deteve do mundo os vencedores.

Direi que de saphira, e de ouro accezos
Sempre em teu clima os céos têm dias puros?
Que longa primavera em ti floresce,
E os Zephyros no inverno ás vezes vôam?
Que os ursos, que os leões, que os dragos feros
No teu feliz torrão jamais nasceram?
Da tua amenidade enfeitiçadas
Gregas catervas sabe-se que a Jonia
Pelas margens do Rhodano esqueceram:
Roma essa estancia amou, seu grande povo
Os vencidos ergueu ao gráo de filhos;
Os romanos, da patria embriagados,
Em ti se imaginavam n'outra Hetruria;
Eis d'onde os monumentos emanaram
Domadores do tempo, esses prodigios
Nunca das artes nossas alcançados,

Por nossas vistas admirados sempre:
Que de antigas, de esplendidas cidades,
Rios famosos, e ribeiros ferteis!
Em ti, bem como em Cusco, a terra off'rece
Thesouro dos metaes d'alta valia;
O oleo das pedras surde, e fontes fôrma,
E arêas fluviaes se tingem de ouro.

Ignorada na Europa longos tempos
A amoreira, onde os Séres sem trabalho
Aureos fios colheram, préza os campos
Da Occitania, e co'a verde, e rica folha
É pasto ali de precioso insecto:
Lavradores, est'arvore obedeça
Ás vossas leis, mas os direitos vossos
Aos bichos não se estendam, que ella nutre;
A jugo mais suave a sorte os liga:
Bellezas juvenis, a vós só cumpre
Regel-os; elles subditos vos nascem,
Alegres de trocar por util jugo
A doce liberdade: no indo clima,
Onde debaixo das nascentes sombras
Vê a amoreira em leitos de folhagem
Os bichinhos nascer, se desenvolvem
Pelo mesmo calor, que d'entre a planta
As flores faz saír na primavera:
A quadra, preguiçosa em nossos climas,
Punge, e faze calor propicio ao germe;
Um povo, a um tempo em toda a parte exposto,

Ferve ante os olhos teus no oitavo dia;
A folha da amoreira, assim como elles
No nascimento seu, leite é disposto
A nutrir-lhes a infancia, e para tantos
Vassallos que á lei tua estão sujeitos
Uma caixa, uma folha, é patria, é mundo.

Crescem, e já familias numerosas
A teu cuidado vastas camas pedem,
Onde os transfiras ao saír do berço;
No vime entretecido, e molles cannas
Postas umas sobre outra, em bairros, classes
Politico a republica lhe ordena:
Tal Roma outr' hora viu entre seus muros
Em tribus dividido um povo immenso.

Prestar equal calor á sua estancia
É das primarias leis para regel-os:
Indicador do tempo, ali o vidro
Liquor mobil encerre ante os teus olhos
Que se abaixe, se eleve, e cuja regra
Do calor, e do frio o gráo designe;
Senhor das estações a teus contentes
Pequenos povos, do seu tecto á sombra,
Darás inalteravel primavera
E a funesta inconstancia do ar adverso
Não mais os fere co'a influencia triste;
Ditosos cidadãos de um brando clima
Vivem sem susto, e de riqueza te enchem.
Mas nos seus lares que silencio reina!

Que feitiço os detêm no leito immoveis!
Em lethargo, em jejum dous dias jazem,
E isto ás dôres da muda lhe é remedio:
Vês por grãos a lagarta erguer a custo
A languida cabeça; eis que se agita,
Eis que rompe o casulo, eis que se despe,
E em novas vestiduras fica envolta;
Cresce-lhe o corpo, as vestes lhe rutilam:
Vária nos giros seus por vezes quatro
Quatro vezes a lua entorpecer-se
Os vê, vê-os mecher, e engrandecer-se.

Mas sôfregos então de dia em dia,
Crescendo vão com rapido progresso:
Seus olhos para sempre o somno impugnam:
Outr' hora em tres comidas se fartavam,
Hoje regra não ha que prescrever-lhes;
Contentar seu desejo apenas pódes;
Cercados de manjares, que lhe offertas,
São comprido festim seus dôces dias:
Folhas seccas demais teme off'recer-lhe,
E duplica o temor se humidas forem;
Colhe-as só quando vires que nas plantas
Já bebeu Phebo as lagrimas da Aurora:
Tormentas, se podéres, acautela;
E, se as folhas banhou chuva imprevista,
Repara pelo fogo injurias d'agua,
Que a seus mais bellos dias é veneno.

Algun remedio tem quando começa
No bicho a languidez; ás vezes cede
Aos perfumes o mal, porém, se teima,
Não te quero illudir, proscreve os dias
De subditos glotões, e preguiçosos;
Tranquillos parasitos entre os socios,
Espectadores vãos d'arte prestante.

Do ocio cançados, livres de seus males
Dar começo ao trabalho os bichos querem:
Soccorre uma esperança, que te é dôce;
Nos pequeninos corpos transparentes
Reluz o ouro da seda: eis elles sobem,
Dar-lhes ramos convém, onde suspendam,
E fiem seus sepulchros: lá debaixo
Dos moventes anneis, que te apresentam,
Lhes serpêam no seio em longas dobras
Vasos dous; e, formando-se inda bruta,
Inda liquida a seda, embebe, estende
Por seus bellos canaes as ondas de ouro:
Na ultima estrada este liquor se espessa,
Muda-se em fio, e sáe pela fieira.

Quando a lagarta emfim conhece o prazo,
Liberalisa reservados succos;
Primeiro em longos circulos fábrica
De fios um frouxel, que a obra estêa;
Movimentos mais curtos fórma em breve,
E em breve os fios seus mais apertados

Unidos por mil voltas, mil rodeios,
Maravilhosa têa construindo,
Em ovo de ouro, ou prata se affeiçôam.

Admira taes insectos: este apenas
Entra a formar no carcere o casulo;
Aquelle, já sumido em nuvem densa,
Dos fios deixa ver inda o complexo:
Nas mesmas redes encerrando-se outros,
Como na vida unidos estiveram
Unem-se nos sepulchros; mas se acaso
(Ai!) n'estes dias o trovão rebrama
Amedrontando a terra, os tenros entes
Estremecem de horror, e cáem, morrem
Imperfeitas deixando as finas têas.

Debaixo de seus tectos entretanto
Tróca extincta lagarta em negras vestes
As roupas transparentes; sem cabeça,
Sem pés, um corpo immovel, e enrugado
Como que succedeu ao corpo antigo.

Presas em seus laços, transformada em nympha,
Jaz só adormecida, ou jaz sem alma?
Por entre um véo, que tráe seus attractivos,
Borboleta luzente ali vislumbra;
Mas este véo condensa-se depressa,
E a borboleta se escurece, e occulta.

Queres haver do seu trabalho o fructo?
Antes que ella, espertando, obstar-te possa,
Despoja os ramos, e calor possante

Em seus lares suffoque a debil nympha:
O fio então das têas, que amollecem,
Em agua tibia se despega, e róla;
Docil por tuas mãos é regulado,
Por ordem se desdobra, e finalmente
Em meadas se fórma, e dá-te seda.

Mas, porque novos cidadãos possuas,
Vivos na sepultura avós lhes guarda;
Da borboleta o corpo, que incluída
Na nympha está, se desenvolve em breve;
Tem solidez, firmeza, o laço rompe
Das faixas; a lagarta destruiu-se,
Seu corpo é nada; mascara sómente
Ella foi, foi brilhante vestidura,
Da borboleta viva vivo manto:
Ella, qual terna mãe, lhe preparava
Manjares, que no seio digería,
E que sobejamente fortes lhe eram:
Ella nutriu-lhe assim a infancia debil,
Que enrijando repulsa inutil véste,
E os ricos muros do palacio rompe:
Destróe a borboleta os que ergue o bicho,
Da nobre empreza ao exito ella basta;
É ariete a fronte, e bate, e quebra;
O muro cede, estala; esforços crescem,
Apparecendo vem o alado insecto,
Abre caminho, e sáe: todo assombrado
Do resplendor de suas graças novas,

O corpo admira, despregando as azas :
Porém não ousa aventurar seu vôo,
Do que foi n'outro tempo inda se lembra ;
Anda, agita-se, as azas lhe estremecem,
Socia procura a que seus gostos ligue :
Das communs borboletas imitando
Desatinado ardor, como costumam,
De flor em flor não vae; consagra a vida
Ao doce objecto que elegeu, e a morte
Ha de romper sómente o nó, que os ata :
O ardor vae sempre a mais; teme um momento
Furtar-lhe seus dias, morre amando;
A terna companheira agonisante
Depõe nas tuas mãos nascente prole;
Semente delicada, ovos sem conto,
Ovos fecundos, esperança, e germe
De uma linhagem destruida; filhos
Dos quaes o nascimento á mãe é morte;
Filhos sempre a seu pae desconhecidos;
E que, sem lhes haver notado a industria,
Como elles fiarão pomposas télas.

CANTO QUARTO

DOS PRADOS

Adornos immortaes da terrea face,
Riqueza sem trabalho aos homens certa,
Eu canto vossos dons; assás, oh prados,
Ás fadigosas lavras dei meus versos.

Sapiencia, que do Éden discorrendo
O Elysio divinal, qual vasto rio
Dividido em canaes, fertilisavas
Teus prados, teus jardins; se a ti meus cantos
Sagrei de todo, e tuas aguas vivas
Do Permesso antepuz á lympha, aos sonhos,
A teus arroios candidos, celestes
Guia meu passo errante, e dá que eu possa
Beber tua corrente a largos sôrvos.

Tu que, cingido ás leis da Natureza,
Preferes a campestre, a doce vida
Aos ferros da Fortuna, aos vãos prazeres,

Ao luxo ostentador; tu, que só amas,
Em teus desejos curto, os bens modestos
Que não grangêa o crime, e de que a terra
Um tributo legitimo te paga;
Se faceis fecundar-te as aguas podem
O chão de que és senhor, cuida em forral-o
De valiosa relva, e com profundas
Lavouras o dispõe; nunca lhe alterem
Os seixos a egualdade; e, se releva,
Sobre o liso terreno ageita, fôrma
Insensivel pendor, onde escorreguem
As aguas lentas, doces, livres, faceis:
De leivas, filhas de abundosos prados,
Na primavera combinando os germes
Semeia-os logo, e teus trabalhos findam;
Em sempre novas flores taes sementes
Para ti sobre o campo hão de manter-se.

Ha generos diversos entre os prados;
Um, que mais se deseja, e tem mais preço,
Onde agua surda por caminhos certos
Corre, e serpêa, no interior da terra;
Lá, por si mesmo vigoroso, o prado
Attráe agua escondida, e vive d'ella:
Quer outro que lhe reguem sempre a face
Repartidos crystaes de limpa fonte.

Mil vezes ao cultor os campos vendem
Caro os bens que se julga haverem dado:
Sua esperança illudem; falso alqueive

De muito-secca, ou de humida no extremo
A quadra accusa; os fructos eis se mirram
C'o importuno calor, e o fero Bóreas
Dilacera os jardins: ventos, e invernos
Jámais em seus phreneticos impulsos
Hão murchado o tapiz, que os prados cobre.

Só de rio innundante as soltas aguas
No consternado campo afogam mésseas,
Deixa o pranto ao cultor, deixa os suspiros;
O que a elle intimida, a ti recrêa:

As aguas, em que pedras não se envolvem,
De um lodo molle ao prado auxilio trazem:
Se do Leão raivoso o ardente signo
Vae torrando a verdura, e fende a terra,
Aguas então da relva estancam sedes,
Em prado e prado amenisando as flores.

Prospero asylo de Petrarca, e Laura,
Vauclusa, onde inda vive, inda respira
Seu estremado amor! Oh testemunha
Dos mil transportes, dos suspiros de ambos;
Tu, que tão bella foste aos dous amantes,
Tens do tempo da Grecia o gráo, e a fama
Pelos thesouros, que nas aguas vértes.

Se a corrente de proximo ribeiro,
Desviada demais, tocar não póde
O prado sobranceiro, em vão rebelde
A teus desejos foge, e ao chão sedento:
Um dique as aguas prenda, obrigue as aguas

A transcender seu leito; ou muro occulto
Reforçado alicerce entre ellas tenha;
Ou constante, enterrada estacaria
Em vinculos de ferro unida seja:
O captivo regato inda parece
A custo obedecer, saudades sente
Do natural pendor, e antiga estrada;
Mas, apesar da furia, ás leis subjeito
Detem-se a teu sabor, se eleva, e corre;
Em prateados sulcos se reparte,
E ás flores tuas homenagem rende:
Aguas partidas por est'arte, ás vezes,
Indo, empobrecem, e esgotadas morrem;
Não de outra sorte o Xúcar orgulhoso
De Valencia nos campos vê sangrar-se,
E ao mar, que ruga, e que lhe exige as aguas,
Vil feudo leva de regatos pobres.

Nos torrões onde as aguas são mesquinhas;
Por industria economica parecem
Menos raras: seu uso ali se vende;
A cada possessor igual espaço
Abre, e fecha um canal, seus curtos mimos
Revezados ali de tempo a tempo
Repartem-se com um, com outro prado.

Se agua em tempos diversos cobre, e deixa
A terra tua, os fructos seus variam
Nas quadras todas: um torrão pasmoso
Lá no hungaro terreno se transforma

Em campo lavradio, em tanque, em prado:
De uma serra visinha em roda se ergue
Longa, pezada nuvem, que vomita
Do boje de átra côm ventos, e raios;
Por subitas columnas eis torrente
Das subterraneas grutas sáe mugindo;
N'um momento, não mais, se fórna um lago,
Onde armado de anzóes o peixe enganas:
Quando Bóreas agudo as ondas géla
Aos carros ellas dão segura estrada:
Desgosta-se no fim da primavera
A agua d'esta mansão, e entra de novo
Na estancia natural co'a prole sua;
Levanta-se onde as aguas se estendiam
Hervagem pingue dos rebanhos pasto;
Em breve o lavrador lá sulcos traça,
E em breve a terra com seus dons o amima:
O regresso do outomno ali renova
Relva abundante; o matador salitre
Voando alcança os passaros, as lebres,
E os outros das florestas moradores,
Que o fresco pasto fervorosos buscam:
Taes entretenimentos dia e dia
Te chamam, porém curtos são teus gostos;
Durar não pódem mais que até ao prazo
Em que a seu leito recuando as aguas
Vão de novo occupar a estancia antiga.
Venturosos os campos, venturosos

Onde se filtram no interior da terra,
Ou pelo sol nos ares se evaporam,
Sem pedir teu cuidado, e livres prestam
O alimento invisível da frescura!
Admiro essas pastagens, esses cumes
A que aservas anima o Loire, o Sena;
Amo do Rheno as ondas magestosas,
E as margens do Lignon, que Amor passeia.

Rica, e vasta planície, oh ferteis prados,
Ornamento, esplendor da antiga Neustria,
Onde nédeas, corníferas manadas
Erram sem guardador por grandes pastos!
Herva, que engolem nos mais longos dias,
Lá na mais curta noute é reparada:
Para se vigiar todos se ajuntam;
Postos por ordem, sobre as mãos lançados,
Um circulo formando, a torva fronte
Muro invencível apresenta ao lobo:
Taes os prados que, ás ondas submettidos,
Aos olhos do universo Hollanda mostra.

Nas margens onde o mar o Escaut repulsa,
E com elle se ajunta n'elle entrando,
Estendiam-se outr' hora infectos lagos
Temidos sempre dos visinhos povos;
O Escaut, o Môsa, o Rheno, entre herva, e junco
Esquecendo a carreira ímpetuosa,
Sem gloria se espargiam lutulentos
Formando aqui, e ali paúes nojosos:

O belga disputou gran tempo ás aguas
A terra, e guerreou por fim com ellas;
Seccos por arte sua os negros tanques,
Surgem paizes, que tapava o lodo:
Absorto o mundo viu nascer a Hollanda;
O sol nas ondas admirou Zelanda,
Que a vez primeira então provou seus lumes;
Trasbordados arroyos, rios cento
Para se reunir deixando as margens,
Partidos em canaes, viram captivas
As aguas suas abraçar a Hollanda,
E, melhor que os tractados, lá poderam
Com suas divisões ligar cidades:
O alto Oceano, que, escapando ao leito,
Sempre usurpadas margens engolia,
Já sabe respeitar, nas suas preso,
Reparos que a soberba lhe agrilhôam:
Arvores descem ás arêas fundas,
E do centro do mar florestas sóbem;
Não tinham já na frente essas folhagens
Tão bellas, essas flores tão mimosas,
Amavel ornamento á Natureza;
Mas por arte feliz mudadas foram
Em robusto alicerce, e carregadas
D'immensa terra; suas frontes viram
Morrer a equórea furia, e sustentáram
Molle alcatifa de verdura, e flores:
Debaixo d'este abrigo em campos novos

O batavo ajuntou riquezas certas ;
Duros cavallos, gados numerosos
Ao longo das collinas despargidos
A relva seguem, que jámais se extingue:
Ha margens onde trémulo o terreno,
Suspense, mobil, e a nadar nas aguas
Parece que dos gados cede ao pezo :
Tranquillo viajante em ageis barcas
A seu prazer o batavo discorre
Suas cidades; quando os rios presos,
Congelados nos leitos frustram barcas,
Ellas captivas ficam, vôm carros
Por estradas de gêlo; e tal, qual fende
As planicies azues ave ligeira,
Sobre os canaes, c'os pés de ferro armados,
O rapido hollandez escorregando,
Mas firme todavia, assim passeia
Por cima do maciço, e claro espelho.

Os rios, sobejando ás margens suas,
Não raras vezes os desvelos baldam,
E férvidos nos prados se derramam:
O Oceano se indigna de que ousadas
As duras mãos do batavo ardiloso
Escravo o tenham, seu imperio estreitem;
Soffre mal, que em grilhões as ondas suas
Praias não cubram, que regiam d'antes,
E que do antigo jus da Natureza
Arte o despoje; o rispido Oceano

A si mesmo provoca ao seu despique,
E contra os muros, que amedronta iroso
As ondas rompe sempre, e sempre fórma:
Se elle triumphá (povos, ah! temeio)
Quebra mugindo os diques, e os derruba,
As cidades engole, e sobre as vagas,
As vagas vencedoras, mostra os tectos,
Seus horriveis trophéos, e prantos nossos.

Vós que as praias cubrís do mar quieto
Que os Vólcos ao suor tornaram docil,
Nunca ousareis, industriosas gentes,
Converter lodaças em pingues prados?
Lá outr' hora se viu de humidas grutas
Negrejantes delphins correr aos mares:
A voz do pescador voavam logo,
Socios lhe eram, quinhão nas pescas tinham;
Diante dos baixeis saltando em chusma
Rapidamente as aguas dividiam,
E das rêdes em torno apinhoados.
Os feros contendores costumavam
Tornar ao laço os escapados peixes.

Por onde o Rheno impetuoso róla
Rapidas ondas nos famintos mares,
Ao seio dos paúes em dia e dia
Seixos vomita de espumosas bocas,
Seixos, que na carreira ía levando;
Pouco a pouco ás lagôas enche o fundo,
Do assalto equóreo suas margens vinga:

Felizes habitantes, dae-vos pressa,
Thesouros ajuntae ás terras vossas
Sumidos n'esses lagos: de mãos dadas
Lá procede comvosco a Natureza;
As aguas arredando-se vos servem,
Antecipam-se a vós; e d'entre os lagos
Francos á vossa vista, nasce a terra,
E de uma, e de outra parte ella vos chama:
Regei, regei o imperio d'agua expulsa,
E ao ar na arêa o peixe exhale a vida;
Em vez de amargas, navegaveis ondas,
Te engorde os gados efficaz verdura.

Terás por arte prósperas colheitas:
Sôltas arêas n'esse lodo envolve;
Do seio d'esses mádidos terrenos
O lirio roxo, o junco desarraiga;
Por seu cortante ramo ensanguentada
Dos cavallo, dos bois não poucas vezes
Se escandalisa a boca, e se desgosta:
Canaes profundos aguas sempre affastem,
Que faz o seu pendor cubrir teus lagos.

Prados creando, a visinhança teme
De um rio, que devora as margens sempre;
Tal das terras que banha, e vae roendo
Tacitamente o Rhodano costuma
Alicerces minar: quando enfunados
Da borrasca estridente o Isero ajunta,

E o Saôna seus impetos aos d'ella,
Eis de repente o Rhodano se engrossa,
Brame, e a terra, escutando-o, geme ao longe;
Vagos fluctuam nas soberbas ondas
Co'a messe os regos, e co'a relva os prados;
Do seu chão arrancada inteira herdade
Voga rapidamente a chão remoto;
Pela terra fugaz debalde chama
O senhor consternado, outro a possue,
E a une a seu torrão: já se tem visto,
Cançadas dos seus giros novas Delos
Escorar-se nas ondas; a miudo
O Rhodano alteroso ás vivas aguas
Abre varios caminhos, entra, invade,
Cava os campos miserrimos, que foram
Em vão lavrados para fins melhores;
Onde messes cresciam, correm aguas,
E o que já foi corrente é chão fecundo:
Ai! Margens de Aramon, vós o subestes,
E vós oh Tarascon, Montfrin, Beaucaire,
Valabregues, campinas vezes cento
Do Rhodano animadas, e outras tantas
Desoladas por elle! Alta barreira,
Engenhosos desvelos contra os golpes
Do rio denodado escudos sejam:
Um forte dique ali combate as ondas;
Além solido muro a margens veste;

Mais longe debil vime o rio espera
Sobre a arêa; resiste-lhe, cedendo,
E os esforços lhe engana, e lh'os malogra.

Que hade ser freio ás aguas indigentes
Que, os prados a nutrir bastando apenas,
De improviso em torrentes se convertem,
E em ondas fervorosas saêm das margens?

Tudo foge á violencia, que arrebatava
Rochedos, e rebanhos, e a ti mesmo!

Tal junto d'Ilion o irado Xantho

Ovantes cabedaes desenrolava

Na terra circumstante; e, em quanto aos Teucros

Era seu leito asylo, esbravejando

Campos vexava, e perseguia Achilles:

Escôa-se por ultimo a corrente,

Mas debaixo da arêa os prados ficam

Sepultados ás vezes; livra os olhos

D'esses tristes objectos, e contempla

Margens mais ledas, mais ditosas margens.

Aos prados restitue a primavera

O brilhante matiz: as flores suas

Assegure o pastor, venére o gado;

Teme que, desmandando-se com ellas,

Devore em fim seu ávido appetite

Os thesouros de um anno em um só dia.

Vós movei pelo prado as lindas plantas,

Nymphas, que de attractivos innocentes

Ornadas vedes as boninas tenras;

Lavor da Natureza, o flóreo esmalte
 Seja da simples graça enfeite simples:
 O fogo dos rubís, e dos diamantes,
 Altivo adorno das que regem sceptros,
 Em vossos corações não cria inveja;
 Deixamos, e seguis a Natureza:
 A terra para vós urdiu tapizes,
 Taes leivas estendeu, travou taes côres
 Só para os vossos pés, e os olhos vossos.

Como que ao homem, que a seu rei querendo
 Mais bella, e mais lustrosa a terra dar-se,
 De roupas fulgurantes se atavia:
 O seu tão vario, tão risonho esmalte
 É arte com que a déstra Natureza
 Lhe ornou mimosamente a formosura;
 Por isto é que floresce a relva, e sóbe
 Nutrindo n'agua, e refazendo os succos;
 Mas isto mesmo ás hervas damno fôra
 Que humildes sempre são sem ser banhadas,
 Densas com tudo, e que jámais se exhaurem:
 Este campestre viço aos gados cede;
 Vê como, errando á tôa os pastos buscam;
 Aqui, livre do jugo, o boi ocioso,
 Deitado sobre as mãos, remóe d'espaco;
 Saccode o freio além ginete ufano,
 E rincha, e salta, e pelos pastos vôa.

Teus olhos em teus prados sempre attentem,
 Util espectador os enriquece:

Desarraigas aqui sinistras hervas,
Inuteis para ti, fataes aos gados ;
Ali vás escolher do acaso as plantas
Que Natureza dá sem que arte a ajude,
Fartas de succos bemfazejos, simples ;
Plantas do teu suor independentes,
Que da fragil saude amigo esteio
A peçonha dos males affugentam :
O luxo dos jardins altera, ou mata
Virtude tão suave a teus desejos.

Se rara, e triste a relva sác, floresce,
Esparge-lhe por cima um rico estrume :
Se o terreno te deu na flórea quadra
Em vez de herva proficua musgo esteril,
Cobre-o de cinza ; aos prados tal soccorro
Renove o lustre de seus bellos dias :
Consome-os a velhice a teu despeito ?
Tentáras a fraqueza em vão curar-lhe :
Para sempre destróe tapiz inutil,
E alimentosa espiga o substitua ;
Desafogado o chão mudando o enfeite,
Sem custo como d'antes enverdece.

Nos fins da primavera, quando Phebo
Annuncia o verão, da fouce te arma :
Abre caminho, abate aos golpes d'ella
As hervas de pascer ; largo tridente
As agite, e depois ao sol se murchem :
Da chamma perigosa o resto exalem ;

Se a funesta colheita apertas logo
O calor se lhe anima, e tráe seus lumes
Condensado vapor; flammeja em breve,
E debaixo dos tectos incendidos
O fogo te consome a ti, e a ella.

Inda mais p'rigos ha: teus carros vedem
Que ameaços do tempo se effectuem:
Mui longa duração de aéreas aguas
Dissipa os succos da sedenta relva;
Subito ás vezes fervida torrente,
Ou ante os olhos teus a tempestade
A arrasta, os bens te rouba, e n'outras margens
Assombra teus visinhos, lh'os entrega.

Feudos, que dão á primavera os prados,
Nos seus primeiros dons não se restringem,
Tem de se renovar: dispõe o estio
Novos succos, que o outomno aperfeiçoa;
Té o inverno, que gela, e murcha o mundo,
Não ousa deslustrar-te a verde relva.

Em nossos tempos cresce, e reina industria
Que faz de uma raiz nascer um prado:
De lavras, e de estrumes farto o campo
Socorro assiduo não requer das aguas;
O mais rebelde emfim se torna docil,
E facil abre o seio á planta amiga.

Torrão pingue, lodoso é que sustenta
O trevo, que renasce ali tres annos:
Em mediocre terra onde a colloques

Vivaz luzerna quatro lustros dura:
Cascalho, arêa fazem que prospere
O sóbrio candeal, e o trevo grande.

Cada anno em primavera, estio, outomno
Usam de reparar sua existência,
E a fouce lh'a destróe; n'aquellas quadras
As novas hervas suas ganham forças,
E ao gado excitam fome: em se ex'haurindo
Estraga-lhe a raiz, e d'esse estrago
O trigo surgirá mais vigoroso,
Em quanto desterradas por lei tua
Renascer, vicejar vão n'outros campos.

Uma semente, ou planta ennobrecida
D'est'arte, e só, para nutrir-te os gados
Mais abundancia tem que amenos prados,
Da mãe universal mimosos filhos,
Composto casual de germes varios:
Dentro em pouco, assombrando o chão que habita,
Qualquer d'ellas impera, e já não teme
Com herva parasitica humilhar-se,
Emagrecer, ficar qual era outr'ora
No lugar onde próvido a escolheste.

Se n'um prado vulgar qualquer plantio
Houver, que, digno de melhor ventura
Definhe, ou bastardêe, e se no lodo
Jaz abatido, á mingoa de cultura,
E por visinhos seus dos succos falto,
Que ali buscava, d'esse damno o livra,

Cria-o só; firme então de dia em dia
O tronco, honroso ás experiencias tuas,
Não menos que os irmãos irá medrando.

Da planície onde ri tanta verdura
Os thesouros admiro, e prézo o enfeite;
Livra-se a terra de um repouso infausto,
Tudo é fertil, risonho, e te enriquece:
Longe os tristes alqueives ociosos,
Que de abortivos cardos se herriçavam,
Um grão succede a outro; eis que, mudando
A sua habitação, nasce, destróe-se,
Renasce por seu turno: á terra deram
Teus suores, e auxilio renovados
O esforço de perpetua mocidade:
Assim, por sempre compensados mimos,
Teus gados, e teus campos se refazem.

Ha entre as flores, que ataviam prados,
Especies caras, distinguidos germes:
Ante teus os olhos congregar tu podés
D'estes plantios as dispersas graças:
Attento cultivando-as n'um canteiro
Ali creadas são com leis melhores,
Dão-lhe á simplicidade um lustre novo;
Mas aos jardins quaesquer é berço o prado.
Ás tuas precisões o chão fiz util,
Agora aos teus prazeres fertil seja.

Tu, que dignas de amor pesquisas flores,
Dispõe vivenda aos hospedes mimosos:

Debaixo de céo puro, em branda terra
Com seu raio nascente os lustre Phebo:
Sem arte ou eleição lá n'outros tempos
Confusamente as flores, e ao descuido
Aqui, e ali nasciam, contentadas
Dos dotes da singela Natureza:
Os que a cultura empresta não sabiam:
Assim de Alcino a ilha povoavam,
E os jardins de Semiramis, suspensos:
Athenas dos jardins entre seus muros
O uso alegre deveu ao pae virtuoso
Do prazer philosophico; Epicuro
Ali mostrou suas bellezas novas,
E os campos transferiu para as cidades;
Mas Grecia, de que as artes foram filhas,
A regra dos canteiros ignorava:
A França é que os formou, que os pôz em ordem;
D'este luxo campestre ornou palacios,
Orla inventou de arbustos volteados,
Dispôz affeiçãoada, e lisa relva,
Fertil xadrez c'roou-lhe extremidades,
E das mais bellas, escolhidas flores
O thesouro estentaram. Sois dos olhos
Doce attractivo, oh flores; entre aquelles
Longos circuitos vos ergueis mais lindas:
Tal aos metaes o solido diamante
Dóbra fulgores no emprestado throno.
Em meio do canteiro aquôsa origem

Leve a teus tanques borbulhões ferventes:
Sedes o regador ás flores mate;
Mórmente quando a terra arder co'as calmas,
Quando ferrenhos céos, manhãs sem pranto
Ameaçam da flor belleza, ou vida,
Com aguas mais assiduas as soccorre,
As graças lhe renova, estêa os dias:
Sem ella tudo morre; onde é detida
Vae buscal-a, e consigam-na desvelos:
Agua outr' hora cubria o vasto mundo,
Mas Deus a captivou no equóreo abysmo.
É lá que as ondas insoffridas querem
Seus muros arrombar, lá que mugentes
Na praia immovel, espumando, expiram:
A cada instante o sol do mar levanta
Vapores, que dilata, e que, levados
Rapidamente nas aéreas plumas,
Menos graves que o ar que nos rodêa,
Sobem onde mais livres, mais ligeiros
Na sublime atmosphaera andam nadantes;
Geram d'aurora cada dia o chôro,
Branquêam flores distillando orvalhos;
Quando os tufões desferrolhados bramam,
E nas fundas cavernas erguem lodo,
Ondas, betume, do terrivel centro
Sáe mais negro vapor turbando os ares,
Brinco de seus caprichos formam nuvens
Mães das procellas, filhas do Oceano;

Em seus grávidos corpos bate o vento,
E pelos ares cáem mais leves que ellas:
Ás planicies baixando, um mar suspenso
Rios, e fontes pelo mundo entorna:
Facil caminho a preparar-lhes prompta
Abre a esponjosa terra o seio ás aguas:
Mórmente os serros nas internas grutas
Ás fugazes correntes dão guarida;
Pélago de vapores espargido
Nos picos d'ellas, os montões gelados
Das neves invernaes (que o sol fervente,
E os humidos Favonios tocam, rompem
Entre os risos de Abril) vão tortuosos
Seguindo por caminhos variados
Os meandros de arêas, e rochedos:
Pelas vêas do monte as gotas filtra
Agua perenne, e abobadas penetra
Té aos barrózos leitos, onde ha posto
Reservatorios d'ella a Natureza:
Lymphas, juntas ali, dos montes fogem;
Eil-as arroios são, e as terras lambem.

Cumes da Iberia, onde morreu Pyrene,
Os que Annibal transpôz, Vosgos, e Jura,
Do seio o Pó, e o Rhodano desatam,
Rhenos, e Garumna, Sóccona, e Ticino:
Debeis junto da fonte os prados molham,
Off'recem-se aos rebanhos sequiosos;
Mas eis se esquecem da acanhada origem,

E na carreira sua abastecidos
Do tributo de arroyos, que recolhem,
Com impeto rolando altivas ondas,
Cubertos de baixéis qual o Oceano,
Vão no bojo marítimo abysmar-se,
E as ondas tornarão, que somem n'elle,
Sobre as azas dos Súes ás ferteis serras.

Vê d'esta pedregosa, esconsa altura
Com tremendo rumor lançar-se as aguas;
Lá debaixo da terra em ferreos tubos
Superior artificio as feche, e aperte;
Éneo canal em teus jardins colloca,
Que dê caminho estreito ás aguas promptas,
Ellas furiosas saém, e aos ares saltam
Tanto quanto na queda se abateram;
Seu pezo as fez cair; d'agua, que as segue,
Pezo urgente as eléva, e manda aos ares;
E quando ellas se escapam, se acham livres,
Equilibradas sempre estão co'a fonte:
Pular aos tanques teus virão dest'arte,
E em teus jardins brincar de varias sortes.

Junto d'impia caterva em rãs mudada,
D'agua, que ella vomita, injurias soffre
A mão de Apollo; um Titan enraivado
Debaixo do Etna, que lhe esmaga os membros,
Rio aos céos arremessa em vez de flamma:
Mais longe por canaes, que estreitam aguas,
Sobem, não vistas, muro que as esconde:

Já patentes ao dia eis se desdobram,
Multiplicadas cáem de tanque em tanque.

Est'arte portentosa, e sempre grata
Co'as aguas brinque; o sabio lhe prefére
Dos compridos canaes a simples arte,
Que na rica abundancia egualam rios:
Praz-me uma fonte ás tuas leis submissa,
Que a ordem que a divide á risca observa:
Entre as flores aqui remanso ameno
Volve em areas de ouro ondas de prata;
Ornam-lhe as margens mármore, verdura,
E apenas corre, murmurando apenas;
Mais abaixo serpêa, e por cem voltas
Erra nos bosques, a carreira esquece;
Acolá, qual torrente as ondas pulam
De rocha em rocha, rompem-se escumando
Com pavoroso estrépito, e lhe applaude
Os mugidos horrisonos a terra.

Onde illusões amaveis me transportam!
Apraziveis estancias quiz mostrar-te,
E dos reis aos jardins levei teus passos:
As aguas, como as terras, lhe obedeçam;
Tu regúla os desejos, mede as forças,
De um prazer seductor o engôdo teme.

Porém na escolha de agradaveis flores
Azas livres concedo a teus desvelos:
D'extranhos climas generos gabados
Da Gallia ao seio conduzidos foram;

Cada flor n'ella crê que a patria gosa,
Um jardim no recinto inclue o mundo;
Floresce aqui a anémoma indiana,
E junto d'ella a tulipa africana:
America igualmente a par lhe arraiga
Bellezas varias de seus amplos climas;
A tenra hemerocál, cujo destino
É nascer, e morrer n'um mesmo dia;
E as que outr' hora agradaram tanto aos Incas,
Que para as figurar na quadra triste,
Imitando-as em flores de ouro, ou prata,
Nos seus ricos jardins a Natureza
Usavam reparar. . . ah! Não previam
Que das longinquas margens do occidente
O hespanhol, mais cruel que inverno, e ventos,
Roubar-lhe iría tão fatal riqueza.

Oh! Quantas flores, concurrentes d'estas,
Mobil quadro variam, nos off'recem
Das cores o espectaculo não visto!
Como arte bella em novidade tã
Aos olhos enlevados apresenta
Os paços de Plutão, de Phebo o coche,
Grutas de Thetis, e de Amor florestas;
Tal em nossos jardins, aonde a guia
Sua propria estação, vem cada especie
Dar o atavio, e novidade á scena:
O seu seculo está na quadra sua,
Nascem tantas nações, n'um anno, e morrem.

A violeta gentil na densa folha
Como que foge á luz, e ama o retiro;
Seu perfume a descobre, e seus encantos
Modestos, virginaes melhor conseguem
Honras, que esquivam; sobre o flóreo plano
A anemona reluz; o vivo esmalte,
De que é c'roadá, reunira os gostos
Se no mesmo logar não campeasse
A tulipa formosa; quanto as côres
Um mixto formam n'ella extravagante
Tanto é mais de admirar, e a especie é rara:
Da Syria o mais christão dos reis da Gallia
Trouxe a flor, que entre nós co'a variedade
De seus doces caprichos graciosos
É dos amantes seus prazer supremo;
Revivendo a semente, as flores torna
Similhantes, mas varias, taes quaes vemos
Delicadas irmãs. Oh! Natureza,
São estes brincos teus, são lindas manchas
Que aos olhos assignalam tanta especie,
E os nomes dos heróes lhes attribuem:
Nos jardins nascem Alexandre, e Cesar.
Prompto a deixar-nos, Zephyro abre a rosa,
E ao primeiro calor a off'rece amigo:
Dá-te pressa, dous dias não subsiste
Tão suave esplendor; são muitas vezes
Os mais bellos destinos os mais curtos.
Que aroma singular me prende, e encanta!

Fragrante aos olhos meus pompêa o cravo:
Erguido sobre o tronco, e frescõ, e bello
Nativa candidez ostenta o lirio:
Teus pendões invenciveis borde, oh França,
Tua gloria annuncie em toda a parte;
Mas dos sentidos meus desvie o cheiro.

Dos perfumes que dás tambem o excesso
É desabrido, oh flor do mundo novo,
Mais ditosa entre nós, e que os francezes
Nominam tuberoza; em tu surgindo
A pomifera quadra retrocede,
Vem dar-te irniãs, que hão de formar-lhe a côrte;
O amarantho immortal, papoula, e myrtho,
E a que, amante do Sol, com elle gira;
Por sua formosura, e variedade,
Pelos destinos seus, da China a rosa
Nos assombra os jardins; em sós tres dias
Que á vida lhe aprazou a Natureza
Muda tres vezes o inconstante adorno;
Entre as flores Prothêo; nascendo é branca,
Vermelha já maior, purpurea em velha.

Quando o inverno, chamando á terra os frios,
Ordena aos ventos que a verdura arranquem;
E quando nos jardins por elle murchos
Das flores o espectaculo nos furta;
No tempo em que o taláspis d'alva fronte
Ousa ainda brilhar perante os gelos,
E entre seus pés o caminhante admira

Flor que, sempre affrontando o feio inverno,
Em gelado torrão sáe da semente,
Se abre, e penetra sobre-postas neves,
D'ellas triumphá; em preparada estancia,
Contra o frio rigor seguro asylo,
Flores faze nascer; lunes desperta
Cujo módico ardor Zephyro imite;
Com este brando sôpro a flor se illude,
Á flor parece que Favonio torna,
E deve ao doce engano a doce vida.

Aos desvelos, que influe arte assisada,
Amcõroso delirio não se aggregue:
Junto de um cravo moribundo chore,
Murche com elle pallido florista;
Outro, perdendo tulipa mimosa,
Guarde como um thesouro o espolio secco;
Estes insanos creadores tristes,
Estes rivaes do céo vão muito embora
Mudar o esmalte ás flores, e o perfume,
Alterem-lhe no seio a Natureza
Imprimindo-lhe a côr d'agua tingida
Pelo artificio: quaes prodigios contem
Açucena purpúrea, e negro cravo,
Gabem-se do que podem; tu desdenha
D'arte minuciosa apuro esteril,
E gosa-te dos dons da facil terra.

Multipliquem-se as flores onde a abelha
Usa pelas manhãs colher seu nectar:

Às antigas nações elle preciso
Dos cuidados domesticos objecto
Util, e amavel fui; de Mantua o cysne
Excitou-lhe o fervor, cantou costumes,
E thesouros da abelha, os seus trabalhos,
A sua economia, a ordem sua,
Seu amor a seus reis, civis discordias,
O lucto de Aristêo perdendo o enxame,
Pelos deuses, e a mãe restituído
Aos prantos do infeliz: mas dando apenas
Ao hemispherio nosso o Novo-Mundo
Sabor de succo estranho, as canas foram
Antepostas por nós ao doce favo:
Da massa, com que engenha os edificios
O insecto susurrante, inda até'gora
Nada o notorio prestimo ha supprido.

Adquire pois a cêra, e vae creando
O tomilho, o serpol, herva-cidreira,
O jacintho, o açafraão, e as perfumadas
Flores, que enxame aligero carêam;
A estancia lhe construe, a obra excita,
Poupa-lhe os bens, e, por sarar-lhe os males,
Dos sabios, que inda existem, cólhe industria,
Que as abelhas mantém melhor que outr' hora.

Seguem flores o Amor, Sorrisos, Graças;
De Timante a Cephisa os mimos levam;
Unem-se na madeixa, o seio adornam;
As festas mais pomposas formosêam;

Travados n'um festim seus ramalhetes
Com saborosos, delicados fructos
Movediço jardim nas mezas formam:
Por desusado mixto algumas vezes
A imagem dos mortaes nos apresentam:
Assim, sem fabricar vãos numes feros,
Que em flores desgraçados convertiam,
São animadas por contrario encanto,
Nymphas, heróes se tornam: das mais bellas
Artes brilhantes o atilado esmero
Imita-lhes a graça, esmalte, e fórma.

Mais forte em tuas mãos, que industria, oh França,
Te affeição, e submete o docil barro?
Nós o desconhecemos, nós julgamos
Ver o brilho, o matiz, ver o character
Das flores mais lustrosas, e parece
Que os olhos, d'estas graças seduzidos,
O insulso, preguiçoso olfacto argúem.

Os seculos remotos conheceram
Plantas, cuja virtude expulsa os males;
Descubriu (oh portento!) a nossa idade,
Que a flôr vida recebe, a flor dá vida
Como o homem a dá, como a recebe:
Cubiçosos de unir-se os vivos orgãos
De dous sexos fecundos n'ella existem;
Do pistilo no seio os filamentos,
O pó, que elles contém, nações inteiras
Criam de varios generos; seus fachos

Une Amor, e Hymeneu, conservadores
Da flórea stirpe: em desmaiando a força
Do diurno calor, parece a planta
Immovel, como nós, jazer no somno:
Desapparece o dia? Eil-a se murcha,
E perde o movimento, e sécca, e morre.

As que privadas sempre estão d'esposo
Não têm fecundidade: ha taes, que tecem
Illegitimo vinculo, acceitando
Os mimos, a paixão d'estranha especie;
Porém d'estas a prole é sempre esteril,
E vinga a Natureza: outras, affeitas
A vicejar com languida cultura,
Enervam-se por arte industriosa;
Sua grandeza, e esmalte, em breve agradam;
A serventia perderão seus órgãos;
Os filamentos seus, demais nutridos,
Hão de alongar-se em folhas; a belleza
Ha de supprir-lhe os destruidos sexos,
Serão fecundidade o luxo, o adorno.

Aqui válida flor da Natureza
Possúe hermaphrodita ambos os sexos,
Arde nas chammas, que ella propria accende,
Mata os desejos, que ella mesma incita:
Dos apartados sexos lar distante
Em vão presumes que Hymeneu desvia;
As auras serviçaes da flor ao seio
Levam do esposo a preciosa off'renda:

Taes as palmeiras nas fecundas margens
Que humedeces, oh Nilo, inda que ausentes,
Para se unirem com prisão de amores
Em anno, e anno por Favonio esperam;
Elle é seu mensageiro, azas lhe empresta;
Mas se o vê preguiçoso em demasia,
Do Egypto o morador vae diligente
Da amada aos braços conduzir o amante:
Sem tal soccorro a planta estereis flores
Déra, e déra murchando inuteis fructos.

Tempo de amor ás flores é a aurora,
Renascem co'a manhã, co'a luz se animam,
D'ellas susurra em torno o flavo enxame,
Applauda a borboleta os doces brincos,
E o terno rouxinol em paphio myrtho
Canta os ardores, o commercio d'ellas.

CANTO QUINTO

DOS GADOS

Vós, que exerceis das terras a cultura,
Vós, que lhes daes os bens, lhes daes o adorno,
Mortaes, quanto estas leis vos eram graves,
Que trabalho exigiam, se as sentissem
Desajudados, sós! A Divindade
Submette a humana especie a taes suores;
Mas a pena é paterna; e, moderando-a,
Aprouve-lhe curvar ao jugo do homem
Proficuos animaes, que em parte a soffram:
Devem obedecer, vós governal-os;
Subditos são, que o reino vos povôam.

Este imperio tão rico, e tão potente,
Quanto d'esse desdiz, que possuia
O homem, pela innocencia enriquecido?
Submissos animaes seu rei serviam,
E apenas foi culpado os viu rebeldes;

Sem armas, sem soccorro estremecendo
Dos tigres, dos leões temia a furia;
Aguas, e grutas, ligeireza, e vôo
A seu illuso ardil roubavam prezas:
Mas assim que inventou pelo trabalho
Artes o racional, e assim que o Eterno
Lhe restabeleceu poder nos brutos,
Forçou, venceu-lhes repugnante instincto;
Cedeu colhido o passaro nas redes;
Teve o touro, o cavallo um jugo, um freio:
De noute discorrendo a serra, o valle
Os selvaticos monstros buscavam pasto;
Nasce a luz, o homem sáe, elles o acatam,
E d'elle entre as florestas vão sumir-se:
Aos uteis animaes deu regras uteis;
Nos serros espargiu seus doceis gados;
D'est'arte um foi escravo, outro temeou-o,
E ás leis de seu senhor curvou-se o mundo:
O cabrito-montez, e o cervo, ainda
Que em fórina ao renna eguaes, não se arrebanham;
O búbalo indomavel mora em selvas,
E a cabra montezina esquiva o jugo;
D'estes as gerações, que a Natureza
Cria selvagens, e selvagens deixa,
Não podemos dobrar aos usos nossos;
Mas n'estes animaes, intumecidos
Com sua independencia, e liberdade,
Limitado poder sempre exercemos.

Oh Deus, de que um pastor, tremendo, amando,
Viu nos cimos do Horeb a magestade;
Tu que, chamando-o a ti, d'entre ignea sarça,
Que ardia em fogo teu sem consumir-se,
O teu nome, o teu ser lhe revelaste,
O primeiro dos vates o fizeste,
O fizeste o pastor de eleito povo;
No lume divinal minh'alma inflamma,
O inculto guardador por mim se instrua,
Saiba usar de teus dons, e te agradeça
O imperio seu pela homenagem d'elle.

Se bellos fructos, se abundosas messes
Teus desejos expertam, gados cria;
Venturosa experiencia, ampla fartura,
Verás galardoar teus mil desvelos:
Dos antigos mortaes este o costume;
Os subditos, c'os reis eram pastores:
A fabula indicou por véllos de ouro
Das ovelhas de Atrêo, e Eéta o preço;
O esposo de Penelope em seus gados
Tinha os thesouros seus; de Fauno a prole
Os seus thesouros em seus gados tinha:
Esta industria cubriu de povo immenso
Judéa, Egypto, e foi sua opulencia.

Africanos, arábigos, os vossos
Mansos camêlos o joelho accurvam
Para que os carregueis; sem medo á sede,
Pagos de áridas hervas, os desertos

Cruzam da zona ardente: a India off'rece
Aos olhos meus o válido elephante,
Espantoso animal, que de um menino
Se deixa governar, altivo, e brando;
Torres sustenta, e impávido costuma
Levar guerreiros onde a gloria os guia:
Por estrada, que o gélo, a neve atulham
Puxa os frios lapões o renna activo;
Só para si querendo agreste musgo,
Vestiduras lhes dá, manjar, bebidas:
Mas nunca teus rivaes serão taes povos,
Oh gente, cujas terras alimentam
Os serviçaes cavallos; seus empregos,
Prestimos varios, o animo, a belleza
Aos outros animaes este avantajam.

Cria em ledos outeiros teus rebanhos,
De moderados céos procura o clima:
Bando feliz d'innumeros ginetes
Lá se faz agil, são, robusto, e vivo;
Mas em lodosos prados tendo a estancia,
Ou tendo-a em valles humidos no extremo,
Grosseiro pasto d'este chão nocivo
Lhe enerva os corações, se augmenta os corpos;
Ficam pezados, sem vigor, sem brio,
E receam-se do ar ou denso, ou frio:
Vê do hespanhol o ardor, vê-lhe a nobreza,
A fleugma do hollandez, e a cobardia!
Taes, á face de um céu macio, e puro,

As arvores, que a terra alegre nutre,
Ás graças, que lhe vem da Natureza
Unem sumo aprazível, unem fructos
Provindos da cultura: outras desmaiam
Em soltos areáes, em seccos montes,
Que o vento insulta, ou nos profundos valles
Toleram sombra perfida, e sómente
De sem-sabor substancia engrossam fructos.

A França ao teu desejo em sitios varios
Off'rece outeiros, que de pasto abundam,
Manifestos á luz: são taes os prados
De Hiesme, do Garumna, e taes se mostram
Do Rhodano fervente as frescas margens.

Que é do vosso artificio, oh destros povos?
Roma, Roma deveu proezas suas
De vossos bons maiores ao cuidado;
Vossos ginetes, para a guerra idóneos,
Creados para a guerra, aos seus horrores
Conduziram do mundo os vencedores.
Escolhe o garanhão, que d'esta escolha
Depende a sorte da manada equina:
O andaluz nos apraz, e o barbaresco;
D'este o filho n'altura o páe transcende,
E o cavallo d'Iberia excede a estirpe:
O garanhão, que estimo, é novo, é forte,
Soberbo, e manso, docil, e animoso,
Alto pescoço tem, e audaz cabeça,
Redondo é na garupa, e cheio em lados;

Caminha ufano, rapido galopa.
Insulta os medos, desafia os p'rigos;
Se ouve mavorcia tuba, os sons da guerra,
Agita-se, retouça, e fere a terra;
Chama seu rincho ousado os estandartes,
Fogo lhe luz nos olhos, sãe das veritas,
As orelhas altêa, herriça as crinas,
Estremece-lhe o corpo, a bocca espuma.

De um pello assignalado a côr mais nobre
Denote seu valor, o afformosêe;
E a teus rebanhos dê gentil tintura
De raça em raça este util atavio:
Busca alazões, prefere os mosqueados,
O azevichado, o baio, o de tres côres
Que a das carnes imita, e de ouro, e neve;
Ou cinzenta, ou mal tinta, ou deslavada
A pelle n'um cavallo o indica frouxo:
Assim nas variadas cores suas
A Natureza brinca, e pinta os genios;
Mas isto mente ás vezes, e quem próva
Seus occultos defeitos? A experiencia:
Na belleza envolver-se o vicio póde;
Falso, vil, rebelão, espantadiço
Póde o cavallo ser, ser caprichoso;
As péchãs de seus páes em si guardando,
Hereditario mal transmite á raça.

Ardente garanhão, que de annos sete
Cheio é de forças, as conserva aos vinte;

Depois affraca, e sua ardencia esteril
É de um desejo vão fallaz impulso;
Serve a egoa em mais moça, e quinze estios
Fecundos, bellos dias lhe rematam.

Seja livre, ociosa, e de seu pasto
Se regre attentamente a quantidade;
A's lidas amorosas destinado,
A seu tenaz ardor se dê o esposo;
Mas tempera-lhe o fogo, em doze amadas
As ferventes caricias lhe restringe;
N'elles, como entre nós, não ha ternura,
Escandece-os Amor co'as furias todas:
Em vindo a primavera, e quando as egoas
Soffrem dos garanhões o activo assalto,
Experto conductor una, e contente
Desenfreada amante, amante insano;
Contenha em subjeição té nos prazeres
De amor agreste os impetós soberbos.

Onze mezes passaram, nasce o potro,
O desvelo em creal-o agora occupa:
Poupa fraqueza da teurinha idade;
A infancia brinque, a mocidade espera;
Deixa correr, saltar mimosas crias,
E acompanhar as mães ao prado, ao monte.

No meio de seus brincos, desde a infancia
O presagio lerás de seus costumes:
Aquelle, que arrojarse aos campos vires,
Correr, embalançando-se nas curvas,

Desdenhar vão rumor de rio, ou fonte,
Os outros provocar, vencer, correndo,
Nos brilhantes, magnanimos ensaios
De um bruto generoso off'rece as mostras;
Independentes vivem, vivem ledos,
E do freio vindouro a força ignoram.

A idade eis util, no terceiro estio
Subjugam tuas mãos o indocil potro;
Idade é folgazã, porém flexivel:
Longe-ameaços, picador sanhudo;
Um castigo cruel produz só medo:
Tu prefere ao rigor brandura, e mimo:
O cavallo ama o homem, quer prazer-lhe;
Sua docilidade é voluntaria,
Mais cede á voz do que obedece ao freio.

Das varias crias o destino ordena:
Dê-se a boçal, e a frouxa ao carro, ás lavras;
Convém primeiro que um vazio arraste,
Com leve arreio; em breve os pezos graves
D'espumante suor seus lados tingem,
O eixo grita nos carros, e se inflamma:
A voz deve-o guiar; mas, se repugna,
Succede-lhe o castigo, e vence as teimas.

Impavido ginete, que á victoria
Tem de voar c'o impavido guerreiro,
Desde a mimosa idade a estrondos feito,
Escuta sem terror trovões de bronze;
Pelas armas ufano os-olhos corre,

Das trombetas a voz lhe é som gostoso,
 Soffre os arções, e placido sustenta
 O dono, que lhe opprime as lizas costas:
 Submisso ás ordens ou se avança, ou pára:
 Recúa e se levanta, e se arremessa;
 Mais prompto que elles, precedendo os ventos,
 Apenas sobre a arêa imprime o passo;
 Ama os louvores, e reluz seu fogo
 Se branda mão lhe bate, e o lisonjêa.

Uteis no marcio campo, assim ginetes
 Altivos aos certames te conduzem;
 Rompendo os esquadrões, lá saltam, voam,
 A matança os anima, o p'riço os punge:
 Crivados de feridas, entre mortos,
 Cheios de pó, de sangue elles parecem
 Esquecer-se de si, de nós lembrar-se;
 Se a força os desampára, inda animosos
 D'entre os horrores sáem, nos livram d'elles.
 Mostram por nós temer quanto affrontáram,
 E expiram satisfeitos com salvar-nos.

Este doce pendor, que a Natureza
 Inspira aos corações, Amor, que a vida
 Confere a quanto existe, Amor, nem sempre
 É pelas suas leis guiado: ha brutos
 Que seduz falso instincto, e que, inflammados
 De perversa paixão, seguir costumam
 Animaes d'outra especie; o tigre, unido
 Á leôa feroz, gera o leopardo,

Produccão monstruosa, e d'este laço,
Que a falsêa, indignada a Natureza
Abominavel raça esteril torna:
Entre animaes, que a seus desejos prestam,
O homem, multiplicando improprios laços,
Por arte os reproduz, e de anno em anno
Novos adquire, a Natureza illude;
Renovados assim os machos nascem,
E outros, que a Natureza não perfilha.

Da egoa o macho é prole; a altivez sua,
Se o páe lhe nomeasse, eu affrontára,
E abatera meus versos com seu nome;
Mas o prestimo seu diga-se ao menos:
Tem manso o natural, o humor paciente,
Tolera as fomes, e o contenta um cardo,
Proveitoso á charrua os touros suppre,
Das cargas que lhe impõem deixa opprimir-se;
Mas ás vezes de purpuras o adornam,
E nas costas mantêm, conduz ufano
Dê nympha encantadora o doce pezo:
Em fogoso ginete o lindo sexo
Treme, e antepõe-lhe um passo brando, e lento.

Rochas subir, do precipicio á margem,
É do bom macho o prestimo primeiro;
O homem, sem se abalar, n'elle se fia,
Vae por caminhos, a que olhar não ousa.

Sóbria, lidante, ás paternaes virtudes
Une a força da mãe, e orgulho a mula:

Rhodes, Poitiers, Saint-Flour taes gados criam,
Hespanha é rival sua, e não lhes cede;
D'ella os cavallos para a guerra nascem,
Ás tarefas ruraes a mula é propria,
Préza a charrua, e se lhe affaz sem custo;
Regra-lhe tu vivissimes transportes.

Menos em fogo, em animos não menos,
De forças é dotado o boi tardio:
Cria-se para a lavra, ella o recrêa,
Cede-lhe tudo aos musculos nervosos;
Para os campos não ha melhores gados;
E, se tens para dar-lhe hervas fecundas,
A ordem que dictei, regendo-os, segue:
Um touro quasi indómito se estima;
E de feroz olhar, de sanha ardente,
E o corno ameaçador, mugindo, abaixa.
Ignora estes furores a novilha,
Tem seu sexo mais brando outros costumes;
De abertas ventas é, caídos beiços,
Fronte larga, olho negro, orelha hirsuta;
De pello mosqueado, espesso, e molle
Desce aos joelhos a barbella instavel;
* Soberba caminhando ergue a cabeça,
E a cauda buliçosa o pó levanta:
Terceira primavera amor lhe atêa,
E apaga-se este ardor aos quinze invernos:
Grandes pezos convém que então não puxe,
Té do menor trabalho então se isempte:

Não lhe consintas que atravesse as aguas,
Que montes, espinhaes, barrancos passe;
Erre em pingues pastagens livremente,
E em limpas margens d'algum bosque á sombra.

No campo onde os Teutões já guerrearam,
E de seu vencedor tem inda o nome,
Nas ribas onde o Rhodano lhe é docil,
E segue outro caminho a elles util,
Corrompe os ares odioso insecto,
Que em furia horrivel assaltêa os gados;
Os gados temem seu ferrão cruento,
E da picada é fructo a morte ás vezes;
Os touros, do susurro amedrontados,
Rompem na fuga os ares com bramidos:
Fecha-os no tempo adverso em que os calores
O insecto irritam, e implacavel tornam.

Quando da vacca se avisinha o parto,
Pastores, não queiraes que ella vos pague
O tributo do seio; e, produzindo
Da ternura o penhor, soffrei que o crie
Sem partilha de alguém; não tarda o tempo
Em que seu leite, de nectáreo gosto,
Corre só para vós: em dia, e dia
Nas vêas suas o liquor filtrado
Duas vezes lh'os enche, e sae dos peitos;
Foi primeiro manjar nos tempos de ouro,
E, do luxo a pezar, tem preço ainda;
Ou variamente, e por industria occulto

Nosso melindre affague; ou refrigerio
Esteio á languidez, o triste enfermo
D'entre as portas da morte arranque, e salve:
Doce, mas prompto em azedar-se o leite
Só por attenta mão póde manter-se:
Simples queijeira com asseio agrade:
Para estas obras rusticas hei visto
Entre marmore, e entre ouro ergue-se portas,
Onde em chinezes vasos se honra o leite
De humedecer dos reis as mãos augustas;
A pezar do impostor, do vão seu brilho,
Teu jus conhece o luxo, oh Natureza.

Mas de trabalhos taes o doce emprego
De mais util cuidado o tempo acate:
Teme, se tu co'a voz os não suspendes,
A mocidade indómita dos touros:
Dobra-lhe um simples vime em torno ás pontas,
Ou forma-lhe um collar de ramos leves:
Dous novos bois, eguaes na idade, e força,
A subjeição do arado aprendem juntos
Vão a passos eguaes por chão de arêas,
Brevemente abrirão torrões lodózos:
Para os avassallar, mais facil meio
Une a touro rebelde um menos duro;
Este é mestre d'aquelle, • pelo exemplo,
Que póde mais que tu, se faz tractavel.

Dous bois em breve se acostumam juntos;
Mais que o jugo amisade os concilia:

Com reciproco ardor, e eguaes esforços
Elles se ajudam; se os desune a morte,
Vê-se o que resta pranteando a falta
Do seu querido irmão: recentes prados,
Bosques sombrios, crystallino arroio
Não lhe dão gosto já, são-lhe indiff'rentes;
C'os olhos melancholicos, e fitos,
A pezada cabeça inclina á terra.

Povo affamado, em Apís te morrendo,
De que prantos, de que ais enchias Memphis!
Adorador de um boi lhe ergueste um templo,
Collocavas no altar deus, que pascia!
Prostrados a seus pés mortaes estultos
O fado em seus mugidos consultavam!
A Grecia aos gados seus co'a mesma insania
Deuses fez presidir; já Pan, já Phebo,
E os Sylvanos, e os Satyros: meus versos,
Meus sons tem mais poder que esses phantasmas:
Rebanhos, acodi, correi a ouvir-me;
Attentos os pastores me rodêem.

A cordeira, a pezar das lãs que a forram,
Téme os invernos: voltem-lhe os abrigos
Á parte austral, encerre-se, e nutrida
Seja ali com desvelo; hervas se elevem
E vegetaes ali que lhe escapáram;
Densas camas de feto amontoado
Dos males imminentes a preservem.

Se é puro o sol, se é amoroso o dia,

Ou se acaso abrilhanta opáca nuvem,
Teu gado á margem proxima encaminha,
Sem que o deixes no campo extraviar-se;
Porém d'esta lei rigida exceptuo
Clima, que nunca os gelos entristeçam;
Lá n'um parque ambulante a ovelha móra,
E vê continuo variar a estancia:
Assim de teus rebanhos a vivenda
Ora aqui, ora ali te aduba os campos:
De um ar subtil, e vivo a frialdade
Faz-lhe o vello mais brando, a lã mais pura;
Mas fecha-os quando o polo se ennegreça,
E aguas se endurem, volteando as neves:
Segue este uso tão prospero Occitania,
Elle o preço, oh Segóvia, ás lãs te altêa.

Na ilha onde os avós anniquilaram
Do lobo a raça, d'Albion pastores,
Livres das furias do inimigo astuto,
Ás neves, ao rigor de humido clima
Não recearam callejar seus gados;
Ousam ainda mais: ao desabrigo
De ar intractavel as ovelhas deixam
Nas geladas planicies, e conseguem
Com isto suas lãs o gráo primeiro.

Apenas se abre a terra ao brando raio
Da meiga, florea mãe, cordeiras podem
Saltar na relva, que do chão rebenta;
Mas esperar convém que o frio orvalho

Se extinga ao sol: o affogueado estio
Quer outras leis; a matutina estrella
Vê nos mattos vagar, pascer carneiros;
E ali se reconduzam quando a tarde
Humida, e grata restitue á relva
Alterada frescura; ao meio-dia
Tu porém desce os montes, busca os valles,
Demanda os rios; teu rebanho anhéla
Repouso, virações; ali se estenda
Á sombra de um carvalho, ao pé de um bosque.

Té sitios ha que, pelo sol crestados,
De rebanhos no estio estão desertos:
Então vê o Esperou chegar de ovelhas
Lentas catervas, d'acolá banidas;
Longevos bósques seus ao pólo se erguem,
Offrece no mais alto, e fertil cimo
Amplu torrão, jardins da natüeza,
Ricos de flores sem cultura, ou arte;
Os filhos de Chiron vem de mil campos
Olhos ali fitar, sondar virtudes:
Desdenha aquelle monte, aos céos visinho,
Das procellas o horror; lá vi cem vezes
Debaixo de meus pés juntar-se as nuvens,
E, em quanto aos olhos meus sol puro ardia,
Sobre os valles a noute o véo lançava;
Os raios, os trovões se íam creando
Longe de mim, e a terra espavoriam.
Ditosas cordeirinhas, quanto é doce

Vosso destino ali! Feliz quem livre
Vive em paz, como vós, n'aquelles campos.

Em quaesquer climas a que o céo te chame,
Nunca de teus carneiros te descuides;

A sua mansidão requer ternura,

Merece amor, e amando t'ó agradecem:

O cajado ao pastor não serve ás vezes,

Rege um gritõ, um signal todo o rebanho;

O principal carneiro aos mais precede,

É seu guia elle só, regula o passo,

E o povo o segue: por barrancos salte,

Recue, ou se adiante, a chusma toda

Ou pára, ou se arremessa apoz o chefe:

Assim que o predomínio lhe concedes

Um carneiro é senhor, dá leis aos outros;

Basta-lhe teu favor, nõo mesmo instante

De seus eguaes obediencia logra.

Pastor, conhece os cumes onde ha flores,

Que teu gado procura: os gordos pastos

(Humida nutrição) não mais lhe off'recem

Que um perfido alimento; aos sitios foge

Crespos de cardos que, ferindo os corpos,

As guedelhas arrancam; vae-te a um serro

Que brote herva cheirosa em magra terra;

A suave alfazema os gados correm,

E ao alecrim, serpól, tomilho, e nardo:

Taes de Armórico, e Ardênnas os carneiros,

De remotas provincias tão buscados.

Aos muros de Salon corre visinho
Campo fragoso de abundantes pastos
Para muito rebanho: a vista absorta
Só planicie infecunda ali descobre;
Achã o carneiro industrioso a herva
Occulta em mobil pedra, e vê pascendo
Tomilho sempre extincto, e renascente.

Os mesmos alimentos entejando
A ovelha, como nós, tambem se enjôa,
Variedade lhe apraz; não se lhe negue
Remedio certo, que lhe esperte a fome;
No tempo em que pascer, ante seus olhos
O sal branqueje; de repente a ovelha
Corre a elle, e seu avido appetite
Eis trabalha entre os dentes esmagal-o;
Renasce o gosto, a sêde se lhe irrita,
E em breve de seu leite a origem cresce.

Ha propicios torrões, que dão ás hervas
Succos, que aduba o sal: teus bons pascigos,
Oh Presalé, são taes, taes esses campos
Que do mar foram leito, hoje são margem.

Ganges segue outras leis: da mãe se affasta
O cordeiro, e teus lares quer, e habita;
N'elles, ou no redil avulta, engorda
Dos sobejos mensaes, ou da castanha.

Existem sobre a terra inda logares
Onde o pastor co'a voz ajuste a avena?
Para os sons admirar, de que se encanta,

Deixa o sensível gado, e esquece a relva :
Porque em nossas aldêas já não vemos
Dos antigos pastores as contendadas?
Cantavam primavera engrinaldada,
Guarnecido o verão de espigas de ouro,
Curvo dos fructos seus o outomno ao pezo :
As selvas magestosas celebravam,
Que o cimo enramam de alterosos montes ;
Caíndo as aguas, e espumando em rochas,
Ou girando nos valles, e entre os prados :
Em versos amebêos soavam penas,
E delicias de amor, seus bens, seus males ;
Um de Lilia gentil pintava encantos,
Filis outro accusava, ou falsa, ou dura ;
Em premio o vencedor tinha uma cabra,
Ou dous cordeiros, e o pastor vencido
Entre as convulsas mãos partia a flauta :
Turba rival, arcádicos pastores,
O Ménalo occupou de taes combates ;
O Hebro nas margens, o Ismaro em seus bosques
Dê Orphêo, e Lino a consonancia ouviram ;
Sensível Arethusá, d'entre as aguas
Os siculos pastores escutaste ;
Suspirar Corydon tu, Mantua, ouviste,
E cantar Melibêo, Damon : seus versos
Os tigres, os leões embrandeceram,
D'envolta c'o rebanho ós attrahiam ;
Enterneceu-se a penha aos sons campestres,

Pararam rios, arvores tremeram.
Aureós dias de paz, vida innocente,
Mais não sois para nós que vã pintura!
E nos seus gados os pastores nossos
Todo o cuidado restringindo, apenas
Em rustico assobio a boca exercem.

Ao menos saibam com que facil meio
A ovelha a seus desejos é mais util:
Esperança fallaz não te allucine,
Não debes exigir que n'um só anno
Vezez duas a ovelha dê seu fructo;
Um consorcio a contenta; em vão forçaras
Seu apagado ardor a amores novos:
Queres na renascente primavera
Que o manso cordeirinho hervagem goste
Tenra como elle? Une o carneiro á fêmea
Quando o outomno as promessas desobriga
Que a primavera fez; mas, saciado
Das ovelhas o ardor, não mais permittas
Ternos assaltos d'importũno esposo.

Eis junto ás mães os cordeirinhos gemem,
Arredam-se ao principio; mão propicia
O leite, que vem logo, e que é veneno,
Lhe rouba, e só lhe deixa util bebida:
Quando co'a idade enrija o debil corpo,
O filho apoz a ovelha aos pastos cõrra:
Egual em fórma, e cõr sempre o rebanho
Do esperto pegureiro aos olhos mente;

Mas a Amor nada escapa; o cordeirinho
Conhece a mãe, e a mãe desvia-o de outra,
Ou foge d'elle; entre ellas todavia
Rixas não ha; pacificos estados
Governaes, oh pastores: mas apenas
Annos ferventes aos cordeiros vossos
De amoroso transporte a chamma inspiram,
Estes ardores apagando o ferro
Nos apreste o sabor de tenras carnes:
Se houver longa demora, hão de atear-se
Entre elles pelo campo eternas lides:
Dous soberbos rivaes se arrostam féros,
Se investem pela arêa, e se topetam,
Fomentam seu furor c'os mesmos golpes,
Corre o sangue, e a ferida irrita as furias.

Doceis, com tudo, ovelhas, e carneiros
Vivem só para vós, de bens vos enchem:
Uma te off'rece um leite inexaurível,
Outro, grata iguaría, ornar-te a meza;
Ambos nos dias da estação mimosa,
De lãs espessas carregados, despem
Os seus para aprestar vestidos nossos,
E as mãos da Natureza outros lhe apromptam:
Debaixo da veloz, cruel tesoura
Immovel jaz pacifica ovelhinha,
E nem sóta um queixume, inda que ás vezes
Movido por mão dura, e pouco attenta
Vestigios sanguinosos deixe o ferro:

Humanos, aprendei: sois d'esta sorte
Constantes no revez, nas dores mudos?
Podéra aqui tambem dizer porque arte
As lãs com ferreo pentem se prêparam;
E debaixo das mãos como, formando
As confusas meadas, a pastora
Vê o fuso engrossar ao som do canto:
Já subindo o sarilho, e já descendo,
Posto entre os fios se uniria á trama:
Com o lapis na mão firmando as côres,
Mesclara extracto de metaes, e flores;
Julgáras ver brilhar vivo amarantho,
A pallida violeta, a rubra rosa:
Arte dos Gobelins, talvez comtigo
Aprendêra a traçar altos desenhos,
Montanhas debuxara, o bosque, o sêrro,
Rios e gados na campina errantes;
Té ousara a teus olhos deslumbrados
Mostrar Ypres, Tournay, Fribourg ardendo
Nos raios de Luiz: mas só crédoras
Da habitação dos reis tão nobres telas
Aos colmados tugurios não competem;
Mudam por arte a natureza, e n'ellas
O pastor desconhece a lã da ovelha.
Cabra europêa para têas varias
Á industria dos mortaes não dá tributo
Como o vello que nós, multiplicando-as,

Podíamos obter das do oriente;
Mas duas vezes no anno é mãe de gémeos,
E leite a ovelha dá menos sadio:
Apraz valle, e planicie aos outros gados,
A cabra gosta de trepar montanhas,
E caprichosa um precipicio affronta
Para haver um codêço; a si ã entrega
Lançado o guardador na relva molle,
E em pendente rochedo a vê segura:
Ella nas moutas pasce, e vae no bosque
Dos arbustos morder cortiça, e folha:
Oh! Nunca meus jardins, pomares, e hortas
Próvem seu dente peçonhento! Oh! Sempre
Longe da habitação de ferteis campos
Viva lá nas montanhas degradada.

D'este lascivo gado esposo digno,
Passos tardios encaminha o bóde:
Quasi as furias do amor com elle nascem,
E desde a tenra idade o inflammam todo;
Do ardor que o affoguêa escravo é sempre;
De prazeres se cança, e não se farta;
Mas peádo co'a gôta, e velho em moço
A triste esfalfamento em fim succumbe;
Com podre cheiro os áres envenena,
E prompta morte lhe remata os dias.

Nescia pastora desculpar não posso,
Que varios gados n'um rebanho ajunta:

Em sitios varios divididos pastem;
Pelos prados o boi segue o cavallo,
A cabra quer o monte, a ovelha os mattos.

Raras de javalis ha castas duas:
Uma, dos bosques susto, ardente, e féra,
Se irrita, e contra um tronco a preza aguça;
Presenta irada ao caçador, que treme,
Espumoso focinho, olhos em braza;
Fomes a apertam, vôa, arrosta os p'rigos,
Vinhas, sulcos destróe, destróe pomares:
Outra inquieta, e dócil, nossa escrava
Ronca, mas cede, e vive em nossos lares;
Pasce em longos rebanhos nas florestas,
No lodo se revolve, ou nas lagôas;
Impura ao culto hebreu, e abominosa,
De varias artes nossas mezas cobre;
Se o mais vil animal nos é aos olhos,
Util a precisões tambem a achamos.

Se o chão, traído de exquisito arôma,
Mostra que esconde a túbera no seio,
Do porco o ardor t'a indica; elle precede
Guia, abre, segue a estrada, e mostra o fructo;
Muitas vezes fecunda n'um só anno
D'innumeros leitões a mãe cercada
Á continua exigencia lhe é bastante;
Cuida em ceval-a n'esse prazo urgente:
Fôra surda co'a fome á natureza,
Desconhecera os filhos, e os tragára.

O grosseiro cultor, que não conhece
Mais do que os campos onde o pôz seu fado,
Limite as luzes em saber de alqueives;
Minha estancia eu transponho, um vivo raio
Aos horisontes dous me chama os olhos;
Lá procuro outros bens, mais ferteis gados.

Nos campos do Indostan a ovelha, a vacca
São duas vezes mães, e amas n'um anno;
A cabra, sua igual, aos dons d'aquellas
Une o tributo de seus ricos vellos:
Da plaga oriental estas especies
D'uteis colonias cubrirão teus campos:
De servir-nos co'a lida enriquecendo,
O hollandez, de Carthago, e Tyro herdeiro,
Estes hospedes vê nas terras suas
Prestimos couservar do patrio clima;
Enchem campos do belga, e se apascentam
Ás margens do Charente: assim congrega,
Escassa natureza arte supprindo,
Assim congrega os bens, que ella separa:
O homem quer; ordem sua obedecida
Colhe tributos do universo inteiro.

Seriam frageis bens teus muitos gados,
Se pago só da utilidade sua,
Os males em vencer não te instruissem,
Que ferem brutos, como os homens ferem:
Languida chusma em seus trabalhos vejo
Arrastar-se, e cair mortal nos campos;

Cavalllos, bois no asylo adormentados,
Varzeas sem trigo, sem adubo as terras:
França est'arte ignorou, que em Roma os sabios
Nos doctos seus escriptos ensinaram:
Est'arte se enterrou co'a agricultura;
Revivem ambas, e do Lethes surgem;
Os olhos de Luiz lhe tornam vida,
Sabios nossos tambem a industria movem;
O exito a segue, e prosperos effeitos
Já de seus beneficios premio doce
Ao real coração gostar fizeram.

Gados possues, falta-me dizer-te
Que soccorro importante os guarda, e rege;
Das ordens do pastor fiel ministro,
Este efficaz auxilio o cão lhe off'rece;
Soffre com elle da regencia o pezo,
Vela os rebanhos, os defende, os ama,
Seus passos determina, e vae seguindo, —
Elle mesmo é pastor: se em torno ao gado
Vê, soffrego de sangue, errante o lobo,
De seus roucos latidos enche os campos,
E o trémulo inimigo aos montes foge;
Se outro mais famulento, e mais sanhudo
Saltêa o cordeirinho, e t'o arreбата,
Elle o persegue, vâa-lhe no rasto,
E do purpureo dente a prêza arranca;
Vigia a par de ti, leal rechaça
Os inimigos teus, lhe apára os golpes:

É de enorme tamanho o que eu prefiro,
 E de feroz carranca se gloria;
 É cholérico, activo, agil, robusto,
 E ladra horriavelmente ao som mais brando;
 Atêa-se-lhe a furia, assim que avista
 O nocturno ladrão, dos olhos fogo
 Lhe salta, e se arremessa, espuma, e brama.

Os outros animaes a ti sujeitos
 Tremam de ouvir-te, miseros escravos;
 O cão é teu amigo, elle te segue,
 Sensível a teu gosto os mais ignora;
 Regula por teus gestos seus costumes,
 Alegre se te rís, triste se choras:
 Permite que te siga; eil-o saltando:
 Ordena que te deixe; eil-o gemendo,
 E gemendo mitiga-o seu desgosto:
 Mas quem folga como elle em teu regresso?
 Mimos d'esposa, filial ternura
 São mui frouxas caricias junto ás d'elle:
 Unido em laços, que refaz a estima,
 O homem, o racional, quer mais ao homem?

Bem que dos varios cães differe o genio,
 E igualmente a agradar-te aspiram todos;
 Um nasce para os brincos, e affagado
 No gremio da belleza pousa, e dorme:
 Outros n'agua, no bosque, e pelas grutas
 Declaram guerra aos animaes trementes;
 Cada qual parte, vôa, torna, pára .

Ao som da tua voz: quem poderia
As diversas proezas numerar-lhe?
Satisfeitos co'a gloria, em triumphando,
Do vencimento o premio aos pés te lançam:
No covil as raposas um commette;
O galgo na corrida a lebre alcança;
Os de pello annelado em sedas longas
Arremessam-se n'agua apoz a prêza;
Outro dá co'a perdiz por entre o colmo,
E em seus olhos attonitos emprega
Olhos ameaçadores; não se atreve
A perdiz a voar, elle a suspende,
Diz, sem fallar, que a victima está prompta;
Tu corres, elle fica; ella, partindo,
Por se esquivar ao p'rigo, encontra a morte:
Elle então se abalança, e, conduzindo-a
Em seus labios fieis, alegre, e á pressa
De seu zelo o tributo eis vem pagar-te.

Que escuto, que ruído atrôa os valles!
Caninos batalhões onde se arrojam?
Diligentes monteiros os commandam,
Ensinam-nos co'a voz, e os acorçôam,
Signalam-lhe as fileiras, e a buzina
Lhe regra o movimento em sons diversos:
Já despargido o bando está nos bosques,
Seu clamor fere o ar, e os bosques tremem:
Busca-se a prêza; descoberto, afflicto
O cervo é por sabujos acoçado;

Parte, fuge, o temor aos pés dá-lhe azas,
Vale-se aqui, e ali de astucias novas,
Cruza rochedos, mette-se por selvas,
Engana os cães, e seus esforços balda;
Mas a toda esta industria o bando affeito
Com isto na peleja mais se anima;
Sobre os joelhos cáe forçado o cervo,
E tenta em vão com lagrimas dobral-os;
Todos tem gloria em lacerar-lhe o corpo,
E, se elle não morrer, não crêem que vencem.

Ardente javalí sae da guarida:
Por animosos cães eil-o apertado;
Foge, e mostra ao principio um medo extremo,
Terrivel finalmente os cães persegue;
Pára, e de raiva intrépido fumando
Faz, acuado a um tronco, a todos frente;
Nos olhos sangue tem, na boca espuma,
E á força de matança aguça os dentes:
Em vão teus campeões o esforço apuram,
De mortos, de feridos se enche o campo;
A soccorrel-os vôa, o monstro fuge;
Dous vigorosos cães o acócem logo;
Elles correm, detendo-o pela orelha
O inimigo te entregam; de repente
Acode a chusma toda, e com mil golpes
Lava no sangue alheio injurias proprias;
Elle freme, e se agita, e se revolve;
O venábulo emfim termina, e c'rôa

Teu marcio jogo, traspassando a féra,
Apoz longos combates. A cruenta
Perseguição do lobo inda é mais util,
E tão brilhante: a cabra montanhaez,
O touro furibundo á tua ardencia
Off'recem não vulgar gentil façanha.

Os guerreiros, os grandes se exercitem,
Exercitem-se os reis, calejem n'isto,
Imagem da mavortica fereza:
Seu ocio proveitoso affaste, espanque
D'entre as searas o furor dos brutos:
Tu, longe do espectaculo sanguento,
Sempre occupado, inalteravel sempre,
Ama, oh bom lavrador, o asylo agreste;
Tuas fadigas são riquezas tuas,
Só n'ellas os desejos circumscreve:
Feliz, se é teu dever tambem teu gosto.

CANTO, SEXTO

DAS AVES

Qual, proximo ao lugar do seu destino,
Sentado o viandante em arduo cume,
E de longos caminhos fatigado,
Tranquillo observador mede a eminencia
Dos montes, que passou; tal eu, já quasi
Tocando o extremo da espinhosa estrada
Que ousei trilhar com atrevidos passos,
Fólgo de contemplar, escapo aos p'rigos,
Do aberto precipicio a aguda escarpa.

Dóceis a meu ensino, os lavradores
Cólhem dos campos seus mais amplas messes;
Além a cêpa nos visinhos sêrros,
C'os cachos a vergar, estende os braços;
Erguem bosques ao céo ramosas frentes,
Adornam os jardins fructuosos troncos,
Rindo, os canteiros c'roam-se de flores,

Do mais vivo matiz se esmaltam prados,
De todo o gado, ás tuas leis reunido,
Vejo as tuas planicies povoadas,
Cobertos os teus campos; e inda podes
A teus amplos rebanhos, e manadas
Novos teus cidadãos juntar mais perto;
Em largo pateo, em rustica morada
Podes crear, nutrir caseiras aves,
Que teus campestres fructos participam,
E ao depois darão preço aos teus banquetes.

A' voz do Eterno as ondas congregadas
Tornaram-se fecundas, produziram
Toda essa multidão de varia especie
Que as aguas córta, e pelos ares cruza;
Vimos então ás nuvens remontar-se
Aves ferozes, cuja garra adunca
Primeiro derramou na terra o sangue:
Tua bondade, oh Deus, approximou-nos
O aéreo povo, que descanta alegre
Ao prazer, á ternura, á liberdade:
Docil canario, e rouxinol mavioso
Não são muito altaneiros, e povôam
Nossos jardins, vergeis, e amenos prados;
E a nossa melhor musica assimelha
Seus gorgeios suaves: Tu puzeste
Bem mesmo á nossa vista as brandas aves,
Que a nossa habitação comnosco habitam:

Ama a gallinha o nosso captiveiro,
Cerra a pomba entre nós fúgazes plumas.

Se me ajudar o céo, oh lavradores,
Cantarei, por meu canto ennobrecidos,
D'especies vís, e para vós pasmosas,
Valentes povos, incansaveis chefes;
E de muitas nações vereis a um tempo
Policia, e leis, costumes e combates.

Defendida por nós, e a nós subjeita
A gallinha é das aves a mais util:
É sua patria o campo; quer vivenda
N'um espaço entre muros circumscripto;
E ali se lhe constroe n'aquelle espaço
Mesquinha habitação de humildes tectos,
Onde vae habitar seu povo inteiro:
Alizem-se estes muros; e os seus ninhos
Com pedra, ou com madeira se dividam,
Ou já tambem com preparados vimes;
Cada uma quer ter um proprio asylo
D'onde repulse outra ave usurpadora:
De uma parede a outra uns ramos presos
São outros tantos leitos suspendidos,
Onde ficam de noute empoleiradas
Repousando em tranquilla segurança:
Mas tenham prompta a saciar-lhe a sede
Agua n'um vaso a miudo renovada,
E nunca turva pelo lôdo impuro.

Grosseiros aldeãos, vós não sois próprios
Para cuidardes do rebanho alado;
Elle requer mais mimo, e mãos mais brandas:
Vigilantes, cuidosas lavradoras,
Das aves a morada é vosso imperio;
Sois vós que o asseaes, vós o mantendes
Em ordem boa, e n'um sadio estado;
Vós lhe distribuis diario pasto,
E os ovos recolheis, que estão dispersos;
Uns, que ao nosso regalo se destinam,
Por diversa maneira preparados
Volver-se-hão de um manjar em mil manjares;
E outros, d'eleita mãe sendo cobertos,
Com seu calor acordarão á vida.

Das que produz innumeradas gallinhas
N'um, e n'outro paiz o mundo todo,
Podem juntar-se os generos diversos:
Esta enfeitada uma crista levantada,
Por grande aquella é vagarosa e frouxa;
Uma em compridos pés se eleva altiva,
Outra com pés anões leve rasteja;
Casta africana, aos europeus trazida,
Cobre de branca pelle os negros ossos;
Algumas ha de reluzente pôpa,
Outras em cujos pés fluctuam pennas:
Seu amarello, e azul, seu branco, e negro,
E as plumas crespas sua patria indicam.
Á frente das irmãs caminhe o gallo,

Seu esposo, e seu rei elle as governe;
Dez annos póde amal-as, e regel-as;
Para amar, e reinar elle ha nascido,
Que n'altivez, no amor não tem parceiro:
Tem na frente real purpúrea crista;
Os negros olhos seus scentelhas vibram;
O corpo todo, e as azas lhe matiza,
Doura-lhe o collo esplendida plumagem
Que longa lhe fluctúa: tem por armas
Sanguentos esporões nos pés nervosos;
E ondeando a cauda se lhe alonga, e curva
Té chegar a assombrar-lhe a frente altiva.

Dos gregos, e romanos venerado,
Já foi o gallo interprete dos deuses;
Julgavam-no inspirado, e os agoureiros
Por elle os fados, e o futuro abriam:
Povo, e senado em vão deliberavam,
Mudava o gallo as leis, fixava os fados.

Omittindo-lhe as nescias honrarias,
O seu prestimo canto: quando a aurora,
As primicias do dia conduzindo,
Alveja por montanha, e povoado,
D'este herauto do sol a voz se escuta;
Elle o chama, o saúda, o annuncia;
Que a noute em meio vae, cantando, indica;
Designa por seu canto o seu progresso;
Marca as horas do somno; determina
O trabalho, o repouso, e a nova lida;

E ó do tempo fugaz vivo compasso:
Com activa ternura vigilante
Defende o povo, que feliz domina;
Qual compassivo rei, qual terno esposo,
As suas precisões vigia; e ama
Off'recer-lhe alguns grãos, na terra occultos,
Com pé escrutador por elle achados.

O dominio de um gallo se limite;
Seu ardor se reprima; e os seus desejos
Quinze esposas, não mais, contentem, matem:
Em seu reino ha tambem facções, e intrigas;
O amor, e a ambição, o imperio, e Helena
Dous soberbos rivaes á guerra incitam;
São eguaes no furor, e eguaes no esforço;
Erguidos sobre os pés, batendo as azas,
Ençõtram-se, e do choque ambos vacillam:
C'os bicos, e esporões se dilaceram;
Já voam pennas, e já corre o sangue:
Em fim, do seu rival forçando a audacia,
O aterra o vencedor, e em cima salta:
As azas despregando então se applaude,
E, altivo celebrando o seu triumpho,
Victorioso canto aos céos levanta;
Chama com repetidos cacarejos
Esposas, que brigando conquistára,
E as duas rége em paz sujeitas côrtes:
O outro, que o seu esforço, e amor traíram,
Seu usurpado imperio abandonando,

Irado foge do rival odioso,
E vae longe esconder vergonha, e raiva.

Com sedições ás vezes, e discordias
Dividem-se estes povos; e os seus chefes,
Dando-lhe exemplo, sua audacia animam:
Acudi, dae por gestos o ameaço,
Vereis logo ceder com vosso aspecto
Ao respeito o furor, e á paz a guerra.

Assim quando entre nós subito arrojô
Subleva furioso o vulgo insano,
Que já tudo respira horror, tumulto,
E armas volve o furor quanto se apanha;
Se, por gráo, por virtudes respeitado,
Um homem venerando se apresenta,
Cala-se a multidão, todos o escutam,
E elle com seus discursos vencedores
Os genios doma, os corações captiva.

Para evitar-lhe as guerras, seja morto
O chefe, que conduz os revoltosos,
E voltêa as fileiras, incitando
Com seu clamor o timido rebanho:
D'est'arte ficarão em paz duravel,
E as gallinhas por premio a teu desvelo
Cada dia darão tributos novos.

Exceptua-se o tempo annual da muda
Em que se vestem de plumagem nova:
Renôvo occulto, que a nascer se apresta,
Os canos faz cahir da velha pluma;

Nasce, e nas côres quasi sempre imita
Pennas, que substitue; porém ás vezes
D'esta sua continua similhaça
Cança-se, e altera as leis a Natureza:
O indio pardal tem azas azuladas,
E surge d'aurea pluma revestido:
Assim tambem no gallo, e na gallinha
Differe do primeiro o novo adorno,
E tal, que antes da muda era argentada,
Se faz desconhecer com plumas negras.
Á Natureza o astuto americano
Colhe segredos, e a belleza augmenta
Pondo mais variedade em seus encantos:
Quando está prestes a fazer a muda
O habitador aéreo, que repete
Tudo o que nós dizemos, felizmente
Usurpando o direito á Natureza
Seu dono, que o previne, a seu bom grado
Lhe imprime as côres, que elegeu mais bellas.

Co'a muda enfraquecendo se entristecem
As aves espantadas, e inquietas;
E, em lhe formar as plumas empregado,
Seu alento, e vigor mais nada póde;
Todos calam seus mélicos gorgeios;
Não canta o rouxinol, e o papagaio
Torna-se mudo; esteril a gallinha
Não preenche os desejos de seu dono
Com seus diarios dons: presume o vulgo

Que este mal vem do frio; mas o inverno
É d'elle o tempo fixo, e não é causa;
Em vão, para curar-lhe um mal sem cura,
Se lhe melhora, e se lhe aquece o pasto,
Que, interrompendo o fio á poedura,
A muda torna vão qualquer soccorro:
Prevenindo, e forçando a Natureza,
Quem mais cedo souber tirar-lhe as pennas
Os seus dons gosará nas quadras todas.

Os Aquilões do Zephyro á bafagem
Já da terra, e do ar o imperio deixam;
Seu halito prolifico, e sereno
Influe de novo pelo mundo a vida:
Renovam-se as canções das meigas aves,
Que, ledas de aguardar vindoura prole,
Suspensos ninhos a formar começam:
Dados a este emprego abutres, e aguias
São já menos crueis; de amor o fogo
Vae os peixes queimar no centro d'agua;
E de Cancro no ardor leões, e tigres
Com seus rugidos Africa apavôram:
Em ares, agua, e terra Amor triumphá,
Tudo de novos cidadãos povôa;
E, assim como elles no verdor da infancia,
Formam plantas, e flores, inda tenras,
Leitosos succos para raças novas.

N'este tempo tambem cacarejando
Roubados ovos seus pede a gallinha,

E aspira de ser mãe ao doce emprego:
Não se acuda mui cedo aos seus desejos;
Exp'rimentem-se os ovos, e se escolham
Os de maior longura, e maior pezo,
Que são signaes de um germe venturoso;
E a sua pequenez, sua leveza
Indicam frouxidão, denotam vicio;
São fructo inutil, miseros abortos
Ou de mui nova mãe, ou já mui velha.

As boas mães são poucas: não se attenda
Seu vão cacarejar, e não se empreguem
No dever maternal as que, inda moças,
Talvez lhes custaria a sujeitar-se:
É vária, é incôncstante a mocidade;
Precisa ter dous annos a gallinha
Para tomar os maternas cuidados;
E tambem se não deite em sendo velha,
Que amor a illude, e em seu gelado seio
Morreu todo o calor: deve escolher-se
A de madura idade; mas não tenha
Os pés armados de esporão sanguineo,
Que rompe antes de tempo a casca do ovo;
E o embrião, á luz, e ao ar exposto,
Nem um, nem outro supportar podendo,
Onde acharia vida, encontra morte.

Quando, dispondo prevenida o ninho,
Com musgo, e flores amollece a cama,
Aguarda-vos a mãe, podeis confiar-lhe

Quantos ovos com peito, e azas cubra:
Porém tende-lhe sempre ao lado promptas
Comida em abundancia, agua bem limpa;
Que, se isto não tiver, fraca, e esfaimada,
Para o pasto buscar, o ninho deixa;
E ás vezes, esquecendo o amor materno,
Abandona-o de todo, e esp'ranças balda.

Por sete-vezes-tres inteiros dias
A ninhada dos ovos animando
Com vivifico fogo, e sempre assidua,
Espera que formado o pintainho
Do seu encerramento a casca rompa;
E, com feliz instincto em todo o chôco
Aos ovos todos o logar mudando,
Uma quentura egual reparte a todos.

Em quanto avançam lentamente á vida,
Da Natureza admirem-se os segredos.

Como apegado aos cachos o bagulho,
Assim, dourado globo, nasce o ovo
Da gallinha nas costas suspendido;
Madurece, desliga-se, e no ovario
Corre de rosca em rosca, até que o envolve
Casca formada de humida substancia:
Do gallo em tanto se lhe ajunta o germe,
E da fecundidade o dom lhe leva:
O calor que o excita apenas sente,
Parece que um ponto vivo; já palpita,
Já bate o coração; sáe de uma vêa,

Que voga no liquor, sanguinea gôta
Que para elle corre, e o enche; e logo
Duas de redor d'elle informes massas
Da cabeça, e do busto o espaço occupam;
Formam-se em pouco tempo as partes todas;
Arredonda-se o cerebro; as medullas
Pelos ossos-se alongam; corre em ondas
O sangue nas arterias; sob o ardente
Estomago se enlaçam as entranhas;
Musculos cobre a pelle, e a pelle o pello.

Dá primeiro alimento ao pintainho
A leitosa substancia, a clara do ovo;
Quando está já mais forte, a gema o nutre;
Do ar, que dentro no ovo se renova,
O vital movimento se duplica:
Então por elle penetrado o ovo
Diminue e transpira; e então com elle
No carcere a avesinha vive, e cresce:
Eil-a por baixo d'aza avança o bico,
E fere, e rompe os muros que a cingiam;
Gira sobre si mesma, e em seu caminho
A fenda no ovo em circulo prolonga;
Ergue a abobada emfim, e surge ao dia;
De cabeça emproada eil-a caminha;
Piando se annuncia, o bico exerce;
E, só por instrucção da natureza,
Logo o sustento seu procura, e toma.

Ô industrioso egypcio ousou primeiro,

Por um segredo felizmente achado,
Vivificar os ovos sem gallinha:
Do fogo soube achar o gráo preciso,
E, seu calor, com arte dirigido,
Ao materno calor equivalendo,
Immensa multidão de pintainhos
Toda a um tempo animada, e produzida,
Dos fornos de Bermé se ergueu á vida.

Mas não teve rivaes n'est'arte o Egypto,
Foi arte, antes mysterio, de que é elle
O só depositario em todo o mundo.

Com egualmente próspero successo
Em nossa idade a França viu c'roados
Do sabio Reaumur os exp'rimentos:
No abobadado lar, que o pão nos coze,
Elle o segredo achou, que esconde o Egypto:
Dentro em toneis, cercados pelo estrume
Que ajunta o lavrador para seus campos,
Os ovos ordenou á vida eleitos;
E este brando calor continuado,
D'egual temperatura o ar mantendo,
O gráo manteve do calor do ninho:
D'est'arte obteve innumeradas,
Vindas á luz sem mãe, sem mãe creadas.

Para as fazer nascer tudo conspira,
Mas não para as crear; é necessario
Que as tenras avesinhas, filhas d'arte,
Sejam na sua infancia ás mães entregues:

O ar, o frio, o calor enganam muito,
E melhor que nenhuma vigilancia
Em suas precisões as mãos vigiam.

Por espaço de um mez um côvo encerre
Os pintos e a gallinha: então liberta
Sáe, e conduz aos campos convisinhos
O alado bando, que ligeiro, experto,
Sollicito apoz d'ella vae correndo,
Com repetidos pios a circumda,
E debaixo das azas se lhe aquece:
Elles alternam brincos, e combates;
Chama-os a mãe, com elles se recrêa,
Busca, esgravata, e com ternura extrema,
Esquecida de si, reparte o achado:
Insaciavel foi, e agora é sóbria;
Mãe carinhosa a tenra prole abriga.
E, sendo fugitiva, e temerosa,
Já com intrepidez affronta os p'rigos.

Se pelo alto dos céos voando observa
Ave espantosa, prestes a arrojar-se
Sobre ella, e sobre o seu rebanho amado,
Segue-a co'a vista, ergue um clamor piedoso,
E off'rece aos filhos por abrigo as azas:
Escondidos ali, desapparecem,
Ella se expõe sómente, e d'ira acceza,
Inquieta, terrivel, furiosa,
Com um brado feroz atrôa os ares:
Revôa a prumo seu, e sobe, e desce,

E foge em fim o abutre, que illudira
Seu grito ameaçador; então alegre
Solta jucundo canto, a prole surge,
E a cêrca, e enche das caricias suas.

Vós, que regeis este volátil gado,
Precisões preveni-lhe, e soccorrei-o:
Aquelle ave, sem pasto, desfallece;
A lingua tem espessa; e branca, e dura
Uma pelle lh'a envolve, e se lhe estende,
E cerca-lhe o padar: não percaes tempo,
Funesta póde ser qualquer demora;
Logo co'os dedos arrancae-lhe a pelle
Pela raiz, que á lingua tem pegada.

Quando já seus desvelos não carecem
Deixa a gallinha, e desconhece os pintos;
Mas ás vezes sem tempo os abandona,
E a orphã multidão concorre, e pia:
De mãe póde o capão em vez servir-lhe;
Mas, antes de exercer tal ministerio,
Alguns dias com elles encerrado
Se acôstume a prestar-lhe os seus desvelos:
Prestes então vae educando, e guia
O bando todo a seu dominio entregue;
Arroga de gallinha o jus, o afago,
E até a imita nas femineas vozes;
Aio fiel que, em sendo tempo, ajunta
Ao povo seu sua familia nova.

Uns para a meza criam-se de parte,

Vivem fechados, privam-se do sexo;
E, sem limite saciando a fome,
Engordam, e engordar lhes custa a vida:
Outros, menos tractados e mais livres,
Vivem com egualdade entre o seu povo,
E a encher-vos de seus dons conságram todos
Todos os dias de uma vida escassa.

Ha outras varias aves, que reúnem
Utilidade ao numero, e belleza:
Multiplique-se a raça, que das Indias
Nos trouxeram d'Ignacio os companheiros;
Esta raça é altiva, e desdenhosa,
Afagos ao Perú mal-soffre a femea;
Terno e soberbo amante junto d'ella
A aza lhe arrasta em vão, a cauda ostenta,
Erriça as plumas, todo se intumece,
E em seus grasnidos seu amor lhe exprime;
Orgulhoso debalde o rubro monco
Da cabeça inda além do bico estende;
Que a perúa, indiff'rente a seus transportes,
Marcha, sem contemplar o seu amante.

Debil na infancia, esta ave delicada
Exige a mais attenta vigilância;
De bico aberto n'um clamor continuo
Morre de fome se lh'a não saciam:
A gema do ovo, e a renascente ortiga
Na sua meninice é seu sustento;

Mas, co'a idade enrijando, excede em força,
E as outras aves na grandeza excede.

Vejo bambolear-se a passos lentos
Ruidoso pato, e ganso vigilante;
Estas aves são uteis, são precisas;
Mas sua turba aquatica esmorece
Se não tem ou nascente, ou lago, ou tanque
Aonde ledamente concorrendo
Se alimentam, mergulham, nadam, folgam.

Á sua especie rara vez se fíem
Ovos, que á producção se destinaram,
Que ás vezes sua penna humida, ou fria,
Ou o gérme destróe, ou mata o feto:
Entregae-os á provida gallinha,
Com seu calor ella os fará fecundos,
E ufana guiará o bando extranho
Das tenras aves, que seus filhos julga:
Porém, mal que um regato se lhe off'rece,
Eil-os lhe fogem; ella se encaminha
A's margens, que a largar se não resolve,
E parece querer precipitar-se;
Avança, corre, geme, afflicta os chama,
E volta emfim sosinha, e magoada.

Dae á turba famelica bom pasto,
E depressa, alimento delicado,
Vel-os-heis adornar a meza vossa.
O que salvou, grasnando, o Capitolio

Junto ás casas vigia, e nunca foge,
E dá do seio seu, das azas suas
Aos leitos o frouxel, á dextra a pluma.

A gallinha africana, mais formosa,
Dá mais gentil adorno aos vossos lares,
Do que este amphibio povo; delicado
Teme dos gelos o rigor, e sobria
Para seu alimento o grão lhe basta:
Não póde arte imitar a graça, a ordem
Das graves cores, que lhe deu Natura;
E, quanto mais os olhos as contemplam,
Mais pasmo causa a symetria d'ellas.

Rico serieis de plumagem rara
Domesticando os cysnes argentados;
Porém mesquinha habitação desdenha
Dos prados do Asio, e do Caystro a prole;
Ama em jardins reaes as aguas puras,
Onde ligeira, revoando, folga,
Ou repousa acolhida na abrigada
Sobre as ondas a custo edificada.

Quando do cysne a morte se avisinha
Não espereis, como se conta, ouvir-lhe
Meigo canto dulcisono, e saudoso,
Que tanto gaba erradamente o vulgo;
É dest'ave gentil odioso o canto;
Mas seu nobre, e engraçado movimento,
Sua esplendida alvura agrada, encanta:

Grecia fingiu que em cysne transformado
Foi Jupiter de Leda namorado.

O phaisão é feroz por natureza,
Mas é bello, e na sua mocidade
Por algum tempo a escravidão supporta;
Porém logo, a clausura aborrecendo,
Com fugitivas azas corta os campos,
E vae buscar o prado, a fonte, os bosques:

O pavão, mais domestico e constante,
A vossa habitação não deixa nunca:
Em sitio que elle ignore a femea sua
Esconde os ovos, que chocar pretende:
Debalde elle se mostra maggado
Se acaso a vae achar; em vão co'as azas
Lhe faz caricias, e a belleza ostenta;
Estando ella presente é tudo afago,
Porém apenas ella se desvia,
Nos filhos seus o seu desdem castiga.

Da criação o tempo exceptuando,
Em que lhe foge esquiva, arde por elle
Com todo o fogo que a ternura accende;
Se elle morre, ella vive amargurada,
Definha de afflicção, de amor se mirra.

Das outras aves o pavão cercado,
Como se fôra só, só elle admira;
Mostra em pescoço azul dourada testa;
Brilhantes como as flores, como os astros,

Ostenta os olhos da orgulhosa cauda;
E o diurno clarão lhe augmenta, e muda
O pomposo espectaculo attractivo
Das plumas, c'o reflexo embellecidas.

Não ama o caçador caseiras aves,
Congrega, e nutre as aves carniceiras,
Aves ao sangue, á morte acostumadas,
Que, seus proprios irmãos assassinando,
Contentam os desejos de seu dono
Com féra garra adunca, e mercenaria.

O rápido falcão, o gerifalte
A quem os ensinou, se a colhem, trazem
Ave, que timorata vae fugindo:
Nas florestas deixae-lhe a raça odiosa,
Sempre tinta de sangue, e sempre horrivel;
Gaviães, esmerilhões, treçós, açores,
O cruel avestruz, a aguia soberba.

Não prendaes em viveiro, nem gaiola
Avesinhas voluveis, e amorosas;
Canarios, chamarizes, tutinegras,
E o suave cantor da primavêra:
Estas aves captivas emudecem,
E livres pelos bosques divagando
Deleitam, sonoras gorgeando.

Tenho em vossas herdades reunido
Ao jugo de uma lei diversas aves:
D'indole diff'rente a leve pomba
Quer viver livre, a liberdade a encanta;

Mas casta, que tractada com desvelo
Chega a esquecer os paternaes costumes,
Sujeita-se a perpetuo captiveiro;
Suas familias para sempre escravas
Amam suas prisões, pousadas suas:
Quando se lhe abrem, de redor esperam
Que se lhes distribua o pasto usado;
E quando a fome se lhes não sacia,
A morte affrontam por cuidar na vida.

Outras, dando-se ás leis de um docil trato,
O vôo alargam como as pombas bravas;
Voluntarias captivas, por escolha
O jugo acceitam, que lhes mais agrada:
Torre, onde luza o resplendor da aurora,
Domine os campos, e a mansão lhe indique;
Seja aceiada, lucida, espaçosa,
Brilhante assim como ellas, que mil vezes
Fugazes, mas fieis ali revôam.

Prestes chamae os cidadãos mancebos,
Que devem povoar este alto muro:
Raça normanda, as pombas argentadas
Com pés plumosos, côr de rosa o bico
Ás de pluma azulada a gloria empatam
De embellecer o preparado asylo:
De unidas castas á mixtão brilhante
Juntae colonias d'estrangeiros climas,
Que em genio, em côr os hospedes diff'rentes
Dão prole, que os simelha em côr, em genio.

Costumados um mez a viver juntos,
Reunidos presos no fechado asylo,
Já certos d'elle, e por amor ligados,
Alternativamente ou saem, ou entram;
Nos campos de redor ligeiros voam,
E os grãos escolhem do torrão mais fertil.

Mas, quando o inverno esterilisa os campos,
E quando, renascente a primavera,
De flores, e verdura embellecida,
Reveste a Natureza um luxo inutil
De Idalia ás aves; de manhã, e á tarde
Em copia a seu asylo os grãos se levem:
Mais facilmente do que as outras aves
A quem lhes lança o grão concorrem pombos;
Desconfianças não tem, para ajuntal-os
Basta a hora, um signal, um grito basta.

Quanto mais farta fôr vossa conquista
Mais vasto povo habitará seus muros;
Mais fecunda se faz d'est'arte a pomba:
Aquella que, sem ter assiduo pasto,
Pelos campos voeja em liberdade,
Interrompe no inverno a poedura;
Se ás vossas leis em captiveiro engorda,
Dous gemeos cada mez produz seu ninho:
Cuidoso de a ali ter, chegado o tempo
De o seu logar supprir, roçando-lhe a aza
A adverte, a sollicita seu esposo;
Companheiro fiel em seus desvelos

Alternativamente aquece os ovos,
De um mutuo amor penhores preciosos:
Ella tórna outra vez ao ninho amado;
Elle vôa, e viaja, e volve, e parte
Com sua companheira os grãos, que trouxe;
Mas é breve esta idade venturosa,
Seu brando natural (quem tal pensára!)
Não poucas vezes barbaro se torna.

Aos quatro annos as pombas são estereis,
E vexam por ciume a casta sua:
Ha quem, sem distincção, tyranno exerce
Cruel matança no volatil povo;
Sêde mais brando, e com regrados golpes
A velhice extirpae de cada especie.

Ás vezes, apesar de mil desvelos,
Ha desertores cidadãos ingratos,
Que não basta o costume, o amor, o exemplo
Para contel-os no seu patrio ninho;
Rompem os laços sociaes, preferem
A liberdade, os bosques: este habita
N'um concavo rochedo, ou tronco antigo:
Est'outro onde o provoca o seu instincto.

O aceio prende á casa os moradores;
Se o desprezaes no outomno e primavera,
E se, inda mais a miudo, da immundicie
Não livraes este povo, que murmura,
A immunda habitação presto abandona:
Aquelles vís montões d'impuras fezes

São de uma preciosa utilidade,
Fortes estrumes são, que alentam, nutrem
Os fructos ao jardim, verdura aos prados:
Com elles a seara é mais fecunda,
Mais generoso o vinho; mas o excesso
Por seu muito vigor os faz nocivos;
E, se usados em conta não reforçam,
Seu fogo abraza o campo, a vinha, os prados.

Off"rece-nos o céo n'esta ave pura
Molde em costumes, da virtude a imagem;
Só ella tem, ingenua e sociavel,
Leis immutaveis, e communs penates;
Vive o seu povo sem tyrannos; nunca
Sua paz e innocencia os crimes mancham;
E, na sua republica, a concordia
Conduz os cidadãos, e os une, e anima:
Juntos ou no trabalho, ou no repouso,
Quando o sol vem das ondas resurgindo,
Qual densa nuvem, a campina assombram,
E de Venus a estrella os volve ao ninho;
Arrulam docemente, e á torre voam;
Entram, e logo, antes que morra o dia,
Cada qual em silencio immovel fica,
Cançados gosam de tranquillo somno.

Amo vêr seus desejos innocentes,
Ternos gemidos, vividos prazeres:
Os biquinhos unindo, longamente

Com reciproco afago arrulam juntos,
E hymeneu, que os prendeu, consérva sempre
Terno o seu coração, casto o seu ninho;
Vága pomba torquaz, e a rola imita
No desviado bosque as mansas pombas.

Os homens com proveito exp'riamentaram
Seu vôo obediente em ida e volta:

Arte avezou-as a levar nas azas
Fiel mensagem de um logar ao outro;
Muitas vezes servindo a Amor, e muitas
Socorro annunciando a oppressos muros,
Dando socego, e esp'rança á consternada
Terna amisade, que gemia ausente:
Alexandretta, Alep, e Lesbos sabem
Dar-lhe este ensino, e regular seus vôos.

Párte este agil correio ao sol nascente,
E volve antes que a luz na sombra expire;
A falsidade, o engano tem ousado
Domal-a, e dar-lhe empregos criminosos;
Guiada pelo vicio a singeleza
Fez-lhe serviços, sem convir com elle.

Acreditou a idade fabulosa
Que, a Amor fiel, em Paphos e Cythera
Seguia a sua côrte, e lá no Olympo,
Pelos gregos aos numes consagrada,
D'esta ave, a mais pudica, a deusa é Venus:
Muitas vezes de Méca o vão propheta

Usou como impostor mensagens suas;
Creu-se que a seus ouvidos revelava,
Interprete do céo, mysterios d'elle.

Feliz quem d'innocentes passatemplos,
De tranquillos prazeres satisfeito,
Do seu casal co'as aves entretido
Sua formosa côr, seus dons contempla!
Qual dos jardins o espectador assiduo
Sempre acha novo seu jucundo esmalte,
Cada dia indagando as varias côres
Das que elle desposou diversas flores;
D'est'arte, e mais feliz vereis das aves
A plumagem brilhante, os novos trajos:
As côres no jardim perdem-se, e murcham,
Nas aves, augmentando, afformoseam.

Busca-se em vão nos hospedes aéreos,
Que as florestas, o rio, o mar povoam,
Aquella côr de azul, de prata, e de ouro
Com que em vossos casaes as bellas aves
Tão pródiga adornou a Natureza:
Separae cada especie, e, assim distinctas,
Achareis o prazer na variedade;
Sem escolha, e sem ordem sendo unidas
Familias degeneram, raças morrem:
Sobre isto vigiae, fazei a escolha
Das castas, em que Amor o gosto approva.

Sensivel a gallinha á formosura
Da ave de Cólchos, seu ardor lhe é grato,

E as patas juntamente o afago attendem
À sua propria especie, e ao gallo ardente.

Felizes se esta união vos amostrasse
Um segredo, que os sabios inda ignoram!
Da existencia animal qual dos esposos
Contém no seio o creador principio,
Ou se ambos juntos de vindoura próle
Por ditoso concurso o ser produzem.

Os diversos systemas n'este cahos
Escassa luz tem reflectido apenas:
Por lei constante as aves assimelham
A seus páes em plumage, em côr, e em gesto;
E a que nasceu de generos distinctos
Tem um mixto, que de ambos degenera,
Mas simelha com ambos: assim vemos
Da égoa e do animal longui-orelhudo
A prole, que ao serviço é tão prestante;
Une alteradas ambas as especies,
Uma nem outra é, tem visos de ambas.

Cada especie animal por vario modo
Se reproduz: caricias desdenhando
O feroso ginete, o cego touro
Se arremessam a unir-se á sua amada;
Com gemidos, com beijos, com suspiros
Alonga o seu prazer a terna rola:
O peixe sem unir-se, segue, anima,
Fecunda os óvos, que depôz nas aguas
A femea sua: em seu palacio occulta

Produce a abelha a multidão sonora,
Que em continuo trabalho a vida emprega,
E os zangãos, turba vil, e preguiçosa,
Que fazem sua côrte á mestra-abelha:
O pulgão, ruinoso ao tronco e aos fructos,
É de si proprio amante, e reproduz-se:
Sobrevivendo a golpes, e mais golpes
Repara-se o polypo de seus damnos;
Pelos fragmentos seus reparte a vida,
E um novo, em cada um, polypo brota!
Tal se não viu em Lerna a hydra horrenda,
Cujas cortadas testas renasciam;
Dá menos pasmo o monstro fabuloso
Que este vérme nas aguas escondido!
Egual, e variada em seus productos,
E contraria a si mesmo, em toda a parte
Para nós é mysterio a Natureza!
Indágo-a, em vão: brilha-me um raio, e logo
Outro mais vivo m'ò destróe! Debalde
Ligar quero as cadêas de um systema;
Que ellas, como Prothêo, a cada instante
Differem de si mesmas! Deslumbrado
Por um clarão facticio me suspendo,
E tudo volve á antiga obscuridade!
Tal de noute o relampago medonho,
Rasgando o seio ás nuvens, se arremessa,
Dos objectos a imagem nos descobre,

Vôa, brilha, e se esváe sulcando os ares;
E a noute, inda mais negra, esconde o mundo.

Com arte corrigindo a Natureza,
Eu aos homens em versos ensinava
Das terras o lavor, no tempo em quanto
Luiz, o rei melhor, e o mais excelso,
De seus feitos co'a fama enchia o mundo;
Em quanto a Italia e Flandres soçobradas,
Viam tudo ceder ás armas suas;
E caro ao povo seu, e aos seus alliados,
D'inimigos terror, do mundo assombro,
De seus trophéos o fructo repartindo
Sós para si guardava amor, e gloria.

Eu, quando a meu sabor gastando o tempo
Pude esquivar judiciaes querelas,
E o popular bulicio, demandava
Asylo aos campos de paterna herança:
Ali não vinha o orgulho da grandeza,
Nem vinha dos prazeres o tumulto
Meu coração turbar, nem meu repouso;
Vivia só commigo, e sem cuidados
A vida consagrava ao grato estudo;
Amei rebanhos, arvores, campinas,
E á borda dos regatos cristalinos,
E á sombra das florestas retirado,
Em solidão obscura, mas tranquilla,
Juntamente quiz ser poeta, e sabio.

NOTAS

PRIMEIRO CANTO

(Pag. 211, vers. 8)

Criam forças em mim Luiz, e a patria.

Luiz XV, rei de França.

(Pag. 214, vers. 12)

Ao barro, ao tufo, aos matagaes, e etrêas.

O tufo é uma especie de terra branca e secca; e é tambem uma pedra esbranqueada e esponjosa.

(Pag. 215, vers. 14)

- * Em qualquer terra o trigo sarraceno
- * Eleva os negros grãos na densa espiga.

Estes dous versos escaparam a Bocage ao correr da traducção.

(Ibid., vers. 18)

O indiano maiz.....

O maiz é outra especie de trigo.

*

(Pag. 216, vers. 6)

Dos campos de Babel, esses outr' hora.

Tem-se por certo que os descendentes de Sem, e não os egypcios, fizeram as primeiras observações astronomicas.

(Ibid., vers. 13)

O chefe das ovelhas o é dos signos.

O Carneiro; porque é o signo do mez de Março, que os antigos contavam por primeiro do anno.

(Ibid., vers. 14)

O Touro logo, e depois d'elle os Gemeos.

O Touro é o signo do mez de Abril, e os Gemeos do de Maio.

(Ibid., vers. 16)

Nos tropicos o Cancero, e Capricornio.

O Cancero é o signo do mez de Junho, no fim do qual se faz o solsticio do verão; Capricornio é o de Dezembro, e tambem no fim d'este se faz o solsticio hyberno.

(Ibid., vers. 18)

Dias e noutes a Balança eguala.

No mez de Setembro, cujo signo é a Balança.

(Ibid., vers. 19)

Das ceifas o signal compete á Virgem.
Astréa, que é o signo do mez de Agosto.

(Pag. 217, vers. 13)

Se o negro Escorpião viu tua aurora.
Signo do mez de Outubro.

(Ibid., vers. 21)

Por artes da impostora astrologia.

Os abusos astrologicos chegaram, não só a induzir a crença de que certos planetas, e a sua conjunção de tal ou tal modo, eram felizes, ou desgraçados; e que os eclipses e cometas annunciavam grandes desastres; se não até que a nossa vontade era regulada pela influencia dos astros.

(Pag. 219, vers. 16)

Já no ethéreo Carneiro o Sol tocando
Lhe desvanece a luz.....

Por que entrar o sol em um signo, vem a ser passar-lhe por baixo; e então nol-o escurece.

(Pag. 221, vers. 4)

E cruza os sulcos teus por novos sulcos.

Este preceito só tem logar nas terras fortes, e nunca nas que forem humidas, ou delgadas.

(Pag. 222, vers. 1)

O margo, de que usaram n'outras eras
Nossos priscos avós, etc.

O margo é uma especie de barro branco ou terra fértil, pingue e branda, que serve para adubar as terras aridas: — a castina é uma especie de pedra ou terra esbranqueada e secca, propria para adubar as que são fortes e humidas; assim como a cal é conveniente para as que são delgadas, etc.

(Ibid., vers. 16)

Os magicos mysterios exercia.

Foi um liberto, por nome Caio Furio Cresino.

(Pag. 223, vers. 9)

Outra fica vazia; o sementeiro
Ha de espalhar, etc.

Machina para semear melhor, e com mais economia.

(Ibid., vers. 12)

A herva parasita acolhe menos.

Chamam-se hervas, ou plantas parasitas aquellas que vegetam sobre outras, e se nutrem da sua substancia.

(Pag. 226, vers. 10)

Ha lavradores pródidos, que ajuntam
 Agua com cinza, etc.

Esta preparação faz-se por diversas maneiras, e tem por objecto conhecer o grão melhor para a sementeira; mas não é infallivel.

(Pag. 228, vers. 20)

..... lenta carcôma
 Pouco a pouco as substancias lhe anniquila.

Corrupção.

(Ibid., vers. 26)

Tendo por mestra a Natureza, um sabio, etc.

O auctor falla de Mr. Tillet, que sobre este assumpto escreveu uma memoria, premiada pela Academia de Bordeaux.

(Pag. 230, vers. 18)

Extrair, ver, tocar ha pouco a flamma.

O fogo electrico: reiteradas experiencias tem demonstrado ser elle o mesmo que o fogo elementar.

(Pag. 231, vers. 2)

Dos romanos cobrir, dourar as armas.

Refere-se ao que Cesar deixou escripto nos seus Commentarios — *Eadem nocte quintæ legionis pilorum cacu-*

mina sua sponte arserunt. — « N'essa noute se inflammaram por si mesmas as pontas das lanças da quinta legião.»

(*Ibid.*, vers. 7)

..... obteve o nome
De Helena, Castor, Pollux.....

É o fogo a que nós chamamos Santelmo, e que os antigos tinham por estrella: quando apparecia um só fasciculo luminoso, chamavam-lhe Helena; e quando appareciam dous, chamavam-lhe Castor e Pollux.

(*Ibid.*, vers. 17)

Ao fiel conductor, que sem violencia:

Chama-se «conductor» um corpo, pelo qual a materia electrica se dirige, e se transmite de um ponto a outro sem se espalhar.

(*Pag.* 232, vers. 18)

Nem do seio os coriscos lhe rebentam.

No Egypto nunca ha trovoadas; e as poucas vezes que se lhe tolda o céo, apenas derrama um orvalho.

(*Pag.* 233, vers. 17)

Ao ferro alli succumbe a flava espiga.

Os egypcios semêam em Novembro, e fazem colheita em Março.

(Ibid., vers. 19)

..... Vivissimos ardores
Esperae do Leão.....

Mez de Julho.

(Pag. 234, vers. 1)

De miseros que chusma (oh céos!) é esta?

Os rabiscadores, ou mais propriamente — respigadores.

(Pag. 236, vers. 11)

Encanto da existencia, origem d'ella,
Taes que, etc.

Todos os versos com asteriscos são accrescentados por Bocage.

(Pag. 237, vers. 9)

O oleo tambem, que de um rochedo emana.

O auctor falla do oleo, que nasce de um rochedo, e fórma uma fonte, perto de Gabian, aldeia pouco distante de Besiers, no Languedoc.

(Pag. 238, vers. 5)

Esta, que Duhamel ha dado á França.

No seu Tractado da conservação dos grãos.

(Ibid., vers. 8)

Mas quer ventilador, que o ar lhe innove.

Machina para dar novo ar aos logares fechados.

(Pag. 240, vers. 20)

Vêde de Fontenoi, vêde nos campos.

A batalha de Fontenoi foi ganhada pelo marechal conde de Saxe em 1745.

SEGUNDO CANTO

(Pag. 244, vers. 18)

O mundo consolou do equoreo estrago.

Isto diz, porque (segundo a opinião mais recebida) o fabrico do vinho só foi conhecido depois do diluvio.

(Ibid., vers. 24)

Armenia te gostou, nectareo succo.

Primeiro na Armenia, porque alli viveu Noé depois do diluvio.

(Pag. 245, vers. 6)

O Arecómico Volco em nossos climas.

Volcos Arecomicos se chamavam os povos do baixo Languedoc; assim como os do alto Languedoc se chamavam Volcos Tectosagos.

(Ibid., vers. 11)

..... O celta,
Os bosques arrancando, acolhe as vides.

Porque Domiciano lhe havia prohibido a plantação das vinhas, e Probo lh'a concedeu.

(Ibid., vers. 21)

Sobre arêa africana escadeas torram.

Escadeas propriamente são esgalhos, ou raminhos do cacho de uvas; mas aqui tomam-se pelos mesmos cachos.

(Pag. 247, vers. 25)

Lá quando o turvo Aquario em nossos climas.

Em Janeiro.

(Pag. 253, vers. 3)

Já nutrimento de abundoso estrume.

Os estrumes augmentam o vigor, e a producção das vinhas; porém de ordinario alteram-lhe a qualidade.

(Ibid., vers. 10)

Pernicioso insecto eis sáe da terra.

O escaravelho.

(Pag. 255, vers. 18)

De invencivel cadeia os opprimiam.

Os gallos cisalpinos são tidos por inventores dos toneis.

(Pag. 257, vers. 17)

E a todo o cheiro inaccessible seja.

Porque todos os maus cheiros alteram o vinho.

(Pag. 258, vers. 16)

Abona vezes cento a força e vida.

O uso do vinagre, proveitoso nos exercitos, é conhecido não só desde os tempos primitivos da republica romana, senão que tambem o foi pelos carthaginezes, e já pelos gregos.

(Ibid., vers. 20)

Arte assombrosa, que o divide e apura.

A chimica.

(Pag. 259, vers. 6)

Do vinho usa formar util ferrugem.

E o verdete, ou azinhavre: ferrugem esverdeada, que cria o cobre, e que é um veneno violento, mas de que se tiram algumas utilidades.

(Ibid., vers. 18)

De insecto extranho tal peçonha os livra.

Diz-se que os hollandezes misturam verdete nas materias resinosas com que rebocam os seus diques, e que com a acrimonia do mesmo veneno matam uns insectos americanos, que lhe arruinam o madeiramento.

(Ibid., vers. 22)

Louçã verdura, que amenisa os sêrros.

O verdete é tambem de muita serventia para os pintores.

(Ibid., vers. 26)

..... D'alli tirado
Se prompta para mil necessidades.

E o tartaro, que entra em muitas composições medicinaes.

(Pag. 261, vers. 14)

Tokay, teu digno contendor, te eguala.

O vinho de Tokay é uma especie de moscatel; acha-se

ouro nos sêrros que o produzem; e em Vienna, no gabinete de recreio do imperador, está uma cepa de Tokay, que tem enrolado um fio de ouro nativo.

(*Ibid.*, vers. 24)

E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.

Foram, e são muito estimados os vinhos d'estas ilhas do Archipelago; porém os do promontorio Arvisio, na ilha de Chio, o eram com tanta especialidade, que lhes chamavam nectar: ouça-se Virgilio, na ecloga V:

*Ante focum, si frigus erit; si messis, in umbro
Vina novum fundam calathis Arvisia nectar.*

« De inverno ao lume, e de verão á sombra
« Derramarei por copos espaçosos
« O novo, em vinea fôrma, Arvisio nectar.»

Ou... « O Arvisio vinho, que parece nectar.»

Digo por copos espaçosos, porque o *calathis* do texto quer dizer em copos, ou calices da feição de cestos — pois que «cestos» é propriamente a significação de *calathus*.

(Pag. 262, vers. 2)

Dos cachos emanar liquor fragrante.

É o vinho chamado Lacryma.

(*Ibid.*, vers. 4)

..... Alta Musa
Das Camenas do Tejo honra, e saudade, etc.

Quem deixará de entender que Bocage falla aqui do nosso immortal Camões, no seu admiravel Adamastor? Por certo hão de entendel-o, e interiormente achar-lhe razão, até aquelles que dizem — *Que o episodio de Adamastor, entre os disparates de Luiz de Camões, é o maior disparate.*

(*Ibid.*, vers. 11)

O occidental Jason, etc.

Entende-se o nosso Vasco da Gama: bella aparidade de Bocage; pois que Vasco da Gama foi o chefe da nossa armada, para o descobrimento da India, assim como Jason a foi da náó Argus, para a conquista do Vellocino.

(*Ibid.*, vers. 17)

Proximo ás fontes d'onde corre o Sena.

De Borgonha, Champanha, etc. levaram os hollandezes ao Cabo da Boa-Esperança cêpas, que ali plantaram, e que produzem um vinho muito estimado.

(*Ibid.*, vers. 22)

O cysne de Venusa aos céos erguia.

Horacio; pois que era natural de Venusa, antiga cidade no reino de Napoles.

(Pag. 263, vers. 12)

As perfumadas, as chinezas folhas.

O chá.

(*Ibid.*, vers. 13)

Dos grãos de Yemen a singular bebida.

O melhor café colhe-se em Yemen (Arabia-Feliz) e d'ahi o transportam para a cidade de Moka, d'onde se lhe dá imprópriamente o nome.

(*Ibid.*, vers. 14)

O cacau negrejante, alimentoso.

Falla do cacáo como droga essencial no chocoláte.

(Pag. 264, vers. 10)

* A mãe (ah! já não mãe) lacéra o filho.

Este verso, que na edição do terceiro volume não tem asterisco, é, não obstante, accrescentado por Bocage, e com toda a propriedade, pois que Penthô foi despedaçado por sua mãe Agave, que Baccho enfurecera.

(*Ibid.*, vers. 24)

Éschylo a cria, Sophocles a eleva.

Verdadeiramente o seu inventor foi Thespis; mas Éschylo é quem lhe deu magestade e energia: creou-a por tanto. (*Nota de Bocage*).

(Pag. 265, vers. 14)

Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo.

Falla da Veneza republica. (*Nota de Bocage.*)

(Pag. 267, vers. 6)

Jugo aos transportes, aos delirios termo.

Creio que este quadro de Veneza e os antecedentes, pelas imagens e expressão, devem aprazer ao leitor. (*Nota de Bocage.*)

TERCEIRO CANTO

(Pag. 268, vers. 4)

O vate Mantuano, o velho de Ascra.

Virgilio nasceu em Andes, aldeia perto de Mantua (na Italia) e por isso é vulgarmente cognominado Mantuano. Hesiodo nasceu em Cumas (na Etolia), mas foi educado em Ascra (na Beocia); e esta se tem por sua patria; d'aqui o cognominaram Ascrêu, como o fez Virgilio no livro segundo das suas Georgicas;

Ascræumque cano Romana per oppida carmen.

«Versos como os de Ascrêu em Roma canto.»

Isto diz Virgilio alludindo a um poema georgico composto por Hesiodo, do qual (segundo a opinião mais re-

cebida) só nos chegaram fragmentos. O mesmo Virgilio, na sua ecloga sexta, lhe chama — velho de Ascra.

..... *Hos tibi dant calamus, en accipe, Musæ,
Ascraea quos ante seni.*

«Recebe-a, dão-te as Musas esta frauta,
«Que deram n'outro tempo ao velho de Ascra.»

(*Ibid.*, vers. 8)

O mais sabio dos reis, Deus, inspiraste.

Salomão: elle escreveu das arvores, desde o cedro até ao hysopo; isto é, desde a maior até á menor. Esta obra perdeu-se; mas é a que allude o auctor.

(*Pag. 269*, vers. 6)

Consultavam prophético arvoredos.

Junto a Dodona (cidade da Chaonia no Epiro) havia um bosque consagrado a Jupiter, e todo de carvalhos, que se dizia prophetarem os oraculos d'aquelle numen.

(*Ibid.*, vers. 8)

Iam colher o agárico sagrado.

Agárico ou visco: planta parasita, ou excrescencia esponjosa, que nasce de inverno no tronco das arvores. O do carvalho era tido pelos gallos como um poderoso preservativo contra todos os males; e os supersticiosos druidas ou bardos, o colhiam nos fins de Dezembro, sacrificando victimas humanas; depositavam-no em seus altares, e o distribuiam ao povo no primeiro do anno.

(*Ibid.*, vers. 21)

O cedro se accendeu, na umbrosa estancia.

Os antigos, antes de conhecido o uso da cêra, serviam-se em lugar d'ella das madeiras resinosas e odoríferas; especialmente do cedro. Sirva de prova o que diz Virgilio, Eneid. lib. VII.

*Proxima Circae raduntur littora terræ;
Dives inaccessos ubi solis filia lucos
Assiduo rosonat cantu, tectis que superbis
Urit odoratam nocturna in lumina cedrum,
Arguto tenues percurrens pectine telas.*

«Junto ás terras de Circe as ondas corta;
«Onde a filha do Sol os invios bosques
«Faz resoar com repetido canto,
«Opulenta em magnifico palacio
«Odorifero cedro á noute accende,
«E com sonoro pente as telas urde.»

(Pag. 270, vers. 17)

A floresta de Hercynia inda aos germanos.

A Floresta-negra (na Suabia), e a de Bohemia são restos da floresta Hercynia, que se estendia por toda a Germania até á Pannonia.

(*Ibid.*, vers. 19)

O francez em seu clima reconhece
As antigas Ardennas, etc.

As florestas de Compiègne, Couci, Fontainebleau,

etc. faziam parte da grande floresta das Ardennas (ao longo do rio Mosa) onde os bardos ou druidas sacrificavam.

(*Pag. 271, vers. 20*)

Seccam de languidez em campo extranho.

As arvores assim plantadas são sempre mais fracas e menos duradouras: e especies ha, que nunca medram com este genero de cultura.

(*Pag. 272, vers. 16*)

E o banquete cubriu dos sete sabios.

Os n'este numero contados foram: Thales, natural de Mileto; Pittaco, de Mitiline; Solon, de Athenas; Cleobulo, de Linde; Bias, de Priene; Chilon, de Sparta ou Lacedomonias; Periandro, de Corintho.

(*Ibid., vers. 18*)

E o olmo, que em teu seio achaste, oh Gallia.

Especie diversa de outra, originariamente produzida na Italia.

(*Pag., 273, vers. 13*)

Dos vastos corpos seus liquor viscoso
Faz que, etc.

Todas as arvores resinosas conservam no inverno a folha, excepto o larico; e creio que com esse fundamento

Bocage o excluiu da sua traducção, quando aliás Rosset o inclue n'este verso:

Le cèdre, le cyprés, le mélèse, et le pin.

Do cedro só ha uma especie conhecida, e é vulgar na Arabia e no Egypto; na Europa, se usassem plantal-o, produziria, como tem produzido em Paris e em Londres.

(Ibid., vers. 20)

Uns o pêz, a resina outros derramam.

O pêz os mansos, a resina os bravos.

(Ibid., vers. 21)

Sua terebenthina ostenta Chio.

Terebenthina ou termentina: resina do terebintho.

(Ibid., vers. 24)

Dos freixos de Calabria o pranto admira.

Manná, que distillam nos mezes de Junho e Julho.

(Ibid., vers. 25)

Myrrha off'rece aos sabéos humor, que encanta.

Na Arabia-Feliz.

(Pag. 275, vers. 4)

Os gallos succeder viu a seus povos.

Foram os chamados gallos-cisalpinos.

(Ibid., vers. 6)

E foi Roma em seus muros sepultada.

Allude á invasão de Brenno.

(Ibid., vers. 7)

Aos campos de Gallacia deram nome.

Provincia d'Asia-menor, povoada pelo terceiro exercito gallo que entrou na Grecia.

(Ibid., vers. 8)

Por Apollo tremeu ao vel-os Delphos

Até alli chegou o segundo exercito gallo que entrou na Grecia: mas foi destruido como o primeiro.

(Pag. 276, vers. 13)

A franceza estatura magestosa.

Porque os lapões, ou habitantes da Laponia (paiz ao norte da Europa) têm, quando muito, quatro pés e meio de altura.

(*Ibid.*, vers. 22)

E aveleira, e loureiro, e teixo, e myrto.

Bocage excluiu da traducção o arbusto «buxo» que o original dá n'este verso :

La rose, le lilas, le buis, le coudier,

talvez porque julgou o vocabulo dissonante em metro.

(*Pag.* 277, vers. 5)

O azevinho, o alaterno prateado.

Tambem excluiu o *troesne* do texto (que significa o alfeneiro allemão) talvez por não repetir alfeneiro, e evitar periphrasis : mas acrescentou o parenthesis — (E não só estes.)

(*Pag.* 278, vers. 23)

- * Roma a venceu, e dos vencidos povos
- * Ignotas plantas admirou a Italia.

Tambem passaram a Bocage est'outros versos :

*Rome triompha d'elle, et des peuples vaincus
L'Italie admira les arbes inconnus.*

(*Ibid.*, vers. 28)

Nos é delicia, aos persas é veneno.

Affirma-se que os pêcegos, entre nós tão deliciosos, são tão nocivos na Persia, que o seu veneno é mortal :

por isso o nosso immortal Camões (que soube quanto podia saber-se no seu tempo) disse nos *Lusiadas* cant. IX, estancia 58 :

« O pomo, que da patria Persia veiu,
« Melhor tornado no terreno alheio. »

(Pag. 279, vers. 1)

O damasco odorifero de Armenia.

O mesmo que dos pêcegos na Persia, se diz dos damascos na Armenia, e querem alguns que tambem no Piemonte.

(*Ibid.*, vers. 5)

Os fructos cultivou de Cerasonte.

Cidade na Cappadocia, que deu o seu nome ás cerejas, e d'onde Lucullo as levou a Roma; do que tal jactancia teve, que com ellas ornou o seu carro de triumpho, quando venceu Mithridates.

(*Ibid.*, vers. 7)

E as maceiras, em Neustria tão fecundas.

Agora se lhe chama Normandia

(Pag. 280, vers. 21)

* Nos elegantes nós de branda seda

* Prende co'as alvas mãos, inda mais brandas.

Ponho asterisco n'estes dous versos, por serem elegantissimamente paraphraseados d'este frouxo verso :

Captive ses cheveux que la soie entrelace.

(Pag. 283, vers. 5)

E da chuva, e do vento injurias tolhe.

É o que chamam enxertar de garfo.

(*Ibid.*, vers. 10)

O enxerto, que lhe muda a natureza.

Chama-se — enxerto de borbulha.

(*Ibid.*, vers. 12)

Em figura de rolo ás vezes solta

Enxerto de anel.

(Pag. 288, vers. 8)

D'aquelles campos Hercules á Grecia

Foi o primeiro, etc.

Não se duvida ser Hercules que primeiro levou á Grecia a oliveira, e instituiu o uso de se coroarem d'ella os

vencedores dos jogos olympicos ; é porém duvidoso o lugar d'onde elle a levou.

(Ibid., vers. 15)

Que est'arvore devia á deusa sua.

Minerva ou Pallas.

(Ibid., vers. 22)

D'onde a terra se abaixa, e desce ás ondas.

Sabe-se por experiencia ; mas a causa ignora-se.

(Pag. 289, vers. 16)

De um memorando inverno, oh patria minha.

Refere-se ao inverno de 1709, que destruiu todos os olivaeos no Languedoc, ou Occitania.

(Pag. 290, vers. 2)

O canhamo, o pastel teu seio amimam.

Herva de tinturaria, especie de lapis.

(Ibid., vers. 10)

Uniram teus trabalhos os dous mares.

Falla do canal de communicação do Mediterraneo com o Oceano, feito no reinado de Luiz XIV.

(Ibid., vers. 23)

Os vencidos ergueu ao gráo de filhos.

Dando-lhes o direito de cidadãos romanos.

(Pag. 292, vers. 2)

A folha da amoreira, assim como elles.

Porque o bicho e a folha precisam o mesmo gráo de calor.

(Ibid., vers. 17)

Indicador do tempo, ali o vidro, etc.

O thermometro.

(Pag. 295, vers. 20)

Presas em seus laços, transformada em nympha.

Nympha, chrysalida, aurelia, ou fava, são os nomes que se lhe dão, quando encerrada no envoltorio dos fios de seda, em vespas da sua metamorphose.

QUARTO CANTO

(Pag. 302, vers. 27)

Vão de novo occupar a estancia antiga.

Todo este episodio diz relação ao celebre lago de Zirchnitzersée, que no mez de Junho começa a seccar-se, e torna a começar a encher em Setembro.

(Pag. 303, vers. 19)

Taes os prados, que ás ondas submettidos, etc.

Ás ondas submettidos, porque na Hollanda não é a terra sobranceira ao mar, fica o mar sobranceiro á terra.

(Pag. 304, vers. 4)

Surgem paizes, que tapava o lodo.

A sua grande obra da dessecação das aguas foi emprehendida pelos annos de 1180; antes d'isso a Hollanda era um pantano.

(Ibid., vers. 7)

Que a vez primeira então provou seus lumes.

Porque esta provincia (uma das Sete-Unidas) era alagadiça, e só deixa de o ser pelos seus famosos diques.

(Pag. 306, vers. 5)

Quebra mugindo os diques, e os derruba.

Apezar de todas as cautelas, os diques são ás vezes forçados pela violencia das aguas, que submergem cidades inteiras: as duas mais famosas innundações foram as de 1532 e 1563.

(Pag. 307, vers. 16)

O lirio roxo, o junco, etc.

Lirio roxo, ou espadana: *glayeu* diz o texto.

(*Ibid.*, vers. 27)

Da borrasca estridente o Isero ajunta.

Ha outro rio Isero, que nascendo nos confins do Tirol e da Baviera, vae desembócar no Danubio: este de que se tracta nasce nos extremos do Piemonte e de Saboia, e desemboca no Rhodano.

(Pag. 308, vers. 1)

E o Saona seus imptos aos d'ella.

No manuscripto de Bocage achei *Sequana*; porém aqui olvidou-se, bem como se olvidára de traduzir alguns versos: porque *Sequana* é o nome latino do rio Sena, que vae desembocar no Oceano; e o *Saone*, que dá o texto, vae desaguar no Rhodano, e em latim é *Arar* e *Soccona*, mas não *Sequana*.

(Pag. 309, vers. 10)

Tal junto de Ilion o irado Xantho, etc.

Allude ao que diz Homero no canto XXI da *Iliada*.

(Pag. 315, vers. 8)

Assim de Alcino a ilha povoavam.

Coreyra, ou Corfu, ilha no mar Ionio.

(*Ibid.*, vers. 14)

E os campos transferiu para as cidades.

Assim o diz Plinio o Naturalista: — *Primus hoc instituit Athenis Epicurus, otii magister, usque ad eum maris non fuerat in oppidis habitari rura*: — « Epicuro, o mestre do repouso, foi quem primeiro os ordenou em Athenas: até aos eu tempo não costumavam os jardins medrar no seio das cidades. »

(*Pag.* 317, vers. 22)

Cumes da Iberia, onde morreu Pyrene.

Os montes Pyreneos, que dividem as Hespanhas da França.

(*Ibid.*, vers. 23)

Os que Annibal transpoz, Vosgos, e Jura.

Os Alpes, que separam a Italia da França e da Allemanha. — Vosgos é uma cordilheira de montanhas, que se estende até á floresta das Ardennas, separando de Lorena a Alsacia, e o Franco-Condado; — Jura é uma montanha, que separa a Suissa do Franco-Condado.

(*Pag.* 318, vers. 22)

Junto de impia caterva em rãs mudada, etc.

Allusão aos jardins de Versailles, onde estas fabulas estão representadas.

(Pag. 320, vers. 7)

A tenra hemerocal, cujo destino, etc.

Especie de lirio: as flores, que successivamente brotam do seu tronco, duram somente um dia.

(Ibid., vers. 9)

E as que outr' hora agradaram tanto aos Incas.

Principes peruvianos, que Diogo de Almagro em 1557 sujeitou ao dominio de Hespanha: em seus jardins não somente imitavam as varias flores com ouro e prata; porém até as searas, os arvoredos, os insectos, as aves, etc.

(Pag. 321, vers. 12)

Da Syria o mais christão dos reis da Gallia.

S. Luiz (IX d'este nome entre os reis de França) quando voltou da Syria trouxe aos francezes o rainunculo.

(Pag. 322, vers. 9)

..... e que os francezes
Nominam tuberosa

Nós lhe chamamos «angelica»: os francezes a trouxeram da America, e primeiros a cultivaram.

(Ibid., vers. 14)

E a que, amante do Sol, com elle gira.

O heliotropio ou girasol.

(Ibid., vers. 16)

.....Da China a rosa, etc.

Commuñmente chamada « rosa japonica » : o arbusto que a produz é maior do que as nossas roseiras.

(Ibid., vers. 26)

No tempo em que o talaspis d'alva fronte.

Flor, que abre á maneira de um chapéo de sol.

(Pag. 324, vers. 8)

O luto de Aristêo, perdendo o enxame.

Veja-se o livro IV das Georgicas de Virgilio.

(Pag. 325, vers. 12)

Mais forte em tuas mãos, que industria, oh França, etc.

Falla das flores de porcellana.

(Ibid., vers. 22)

Que a flor vida recebe, a flor dá vida.

Systema de Mr. Vaillant, adoptado por todos os botânicos modernos.

(Ibid., vers. 26)

Do pistilo no seio os filamentos.

Parte onde a flor encerra a semente ou seu órgão feminino.

(Pag. 326, vers. 4)

Immovel, como nós, jazer no somno.

É opinião de Linnêo.

QUINTO CANTO

(Pag. 330, vers. 1)

Oh Deus, de quem um pastor, etc.

Moysés.

(Ibid., vers. 19)

Das ovelhas de Atrêo, e Eéta o preço.

O primeiro, rei de Argos: o segundo, rei de Colchos.
É este de quem se conta que guardava o vellocino roubado por Jason.

(*Ibid.*, vers. 21)

.....De Fauno a prole, etc.

Latino, rei de Laurente, parte do antigo Lacio.

(Pag. 331, vers. 8)

Puxa os frios lapões o renna activo.

O renna assimelha-se ao veado e ao cavallo; e é a principal riqueza dos habitantes da Laponia: tira-lhes os seus carros, alimenta-os de carne e leite, e veste-os da sua pelle.

(Pag. 336, vers. 27)

.....O tigre unido
À leôa feroz, gera o leopardo.

Alguns modernos, e com elles Mr. de Buffon, têm que o leopardo é uma especie distincta: o auctor segue a vulgar e antiga opinião: podia escolher como poeta, porque os poetas têm grandes licenças e mais quando escrevem tão bem como elle acaba de o fazer sobre o prestimo e generosidade dos ginetes.

(Pag. 337, vers. 9)

E outros, que a Natureza não perfilha.

O texto diz:

Les mulets, les jumarts qu'elle n'adopte pas.

Nós não temos vocabulo propriamente significativo de *jumart*; Bocage suppruiu a mingoa, dizendo — *E outros*.

— *Jumart* chamam á prole do touro e burra, ou burra e vacca, ou cavallo e vacca, ou touro e egoa. Mr. de Buffon diz que o *jumart* é um ente chimerico; não sei se tem razão, decidam os outros senhores naturalistas: mas certo é que, se se dá tal casta, é ella de bem pouca utilidade, pois que se lhe não promove a multiplicação.

(Pag. 338, vers. 23)

* Soberba caminhando ergue a cabeça.

É outro verso, que Bocage passou na traducção:

Dans la marche on la voit lever sa tête altiere.

(Pag. 339, vers. 6)

E de seu vencedor tem inda o nome.

O vencedor foi Mario, e o campo é o de Comargue, ilha da Provença, na embocadura do departamento das Bocas-do-Rhodano, e á qual em latim se chama *Campus Marii*, ou *Camaria*.

(*Ibid.*, vers. 9)

Corrompe os ares odioso insecto.

Falla do tabão, ou moscardo.

*

(Pag. 341, vers. 9)

Povo afamado, em Apis te morrendo.

Os egypcios debaixo do nome de Apis, Osiris ou Serapis, adoravam um boi, malhado de branco e preto.

(Pag. 343, vers. 13)

Então vê o Esperou chegar de ovelhas, etc.

Montanha das Cevennas, no baixo Languedoc, mui frequentada pelos botanicos.

(Pag. 344, vers. 27)

Taes de Armórico e Ardennas os carneiros.

Armóricos se chamavam os habitantes d'entre o Loire e o Sena, sobre a margem do Oceano. A respeito de Ardennas, veja-se a nota ao terceiro canto a pag. 403.

(Pag. 345, vers. 2)

Campo fragoso de abundantes pastos.

É o campo chamado Crau, junto de Salon (cidade da Provença) entre o Rhodano e o lago de Berre, a que os antigos chamavam *Campi lapidei*, campos pedregosos: onde se conta que Hercules combateu contra dous gigantes filhos de Neptuno, e acabando-se-lhe as frechas, Jupiter fez chover aquella multidão de pedras, com que os venceu. Plinio, Hist. lib. III, cap. I, o menciona n'estas palavras: — *Campi lapidei Herculis proceliorum memoria*

insignes: « Os pedregosos campos, celebres pela memoria dos combates de Hercules. »

(*Ibid.*, vers. 19)

..... teus bons pascigos,
Oh Présalé, etc.

Terreno da alta Normandia, que ainda de tempos em tempos é innundado.

(*Ibid.*, vers. 22)

Ganges segue outras leis

Villa do baixo Languedoc.

(*Pag. 349*, vers. 14)

Arte dos Gobelins, talvez comtigo, etc.

Allude a Gil Gobelin, famoso tintureiro em lã, que viveu no reinado de Francisco I.

(*Pag. 350*, vers. 21)

De prazeres se cança, e não se farta.

Imitação de Juvenal (satyra VI) fallando de Messalina:

Et lassata viris, necdum satiata recessit.

« Cançada de prazeres indecentes,
Porém não saciada se retira.

O verso do texto parece-me que deixa em embrião a

idéa de Juvenal; nem julgo possível dal-a em um só verso, sem que a phrase offenda a modestia.

(Pag. 353, vers. 3)

França est'arte ignorou, que em Roma os sabios, etc.

Columella (lib. VI cap. 3.^o) faz menção da medicina veterinaria ou alveitaria, n'estes termos: = *Veterinariae medicinae prudens esse debet pecoris magister*: « Os guardadores devem saber alveitaria. »

(*Ibid.*, vers. 8)

Sabios nossos tambem a industria movem.

Allude ás escholas de medicina veterinaria, que se estabeleceram em Paris e em Lião, sendo seu director geral Mr. Bourgelat.

(Pag. 357, vers. 9)

-Imagem da mavortica fereza.

Parece-me se Bocage existisse, e fizesse esta edição, seria este um dos versos que emendasse, dizendo antes:

Imagem das ferezas de Mavorte,

ou similhantemente: porque o epitheto « mavortico » não me lembra que seja usado por algum de nossos bons auctores, e é absolutamente desnecessario; pois que temos « marcio, mavorcio », além de outros, que dão o mesmo significado. Como porém não pode ser accusado de gallicismo, eu o deixo ir; por não ser minha intenção a de

emendar alguns minutissimos defeitos, que poderiam encontrar-se na traducção de Bocage, mas sómente a de corrigir aquelles descuidos, que são infalliveis em todos os primeiros manuscriptos, bem que os de Bocage sejam os mais correctos em que eu tenho posto os olhos.

SEXTO CANTO

(Pag. 362, vers. 14)

Já foi o gallo interprete dos deuses.

Os gregos tinham-nó como attributo de Minerva, de Mercurio e da Vigilancia, e o sacrificavam aos deuses Lares e a Priapo: os romanos, mais que nenhum outro povo o tiveram em veneração.

(Pag. 363, vers. 12)

O amor, a ambição, o imperio e Helena.

É excellente e digna da phantasia de um poeta, que sabe dar alma aos seus quadros, esta allusão á esposa de Meneláo, que foi causa da guerra de Troia; e é este um factó historico tão conhecido, que por pouco que eu d'elle dissesse me accusariam de prolixidade.

(Pag. 364, vers. 9)

Assim quando entre nós subito arrojo etc.

Esta comparação é tão proximamente imitada de Vir-

gilio (Eneid. lib. 1.) que julgo dever poupar-me ao trabalho de traduzir o poeta latino. Eis aqui os seus versos:

*Ac veluti magno in populo cum sæpe eoorta est
Seditio, sævit que animis ignobile vulgus,
Jamque faces, et saxa volant, furor arma ministrat;
Tum, pietate gravem, ac meritis, si forte virum, quem
Conspexere, silent, arrectisque auribus astant,
Ille regit dictis animos, et pectora mulcet.*

Mas ainda assim, como não faltará quem queira cotejar a imitação com a traducção, aqui ajunto a de João Franco Barreto, que é elegante, postoque o remate da estancia seja pouco fiel:

« Como acontece muitas vezes, quando
Anda em gran povo o vulgo alvorotado,
Já as pedras, paus, e cantos vão tirando,
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Se algum varão acaso venerando,
E em meritos aos mais avantajado
Viram, cessa o furor, pára a demanda,
E com brandas razões elle os abranda. »

O nosso Camões porém (*Lusiadas*, canto I, estancia 91) disse com mais proprio verbo:

« A pedra, o páu, o canto *arremeçando*. »

(Pag. 365, vers. 19)

Lhe imprime as côres, que elegeu mais bellas.

Diz-se que arrancando algumas pennas ao papagaio, e esfregando-lhe n'esses logares a carne com sangue de rã, lhes fazem nascer pennas de varias côres.

(Pag. 370, vers. 14)

Do sabio Reaumur os exp'rimentos.

Mr. de Reaumur escreveu a Arte de crear as gallinhas e foi elle o primeiro d'entre os modernos, que tirou pintos por esta maneira. Eu faço Reaumur trisyllabo, como no original.

(Pag. 372, vers. 9)

Uma pelle lh'a envolve, e se lhe estende.

É ao que se chama «pevide».

(Pag. 373, vers. 7)

Todos os dias de uma vida escassa.

Ora com effeito, acabou-se o tractado das gallinhas! Pois protesto que me enfastiou. Perto de quatrocentos versos! É muito! Rosset creio que pegou na Arte de Reaumur, e pondo-se mui de seu vagar a metrificar os preceitos do naturalista, esqueceu-se do mister de poeta, e esgotou o assumpto: isto será sempre um defeito em poesia, e menos desculpavel em Rosset, porque de culpas taes accusa elle o P. Vaniere, dizendo no seu discurso sobre a poesia georgica: — *Les details de la Maison Rustique sont fort agreables, et peints avec grace; mais ils sont si multipliés, et souvent si petits et si puerils, que, malgré les ornemens dont ils sont revetus, on desireroit de ne pas les trouver: ils donnent a cet ouvrage l'air d'un Traité plutot que d'un Poème.* «As particularidades do «Predio Rustico» são muito agradaveis, e descriptas com

graça; porém são tão multiplicadas, e muitas vezes tão pueris, que não obstante os adornos de que são revestidas, se desejaria não as achar : ellas dão a esta obra mais o aspecto de um Tractado, que o de um Poema.» Parece-me que Rosset deu uma sentença, que justamente lhe póde ser applicada ; mas em fim, deixal-o dormir, porque *quando que bonus dormitat Homerus* : feliz aquelle escriptor em quem, como em Rosset, se nota o numero das bellezas mui superior ao dos defeitos !

(*Ibid.*, vers. 11)

Nos trouxeram de Ignacio os companheiros.

Os jesuitas, que primeiro trouxeram o Perú das Indias Orientaes.

(*Pag. 374*, vers. 27)

O que salvou, grasnando, o Capitolio.

Os gansos despertaram no Capitolio os guardas romanos, que rechassaram o assalto dos soldados de Brenno.

(*Pag. 376*, vers. 3)

O phaisão é feroz por natureza.

Estas aves derivam o seu nome do rio Phasis, d'onde é tradição que os Argonautas as levaram á Grecia.

(Pag. 377, vers. 16)

Gaviões, esmerilhões, treçós, açôres.

O treçó é o macho das aves de rapina ; e isto quer dizer o *emouchet* do original.

(*Ibid.*, vers. 21)

E o suave cantor da primavera.

O rouxíno!

(*Ibid.*, vers. 23)

E livres pelos bosques divagando, etc.

A experiencia mostra que esta regra soffre muitas excepções ; porém é certo que estas avesinhas cantam mais agradavelmente, quando gosam da liberdade que lhes deu a natureza.

(Pag. 382, vers. 11)

Socorro annunciando a oppressos muros.

Modena, defendida por Decimo Bruto ; Jerusalem, cercada por Gofredo de Bouillon ; Ptolemaida ou S. João de Acre, cercada pelos francezes e venezianos, tiveram, além de outras, aviso de socorro, levado em cartas de que os pombos foram mensageiros.

(Ibid., vers. 15)

Dar-lhe este ensino, e regular seus vãos.

Não sómente n'estas terras, mas em todas as do Levante, é uso antiquissimo levarem os pombos, e trazerem, cartas presas ao pescoço, ou aos pés, ou debaixo das azas.

(Pag. 383, vers. 27)

Sensível a gallinha á formosura
Da ave de Colchos, etc.

É o phaisão, porque o rio Phasis, de que deriva o seu nome, corta a ilha de Colchos.

(Pag. 384, vers. 9)

Os diversos systemas n'este cahos, etc.

O auctor quiz aqui indicar as grandes difficuldades dos diversos systemas philosophicos sobre esta materia. Veja-se a Physiologia de Mr. Haller na exposição dos phenomenos relativos á geração.

(Pag. 385, vers. 10)

E um novo, em cada um, polypo brota.

Veja-se a obra de Mr. Trembley, auctor d'esta descoberta.

O CONSORCIO DAS FLORES

EPISTOLA

DE

MR. LACROIX

A SEU IRMÃO

TRADUZIDA DO ORIGINAL LATINO EM VERSO PORTUGUEZ

Urit Amor plantas etiam suos.

AUCTORIS.

Qual fére os corações, as plantas fére.

BOCAGE.

DEDICATORIA DO TRADUCTOR

AOS MANES DO IMMORTAL LINNÉ

Alma gentil, que no fragrante imperio
A vária Natureza esquadrinhaste;
Tu, que vias Amor brincar co'as flores,
Sagaz insinuar-lhe a doce chamma,
Principio d'ellas, e principio nosso;
Que dóceis, ledos os Favonios vias,
Prestando a dom suave as tenues plumas,
Ministros de Hymenêo no floreo reino,
Delicias esparzir de planta em planta,
E sorrir-se os jardins, sorrir-se os bosques,
Viçosos templos da união mimosa:
Oh manes de Linné, se inda entre as sombras
Do arvoredado immortal, da selva immensa,
Folgaes de meditar, de embellezar-vos,
Na tenra estirpe de mais linda Flora,
E dos Elysios no thesouro ameno
Avareza manter, que adorna o sabio;
Oh manes de Linné, sagrados manes,
O tributo afagae, que a vós consagro

Na estancia bella, no retiro amavel,
Onde ás Musas me dou, e á paz, e á gloria,
Gostando a eternidade, inda no tempo,
Áquem das illusões, áquem dos nadas,
Salvo do orgulho, que entumece os grandes,
E do ouro inutil, adorado em tantos,
Que apenas homens são, e impõem de numes.
Philosopho tranquillo, aqui repouso,
Em quanto semideus os deuses te honram,
Espirito gentil, que honraste o mundo. \

ADVERTENCIA

A planta é um corpo organico, que não tem de si mesmo movimento algum progressivo, e que se alimenta em qualquer logar pela *raiz*, cresce, vegeta, e póde propagar-se de muitas fórmãs: ou esteja presa aos cachopos, occultos no mar, como o coral; ou nos escolhos visiveis, como o musgo; ou vague pelas ondas, como a *stratiotes* no Nilo; ou brote na terra, como a rosa; ou nasça em arvores, como o visco; ou nos craneos insepultos, como a usnea; ou nos couros como o bolor, o que se prova pelo microscopio; ou finalmente no mesmo ar humido, como a cebola e a batata.

Raiz é o montão dos tubos, que recebem o succo nutritivo, o qual corre em uns pela pressão das traqueas oscillantes em todo o tegumento da planta e reflue em outros com um giro perenne até á raiz.

Assim como o *tronco* em plantas mais duras, assim nas mais molles o *talo* produz e cria os ramos, as folhas, as flores e as sementes.

Calix é vulgarmente o involucro verde da flor.

Petalos são os tegumentos colorados da flor.

Estames são as vaginas cylindriformes dos vasos espermaticos, amplificados as mais das vezes em apice que na sua parte superior, ou foliculos, a que o auctor chama (testiculos) *testes*.

Ovario é o claustro do germen, ora unico, ora multiplice.

Tuba é o appendix cylindrico, que assenta no ovario, e commummente aberta na parte superior, á maneira de uma buzina.

Placenta é o visgo glanduloso, subtraído proximamente do ovario, d'onde saem ora um, ora muitos canaesinhos, á similhaça de cordão umbilical, cada um dos quaes pertence, e é inserido no seu ovo, ou embryão.

Semente é o compendio da flor, assim como se vê pelo microscopio nas cebolas das tulipas e nas glandulas do carvalho.

Radicula não se differença da *raiz* da planta, senão pelo tamanho.

Pluma é o pequeno *tronco* ou *talinho* com seus appendices.

Mamillos são duas visceras em feição de glandulas, que se communicam de uma parte com a *ra-*

dicula, e da outra com a *pluma*, nas quaes o succo trazido da *raiz* se filtra e se defeca, com o que se habilita mais a nutrir o feto; dado este á luz, se transforma em duas folhas, mui semelhantes entre si, mas differentes d'aquellas, que ao depois deve ter, as quaes são destinadas a nutrir a planta creança; mas tanto que esta cresce e está capaz de digerir os succos, espontaneamente cáem as primeiras.

Flor propriamente, não é outra cousa mais, do que o mesmo órgão da geração; se é macho, então se conhece pelos *estames*, se é femea, pelos *ovarios*, se é hermaphrodita, por ambos.

Toda a *flor* ou é vestida, ou é destituída de *calix*, d'onde, ou é completa ou incompleta.

Ou *Apetala*, ou *petaloidea*;

Ou *Monopetala*, ou *polypetala*;

É ou *regular*, ou *irregular*, ou *simplex*, ou *composta*, ou *flosculosa*, ou *semiflosculosa*, ou *mixta*, ou *radiosa*.

O CONSORCIO DAS FLORES

Qual do espirito fôsse a natureza,
Qual das cousas a fabrica, e das cousas
O Artifice immortal, desde a puericia
Indaguei, caro irmão: foi-me suave,
E achei util fadiga, inda que longa,
De Newton, e Descartes ir no alcance,
Tambem medir essas ethereas massas,
Que em diversos espaços luzem, rodam.

Explorar quiz depois co'a mão, e a mente
De Flora os campos, o formoso imperio:
De conductor pela votiva estrada
Carecia, porém, quando eis que assoma
Ante mim, clara dadiva dos numes,
O prestante Vaillant, cultor supremo
Dos jardins machaónios; Philomela
Aos bosques o chamava: elle ia aos bosques,
D'escalpello nas mãos, e o microscopio,
Um obra de Vulcano, outro de Pallas:
Vidro negado a Athenas, dado a Londres,
Vidro, que em si reune o sol disperso,
Vidro, que os tenues corpos engrandece,

E tanto, e tanto, que visiveis torna
Do insecto zunidor té os olhinhos.
Com guia tal, e de Minerva influxos,
Penetrei o que Rays não penetraram;
E ignótos aos Malpighis soube arcanos.

Flora, benigna mãe, Flora, mãe sua,
Déra apenas Vaillant á luz da vida,
E apenas o menino em torno ao berço
Sente as plumas subtis de mil Favonios
Soltar fragrancias mil, susurro alegre,
A tenra mão com pequenino aceno
Brincos, que pede á mãe, se as vê, são flores.
Cresceu: cousas maiores eis concebe.
Nos hortos madrugado é seu recreio,
Seu recreio é girar, correr florestas,
Esquadrinhando as plantas cuidadoso:
Folga de ir por chuveiros, de ir por neves,
E de ir por sóes apascentar o instincto.
Tanto o estudo lhe apraz das varias flores!

Vendo-o colher, e examinar boninas
N'um, n'outro prado, as Dryades mil vezes,
Instadas de amorosa competencia,
O moço amavel para si quizeram;
Porém, da primazia a ti credora,
Deu elle, oh Bosonea, esta alta gloria.
Vertumno a escolha approva, e Flora annue,
Coréas festivaes Pomona engenha,
E susurra dos Zephyros o applauso.

Vão por antiga senda rastejando
Almas vulgares, indoles escravas;
A si Vaillant abriu caminho intacto;
Viu com que arte Cupido as brandas settas,
As sensações dirige até ás flores,
E olhou primeiro os vegetaes amores.
A que enxovalha, que persegue as cinzas,
A Inveja detractora, ah! Não lhe exprobre
Que, astuta gralha, com furtivas pennas
Elle tentou luzir; não, não se afoute
Co'a vil calumnia a profanar-lhe os manes.

Milagres ouve, oh Roma, oh Grecia, escuta.
Tambem, tambem de amor as plantas ardem;
A flor namora a flor que lhe é visinha,
E egual paixão lhe retribue a anada.
É n'elles par a idade, a especie, a fórma,
A graça, o dote, o gosto, o ser, e a flamma.

Assim que o lindo amante, e a virgem bella
Provam no seio os cupidineos golpes,
Tenham commum, ou separada estancia,
Seus mimos, seus desejos, seus ardores
Une Hymenêo,—e Amor, e a mãe triumpham.
Co'as azinhas trementes brinca em tanto
Dourada borboleta entre as abelhas;
Folga o jardim, e o rouxinol canoro
O verso genial no ulmeiro entôa.

Se duas flores uma estancia inclue,
Dá Prónuba o signal, rompendo a aurora;

Filamentos enrijam, abre a anthéra.
Subito adeja viração fecunda,
E, pelo floreo tecto reflectida,
Penetra velozmente as cavidades
Da tuba, da placenta, e logo errante
Nos tenues, eguaes tubos se insinua,
Nos germes pouosa; os germes se entumecem,
E ri-se a femea flor, que a prole espera:
D'est'arte a dormideira, a ophris pejam.

Se os domicilios são porém diversos,
A masculina flor seus dons expulsa
Da tenra habitação, té'li cerrada.
Zephyro acolhe o gerador principio,
A volatil semente, e sobre as azas
A leva ao gremio da consorte amena.
Ella responde á conjugal ternura,
E co'a prole gentil, que o páe simelha,
Fiel se abona ao desviado esposo.

Quasi ás margens do Nilo assim é fama
Que desunidas palmas se desposam;
Mas se as macias virações não vôam
Quando é seu mez, quando florecem bosques,
Toma o colono masculinos ramos,
E agita-os junto á femea, que incha, e brota
A tamara depois, não derradeiro
Auxilio de Esculapio, ou se destine
A mitigar as importunas tosses,
Ou dôr aguda, que as entranhas fere,

Ou sirva emfim de conduzir ao prazo,
Ao termo justo a producção dos entes.

Gravido assim verdeja o terebintho
Lá nos campos de Cóa, proveitoso
Em males cem, se os Austros o bafejam.
Tanto que foge o friorento inverno,
Tanto que se ergue o sol, e ás ursas volve,
E em distancias eguaes divide o globo,
Roxeando a manhã, mancebos vômam,
E os troncos vão romper com largas hastes.
De uns, d'outros golpes balsamo gotêa,
Balsamo, que, applicado em ponto idoneo,
Phtysicas mirradoras afugenta,
E o frio humor, que pelas fauces lavra,
E as fezes, que das visceras se apossam.

Agricultoras mãos na primavera
Talham troncos tambem: se os não talharem,
Opprime os troncos abundancia aquosa.
Damnos mil se lhe seguem, nós, carcomas,
E a sequiosa planta murcha, e morre,
Do máo, do redundante humor pejada.

Não de outra sorte os homens (ah!) perecem,
Que em lauta meza, em aturados somnos,
Em sedentario luxo a vida gostam.
Estes de humores aõ principio abundam,
Depois arrastam corpulencia fofa;
Tardo, e limoso lhes circula o sangue;
Cerram-se á cutis mansamente os poros,

Duas tambem das principaes entranhas
Soffrem esta oppressão; vibram-se a custo
No cerebro dormente os frouxos nervos;
Rubro liquor, que pelas veias gira,
Em lymphas viciosas degenera,
E o misérrimo enfermo em breve espaço,
Se a tempo não lhe acode a arte de Apollo,
Cáe, qual caíra a accommettel-o o raio.
A alma se embóta, dos sentidos nua;
E a fatal redundancia instiga a morte.

Tu prezarás, talvez, saber se hei visto
Estas cousas, que ouvi: não é custoso
Dar-se com certa planta de que o sumo
Poros franquêa em nós de interna parte,
E innocente, interior prurido excita.
Quer nitroso logar: por isso afferra
Parede annosa, de que vem seu nome.
Esta planta nubil pôr-te-ha patente
Mutua paixão, que senhorêa as flores.

Quando alvor matutino os céos bordava,
Eu de Momoranci aos gratos campos,
Ou aos virentes Surenêos outeiros,
Ou do Mouro ás florestas, ou aos prados
Do ameno Chantilly, ou ás que em torno
Mátrona lambe, Spórades chamadas,
Seguia o sabio mestre. Então, se acaso
Mais grave somno pelos muros tinha
Oppressa a parietaria, e se eram lentas

A estímulos d'Aurora as flores suas,
Meu sagaz preceptor, munido de alta,
Longa experiencia, e, meditando astucias,
Com a agulha subtil sollicitava
Logo os estames, que enrijavam logo.
Subito, roto o carcere, podia
O espirito saír, voar aos germes,
Largamente soprados, e a tardia,
Pulverea chuva com tenaz apêgo
Parar das tubas nas sorventes margens.

Sofrega a mãe cheirosa alenta o fructo,
E morre alegre ao ver que avulta, e fica
Habil a renovar seus páes extinctos.

Ha outra terra productora, é quando
Colhe, abriga as sementes deslizadas
No fertil gremio, quando os sáes desfeitos,
Alexando os canaes, os patenteam.
Bate o vagante humor nos tenues tubos,
Abrem-se os tenros vasos, que amollecem,
E a pequena raiz, a pouco e pouco,
Vae concebendo os vagorosos succos:
Em tardo movimento eis elles sobem
Por entre a contextura inexplicavel,
Por fendas cento ás glandulas, que jazem
De um lado, e d'outro lado ali dispostas;
Agitados depois, os introduzem
Estradas mil nas visceras da pluma,
E existencia, e sustento ali diffundem.

Está primeiro occulta a molle hervinha,
Apparece depois, converte em folhas
Nutritivas porções, e ao ar exulta.

Oh tu, que as flores amas, tem cautéla:
Vê que barbara dextra a debil vida
Não corte antes de tempo a aquellas folhas.
Falta de nutrição, morrêra a hervinha,
E esperara o cultor em vão grinaldas.

Chuvas em tanto, e zéphyros, e orvalhos
Dão que á porfia as tenras hervas surjam.
O seu banho interior sois vós, chuveiros,
Sois, oh rocios, o exterior seu banho.
Bebe as chuvas a terra, as chuvas entram
Nas intimas raizes, e conduzem
Ao tronco seu, e a seus folhosos braços
As aéreas correntes prestadias.
Nos meatos da cutis embebidos
Os orvalhos, do céo volatil nitro,
Dão animos aos succos, e embrandecem
Os rijos vasos. Com lascivo adejo
De mil artes Favonio exerce a rama,
E do adejo efficaz, do affavel brinco
Vida, por leis eguaes, as fibras ganham,
E transpira d'ali o humor inutil.

Como quando co'as roscas apertadas
Se estende o coração d'um lado, e d'outro,
E quando para baixo emfim se alonga,
E vomita a corrente rubicunda,

Ella, abundosa, e rápida, fervendo,
Por onde encontra estrada se derrama:
Os superiores, oscillantes vasos
A alluvião sanguinea acolhem, lançam,
E os menores canaes sanguineo arroio:
Vae por membros, e membros a existencia;
Mas tanto que na vivida carreira
O purpureo meandro se empobrece,
Á fonte, ao coração girando vólta,
Onde outra vez se filtra, e, reforçado
Pela substancia, do alimento expressa,
As coréas vitæas mais livre exerce.

Assim quando, ora aberta, ora apertada,
A arvore na recente primavera
Co'a raiz sorvedora embebe os succos,
A força faz caminho, o humor se eleva,
E tortuoso as visceras discorre:
Rios por toda a parte o tronco animam,
E ávidos ramos, e sedentas folhas;
Mas liquida porção, que entrar não sabe
As fartas fibras, e crescer com ellas,
E a que, luctando em vão, saír não póde
Por entre os póros da rugosa casca,
Prompta recúa por canaes diversos
A unir-se na raiz a novos succos.

Estimulos a isto o sol empresta,
E o moto principia, ajuda, augmenta.
O ar se escandece nos pulmões arbóreos,

E a mais amplos espaços vae correndo.
Opprimem-se os canaes, o humor se opprime,
E de tal arte a descrever aprendem
Não interrupta, orbicular carreira.

Sáe de uma planta purpura rubente,
Sangue dimana, parecido ao nosso,
Para os que usam talhar os Cáspios mares;
Ou rocem do Boristhenes as bocas,
Ou Asia, e reinos Cólchicos demandem.
Maravilhoso objecto ali se admira;
O bórames assoma; em tronco altivo
Um quadrupede está, e é fructo d'elle.
O crespo vélo lhe resguarda os membros,
Pontas lhe avultam na lanosa fronte,
E olhos em seu logar lhe não fallecem.
O rude habitador d'aquelles campos
Animal o suppõe, suppõe que dorme
Em quanto é dia, e véla em quanto é noute,
E pelas hervas, que o rodeam, pasce;
Que tem nas carnes da ambrosia o gosto,
E que vermelhos succos o humedecem,
Succos de tal sabor, que os preferira
Borgonha ao patrio, delectavel nectar.
Se a Natureza permittido houvesse
Ao raro vegetal d'ali mover-se,
Se, balando, implorar podésse auxilio
Contra o lobo voraz, tu presumiras
Lauigero cordeiro estar no tronco;

E a teus olhos absortos branquearam
Gramineos serros com rebanhos d'elles.

D'esta fonte, a meu ver, fabula estranha
Proveio á Grecia. Pavorosos dragos,
Touros de bronzeo pé, n'outr'hora esportos,
Guardáram véllos taes; com este dote
Fugindo pelas ondas foi Medéa;
Eson se renovou com estes fructos,
D'elles pela efficaz substancia pôde
O ancião revocar viçosa idade.

Que existem plantas que animaes simelham,
Isto não próva só. A stratiotes
Vês, que em pouso nenhum parar costuma,
Esta planta ama o Nilo, e de alimento
Nadando se provê. A um leve toque
Foge logo a mimosa, ou sensitiva
Estremecendo se contráe, se esconde
Entre as dobradas folhas; mas, expulso
Depois o medo, ao ar se expõe de novo.

Ha flor (e isto assegura auctor não leve)
Amor chamada: nos caminhos nasce
Do anno, e do sol; nem orgulhoso Atlante,
Nem cerrado arvoredado ali dão sombras.
Roxêa-lhe o pudor na linda face;
E se o tostado, o péssimo africano,
Quando ao lume phebêo risonha ondêa,
Dólos ousa exprobrar-lhe, e acções impuras,
Voz barbara, e terrivel reforçando,

Subito a virgem misera, innocente
Em furias se desfaz, lacera as tranças.
E pelos ares a existencia pura
Foge indignada, com horror do opprobrio.

Mas porque assombros peregrinos canto,
Se a Gallia creadora off'rece ao vate
Mais subidos portentos? Eia, oh Musa,
Aqui o ardor se apure, aqui releva,
Que soem versos teus, quaes entre os brindes
Seus versos o Garona quer que soem;
Ou quaes, depois que os dons possuem d'elle,
O batavo, o britanno urdir costumam.
Lá onde o Herálcio tumido susurra,
Léspero assoma, consagrado a Flora:
A deusa da fragrancia ali primeiro
Veste as roupas louças da primavera,
E a deusa da saude, a Medicina
Ali conduz os seus; ali se enleva
No semblante immortal da irmã deidade:
E Hebe ali colhe do Tonante as c'rôas.
Se de improbo ginete o pé ferrado
Ousa afrontar os veneraveis cumes,
Subito aservas o protervo assaltam,
Acodem as irmãs com prompto auxilio:
Não cessam, não repousam, ferve a lida,
E o sacrilego pé manquêa inerte.

Auctor nenhum, porém, me persuade
Que nas plantas existe alma, sentido:

Aos homens estes dons só foram dados.
As arvores, arbustos, flores, hervas,
São machinas sómente, e a contextura
É varia em muitas, é pasmosa em todas:
N'ellas juntou sagaz a Natureza
A menores canaes canaes maiores:
Recto caminho elegem parte d'elles,
E parte d'elles por veredas curvas,
Para aqui, para ali, com mil rodeios
Se dobram, já subindo, e já baixando;
Obliquamente a planta correm toda;
E, agitados nos vasos, que os dirigem,
Surgem n'este logar com lento succo:
Surgem com succo rápido n'aquelle.

As forças do terreno, e céo concorrem,
E a riqueza das aguas nutridoras;
As que vem desatadas d'entre nuvens
Para as densas abóbadas, e aquellas
Que, roubados á terra os saes fecundos,
Lá no centro, apurando-se nas cavas,
Em fontes sobem, pelo chão serpêam.

Rico baixando do Abyssinio cume
Em rápidas voragens volve o Nilo
Do torrado colono as esperanças.
Anda a sabor do rio a statriotes,
E co'a vaga raiz o vae sorvendo:
Cresce, cria depois nas patrias ondas
A próle, e em toda a parte hospede é grato,

As causas ignorando a Antiguidade,
Do moto enganador deixou cegar-se,
Presumiu-a animal; não d'outra sorte
Vemos dos leitos seus sair ás vezes,
E pelos campos espriar-se os lagos.

Proximo lá de Limerik aos muros,
Das subterraneas aguas por violencia,
Venham dos mares, ou das serras venham,
Seu senhor desampara, e busca as ondas
Ilha assombrosa. O possessor se irrita,
Segue a fugaz, e examinar procura
Porque principio foge; mas decide
A favor d'ella o Dublineu Senado.

Tal a ilha Conti, tal a Delphina,
Nos relvosos torrões, ambos insignes,
A ti, oh Saint-Omer, fronteiras nadam;
E á vagabunda irmã taes se associam.

É não tenue trabalho investigar-se
Da Mimosa o recondito artificio,
Expôr-lhe, descrever-lhe a natureza;
Porém tental-o cumpre. Influxo, oh Musas!
Nos articulos seus é cada membro
Mui distincto dos mais. Arte divina
Tanto com a raiz enlaça o tronco,
Tanto com elle os ramos, e com elles
As folhas liga tanto! É maravilha
Ver-lhe os miudos nós nas moveis fibras.
Quando n'hasteca pendente os ramos nutam,

Na parte em que ha prisão, que ligue a planta,
Estreitam-se os canaes, e pára o succo;
Nos membros todos adormece a vida,
Desmaia a folha, sem poder comsigo.
Mas dentro dos compressos tubosinhos
O ar se irrita do freio, e reforçado
De succoso vigor, sacode estorvos.
Tórna á mimosa o descaido alento,
Surge outra vez, e vencedora, e leda
Os astros olha, que a victoria applaudem.

Nem da getula flor, nem te allucinem
Os milagres tambem, patente a causa.
Lá onde a prumo o sol dardeja raios
Sobre o negro africano, onde arde a terra,
Das folhas tardo humor se desvanêce,
Comsigo a secca flor se prende a custo:
Eis pelos ares férvidos, que abala,
Rebomba, qual trovão, clamor terrível;
Ao impeto recuam ramos, folhas,
De novo soa o grito apenas volvem:
D'um lado se combate, e d'outro lado,
Pugna a força maior co'a menor força,
Té que das fibras os estames se abrem,
E cáe desfeita a flor, e jaz sem vida.

Do enregelado, nebuloso Arcturo
Teus raios, oh Vulcano, assim ruiram,
Quando o soberbo Inglez tragar queria
Co'as bronzeas fauces os Maclovios muros.

O pélago tremeu, tremeram torres;
A cabeça Nerêo sumiu no fundo.
Assim quando também por entre as brechas
Da aterrada Namur caminho abriam
As francezas, magnanimas phalanges,
Ao subito clangor, ao som guerreiro
O inimigo enfiou, caíram rotos
Vitreos reparos contra o sol, e o vento:
Emfim cede o sicambro, e rende as armas.

Vê que virtude ao Léspero foi dada:
De céos contrarios duas auras sopram;
Esta demanda o Sul, e aquella o Norte.
Estão tortas partículas viradas
Em curvas desiguaes, umas ao Euro,
Para o Zephyro as outras: com tres sulcos
Assignaladas são; mostre-se a causa.
Soberba desdenhando a baixa terra,
Ouse insania phebéa ir de astro em astro.
É cada estrella um sol, e brilha, e ferve;
Sólta effluvios, que os vórtices transpondo,
Do adverso turbilhão nos pólos entram;
Os ares o fulgor discorre manso.
Mas depois que por globos apoticados
Lá onde é mais tardia a ethérea massa
Colhe a agua os ares, e se esforça, e tenta
Tocar no meio o sol, cançada, frouxa
Pelos rodeios do caminho andado,
Desmaia pouco a pouco, e se condensa

Egual ao grude, ou liquidada cêra.
Emtanto os globosinhos pelos claustros
Triangulares, admittindo o grude
Tardamente nos radios esculptores,
Até tres com tres sulcos assignalam,
E o sequaz torcem por vereda recta,
E formam spiras, caminhando. Ainda
Que adejem pelo céo contrarios ventos,
Ama o discorde irmão o irmão discorde,
E para o mesmo fim concorrem ambos.

Elles, quando das luzes despojada
Se dóe a madre Terra, e fica envolta
No espesso, triste véo, depois que as manchas
São faceis a dobrar, e é molle a crusta,
Abrem na azul esphera eguaes caminhos,
E ambos eternamente fugiriam
Por direitos espaços, não lhe obstando
O crasso nevoeiro, ou ar mais denso,
Ou se aura opposta emfim não repellisse
Aura cançada. Em giro pois movidos
Por terra, mar, e céos, e pólo d'ella,
Demandam o que d'antes demandaram;
Depois por onde foram retrocedem.
Invento dos francezes se imagina
Aquelle turbilhão, e regra aos nautas.

Porém quando a aura em giros lassa volve,
Se por mais livre espaço encontra minas
De aço, ou magnete, ou planta prenhe d'este,

Ou planta, que d'aquelle se impregnasse,
Cáe logo ali, e odêa a estrada antiga.

Folga, blasona, oh Léspero: estes sopros
Nomeada te dão. Mal que ligeiros
Do ferro pelas minas se escoaram,
Fogem subitamente lá por onde
D'entre os respiradouros da montanha
Sóbe do aço o vapor; depois nas hervas
Se estendem, se derramam, e attraídos
Dos idoneos meatos, é seu gosto
Vorticulos formar, quaes os grangêa
Na torre em longo espaço a férrea grimpa,
Quaes empresta o magnete á equórea agulha.

Eis com que armas o Léspero combate.
Apenas o profanam pés ferrados,
Toda a força os vorticulos apuram;
O aço accommettem. Sáe, como de forja,
O ar já livre, e saltando arrebatado
Á parte onde se prende a unha ao ferro,
Com impeto violento os aços bate,
E do bruto assombrado extráe, sacode
Os duros cravos, as pedestres armas.
Tanto em laço pasmoso estão ligados
Todos os corpos! Lei suprema é isto
Da mão, que os astros, e que as terras liga
Em nó constante, como liga as flores.

Nas mesmas, que signaes o sexo indiquem
Vou mostrar, e talvez te agrade o lél-o.

Tem regra firme em tudo a Natureza,
Genero, que procrêa, é viril sempre,
É sempre feminino o que concebe;
Co'as armas genitae as plantas folgam,
E as omnigenas flores geram todas.

Mas pétalos, e calices das flores
Não têm tal dignidade. Embora o vulgo
Grite, e á contraria opinião se aferre.
Tu, freixo altivo, os pétalos desdenhas,
A palustre tabúa é d'elles falta;
A grama, o trigo, a avêa, esse reforço
Do guerreiro animal, carecem d'elles.
Tulipa, e selga os pétalos odêam,
D'elles tambem o heleboro prescinde,
Pernicioso á razão, sem elles vivem
A açucena gentil, a ingrata armoles,
O amarantho immortal, de rubra face,
Que tão formoso nos jardins campêa;
E estas flores não só, mas outras muitas,
Numero, que ao dos astros equivale.

Se esmiuçar as flores te recrêa,
Ou lhes descobrirás sós os estames
No orgão procreador, e duplicado,
Ou só o ovario, sotoposto ás tubas,
Ás placentas imposto, ou todos juntos.
De filamentos é provído aquelle,
É provído este canhamo de ovarios:
Unem-se nos jasmins, e althêa, e rosas.

Jámais notei que as estamineas flores
Abundassem de próle; a vida exhalam
Depois que Venus seus desejos c'róa.
Curvas nos tristes lares, murcham logo,
Ou ludibrios do vento, o vento as leva.
Mas o ovario viuvo os páes extinctos
Cedo renova; o genero revive,
E leda surge a posthuma progenie.
Se, todavia, antes do tempo idoneo,
Antes das nupcias mão cruel cercêa,
Fecundo castanheiro, os teus estames,
Que em ramos apartados sempre nascem,
Co'a esperança baldada a socia planta
Mirra-se de tristeza, esteril morre,
Se o vento sobre as azas lhe não guia
Aura fecunda do remoto esposo.

Esta aura ás vezes rege, instrue ás vezes
Por mar não conhecido errantes nautas,
E porto, já propinquo, lhes promette.
Os hispanos baixéis, de afoutas velas,
Muito além, muito além correr ousavam
Do sol cadente, e das herculeas metas:
Colombo exhortador lhes dava o rumo,
Galernas virações lhes dava Eólo,
Eram pharóes as nitidas estrellas.
Olham com pasmo occidentaes Nereidas
Os bosques, invascres do alto pégo,
Olham com pasmo nas soberbas pôpas

Dura phalange audaz, votada á guerra,
Flamulas, que entre os Aquilos floream,
E o bronze, que arremessa ao longe o raio.
Tinham crescido, mingoado haviam,
E deposto o fulgor já sette luas;
De Ceres, de Lyêo se aniquilaram
As dadivas enfim: debalde observa
Attento Palinuro a agulha, os astros,
O céo por toda a parte, o mar por toda.
Braveja o marinheiro, arde o soldado,
Ata grilhão nefando ao mastro o chefe,
Que, de Minerva cheio: « Eu sinto flores,
Os remos apressae (lhes diz seguro),
Terra vereis em breve:» Os lenhos voam.
Eis montanhas ao longe, eis surgem campos,
E apenas os baixeis fundeam ledos,
Flora c'rôas lhes dá, Flora atavia
O seu Colombo com seus dons brilhantes.
A Florida, que extráe da deusa o nome,
D'ali nos manda o sasafrás cheiroso,
E ás vezes Cytheréa ali prepara
Liquor, a que prospõe festins de Jove.
Mas ao deixado assumpto as Musas volvam.

Ou é feminea a flor, ou viril toda,
Ou de genero mixto. Se apparece
Alguma nos jardins lustrosa, e bella,
De véo fragrante, e pétalos viçosos,
Que não possa entre as femeas numerar-se,

Ou entre as de viril poder, ou entre
Hermaphroditas, esta flor nomeam
Da spadonica especie; é triste monstro,
Desvario infeliz da natureza.
Eis da malva, e das rosas o accidente;
Os pétalos traidores lhe arrebatam
Toda a substancia; estames bastardeam,
E a sua antiga fórma elles esquecem.
De vital nectar o embrião fraudado,
Languence, morre, e vem depois o aborto.

Não basta o sexo conhecer das flores;
Por differentes signaes se classifiquem.
Têm estas, não têm calices aquellas;
Umas não curam de habitar seus lares,
De estremdo lavor; Zéphyro as gosa.
Outras brilhantes de ambrosia e fartas,
Na estancia natural ufanas vivem,
Na estancia, que em candor transcende a neve,
Que na viveza a purpura transcende,
Mandando ao iris, seu rival nas cores,
Entre as sombrias nuvens esconder-se.

Ha genero, que d'este assás discorda
Na condição, que ao ar não se afoutára
A erguer a frente, receando a vida,
Se eterna providencia, mãe de tudo,
Dous engenhosos tectos lhe não dêsse,
Os pétalos, os calices, guarida
Contra extremo calor, e frio extremo,

Vem d'esta classe numerosa turba;
Mas a flor da tristeza, a passiflora
A todas sobrepuja. Eu sei tua alma;
Tal flor, querido irmão, te enterneçêra.
Que absorto a vi! No meio uma columna
Está não sei que horror ameaçando!
Insta golpe cruel de férreo malho,
C'rôa como de espinhos jaz tecida
Em lugar inferior, e de tres cores
O matiz lastimoso off'rece á vista:
As do coalhado sangue, o sangue fresco,
E a que da morte a visinhança agoura.
Subito aos olhos meus se representa
Victima um Deus pender do lenho infame,
Lá nas impias, sacrilegas montanhas
Da blasphema Sion, de um só por culpa,
E por delirio só de Adão rebelde.

Os pétalos indicam varias classes;
Uma veste-se de um, de muitos outra.
Vê da boheravia a face, olha a da malva;
Sempre o mesmo logar, não cabe a todos;
Na margem superior da flor inclusa
Só metade de alguns abraça os ares:
Tal fórma apraz á thlápzia, ás campainhas;
E outras (genero informe) outras em parte
Desdizem mais de flor, e em parte menos,
Alongados cercando estames, tubas.
D'est'arte a salva aos medicos, d'est'arte

Ás madrastras o acónito aproveita.
Especies ha, porém, que em sorte houveram
Leito brilhante no aprazivel centro,
E em cuja parte posterior se encostam
Os tubos, as antheras. Tal florece
Ledo em palustre prado o roxo lirio,
Efficaz á sedenta hydropesia,
Ás tosses arquejantes: d'estes males
Vi tres, e a todos tres foi elle a cura.

Meu verso expôz tégora as flores simples,
Por ordem as compostas se resumam.
Se mil flores mil calices possuem,
Ha mil no mesmo calice envolvidas.
Casta, que breves tubos entretecem,
Em fórma orbicular surge, á maneira
Dos espinhosos, dos hortenses cardos;
Diz-se chicórea biformada especie.
Certa flor tenues tubos apresenta
Em logar inferior, mas tem por cima
Uma especie de lingua breve, aguda,
Ou espalmada, ou aspera de sulcos;
Esta na flor assoma, ou recta, ou curva,
E ora ameaça com pungente bico,
Ora profundamente está fendida.
Mas estas classes duas o Austro abraça,
E o bem-mequer, ás virgens consagrado,
E a tua, oh Phebo, immarcessivel c'rôa.

Sobre este objecto em opportuno instante

Mostrava o preceptor qual estructura
Aos calices apraz, qual ás placentas
É fórma grata, e de que chão costumam
Folhas, tallo, raizes namorar-se:
E inda mil cousas, que na voz apenas
Do divino Marão caber poderam.
Por isso de Fagon alta amisade
Houve gran tempo, de Fagon, que tanto
Aos medicos dos reis sobresaía,
Quanto co'a fronte laureada, excelsa
Se avantajava Luiz aos reis do mundo.
Com seus votos unanimes, e ardentes
Clara 'Académia a si te uniu por isso,
E teu nome, oh Vaillant, soôu no globo.

Que espectaculo vi nos flóreos campos!
De cem partes da terra ali corrêram
Filhos do nume, auctor da medicina:
Os que bebem do Tánais, os que bebem
Do Danubio, do Tâmisis, do Tejo,
Os da fria Suecia, e culta Ausonia,
Como aquelles, que Erigena frequentam,
Aptos ás guerras, ás sciencias aptos,
Promptos á morte pelo altar, e o throno.
Ante a primeira turba, a Phebo acceitos,
Guarida contra a morte, e dos monarchas
Derradeira esperanza, egregios moços,
Com que a fecunda Gallia honrára o mundo,
Nas dextras os seus lirios tremulavam.

Concorrêram também quantos na Grecia
Arvoram teus pendões, oh Medicina,
E os que o Perú mandou por vastas ondas,
E armenios, vindos lá da plaga Eôa.
Mas nenhum bem perfeito ha sobre a terra.
Eis chusma usada a cercear nas faces
Pello viril com mercenario gume,
Vacuos os templos bacchanaes deixando,
Caminha apoz os mais; porém diversa
É da nossa vontade a mente sua.
Vivo ardor de saber ali nos guia,
E elles, ou soltam desregrados cantos,
Ou co'a gralhada vã nos ensurdecem.

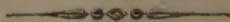
Que opposta multidão! Não d'outra sorte
Voam d'aqui, d'ali zangãos, e abelhas
Emtorno ao rei, mal que na quadra amena
Susurram o signal, e o chefe alado
De Flora nos festins vae regalar-se.
Unem-se as turbas, o logar se aponta,
Corre-se aos campos. Co'uma flor nos dedos,
O nosso guia então desprende as vozes;
Das hervas mostra os generos, e mostra
Virtudes salutíferas, que encerram.
Da boca de Sherardo attentos pendem
Olhos, e ouvidos; a carreira esquece
Para escutal-o o Séquana: pasmadas
Vós, Dryades, estaes, e até Diana.
Elle ensinava como lá na origem

Do tenro mundo seu Auctor fizera
Epitomes das plantas as sementes:
A sua luz é Deus, Deus é lei sua.
Concebe a terra no virgineo seio
O germen amoroso, os fructos crescem,
E em aprazado tempo ali rebenta
Uma flor, aqui outra. Alegre, affavel
Cynthia esclarece os hospedes recentes
Com fulgor avivado; o sol mais puro
Pelo attonito céo lhes presta o lume.
A mão do Eterno desparzira os germes,
Mas outros mui subtis pôz dentro d'elles
Que dos olhos mortaes á luz se negam;
Germes tão numerosos como as plantas,
Que Dóris, e que as Náyades nas aguas,
As Dryades nos bosques, e as Napéas,
As fragueiras Oreades nos montes,
Pomona em hortos, pelos campos Ceres,
Tem creado até'gora, e todas quantas
Hão de crear, té dissolver-se o mundo.
Nenhuma existe, que não preste á vida,
A todas o gran Numen bemfazejo
Deu salutar virtude: ellas expulsam
A fêa, assustadora enfermidade;
Com ellas os banquetes se ataviam:
Um Deus em quantas vês, um Deus conheces.
Mas porque, desmanchando amenas c'rôas,
Flora, as Nymphas dão ais? Vaillant!... morreste.

O seu Edipo ás flores foi roubado,
Ai! Em tão breve tempo! Ai! Eu já'gora,
Eu nunca mais discorrerei contigo,
Meu caro preceptor, bordados campos;
Não me ha de alumiar tua doutrina,
Não, rico de despojos das florestas,
Volverei quando os véos desdobre a Noute.
Oh dôr! Oh desventura! Imaginava
Que das flores a deusa, a mãe das flores
De ti colhesse, incolume, robusto,
Luz, e gloria immortal; que a Medicina
Segura dêsse pelo mundo inteiro
Passos audazes, sendo tu seu guia,
E que a fuga da rapida existencia
Gran tempo, em teu favor, se retardasse.

Elle, expirando, elle, nos céos absorto,
A ti, que amava mais que as outras flores,
A ti, lustral emblema, e triste imagem
D'aquella morte porque todos vivem,
A ti, oh passiflora, inda sustinha
Não já languida mão, buscavam-te inda
A boca desmaiada, a vista errante;
De lagrimas piedosas te cubria,
E a alma exhalou, regando-te com ellas.

O plectro aqui me cáe da mão convulsa,
Aqui seu termo a epistola me roga.
Cousas, prezado irmão, que remanecem,
Serão com brando verso em outra expostas.



NOTAS

AO

CONSORCIO DAS FLORES

(Pag. 437, vers. 14)

O prestante Vaillant.....

Sebastião Vaillant, celebre botanico. (Natural de Vigni, em França, nascido em 1669, e fallecido em 22 de Maio de 1722. Escreveu varias obras, e entre ellas algumas de grande merecimento.)

(Pag. 438, vers. 4)

Penetrei o que Rays não penetraram.

João Ray, illustre naturalista. (Nascido em 1628, no condado de Essex, em Inglaterra, e fallecido a 17 de Janeiro de 1706. E' auctor de uma *Historia das Plantas*, impressa em 1686, 3 volumes em folio, e de muitas outras obras.)

(*Ibid.*, vers. 5)

E ignotos aos Malpighis soube arcanos.

Marcello Malpighi, medico insigne. (Nasceu em Crevalmore, nos arredores de Bolonha, em 1628, e morreu

em Roma no palacio Quirinal em 29 de Novembro de 1694. As suas obras foram colligidas e impressas em Londres, 1686, 2 vol. em folio, e varias vezes reimpressas.)

(Pag. 446, vers. 1)

O borames assoma.....

Agnus Scythicus, o cordeiro da Scythia.

(Pag. 459, vers. 2)

Mas a flor da tristeza, a passiflora, etc.

Flos passionis, o martyrio.

(Pag. 462, vers. 24)

Da boca de Sherardo, attentos pendem, etc.

Guilherme Sherardo, famoso botanico.



N. B. — No volume v das *Obras de Bocage*, onde se lê *Fastos*, devia escrever-se *Metamorphoses*.

INDICE

| | PAG. |
|--|------|
| Os JARDINS OU ARTE DE AFORMOSEAR AS PAIZAGENS... | 5 |
| Prologo do traductor..... | 7 |
| Prologo do auctor..... | 9 |
| Canto I..... | 13 |
| » II..... | 35 |
| » III..... | 55 |
| » IV..... | 76 |
| Notas..... | 103 |
| AS PLANTAS..... | 113 |
| Prologo do traductor..... | 115 |
| Prefacção do auctor..... | 119 |
| Canto I..... | 123 |
| » II..... | 142 |
| » III..... | 162 |
| » IV..... | 181 |
| Nomenclatura das plantas mencionadas n'este poema..... | 199 |
| Nomenclatura dos animaes, aves, etc..... | 207 |
| A AGRICULTURA..... | 209 |
| Canto I — Das searas..... | 211 |
| » II — Das vinhas..... | 242 |
| » III — Das arvores..... | 268 |
| » IV — Dos prados..... | 298 |
| » V — Dos gados..... | 328 |
| » VI — Das aves..... | 358 |
| Notas..... | 387 |
| O CONSORCIO DAS FLORES..... | 429 |
| Dedicatoria do traductor..... | 431 |
| Advertencia..... | 433 |

INDEX

| | |
|-----|----------------------|
| 1 | Introduction |
| 2 | Chapter I |
| 3 | Chapter II |
| 4 | Chapter III |
| 5 | Chapter IV |
| 6 | Chapter V |
| 7 | Chapter VI |
| 8 | Chapter VII |
| 9 | Chapter VIII |
| 10 | Chapter IX |
| 11 | Chapter X |
| 12 | Chapter XI |
| 13 | Chapter XII |
| 14 | Chapter XIII |
| 15 | Chapter XIV |
| 16 | Chapter XV |
| 17 | Chapter XVI |
| 18 | Chapter XVII |
| 19 | Chapter XVIII |
| 20 | Chapter XIX |
| 21 | Chapter XX |
| 22 | Chapter XXI |
| 23 | Chapter XXII |
| 24 | Chapter XXIII |
| 25 | Chapter XXIV |
| 26 | Chapter XXV |
| 27 | Chapter XXVI |
| 28 | Chapter XXVII |
| 29 | Chapter XXVIII |
| 30 | Chapter XXIX |
| 31 | Chapter XXX |
| 32 | Chapter XXXI |
| 33 | Chapter XXXII |
| 34 | Chapter XXXIII |
| 35 | Chapter XXXIV |
| 36 | Chapter XXXV |
| 37 | Chapter XXXVI |
| 38 | Chapter XXXVII |
| 39 | Chapter XXXVIII |
| 40 | Chapter XXXIX |
| 41 | Chapter XL |
| 42 | Chapter XLI |
| 43 | Chapter XLII |
| 44 | Chapter XLIII |
| 45 | Chapter XLIV |
| 46 | Chapter XLV |
| 47 | Chapter XLVI |
| 48 | Chapter XLVII |
| 49 | Chapter XLVIII |
| 50 | Chapter XLIX |
| 51 | Chapter L |
| 52 | Chapter LI |
| 53 | Chapter LII |
| 54 | Chapter LIII |
| 55 | Chapter LIV |
| 56 | Chapter LV |
| 57 | Chapter LVI |
| 58 | Chapter LVII |
| 59 | Chapter LVIII |
| 60 | Chapter LIX |
| 61 | Chapter LX |
| 62 | Chapter LXI |
| 63 | Chapter LXII |
| 64 | Chapter LXIII |
| 65 | Chapter LXIV |
| 66 | Chapter LXV |
| 67 | Chapter LXVI |
| 68 | Chapter LXVII |
| 69 | Chapter LXVIII |
| 70 | Chapter LXIX |
| 71 | Chapter LXX |
| 72 | Chapter LXXI |
| 73 | Chapter LXXII |
| 74 | Chapter LXXIII |
| 75 | Chapter LXXIV |
| 76 | Chapter LXXV |
| 77 | Chapter LXXVI |
| 78 | Chapter LXXVII |
| 79 | Chapter LXXVIII |
| 80 | Chapter LXXIX |
| 81 | Chapter LXXX |
| 82 | Chapter LXXXI |
| 83 | Chapter LXXXII |
| 84 | Chapter LXXXIII |
| 85 | Chapter LXXXIV |
| 86 | Chapter LXXXV |
| 87 | Chapter LXXXVI |
| 88 | Chapter LXXXVII |
| 89 | Chapter LXXXVIII |
| 90 | Chapter LXXXIX |
| 91 | Chapter LXXXX |
| 92 | Chapter LXXXXI |
| 93 | Chapter LXXXXII |
| 94 | Chapter LXXXXIII |
| 95 | Chapter LXXXXIV |
| 96 | Chapter LXXXXV |
| 97 | Chapter LXXXXVI |
| 98 | Chapter LXXXXVII |
| 99 | Chapter LXXXXVIII |
| 100 | Chapter LXXXXIX |
| 101 | Chapter LXXXXX |
| 102 | Chapter LXXXXXI |
| 103 | Chapter LXXXXXII |
| 104 | Chapter LXXXXXIII |
| 105 | Chapter LXXXXXIV |
| 106 | Chapter LXXXXXV |
| 107 | Chapter LXXXXXVI |
| 108 | Chapter LXXXXXVII |
| 109 | Chapter LXXXXXVIII |
| 110 | Chapter LXXXXXIX |
| 111 | Chapter LXXXXXX |
| 112 | Chapter LXXXXXXI |
| 113 | Chapter LXXXXXXII |
| 114 | Chapter LXXXXXXIII |
| 115 | Chapter LXXXXXXIV |
| 116 | Chapter LXXXXXXV |
| 117 | Chapter LXXXXXXVI |
| 118 | Chapter LXXXXXXVII |
| 119 | Chapter LXXXXXXVIII |
| 120 | Chapter LXXXXXXIX |
| 121 | Chapter LXXXXXXX |
| 122 | Chapter LXXXXXXXI |
| 123 | Chapter LXXXXXXXII |
| 124 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 125 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 126 | Chapter LXXXXXXXV |
| 127 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 128 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 129 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 130 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 131 | Chapter LXXXXXXXI |
| 132 | Chapter LXXXXXXXII |
| 133 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 134 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 135 | Chapter LXXXXXXXV |
| 136 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 137 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 138 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 139 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 140 | Chapter LXXXXXXXI |
| 141 | Chapter LXXXXXXXII |
| 142 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 143 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 144 | Chapter LXXXXXXXV |
| 145 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 146 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 147 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 148 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 149 | Chapter LXXXXXXXI |
| 150 | Chapter LXXXXXXXII |
| 151 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 152 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 153 | Chapter LXXXXXXXV |
| 154 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 155 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 156 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 157 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 158 | Chapter LXXXXXXXI |
| 159 | Chapter LXXXXXXXII |
| 160 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 161 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 162 | Chapter LXXXXXXXV |
| 163 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 164 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 165 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 166 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 167 | Chapter LXXXXXXXI |
| 168 | Chapter LXXXXXXXII |
| 169 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 170 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 171 | Chapter LXXXXXXXV |
| 172 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 173 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 174 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 175 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 176 | Chapter LXXXXXXXI |
| 177 | Chapter LXXXXXXXII |
| 178 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 179 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 180 | Chapter LXXXXXXXV |
| 181 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 182 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 183 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 184 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 185 | Chapter LXXXXXXXI |
| 186 | Chapter LXXXXXXXII |
| 187 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 188 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 189 | Chapter LXXXXXXXV |
| 190 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 191 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 192 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 193 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 194 | Chapter LXXXXXXXI |
| 195 | Chapter LXXXXXXXII |
| 196 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 197 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 198 | Chapter LXXXXXXXV |
| 199 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 200 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 201 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 202 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 203 | Chapter LXXXXXXXI |
| 204 | Chapter LXXXXXXXII |
| 205 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 206 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 207 | Chapter LXXXXXXXV |
| 208 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 209 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 210 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 211 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 212 | Chapter LXXXXXXXI |
| 213 | Chapter LXXXXXXXII |
| 214 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 215 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 216 | Chapter LXXXXXXXV |
| 217 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 218 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 219 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 220 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 221 | Chapter LXXXXXXXI |
| 222 | Chapter LXXXXXXXII |
| 223 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 224 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 225 | Chapter LXXXXXXXV |
| 226 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 227 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 228 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 229 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 230 | Chapter LXXXXXXXI |
| 231 | Chapter LXXXXXXXII |
| 232 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 233 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 234 | Chapter LXXXXXXXV |
| 235 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 236 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 237 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 238 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 239 | Chapter LXXXXXXXI |
| 240 | Chapter LXXXXXXXII |
| 241 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 242 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 243 | Chapter LXXXXXXXV |
| 244 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 245 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 246 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 247 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 248 | Chapter LXXXXXXXI |
| 249 | Chapter LXXXXXXXII |
| 250 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 251 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 252 | Chapter LXXXXXXXV |
| 253 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 254 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 255 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 256 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 257 | Chapter LXXXXXXXI |
| 258 | Chapter LXXXXXXXII |
| 259 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 260 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 261 | Chapter LXXXXXXXV |
| 262 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 263 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 264 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 265 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 266 | Chapter LXXXXXXXI |
| 267 | Chapter LXXXXXXXII |
| 268 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 269 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 270 | Chapter LXXXXXXXV |
| 271 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 272 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 273 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 274 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 275 | Chapter LXXXXXXXI |
| 276 | Chapter LXXXXXXXII |
| 277 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 278 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 279 | Chapter LXXXXXXXV |
| 280 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 281 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 282 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 283 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 284 | Chapter LXXXXXXXI |
| 285 | Chapter LXXXXXXXII |
| 286 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 287 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 288 | Chapter LXXXXXXXV |
| 289 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 290 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 291 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 292 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 293 | Chapter LXXXXXXXI |
| 294 | Chapter LXXXXXXXII |
| 295 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 296 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 297 | Chapter LXXXXXXXV |
| 298 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 299 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 300 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 301 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 302 | Chapter LXXXXXXXI |
| 303 | Chapter LXXXXXXXII |
| 304 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 305 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 306 | Chapter LXXXXXXXV |
| 307 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 308 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 309 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 310 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 311 | Chapter LXXXXXXXI |
| 312 | Chapter LXXXXXXXII |
| 313 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 314 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 315 | Chapter LXXXXXXXV |
| 316 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 317 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 318 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 319 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 320 | Chapter LXXXXXXXI |
| 321 | Chapter LXXXXXXXII |
| 322 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 323 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 324 | Chapter LXXXXXXXV |
| 325 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 326 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 327 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 328 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 329 | Chapter LXXXXXXXI |
| 330 | Chapter LXXXXXXXII |
| 331 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 332 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 333 | Chapter LXXXXXXXV |
| 334 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 335 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 336 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 337 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 338 | Chapter LXXXXXXXI |
| 339 | Chapter LXXXXXXXII |
| 340 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 341 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 342 | Chapter LXXXXXXXV |
| 343 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 344 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 345 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 346 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 347 | Chapter LXXXXXXXI |
| 348 | Chapter LXXXXXXXII |
| 349 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 350 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 351 | Chapter LXXXXXXXV |
| 352 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 353 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 354 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 355 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 356 | Chapter LXXXXXXXI |
| 357 | Chapter LXXXXXXXII |
| 358 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 359 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 360 | Chapter LXXXXXXXV |
| 361 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 362 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 363 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 364 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 365 | Chapter LXXXXXXXI |
| 366 | Chapter LXXXXXXXII |
| 367 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 368 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 369 | Chapter LXXXXXXXV |
| 370 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 371 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 372 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 373 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 374 | Chapter LXXXXXXXI |
| 375 | Chapter LXXXXXXXII |
| 376 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 377 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 378 | Chapter LXXXXXXXV |
| 379 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 380 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 381 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 382 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 383 | Chapter LXXXXXXXI |
| 384 | Chapter LXXXXXXXII |
| 385 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 386 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 387 | Chapter LXXXXXXXV |
| 388 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 389 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 390 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 391 | Chapter LXXXXXXXIX |
| 392 | Chapter LXXXXXXXI |
| 393 | Chapter LXXXXXXXII |
| 394 | Chapter LXXXXXXXIII |
| 395 | Chapter LXXXXXXXIV |
| 396 | Chapter LXXXXXXXV |
| 397 | Chapter LXXXXXXXVI |
| 398 | Chapter LXXXXXXXVII |
| 399 | Chapter LXXXXXXXVIII |
| 400 | Chapter LXXXXXXXIX |



